

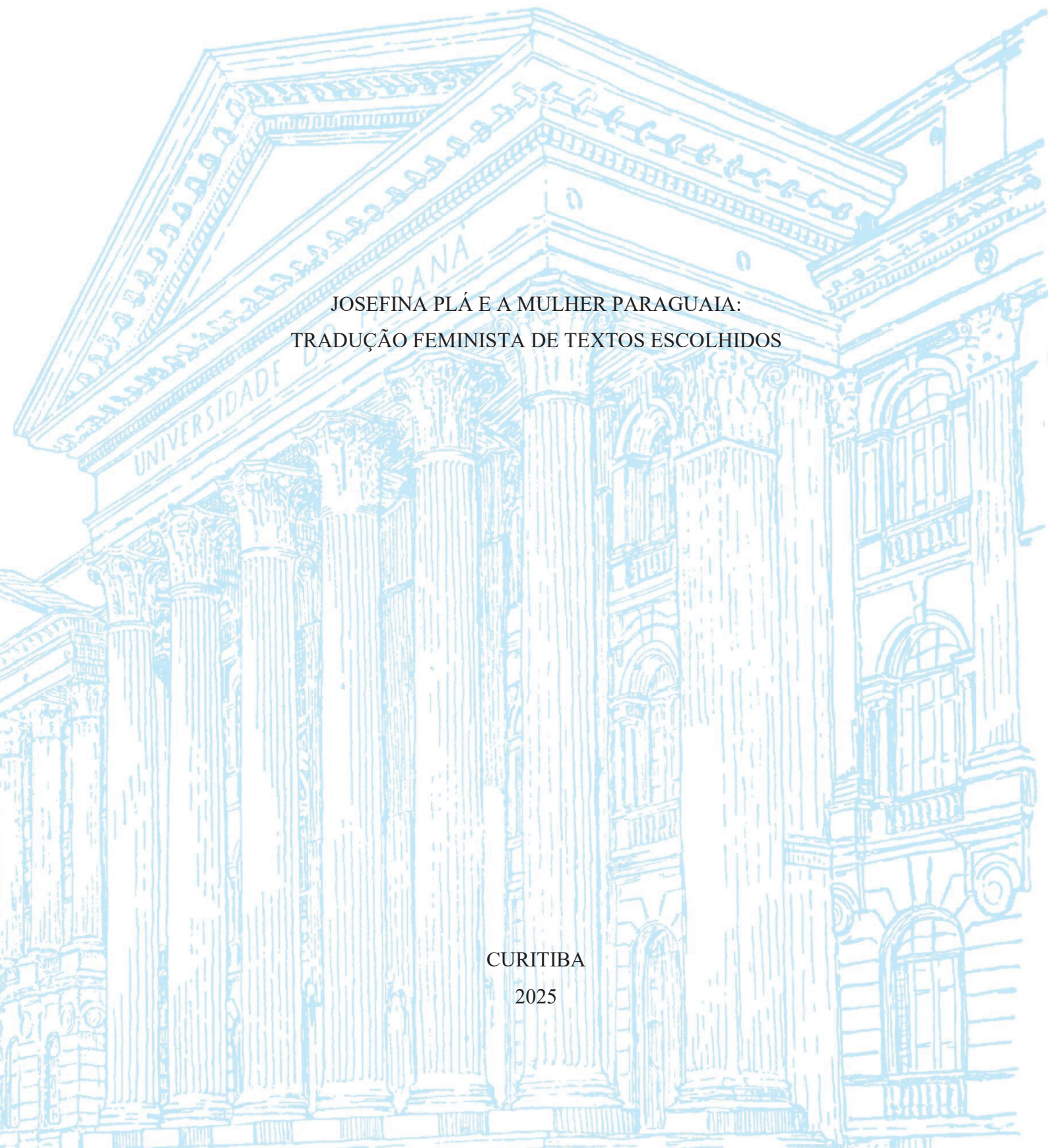
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DAIANE PEREIRA RODRIGUES

JOSEFINA PLÁ E A MULHER PARAGUAIA:
TRADUÇÃO FEMINISTA DE TEXTOS ESCOLHIDOS

CURITIBA

2025



DAIANE PEREIRA RODRIGUES

JOSEFINA PLÁ E A MULHER PARAGUAIA:
TRADUÇÃO FEMINISTA DE TEXTOS ESCOLHIDOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, na área de concentração de Estudos Literários, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabel Jasinski

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Rodrigues, Daiane Pereira

Josefina Plá e a mulher paraguaia : tradução feminista de textos escolhidos. / Daiane Pereira Rodrigues. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Isabel Cristina Jasinski.

1. Plá, Josefina, 1909-1999. 2. Tradução - feminista. 3. Literatura latino-americana. I. Jasinski, Isabel Cristina, 1970-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **DAIANE PEREIRA RODRIGUES**, intitulada: **Josefina Plá e a mulher paraguaia: tradução feminista de textos escolhidos**, sob orientação da Profa. Dra. ISABEL CRISTINA JASINSKI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutora está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 27 de Fevereiro de 2025.

Assinatura Eletrônica
06/03/2025 15:10:40.0
ISABEL CRISTINA JASINSKI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
06/03/2025 13:48:15.0
LUCIANA CARVALHO FONSECA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)

Assinatura Eletrônica
05/03/2025 11:01:39.0
DÉBORA COTA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO
LATINO AMERICANA)

Assinatura Eletrônica
27/02/2025 12:57:41.0
ANDRE REZENDE BENATTI
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO
DO SUL)

A meus filhos.

AGRADECIMENTOS

O processo de realização desta pesquisa foi muito difícil, vivemos uma pandemia, vivi o luto de diversas maneiras, experimentei a saga por respostas e diagnósticos de TEA e TDAH, um périplo que não vale a pena detalhar, mas que sem dúvida alterou o rumo desta tese e de tantos outros caminhos e possibilidades. E esses processos me ensinaram, entre tantas coisas, que as grandes listas de agradecimentos não importam, porque, no fim das contas, são sempre poucos os que realmente estão. Agradeço à paciência da minha orientadora, Isabel, quem confiou em mim apesar das minhas demoras. Às pesquisadoras e pesquisador que participaram das bancas de qualificação e defesa, cujas colaborações foram valiosas e cujo diálogo foi tão prazeroso e produtivo que poderia ter durado ainda mais, foi um prazer! À minha rede de apoio: irmã, pai e mãe, sem os quais não poderia fazer muitas coisas sendo mãe. Aos meus amigos Cláudio, Júlio e Felipe, que sempre estão para as conversas que realmente são necessárias. A meu filho, Miguel Ángel, quem me apoia mesmo quando sou eu quem devia apoiá-lo. Aos Mários: Casartelli e Rubén Álvarez, que me ajudaram com as traduções do e para o guarani. A Ariel Plá e sua esposa, Vidalina de Plá (*in memoriam*), sempre prestativos às necessidades de todas as minhas pesquisas e traduções da obra de Josefina, mesmo que esta obra não lhes traga boas lembranças. Ao Juan Manuel Marcos, quem confiou em mim quando eu era só uma estudante de graduação e naquele momento já me colocou na mesa de igual para igual com renomados tradutores internacionais. A quem já não está fisicamente, mas tenho muito presente no meu dia a dia: Anamaria e Terumi. A primeira, amiga, tradutora, artista, mãe e sonhadora; a segunda, minha eterna profe, brasileira-japonesa-espanhola, quem sempre me apoiou e acreditou em mim. À Josefina, quem me presenteia com um novo tema de pesquisa a cada dia.

*Me canta em sonho
menina que não nasceu
Atravessa-me*

Daiane Pereira Rodrigues

*alguna esperanza habrá en desear que la
traducción, que no es sino una
reescritura, pueda llevar a transformar
la realidad*

Nuria Brufau Alvira

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal dar a conhecer a vida e a obra da autora hispano-paraguaia Josefina Plá no Brasil. Para isso, primeiro apresento um resumo de sua importância e o alcance de sua produção na literatura paraguaia e, depois, em um segundo momento, resgato a trajetória dos Estudos Feministas de Tradução, que fundamentam teórica e metodologicamente a pesquisa e justificam a intenção de revisar o cânone da literatura latino-americana colocando Josefina Plá – geralmente desconhecida fora do âmbito nacional paraguaio – como uma das escritoras de grande relevância do século XX. Isso é feito através da tradução de contos, ensaios e entrevistas que evidenciam a preocupação de Josefina Plá com questões de gênero e com a representação da mulher paraguaia em sua literatura, demonstrando, assim, que Josefina também tinha uma postura feminista em seu trabalho crítico e criativo, razão pela qual também analiso a figura da mulher nos textos escolhidos. Alguns desses textos foram resgatados dos jornais dos anos 1980 e por primeira vez estão sendo apresentados ao público leitor contemporâneo.

Palavras-chave: Josefina Plá; tradução feminista; literatura paraguaia; literatura latino-americana.

ABSTRACT
(translated by Felipe Ribeiro)

The main aim of this research is to make the life and oeuvre of the Hispanic-Paraguayan writer Josefina Plá known in Brazil. In order to do so, I first present a summary of both her importance and the scope of her work in Paraguayan literature. Afterwards, I reclaim the path of Feminist Translation Studies, which are the theoretical and methodological framework for this research and the rationale for revising the canon of Latin American literature, placing Josefina Plá – who is generally unknown beyond the reach of national Paraguayan scope – as one of the writers of great relevance of the 20th century. This is carried out through translation of short stories, essays and interviews which highlight Josefina Plá's concern with gender issues and the portrayal of Paraguayan women in her literature. Thus, it demonstrates that Josefina also held a feminist stance in her critical and creative work, which is the reason why I also analyse the figure of women in such texts. Some of them were collected from newspapers of the 1980s and are being presented to the contemporary reader for the first time.

Keywords: Josefina Plá; feminist translation; paraguayan literature; latin american literature.

RESUMEN

El principal objetivo de esta investigación es hacer que se conozca la vida y la obra de la autora hispanoparaguaya Josefina Plá en Brasil. Para lograrlo, primero presento un resumen de su importancia y el alcance de su producción en la literatura paraguaya y, después, en un segundo momento, rescato la trayectoria de los Estudios Feministas de Traducción, que fundamentan teórica y metodológicamente la investigación, y justifican la intención de revisar el canon de la literatura latinoamericana poniendo a Josefina Plá —generalmente desconocida fuera del ámbito nacional paraguayo— como una de las escritoras de gran relevancia del siglo XX. Lo hago a través de la traducción de cuentos, ensayos y entrevistas que evidencian su preocupación con la temática de género y con la representación de la mujer paraguaya en su literatura, demostrando así que Josefina tenía una postura feminista en su trabajo crítico y creativo, razón por la cual también analizo la figura de la mujer en los textos elegidos. Algunos de esos textos fueron rescatados de los diarios de los años 1980 y se presentan por primera vez al público lector contemporáneo.

Palabras-clave: Josefina Plá; traducción feminista; literatura paraguaya; literatura latinoamericana.

ÑEMBOAPU'A

(onbohasa guaraníme Mario Rubén Álvarez)

Ko tembiapo ajapo aipotágui kuñakarai arandu Josefina Pla, heñoiva'ekue España-pe ha oiko Paraguái-pe, rekove ha remiasäingue ñe'ëme ojekuaa Brasil-pe. Upévarä ahechauka raë umi jehaiporämbyre Paraguaipeguápa mamomeve uguähë jehechakuaa ha ñemosarambípe ha upéi aguata Estudios Feministas de Traducción pypore ári amopyrenda haguä ñe'ëmente ha tapeaporekápe che rembiapo aipe'ávo okë aipyguara haguä jehaipyreporämbyre latinoamerikapegua amohenda haguä Josefina Pla -ndojekuaaguasúiva tetä ambuérupi- umi haihára ijyvatevéva apytété síylo XX-pe. Ajapo upéva ambohasávo portugués-pe hemimombe'u mbyky, iñe'ëasäi mba'emyesakävo ha ñomongeta ñe'ëmosarambihára ndive ohechaukáva ijepy'apy género reheguäre ha mba'éichapa ojehecha kuña paraguái hembihaiaporäpyrépe amoï haguä tesarenondépe ha'e oïha umi feminista ndive hembiaapo ohesa'ýijóva kuña rekove rupive. Upévarä ha upevarä ahakä'i'o kuñareko umi hembihaiipyre ha iñe'ënguépe. Umi hembiapokue aipurúva osëva'ekue ñe'ëmosarambihárupi 1980 pytúre ha ko'äga ramo ojechauka omoñe'ëva jehaipyre ágäguávape.

Ñe'ënguéra yta: Josefina Pla; traducción feminista; jehaiporämbyre paraguaipegua; jehaiporämbyre latinoamerikapegua.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS E A PERCORRER	15
CAPÍTULO 1 – JOSEFINA PLÁ: A IMPOSSÍVEL AUSENTE DAS LETRAS	
HISPÂNICAS	20
CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO FEMINISTA	43
2.1 PLANO CONCEITUAL	51
2.2 O PLANO HISTORIOGRÁFICO.....	54
2.3 PLANO CRÍTICO.....	58
2.4 PLANO PRÁTICO: FEMINISMOS PLURAIS	61
CAPÍTULO 3 – JOSEFINA PLÁ E A MULHER PARAGUAIA	66
CAPÍTULO 4 – TEXTOS ESCOLHIDOS EM TRADUÇÃO	81
4.1 FEMINISTAS, MAS FEMININAS	85
4.2 DIREITOS QUE NÃO CADUCAM.....	86
4.3 A MULHER, ELEMENTO PRINCIPAL DA LIBERTAÇÃO DAS ARTES	
PLÁSTICAS: O GRUPO ARTE NOVA	88
4.4. INTRODUÇÃO À POESIA FEMININA NO PARAGUAÍ:.....	92
4.4.1 Uma literatura feminina?.....	92
4.4.2 Literatura = liberação	93
4.4.3 A literatura, exercício de um poder	94
4.4.4 A expressão feminina	95
4.4.5 A literatura, sinal de “não feminilidade”	97
4.4.6 A falta de originalidade na poesia feminina	98
4.4.7 A autenticidade, equivalência significativa	99
4.4.8 Reconstruindo a mulher.....	100
4.4.9 Etapas da manifestação feminina	101
4.4.10 A poesia feminina paraguaia: suas etapas	105
4.4.11 Bibliografia.....	106
4.5 POETAS BRASILEIROS VI (CECÍLIA MEIRELES)	108
4.6 POETAS BRASILEIROS XI.....	113
4.7 PALAVRAS PRÉVIAS A <i>EM PELE DE MULHER</i>	117
4.8 A PROFESSORA.....	119
4.9 A PROSTITUTA.....	131

4.10 A CAACUPE.....	149
4.11 A BABÁ MÁGICA	157
4.12 MADRINHA	164
4.13 CAETANA	172
4.14 A PERNA DE SEVERINA	178
4.15 SISÉ.....	185
4.16 A VITROLA.....	192
4.17 BOLINHO DE TRIGO.....	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	208
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213

INTRODUÇÃO: CAMINHOS PERCORRIDOS E A PERCORRER

De braços abertos
No mar de Guaratuba
A sombra toca o Rio Paraguai¹

Como é de se esperar, esta pesquisa possui um longo percurso, iniciado em 2008 com o intercambio da Associação das Universidades do Grupo Montevideu (AUGM), através do qual tive a oportunidade de cursar um semestre acadêmico na Universidade Nacional de Assunção. Naquele momento, embora fizesse bacharelado em linguística, priorizei as disciplinas de literatura paraguaia, considerando que aspectos teóricos podiam ser estudados em qualquer lugar e que deveria aproveitar as particularidades do meu contexto de intercambio. Mal sabia eu que essa já era uma escolha ideológica, assim como outras que vieram. Durante as aulas de literatura naquele ano, chamou-me bastante atenção a presença da espanhola Josefina Plá no Paraguai, ainda demoraria para começar os estudos sobre ela, mas na época já me incomodou que prevalecessem alguns discursos sobre a autora no âmbito social e universitário, como, por exemplo, o de que Josefina, tendo sido esposa do artista Andrés Campos Cervera, depois da morte dele, em 1936, ficou no Paraguai por amor e respeito à sua memória (e que por isso nunca voltou a se casar).

Em um aniversário de nascimento da escritora, um grupo de intelectuais se reuniu em Chololo para a leitura de um texto intitulado “Josefina e Julián: história de um amor” (Fernández, 2015)². Isso despertou minha curiosidade sobre as possibilidades de um estudo menos romantizado, e que fosse para além dos dados biográficos da autora em relação a seu casamento com o artista paraguaio. Já na minha perspectiva daquele momento, eu não acreditava que sua possível história de amor é o que deve ser narrado em um ensaio em sua homenagem. Fruto de uma visão nacionalista, talvez, a afirmação reiterada desse relacionamento me trazia muitas incógnitas sobre quem teria sido Josefina antes do casamento, o que ela teria escrito e feito antes de sua vinda à América, como foi sua produção depois da morte de Julián, que lugares teria percorrido, entre tantas outras perguntas.

Depois do meu período de estudos, voltei para o Brasil do intercâmbio com a convicção de que Josefina Plá é uma das grandes autoras das letras hispânicas, mas minha

¹ Poema “Interculturalidade” do livro *Eu passarinha* (Rodrigues, 2024, p. 77).

² Embora tenha sido publicado somente em 2015, o texto foi lido naquela ocasião, em 2008, para os convidados estrangeiros em um passeio pelo interior.

pesquisa em linguística ainda era prioridade. Por diversos fatores que não valem a pena lembrar, tive de mudar o tema da monografia e optei por uma análise dialógica do romance *O inverno de Gunter*, o qual havia traduzido no ano anterior ao da minha pesquisa monográfica (2011). Essa foi minha primeira aproximação aos estudos literários e a um pensamento crítico de minha tradução, mesmo que pelo viés da linguística.

Naquele momento, também já estavam instaurados alguns questionamentos sobre tradução, gerados pelos diversos encontros dos tradutores de Juan Manuel Marcos nos Simpósios de Humanidades produzidos pela Universidad del Norte em Assunção (principalmente os eventos de 2010, 2011, 2012). Nas mesas redondas de tradutores, a discussão era fervorosa, e muitas vezes ficou evidente que algumas escolhas eram ideológicas. Traduzir ou não a língua indígena? As citações em outros idiomas? Usar ou não notas de rodapé? Ser “invisível” ou não? Além dessas questões, muitas vezes ficaram claros os estereótipos relacionados a idade e gênero, em situações nas quais eu era a tradutora mais jovem, em muitos encontros a única mulher entre os tradutores, embora hoje haja outras tradutoras de Juan Manuel Marcos, como Nadezhda Kudeyarova, Dina Delpozo, Francesca Juana Bellucci, entre outras. Questões que mais uma vez ficaram guardadas para o futuro, ainda incerto, já que havia poucas possibilidades de pós-graduação no Paraguai.

Quando retornei para o mestrado, na Universidade Federal do Paraná, recuperar textos de Josefina Plá esquecidos nos jornais dos anos cinquenta era o principal objetivo. Fiz essa recuperação por meio da ideia de arquivo e acervo de escritores, e analisei a importância dos textos de Plá para compreender o processo de modernidade da poesia paraguaia, uma vez que os ensaios da autora sobre o Brasil são principalmente sua visão sobre o modernismo brasileiro, o que serve para ajudar a pensar suas escolhas como poeta de vanguarda no Paraguai (Rodrigues, 2018). Uma das conclusões, para além da recuperação e análise do corpus, foi a de que o acervo de Josefina precisa ser (re)valorizado e melhor estudado, a fim de que possamos vê-la como uma intelectual em trânsito, preocupada com a formação do arquivo paraguaio e latino-americano.

Esta foi uma primeira resposta ao desconforto sobre a imagem de uma Josefina resignada e ancorada ao país do falecido marido, resposta na qual destaquei seus deslocamentos simbólicos e físicos, proporcionados pelo trabalho de artista e crítica literária e de arte. Uma opção já baseada em um recorte de gênero, ainda que tenha preferido não seguir esse caminho de análise durante o mestrado.

Ao retornar para o Paraguai por terceira vez, tive um grande choque de realidade ao receber uma menção em um prêmio da Academia Paraguaya de la Lengua Española, porque, apesar de todas as descobertas que eu havia feito, fotografias inéditas, cartas, ensaios, entre outros, deram o prêmio para um trabalho que concluía que se usa muito o inglês nas publicidades. Fiquei bastante decepcionada, o que se intensificou quando encontrei um dos membros do jurado em um evento social e ele me disse que meu trabalho era o melhor, mas não quiseram me dar o prêmio porque alguns argumentaram que meu ex-marido teria feito o trabalho por mim. Uma hipótese revoltante, mas que me pareceu coerente com o imaginário de um país que ainda reivindicava a viuvez de Plá, mesmo depois de mais de setenta anos da morte de Andrés Campos Cervera. Minha resposta a essa situação foi o retorno definitivo ao Brasil e a participação no concurso de ensaio biográfico da Fundação Maria de Paula de Ruiz Martínez em Madri, cujo tema era “Personalidades espanholas que tiveram importância na América”. Usei o concurso como catarse e escrevi uma biografia literária que reivindica Josefina Plá como intelectual importante, como uma “impossível ausente” – parafraseando um de seus versos – em diversas áreas do conhecimento. Narrei sua trajetória como professora, como tradutora, como feminista, como jornalista, como correspondente de guerra, como mãe solo, como crítica de arte e de literatura, como única mulher em espaços masculinos em diversos momentos e, principalmente, como cosmopolita, que viajou para diversos países e cidades levando sua arte e suas pesquisas, sempre conectada com publicações e intelectuais de seu tempo.

Só no Brasil, ela esteve em diversas ocasiões, duas vezes no começo da década de 1950. Posteriormente a essas visitas, ela criou a Semana de Arte Moderna na capital do país vizinho. O livro *La imposible ausente: biografía de Josefina Plá* (Rodrigues, 2020) foi publicado em Buenos Aires com auspícios da Organização de Estados Ibero-americanos e da Fundação Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, como parte da premiação dada ao primeiro colocado no concurso, e convida à reflexão sobre as possibilidades do arquivo de Josefina Plá e a necessidade de destacar sua participação em eventos internacionais, o que talvez tenha estabelecido algumas redes intelectuais, ampliando assim as perspectivas de estudos sobre a autora³.

³ É interessante, ou ao menos curioso, observar que esses deslocamentos nunca estiveram ausentes de pesquisas feitas por estrangeiros, como Bordoli Dolci, Mateo del Pino, Benatti e Mendonça.

A verificação da existência dessas possíveis redes envolvendo Josefina Plá foi uma das ideias possíveis para esta pesquisa de doutoramento, mas para isso seria necessário um corpus maior, que incluísse também suas cartas, seus ensaios e artigos publicados em revistas, suas fotografias, e outros objetos de arquivo que dificultariam uma análise feita em parte durante a pandemia e sem incentivo financeiro para viagens à Biblioteca da Universidade Católica de Assunção, onde se encontra o acervo. Outro caminho possível foi o de continuar a recuperação, agora com tradução, dos ensaios sobre o Brasil publicados no jornal *La Tribuna*, já que os textos sobre arquitetura e sobre danças populares ficaram de fora da pesquisa anterior e ainda permanecem esquecidos. No entanto, considerou-se mais coerente optar pela tradução feminista, com o objetivo de dar a conhecer uma figura feminina importante, mas pouco conhecida para além das fronteiras nacionais, selecionar alguns textos, contos e ensaios, que tenham a mulher como protagonista, ou que tenham a preocupação de destacar ou analisar questões relacionadas a gênero, defendendo, assim, a hipótese de que Josefina foi uma importante figura para arquivar o conhecimento e a produção cultural paraguaios do século XX e que a perspectiva de gênero esteve presente em seu trabalho de divulgação e análise.

Essa escolha se deve, principalmente, porque em 2020 tive a oportunidade de participar como bolsista do projeto “Tradução de mulheres na América Latina” da ‘Cátedra UNESCO/Unitwin para a Integração da América Latina⁴ com o projeto de tradução de alguns textos recuperados no mestrado. Minha orientadora durante esse período foi a Prof. Dra. Luciana Carvalho Fonseca, pesquisadora na área de tradução feminista da USP. Além de publicar o artigo “Josefina Plá, a impossível ausente, lê os brasileiros: ensaio, crítica e tradução” (Rodrigues, 2021) decorrente desse período de pesquisa, também pude cursar, ainda que não tenha acompanhado na íntegra, o evento de extensão com duração de um semestre sobre tradução feminista, organizado pela professora Fonseca. É partir dessas reflexões iniciais que este trabalho se delineia, assumindo que todas as escolhas feitas ao longo dos anos foram permeadas pela consciência de gênero, e que é momento de assumi-las de forma mais consciente e crítica.

Desse modo, o trabalho se divide em quatro partes. Em um primeiro momento, apresento Josefina Plá a partir das ideias já registradas na mencionada biografia de minha

⁴ Bolsa de âmbito nacional mantida pelo Memorial da América Latina em parceria com as Universidades paulistas USP, UNICAMP e UMESP.

autoria e também dialogando com as teses de Ángeles Mateo del Pino e Boltoli Dolci, além de alguns estudos recentes publicados em jornais espanhóis, os quais trazem informações inéditas sobre sua produção cerâmica na infância. Depois, apresento os percursos da Teoria de Tradução Feminista e os relaciono com o projeto de recuperação e tradução dos textos de Josefina Plá. Nesse capítulo a maior preocupação foi trazer perspectivas que fazem o diálogo entre intelectualidades do Sul, reivindicam tradutoras latino-americanas e anteriores às autoras canadenses, embora se faça um recorrido pela história e se reconheça o protagonismo dessas tradutoras.

Posteriormente, faço uma breve análise e justificativa das escolhas dos textos da autora para tradução, considerando sua importância para entender Josefina Plá como mulher do seu tempo, feminista e arquivista. Finalmente, apresento as traduções feitas a partir das reflexões da Tradução Feminista, cumprindo assim com o objetivo de unir teoria e prática de tradução. Entre os textos apresentados, estão oito contos (A Caacupe, La niñera mágica, Maína, Cayetana, La pierna de Severina, Sisé, La vitrola e Tortilla de harina); a introdução e duas entrevistas do livro *En la piel de la mujer*; O último capítulo do livro *La mujer en la plástica paraguaya*, que destaca o protagonismo da mulher no movimento *Arte Nuevo*; a introdução ao livro *Voces femininas en la poesía paraguaya*, no qual Josefina inicia com o questionamento “Uma literatura feminina?”; dois dos ensaios recuperados durante a pesquisa de mestrado que enfocam mulheres poetisas brasileiras (Gilka Machado, Cecília Meireles e Henriqueta Lisboa); e, finalmente, dois ensaios atualmente inéditos recuperados do jornal *ABC Color*, no qual Josefina foi colunista ao longo de muitos anos: “Feministas pero femininas” e “Derechos que no caducan”.

CAPÍTULO 1 – JOSEFINA PLÁ: A IMPOSSÍVEL AUSENTE DAS LETRAS HISPÂNICAS

Sua impossível ausência
Nos faz acreditar na liberdade
Seu beijo é multidão⁵

O poema “La imposible ausente”, ao qual o haikai da epígrafe faz referência, traz a impossibilidade de aproximação do outro, no nosso caso, da outra, sem que haja perdas, ou melhor, sem que as partes se modifiquem no processo. Aproximar-se de um objeto de estudo que é um sujeito tão complexo e múltiplo como Josefina Plá dá essa sensação de impossibilidade e de que, como pesquisadoras, iremos nos perder no caminho, perder aspectos importantes ao fazer o recorte de pesquisa. Desde que li esse poema tive certeza: este seria o nome do meu primeiro livro sobre a escritora. Nasceu primeiro o título e depois a pesquisa. *La imposible ausente: biografía de Josefina Plá* foi publicado em 2020 como resultado do Prêmio da Fundação María de Paula de Ruíz Martínez, de Madri. A proposta era escrever uma biografia literária sobre alguma personalidade espanhola que fora importante na América.

O destino estava dado: o tema “*me cayó como un guante*”⁶, já que muitos afirmarão, sem medo de errar, que Josefina Plá é a figura mais importante do Paraguai do século XX. O próprio Roa Bastos sempre a reivindicou como sua mestra⁷. De acordo com Carlos Colombino⁸, Josefina tem o mérito de elevar internacionalmente a cultura paraguaia, tirando-a do isolamento. Isso pode ser explicado pelo que Débora Cota⁹ chamou de “desejo arquivístico” da autora, quem analisou e registrou a cultura paraguaia em vários âmbitos: literário, artístico, sociológico, histórico, entre outros. Enfim, em mais de oitenta anos de vida no Paraguai, Josefina trabalhou incansavelmente produzindo crítica e artisticamente, sendo, portanto, indiscutível a sua importância.

Inversamente proporcional a isso é o conhecimento de sua obra fora do contexto paraguaio. Mesmo na Espanha, é somente a partir da década de 1980 que se começa a valorizar a figura de Plá, com a tese de doutorado de Ramón Datilio Boltoli Dolci, quem havia sido professor no Paraguai antes de conseguir a bolsa para realizar seu doutorado na

⁵ Poema “Josefina Plá” do livro *Eu passarinha* (Rodrigues, 2024, p. 63).

⁶ Expressão idiomática que significa que encaixou perfeitamente.

⁷ Em entrevista a Günter W. Lorenz publicada em *Diálogo com a América Latina*, 1973.

⁸ Mencionado por Ángeles Mateo del Pino, 1994.

⁹ “Josefina e o barro como lugar de arquivo”, 2018.

Universidad Complutense de Madrid e, por isso, teve acesso às obras e à própria escritora, o que o motivou a escolhê-la como tema de pesquisa. Certamente que, se o professor Dolci não tivesse tido essa experiência paraguaia, ainda demoraria algumas décadas para que se começasse a estudar Josefina Plá na Espanha.

Do mesmo modo, nos anos 1990 é a vez de Ángeles Mateo del Pino discorrer sobre sua conterrânea em *El componente mítico y su función simbólica en la poesía erótica de Josefina Plá*, defendida em 1994 na Universidad de Palmas de Gran Canaria. Posteriormente, em 2019, Yasmina Yousf López defende sua tese *La labor teatral de Josefina Plá: una escritora en la frontera*. Hoje há uma biblioteca com parte do acervo de Josefina e uma sala com seu nome em Fuerteventura, assim como um busto em sua ilha de nascimento: Isla de Lobos. Mas nem sempre foi assim, e esta é a realidade mesmo nos contextos latino-americanos. No Brasil, alguns autores que se dedicaram à obra de Josefina Plá na pós graduação são Suely Aparecida Mendonça, cuja tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista analisa a figura da mulher em alguns contos da escritora hispano-paraguaia; André Rezende Benatti, que no doutorado em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro se concentra na análise dos ensaios da autora – objeto de estudos ainda pouco estudado pela crítica – mas que no mestrado em Letras na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul já havia estudado a tragédia e o silenciamento da mulher presente na narrativa da autora. Em sua tese de doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Maria Josele Bucco Coelho faz uma leitura comparada das mobilidades culturais na obra de Josefina Plá e Maria Roja Lojo. A interculturalidade também é tema das pesquisas de mestrado de Elizabeth Souza Penha, também da UFMS, e Caroline Touro Beluque Eger, da Universidade Federal de Grande Dourados, que analisam os contos da autora hispano-paraguaia sob essa perspectiva. Por outro lado, a dissertação de Dora Angélica Segovia de Rodrigues analisa a transculturação e o bilinguismo em Josefina Plá a partir de seu estudo sobre o tecido *ñanduti*. Finalmente, em minha dissertação, como já mencionei, recuperei alguns ensaios que Plá escreveu sobre o Brasil na década de 1950 e os analisei como elemento importante para entender a modernidade paraguaia, já que é o ponto de vista de uma de suas protagonistas sobre a modernidade de outro país. Em 2021 lançamos, com organização de Debora Cota e minha, o livro *Josefina Plá: uma produção múltipla e moderna*, com textos de vários autores como uma homenagem pelos vinte anos do desaparecimento físico de Josefina.

Nesses trabalhos, encontram-se diferentes análises e visões com o critério acadêmico que se espera do gênero artigo ou capítulo de livro de pesquisa. No entanto, antes de ter acesso a esses estudos, e ter feito minha pesquisa de mestrado, tive as percepções do espaço e contexto paraguaios que me trouxeram várias incógnitas sobre Josefina, conforme mencionei na introdução. Durante meu período de intercâmbio no Paraguai, depois de mais de uma década da morte de Josefina Plá, senti um grande incômodo por não ter informações objetivas sobre a autora, visto que a maioria dos discursos circundantes naquele contexto eram uma visão romantizada de que ela ficou no Paraguai por amor, de que seu destino foi paraguaio, além da memória afetiva de vizinhos, ex-alunos e moradores, ansiosos por contar seu contato com a celebridade que, de acordo ao discurso predominante, fez-se artista e escritora no país latino-americano.

Assim, uma das minhas preocupações ao biografá-la foi trazer um pouco de suas vivências anteriores à sua vinda para o nosso país vizinho. Isso porque a visão nacionalista encontrada nos livros paraguaios sempre me deixou com a sensação de vazio, de ausência de passado. Como se Josefina, sendo mulher, só tivesse nascido ao se casar com o artista paraguaio Andrés Campos Cervera. Da mesma maneira, na crítica paraguaia prevalecia muito a ideia de exílio romantizado e apaixonado, ao mesmo tempo em que a imagem da velha dos gatos está escancarada nos museus, cadernos e livros sobre a autora. Criada de forma intencional ou não, a minha sensação ao me aproximar, a partir de 2008, do imaginário criado em torno dessa mulher era de incômodo. Sentia que ela merecia mais, que eu, como leitora e pesquisadora, e também como mulher das letras, merecia mais.

Eu queria ter acesso a mais que uma história de amor e a imagem de uma senhorinha com seus gatos. Foi assim que decidi escrever sua biografia, cuja versão menos literária – em oposição à narrativa cheia de metáforas do original citado anteriormente – trago nestas linhas, não sem antes recomendar a leitura da versão que ganhou o prêmio.

Por outro lado, em sua tese de doutorado, Ángeles Mateo del Pino faz uma biografia rica em detalhes e precisão de datas, trazendo a trajetória de Plá desde seu nascimento até o momento da pesquisa, quando Josefina ainda vivia¹⁰. Infelizmente não tive acesso a essa tese na época em que estava no Paraguai; durante o mestrado; ou, ainda, durante a produção da

¹⁰ Curiosamente, as pesquisas feitas fora do âmbito nacional paraguaio são mais ricas em fatos biográficos relevantes que as que se encontram no país, por isso insisto com a ideia de que há uma visão romantizada e machista sobre a autora no Paraguai.

biografia. Nela a autora consegue abarcar vários aspectos da vida e obra de Josefina Plá que muitas vezes ficaram esquecidos. A professora espanhola narra a atividade artística, literária, jornalística, crítica e docente de Plá, além de mencionar vários trabalhos de tradução feitos por Josefina, dando conta da complexidade da criação da autora ao contextualizar sua poesia, objeto de estudos de sua tese. Muito do que está neste capítulo é uma releitura dessa obra, além das outras teses mencionadas anteriormente e de artigos presentes da Revista *Josefina*, publicada pelo Centro Cultural da Espanha Juan de Salazar, de Assunção.

Mas, então, por que “impossível ausente?”. Em sua *Historia de la literatura paraguaya*, Hugo Rodríguez Alcalá descreve a chegada de Josefina Plá ao Paraguai enfatizando o contraste de seu semblante frágil com o impacto que sua figura trouxera ao país: “Ninguém podia ter imaginado que aquela menina quase adolescente, magra e tímida, de aparência frágil e olhar claro e ausente, fosse dona de tamanha capacidade e energia criadoras. (tradução minha)¹¹ (Rodríguez Alcalá, 1999, p. 25). Não seria absurdo dizer que na verdade ninguém suspeitou de sua capacidade criativa porque nessa época era comum que os homens não pensassem na alta capacidade intelectual da mulher, mas sem dúvidas Josefina foi rompendo barreiras e fazendo seu lugar na cultura do país. Contudo, antes de mudar o rumo das letras e das artes paraguaias, ela teve uma infância bastante peculiar no litoral da Espanha, o que, sem dúvida, contribuiu para sua formação cultural e intelectual.

Nascida em nove de novembro de 1903, Josefina foi filha de Leopoldo Plá e Carolina Galvany Sánchez¹². Uma família modesta, de mãe costureira e pai faroleiro, a qual vivia isolada em uma ilhota quase esquecida entre as Ilhas Canárias: a ilha de Lobos. O senhor Leopoldo estava encarregado do farol dessa região na época do nascimento da pequena Josefina. Até hoje a ilha é um lugar praticamente deserto que possui somente o farol e alguns pescadores. A diferença é que atualmente há o busto imponente, potente, de Josefina Plá contemplando o mar do Atlântico, para lembrar que desse solo pedregoso saiu uma figura importante para as letras hispânicas.

¹¹ Nadie hubiera podido sospechar que aquella muchacha casi adolescente delgada y tímida, de apariencia frágil y mirar claro y ausente, fuera dueña de una capacidad creadora y una energía tales (Rodríguez Alcalá, 1999, p. 25).

¹² Aqui apresento o nome que está na fotografia publicada na revista *Josefina*, caderno número 4 do Centro Cultural de España Juan de Salazar, mas a tese de Mateo del Pino apresenta a mãe como Rafaela Guerra Galvani. No âmbito deste trabalho não foi objetivo corroborar qual seria o verdadeiro nome da mãe de Josefina Plá, então optei pela publicação mais recente.

Em entrevista concedida na década de noventa à Marylin Godoy, Josefina narra as leituras de infância e nos dá um panorama de sua formação inicial. O pai possuía uma vasta biblioteca de temas de economia e de clássicos da literatura, maioritariamente em prosa. E, embora não fosse a favor de ter uma filha escritora, sempre a incentivou a estudar, queria que ela fosse a primeira “doutora em leis” do país. Os livros do pai eram proibidos a uma criança, mas ela conta que dava um jeito para ter acesso a eles. Desse modo leu, muitas vezes deixando para entendimento futuro, porque ainda era muito nova para entender, obras de Julio Verne, Victor Hugo, Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Homero, Benito Pérez Galdós, entre outros. Sobre essas leituras de infância, Josefina afirma:

Li a *Iliada* e a *Odisseia* com um prazer sem precedentes na idade em que outras crianças leem *O pequeno polegar*. Sem que eu quisesse ficaram gravados em minha memória milhares de versos e ainda hoje sou capaz de recitar o primeiro canto com seus novecentos versos... Logo, aos oito anos, li *O Quixote* [...] E depois, Deus me perdoe, o *Emílio*, as obras de Balzac, Fraubert, Galdós, etc... Muitos livros. Menos poesia. Não tinha poesia na biblioteca de meu pai, apesar de que ele havia escrito alguns versos em sua juventude (Boltoli Dolci, 1992, *apud* Mateo del Pino, 1994, p. 49, tradução minha)¹³.

Na mencionada biografia da autora (Rodrigues, 2020, p. 13), afirmo que essa biblioteca do pai foi a única âncora de Josefina na infância, pois a família se mudou e viajou muito devido à profissão paterna. Estando na Ilha de Lobos, tinham que navegar até o continente para se prover de mantimentos e, posteriormente, tiveram que ir por outros faróis: de Guipúzcoa, Almería, Murcia, Alicante, Valencia, lugares onde transcorre a adolescência de Josefina, o que é descrito por Ángeles Mateo del Pino:

Em 1908 o trabalho do pai obriga a família a uma nova transferência e a abandonar definitivamente as ilhas para viver, sucessivamente, em Guipúzcoa, Almería, Murcia, Alicante, Valencia ... cenários nos quais transcorre a infância e adolescência de Josefina Plá (Mateo del Pino, 1994, p. 50, tradução minha)¹⁴.

¹³ Leí la *Iliada* y la *Odisea* con un placer inaudito a la edad en que otros chicos leen *Pulgarcito*. Sin quererlo se me prendieron a la memoria millares de versos y aún ahora soy capaz de recitar el canto primero con sus novecientos versos... Luego, a los ocho años, leí *El Quijote* [...] Y después, Dios me perdone, el *Emilio*, las obras de Balzac, Fraubert, Galdós, etc. Muchos libros. Menos poesía. No la había en la biblioteca de mi padre, a pesar de que él en su juventud primera había escrito algunos versos (Boltoli Dolci, 1992, *apud* Mateo del Pino, 1994, p. 49).

¹⁴ En 1908 el trabajo del padre obliga a la familia a un nuevo traslado y a abandonar definitivamente las islas, para vivir sucesivamente en Guipúzcoa, Almería, Murcia, Alicante, Valencia ... escenarios en los que transcurre la niñez y la adolescencia de Josefina Plá (Mateo del Pino, 1994, p. 47).

Esses deslocamentos fizeram que a nossa protagonista estudasse de forma livre, sem frequentar a escola, terminando o ensino médio técnico na área comercial de maneira autodidata. Sobre seus estudos, Mateo del Pino menciona:

Aos onze anos começa seus estudos técnicos e finaliza dois anos e meio depois. Ditos cursos não puderam ser realizados como aluna oficial, já que as transferências da família lhe impediram de assistir à escola com regularidade. Um ano depois ela termina o curso de Perito Mercantil e realiza estudos de Magistério, que não irá terminar. Essas disciplinas são combinadas com o aprendizado de inglês e de alemão, sob a tutela de um professor particular, pois o francês já tinha aprendido durante sua estadia no colégio de freiras *L'Inmaculeé Conception* (em San Sebastián), onde esteve dois anos como aluna pensionista em condição similar à de pensionista (Mateo del Pino, 1994, p. 50, tradução minha)¹⁵.

Josefina também conta que escrevia compulsivamente desde os seis anos, quando fez seu primeiro texto: um cartão para a avó. O pai, quem queria outro destino para a filha, não gostava que ela escrevesse poesia, e então a proibia, razão pela qual ela escondia seus escritos até mesmo embaixo dos azulejos. Em seus relatos, Josefina também dá a entender que o pai não valorizava muito a poesia e a literatura de ficção, preferindo os livros de História. É por isso que na adolescência, ela faz algumas publicações com pseudônimo nas revistas *San Sebastián* e *Donostia*, e em jornais como *Almería* e *Alicante*, para que o pai não fique sabendo. Seria interessante pesquisar sobre esses escritos, embora já seja quase impossível recuperar qual teria sido seu pseudônimo naquela época. Apesar da negativa do pai, ironicamente ele é o principal incentivador de Josefina, que em “Autosemblanza” – uma espécie de autobiografia que escreveu a pedido de Boltoli Dolci e que foi publicada como anexo na tese do autor – fala sobre a importância do senhor Leopoldo em sua formação: “foi decisivo o fato de meu pai ser um homem culto e eu dispor de uma biblioteca desde muito pequena, onde meu secreto afã de leitora não discriminava títulos, embora logo formasse suas preferências (tradução minha)”¹⁶ (Boltoli Dolci, 1984, p. 515). Do mesmo modo, Josefina narra que escutou das leituras do pai sobre as Missões Jesuíticas paraguaias, as quais lhe pareceram “apaixonantes”. Quando ela conhece Andrés Campos Cervera, Paraguai não

¹⁵ A los once años comienza sus estudios de bachillerato que finaliza dos años y medio más tarde. Dichos cursos no pudo realizarlos como alumna oficial, ya que los traslados de la familia le impidieron asistir a la escuela con regularidad. Un año después termina Peritaje Mercantil y realiza estudios de Magisterio, que no llegará a concluir. Estas disciplinas las compagina con el aprendizaje del inglés y del alemán, bajo la tutela de un profesor particular, pues el francés ya lo había aprendido durante su estancia en el colegio de monjas *L'Inmaculeé Conception* (San Sebastián), donde estuvo dos años como alumna medio pensionista¹⁵ (Mateo del Pino, 1994, p. 50).

¹⁶ “decisivo fue el hecho de ser mi padre hombre culto y disponer desde muy chica de una biblioteca donde mi escondido afán de lector no discriminaba títulos, aunque sí formaba enseguida sus preferencias”.

era um universo totalmente desconhecido para ela, o que é bastante relevante, já que ainda hoje, com toda tecnologia e o avanço da internet, é muito comum que europeus nunca tenham ouvido falar do Paraguai ou confundam o país com o Uruguai.

Outro caso interessante é quando ela narra sobre um grupo de jornalistas que a visita depois da publicação na revista *Donostia*, com o objetivo de conhecer a “poeta prodígio”. Ela afirma que houve um desencontro comunicacional, no qual os jornalistas lhe perguntaram se havia lido Rubén Darío e Amado Nervo e ela respondeu que não, e lhes perguntou se eles conheciam Baudelaire e Mallarmé e eles também não souberam nada sobre estes autores. De acordo com a escritora, não publicaram nada após essa conversa de referências desconhecidas de parte de ambos, mas esse episódio nos dá um panorama de que houve um momento de leituras simbolistas na adolescência de Plá, enquanto a mídia estava na efervescência do Modernismo hispano-americano.

Em 1923 Josefina se vê mais uma vez apaixonada pelo Paraguai através da figura de Andrés Campos Cervera. É que a família se muda para Villajoyosa, em Alicante, e acaba vivendo na mesma rua do artista, quem estava de férias na cidade onde residia o irmão, depois de períodos de estudos na *Escuela de Cerámica* de Valencia e de expor na *Feria Muestrario* da mesma cidade. Em *El espíritu del fuego*, Josefina narra que foram seis dias de cortejo e conversas, seis dias em que se comprometeu a traduzir partes de um livro sobre cultura para Andrés, e que logo ele teve que voltar para seus estudos em Manises. Posteriormente, trocaram cartas, duas, três vezes por semana, até o momento em que Campos Cervera precisa retornar definitivamente ao Paraguai, já esgotados os recursos e prazos das bolsas de estudos. Os pais de Josefina não eram favoráveis a essa união, convencidos de que vida de artista não dá futuro, e ficaram aliviados com o distanciamento dos dois. Mas, mesmo com um oceano entre eles, o casal continuou se correspondendo, até que, em 17 de dezembro de 1926, os jornais, tanto da cidade espanhola quanto da capital paraguaia, anunciaram o raro casamento em que o noivo não esteve presente. Andrés Campos Cervera, sem dinheiro para a passagem dos dois, envia a Josefina o suficiente para as gestões burocráticas de um casamento por procuração e a passagem para que ela possa encontrá-lo no Paraguai. E é assim, sozinha e rumo ao desconhecido, que Josefina recém casada começa sua trajetória em terras guarani. Há várias passagens do já mencionado *El espíritu del fuego* em que ela narra seus primeiros anos na finca familiar, como a experiência de contato com as novas fauna e flora. A forma como narra sua partida da Espanha é bastante poética:

E cruzei o oceano, como Colombo, carregando esse sonho. Sonho tão grande quanto pode ser uma terra nova para uma mulher, sonho identificado com o de um mundo de amor inesgotável. Pois bem, ainda que esse novo país estivesse nos mapas e tivesse nome e história, para mim era âmbito desconhecido: existia, mas eu devia descobri-lo (Plá, Josefina, s/d, *apud* Mateo del Pino, op. cit. p. 58)¹⁷.

Após um tempo vivendo na chácara da família, o casal se muda para o centro de Assunção, em 1928, casa onde Josefina habita durante todo o resto de sua vida, até sua morte em 1999. Em 2021 foi feito um evento virtual intitulado *Josefina Plá desde su propia orilla* transmitido dessa casa. O título faz referência a seus famosos versos: “quisiera alguna vez sencillarme / andar descalza por mi propia orilla”¹⁸, nessa ocasião pude entrar pela primeira vez nos aposentos de Josefina, o que era um desejo desde 2008, quando estive de intercâmbio. O cheiro dos gatos do novo morador, quem alugava a casa, imediatamente me remeteu ao imaginário da senhorinha alimentando suas dezenas de gatos décadas atrás.

Voltando ao ano de 1928, Andrés e Josefina começam a construção do forno de cerâmica e se dedicam intensamente à técnica. Em agosto desse mesmo ano, Josefina e Campos Cervera apresentam uma coleção conjunta. Essa técnica, que alguns críticos como Fernández (2015) e Mendonça (2010) afirmam que Josefina aprendeu com o marido, também já era desenvolvida por ela na infância e adolescência, conforme se pode verificar agora pelas pesquisas de Maria Blanco Conde da *Agencia Española de Cooperación para el Desarrollo* (AECID) em Madri. A autora, que é responsável pela museografia de Julián de la Herrería no Centro Cultural Juan de Salazar na capital espanhola, menciona um artigo de Mar de los Ríos no jornal *La voz de Almería*, em que é analisada a correspondência de Plá com sua amiga Julita, aos onze anos. De acordo com a correspondência, Josefina e Julita mantêm a conversa epistolar quinzenalmente, a escritora vive nesse período na ilha de Alborán “*medio de la nada*” e conta para a amiga sua experiência, que é comparada com a vivência na Ilha de Lobos:

O nada se chama Mediterrâneo, linda. Mas para que você tenha uma ideia, na Ilha de Lobos, onde nós duas nascemos, cabem quase sessenta e cinco ilhas de Alborán. Se você achava que nossa vilinha era pequena, se você achava que era um acontecimento cruzar até Fuerteventura para dar um

¹⁷ Y crucé el océano, como Colón, con ese sueño a cuestas. Sueño grande como puede serlo una tierra nueva para una mujer; sueño identificado con el de un mundo de amor inagotable. Ahora bien, aunque este país nuevo figurase en los mapas y tuviese nombre e historia, para mí era ámbito desconocido: existía, pero yo debía descubrirlo.

¹⁸ Quisiera algún día despojar-me / andar descalça por minha própria margem (tradução minha). No caso de citações literárias preferi manter o original no corpo do texto.

longo passeio, vou te contar que chegar até esse enclave sim que é uma aventura (Plá, 14 de maio de 1914, *apud* De los Ríos, 2018, tradução minha)¹⁹.

Para a amiga, Josefina também fala de seus gostos literários e sua atividade artística com a técnica da cerâmica, atividades que ajudam a passar o tempo em um povoado o qual não apresenta muitas possibilidades. Os interesses de Josefina não são compatíveis com os das pessoas de sua idade e ela se sente um pouco sozinha, não se relaciona com muita gente, preferindo a companhia das gaivotas, golfinhos e livros:

Não achei grande coisa os vinte meninos e meninas que somam todos os filhos. Ainda que eu deve continuar pesquisando, tentando, como diz minha mãe. A companhia das gaivotas e dos golfinhos não deve ser suficiente, ainda que eu ache isso agora. A parte boa: como tenho todo o tempo do mundo tento aproveitar cada coisa que me comprometo. A parte ruim: quando tem vendaval, algo comum, é melhor ficar coberto tentando viajar a outros mundos. Gosto muito de Rosalia de Castro, sua poesia, ainda que agora estou lendo seu primeiro romance: A filha do mar. A verdade é que a leitura tem sido minha tábua de naufrago nesse primeiro mês. E no segundo está sendo também a cerâmica (Plá, 1914, *apud* De los Ríos, 2018, tradução minha)²⁰.

Na carta de 30 de abril de 1914, Josefina conta à amiga que uns dias antes uma das famílias havia solicitado trazer argila na última viagem para buscar providências e que a filha de um alfareiro havia iniciado um grupo de cerâmica para distrair as crianças. Josefina se sente bem ao trabalhar a argila e vai além da confecção utilitária, decorando suas peças. A escassez de material em meio à ilha remota também é comentada:

Uma das mulheres dos cuidadores da torre é filha de alfareiro e decidiu montar uma oficina de cerâmica para manter distraída a criançada [...] Descobri o quando eu sou feliz desenhando sobre pratos e vasos que modelamos. As horas passam voando como em nenhuma outra atividade. A senhora Maruja disse que não me sai nada mal isso de decorar a cerâmica e minha mãe quer que eu faça um jogo de louça para servir doze pessoas. A senhora Maruja já me disse que ela vai ter que se conformar com quatro

¹⁹ La nada se llama el Mediterráneo, guapa. Pero para que te hagas una idea, en la Isla de Lobos donde nacimos las dos, caben casi sesenta y cinco islas de Alborán. Si te parecía pequeño nuestro pueblito, si pensabas que era una hazaña cruzar hasta Fuerteventura para dar un largo paseo, te diré que llegar hasta este enclave sí que ha sido aventurado.

²⁰ No me han parecido gran cosa los veinte niños y niñas que suman entre todos sus hijos [das outras três famílias que habitam a ilha]. Aunque debo seguir investigando, probando, como dice mi madre. La compañía de las gaviotas y los delfines no puede de ser suficiente, aunque a mí sí me lo parezca por ahora. Lo bueno: que como tengo todo el tiempo del mundo intento sacarle partido a cada cosa que emprendo. Lo malo: que cuando azota el viento, algo común, es mejor quedarse a cubierto intentando viajar a otros mundos. Me gusta mucho Rosalía de Castro, su poesía, aunque ahora estoy leyendo su primera novela: La hija del mar. La verdad es que la lectura ha sido mi madero de naufrago en este primer mes. En el segundo lo está siendo también la cerámica.

pratos rasos e uma forma (Plá, 30 de abril de 1914, *apud* De los Ríos, 2018, tradução minha)²¹.

No final da carta de abril, Josefina pede à amiga que fale sobre a primeira menstruação, porque ela ainda não tinha tido essa experiência e tinha curiosidade, mas a mãe se negava a falar sobre o tema, limitando-se a dizer que aproveite enquanto não chega “a maldição”. Na despedida, Plá diz carinhosamente a Julita que suas cartas, assim como a argila, são a água doce que acalmam sua sede. Esse lugar de importância do barro na vida da pequena Josefina se repete em uma carta posterior, de 30 de junho de 1914. Nessa data, as quatro famílias que habitam Alborán estão preocupadas com o início da guerra e os Plá começam a planejar sua volta para a Península, como uma forma de segurança, já que os sete hectares da pequena ilha não oferecem absolutamente nenhuma proteção em caso da chegada de navios de guerra. Nessa carta, Josefina narra a aproximação da possível despedida de Manuel, seu namoradinho, e o compara com uma gaivota, que sempre está rodeando a ilha, que nunca se desprende totalmente dela. Na carta seguinte, escrita já na costa de Garrucha, Josefina narra que chorou na despedida e menciona que o pai a compara a um peixe, que sempre está em movimento, se afastando sempre das ilhas e procurando novas águas, afirmando que um peixe e uma gaivota não dariam mesmo certo. O interessante desse relato é que nos permite verificar já uma concepção artística do barro, ao qual Josefina dá uma abstração, um conceito, uma metáfora que engloba um sentido para além da representação da natureza ou da utilidade. Ou seja, o barro como arte:

Manuel vai ficar aqui, como as gaivotas da Nube, se secando sob o sol e gritando minha ausência por dentro. Mas eu tenho medo da guerra, talvez seja melhor sair correndo. Estou fazendo para ele um vaso com forma de ave, com as duas asas abertas e um peixe no bico, a ponto de cair. Pressinto que vai ser meu presente de despedida (Plá, 30 de julho de 1914, *apud* De los Ríos, 2018, tradução minha)²².

Manuel, o pássaro que permanece na ilha; Josefina, o peixe que se escapa, que continua livre e vai pelos mares. E ambas, Julita e Josefina, jamais teriam imaginado que sua

²¹ Una de las mujeres de los torreros es hija de alfarero y ha decidido montar un taller para mantener distraída a la chiquillería [...] He descubierto cuán feliz me siento diseñando dibujos sobre platos y jarrones que modelamos. Se me pasan las horas volando como con ninguna otra actividad. La señora Maruja dijo que no se me da mal esto de decorar la cerámica y mi madre quiere que le haga una vajilla de doce servicios. Ya me dijo la señora Maruja que le diga a mi madre que se tendrá que conformar con cuatro platos llanos y una fuente.

²² Manuel se quedará aquí, como las gaviotas de la Nube, secándose bajo el sol y gritando mi ausencia por dentro. Pero tengo miedo de la guerra, quizá sea lo mejor salir pitando. Le estoy haciendo un jarrón con forma de ave, con las dos alas abiertas por asas y un pez en el pico a punto de caer. Presiento que será mi regalo de despedida.

amizade e correspondência nos trariam uma informação tão valiosa para entender a trajetória da autora: a cerâmica já estava presente na sua vida antes de conhecer Andrés Campos Cervera. Ao contrário de ser um aprendizado de seu relacionamento e posterior vivência paraguaia, o barro é em realidade um ponto em comum entre eles.

Retornando à chegada de Plá ao Paraguai, é também nos primeiros anos no país sul-americano que nossa escritora começa a colaborar nos jornais *El Orden* e *La Nación*, sendo ela, de acordo com Mateo del Pino, quem cria as seções culturais fixas desses periódicos, os quais até o momento contavam com participações culturais soltas, sem um espaço específico. Além disso, Josefina também começa a colaborar na revista argentina *Orientación* e nos últimos números da revista *Juventud*, de estética pós-modernista²³.

Josefina estreia também como gravurista, publicando alguns de seus trabalhos nos jornais com o pseudônimo Abel de la Cruz. Nesses anos, Andrés resolve mudar seu nome artístico para Julián de la Herrería, mantendo o nome da mãe. Segundo conta Plá na biografia que escreveu sobre o marido, ele queria verificar se seu êxito era pela sua obra ou simplesmente pela fama do pai, desvinculando-se assim do sobrenome paterno no âmbito artístico. Ao mesmo tempo, a escritora também começa a se desempenhar como radialista na rádio *El Orden*, tornando-se a primeira mulher locutora da história do rádio no Paraguai. Na cerâmica, o sucesso de suas exposições ajudaria o casal a conseguir voltar para a Espanha por um período, o que ocorre em 1929. Após estar em vários lugares, incluindo Murcia (onde havia sido designado o pai de Josefina), os dois continuam seus estudos da técnica de cerâmica em Manises:

Em 31 de dezembro de 1929 ele se instalam em Manises. De novo o matrimônio empreende a difícil arte da escultura em cerâmica. Desse período são os pratos realizados por Josefina Plá com composições baseadas em temáticas indígenas, uns trinta motivos das culturas costeiras do oeste americano: Tlinkit y Haidas, e algumas peças de motivos polinésios. Esses trabalhos serão expostos no Círculo de Belas Artes de Madri em 10 de dezembro de 1931. O catálogo aparece sob o nome “Plá de la Herrería”. A exposição é um sucesso. Quase toda a imprensa de Madri faz eco do acontecimento e obtém a aprovação da crítica especializada e do público. Depois de uma curta visita aos país da época como despedida, eles embarcam em Valencia com destino ao Paraguai no dia 5 de março (Mateo del Pino, op. cit. p. 60, tradução minha)²⁴.

²³ O uso do termo “modernismo” e “pós-modernismo” para se referir ao contexto literário e artístico paraguaio sempre será usado neste trabalho no sentido hispânico, que se refere à síntese de parnasianismo e simbolismo criada na América por Rubén Darío. Em outro sentido usarei o termo Modernidade ou Vanguardismo para evitar más interpretações.

²⁴ El 31 de diciembre de 1929 se instalan en Manises. De nuevo el matrimonio emprende el difícil arte de la cerámica y la escultura. De este período son los platos realizados por Josefina Plá con composiciones basadas en temáticas indígenas, unos treinta motivos de las culturas costeras del Oeste americano: Tlinkit y Haidas, y

Nesses mesmos anos, na década de 1930, Josefina Plá estreia algumas obras dramáticas com Roque Centurión Miranda, como *Episódios chaqueños* (estreada em 1932) e *Desheredados* (estreada em 1944 em castelhano e depois traduzida por Roque Sánchez para o guarani e apresentada pela companhia do Teatro Municipal em 1966). Sozinha, Josefina Plá escreveu *Porasy*, ópera com música do músico checo Otakar Plátil, de 1933 que, de acordo com Mateo del Pino, foi estreada também em Montevideu. Nessa época, Josefina já manifesta seu espírito moderno ao tentar delinear características de um teatro nacional, ao mesmo tempo em que publica crítica teatral nos jornais e organiza a publicação de seu primeiro livro de poemas: *El precio de los sueños* (1933).

Em novembro de 1934 o casal volta à Espanha com uma bolsa a qual o esposo consegue do Ministério de Relaciones Exteriores deste país. De acordo com Mateo del Pino, Plá e Herrería vão para Barcelona e de lá para Manises, com o objetivo de continuar os estudos de cerâmica e desenvolver a técnica do engobe. Julián também se matricula na escola de Artes de San Carlos. Nos tempos livres, a família vai para Málaga, Valencia e Vinaroz, onde se encontram com familiares de Josefina. É nessa última cidade que eles são surpreendidos pela Guerra Civil Espanhola dois anos depois, em 18 de julho de 1936. O casal, que deveria voltar para o Paraguai no dia primeiro de agosto desde Cabo San Antonio, se vê em dificuldades e é somente no dia sete que eles conseguem ir para Valencia, onde dão entrada nos processos burocráticos para sair do país, porque já não era possível sair de outra forma. Mas no dia 3 de julho de 1937 Julián fica doente, diagnosticado com problemas cardiovasculares. Os remédios não fazem efeito, é difícil consegui-los em meio a guerra, e Julián é levado pela doença muito rapidamente, no dia 11 de julho. Viúva e longe de casa, Josefina tem muitas dificuldades para conseguir retornar ao Paraguai, o que acontece com muito sacrifício só no começo do ano seguinte. Vejamos o relato de Mateo del Pino sobre o fato:

Josefina Plá então começa os procedimentos para voltar ao Paraguai, mas é pressionada pela penúria econômica e só dispõe de dinheiro para sobreviver. Distante dica o pagamento de uma passagem que a leve de volta a sua terra de adoção. Em setembro desse mesmo ano, durante uma visita à sua família em Villajoyosa, ela recebe uma carta do segundo marido de sua cunhada Andrea Campos, quem se encarrega da passagem

algumas piezas de motivos polinesios. Estos trabajos se expondrán en el Círculo de Bellas Artes de Madrid el 10 de diciembre de 1931. El catálogo aparece bajo el nombre de “Plá de la Herrería”. La exposición resulta un éxito. Se hace eco de tal acontecimiento casi toda la prensa de Madrid y obtiene la aprobación de la crítica especializada y del público. Tras una corta visita a los padres de la esposa como despedida, embarcan en Valencia con destino a Paraguay el 5 de marzo.

de Marsella ao Paraguai. Em troca, receberá peças do artista. Só falta conseguir a passagem que a leve de Barcelona a Marsella, para isso acaba vendendo quase todos seus pertences: roupas, talheres domésticos e até uma coleção de selos paraguaios. Antes de viajar, deixa bem resguardada a coleção de Julián de la Herrería no Museu Nacional de Belas Artes de Valencia, na espera de que no futuro possa viajar à terra paraguaia, o que não aconteceria até 1956. Não aconteceria o mesmo com sua coleção de cerâmicas, uma biblioteca e valiosas lembranças pessoais condenadas a se perder ao longo dos anos seguintes. Solucionados os trâmites, em 27 de fevereiro de 1938, ela pega o trem para Barcelona. Até 5 de março não sai de Marsella, e ao dia seguinte o destino é Buenos Aires. Cinco dias depois embarca rumo ao Paraguai, onde chega em 0 de abril de 1938 (Mateo del Pino, 1994, p. 66, tradução minha)²⁵.

Paraguai estava saindo da Guerra do Chaco, que durou entre 1932 e 1935, e nesse contexto Josefina intensifica seu trabalho em colaboração com Roque Centurión Miranda. A obra dos dois, *La hora de Caín*, pode ser considerada do gênero rádio novela, já que foi transmitida por partes na *Radio Livieres* entre 1938 e 1939. Também *La humana impaciente*, cujas cenas foram transmitidas na *Radio Proal (Pro Arte y Literatura)*, que ela havia fundado com o colega. O teatro é um gênero ao qual Josefina vai se dedicar muito entre final dos anos 1930 e os anos 1940, tanto escrevendo crítica teatral nos jornais e revistas, quanto como dramaturga:

De 1941, e fruto de sua colaboração com Roque Centurión Miranda, é seu drama de três atos “*Aquí no ha pasado nada*” (Aqui não aconteceu nada), que obtém o primeiro prêmio do Concurso de Teatro do Ateneo Paraguaio (1942). A estreia foi em agosto de 1956 no Teatro Municipal de Artes Cênicas. No mesmo concurso ela ganha o segundo prêmio com a peça “*Un sobre en blanco*” (Um envelope em branco), drama em três atos, prólogo e epílogo, apresentado do 17 de dezembro de 1941 no Teatro Municipal pelo elenco que dirige Fernando Oca del Valle (Mateo del Pino, 1994, p. 70, tradução minha)²⁶.

²⁵ Josefina Plá inicia entonces las gestiones para regresar a Paraguay, pero la penuria económica apremia y sólo dispone de dinero para sobrevivir. Lejos queda el pago de un billete que la lleve de nuevo a su tierra de adopción. En septiembre de ese mismo año, durante una visita a su familia en Villajoyosa, recibe una carta del segundo marido de su cuñada Andrea Campos, quien se hace cargo del pago del billete desde Marsella a Paraguay. A cambio, recibirá piezas del artista. Sólo resta conseguir el billete que la lleve desde Barcelona a Marsella; para ello ha de vender casi todas sus pertenencias: ropas, cubiertos, detalles domésticos y hasta una colección de sellos paraguayos. Antes de viajar, deja a buen recaudo la colección de Julián de la Herrería en el Museo Nacional de Bellas Artes de Valencia, en espera de que en el futuro ésta viaje a tierra paraguaya, lo que no ocurrirá hasta 1956. No sucederá lo mismo con su colección de cerámicas, una biblioteca y valiosos recuerdos personales condenados a perderse en el transcurso de los años siguientes. Solucionados los trámites, el 27 de febrero de 1938, toma el tren para Barcelona. Hasta el 5 de marzo no sale para Marsella, y al día siguiente el destino es Buenos Aires. Cinco días después embarca rumbo a Paraguay, donde llega el 10 de abril de 1938.

²⁶ De 1941, y fruto de su colaboración con Roque Centurión Miranda, es su drama en tres actos *Aquí no ha pasado nada*, que obtiene el primer premio en el Concurso de Teatro del Ateneo Paraguayo (1942). Fue estrenado en agosto de 1956 en el Teatro Municipal de Arte Escénico. En el mismo concurso es distinguida

Além das colaborações artísticas, os autores foram gestores culturais, os quais participaram ativamente da tentativa de estabelecer um teatro com características próprias, criando ou formando parte da Sociedade de Autores, do *Grupo La Peña*, do *Teatro del Pueblo* (1941), da *Compañía Paraguaya de Comedias* (1943-1945) até fundarem a *Escuela Municipal de Arte Escénico*, em 1948, a qual existe até a atualidade e onde pude ver representarem algumas obras de Josefina²⁷. De acordo com Mateo del Pino, nessa instituição Plá exerce cargos diretivos entre 1948 e 1967 e também ensina matérias como História do teatro, Análise teatral, Acessórios cênicos, Análise de personagens, Teoria do teatro, Análise literária e Fonética. Também é notável seu desempenho como tradutora de obras de Paul Morand, Pirandello, Sacha Guitry, entre outros. Seria interessante poder analisar e pensar criticamente suas traduções, se é que é possível encontrá-las.

Sua atividade como jornalista também é uma de suas principais fontes de trabalho no período: “o trabalho jornalístico continua sendo presença constante e assim ela desempenha o cargo de secretária de redação em *El Diario* durante os anos 1938-1939. E, 1939 a nomeiam diretora do jornal *Plegón* e ela exerce como redatora na revista *Guarán* (tradução minha)”²⁸ (Mateo del Pino, 1994, p. 68). Até o momento desconheço estudos sobre o trabalho de Plá como radialista²⁹, mas é uma atividade a qual ela se dedicou bastante:

A partir de 1943 começam suas atividades radiofônicas contínuas. O Grupo Norte-americano no Paraguai patrocina a leitura de seus contos infantis “Cuentos de ayer y de hoy” (Contos de ontem e de hoje) no rádio, entre 1943 e 1946. Ela dirige a serie radiofónica “La mujer frente la vida” (A mulher ante a vida) até 1950. Iniciada a II Guerra Mundial, realiza o acompanhamento do conflito bélico por rádio, junto com Augusto Roa Bastos, em um programa de cinco audições semanas, “Antes e depois da Guerra”, o qual era transmitido na já mencionada *Radio Livieres*. Foi colaboradora no programa “*Una voz paraguaya al Servicio de América*” e no “*Club Radial América*”. Fora esas audições de caráter institucional, é responsável pelos livretos de audições pessoais, como “*El abuelito*” (O vovozinho), dirigido à crianças, cujos autores são Roque Centurión

con el segundo premio su obra *Un sobre en blanco*, drama en tres actos, prólogo y epílogo, presentado el 17 de diciembre de 1941 en el Teatro Municipal por el Elenco que dirige Fernando Oca del Valle.

²⁷ As obras teatrais de Josefina apresentam muitos diálogos em guarani e jopara (dialeto que mistura castelhano e guarani paraguaios), por isso, embora tenha visto as peças, não entendi muito de nenhuma delas.

²⁸ El quehacer periodístico sigue siendo fragua constante y así desempeña el cargo de Secretaria de Redacción en *El Diario* durante los años 1938-1939. Se la nombra directora del diario *Plegón* en 1939 y ejerce de Redactora en la revista *Guarán*.

²⁹ Durante a finalização da tese iniciei contato com o jornalista e radialista paraguaio Elias Piris, sobre a possibilidade de recuperarmos algumas gravações de Josefina exercendo a função de locutora.

Miranda e Sarita Ribas Crovato (Mateo del Pino, 1994, p. 72, tradução minha)³⁰.

É também nos anos quarenta que se estabelece um grupo literário importante no cenário paraguaio: o Grupo *Vy'a Raity* (literalmente “Ninho de alegria”), formado pelos referentes Josefina Plá e Herib Campos Cervera e a nova geração, a do Grupo do Quarenta³¹: Augusto Roa Bastos, Herib Campos Cervera, Hugo Rodríguez Alcalá, González Alsina, Bilbao Ferreiro e Oscar Ferreiro. Outros poetas jovens de gerações posteriores, como Julio Correa e Elvio Romero, também se somam ao que é considerado o primeiro momento em que a poesia paraguaia adquire consciência geracional e intenção de modernização, já que um de seus objetivos é renovar a poesia do cenário nacional a partir da poesia nova. Nas palavras de Josefina:

Ao Grupo assim formado se somam Hipólito Sánchez Quell, da revista *Juventud*; Julio Correa, da geração da revista *Crónica* e Elvio Romero, pioneiro de uma geração posterior, quem terá aqui suas primeiras armas. São, portanto, quatro gerações de poetas as que se encontram nessa data, que é a data da atualização da poesia paraguaia, e são os poetas mais velhos que vão mover, por volta de 1943, o cenáculo *Vy'a Raity* (ninho de alegria), onde por primeira vez se ensaia o estabelecimento de uma consciência geracional ante os acontecimentos universais, que finalmente entram à corrente do pensamento local e acham sintonia na crise espiritual desses poetas (Plá, 1976, p. 218, tradução minha)³².

Embora não tenham sido feitos manifestos coletivos, Roa Bastos publicou alguns ensaios nos jornais da época, reivindicando a poesia nova, sempre atribuindo a Josefina Plá as ideias principais que motivaram o grupo. Esses textos estão reunidos como apêndice de suas *Poesias Reunidas* (1998). Roa situa como referentes Pablo Neruda, Rafael Alberti,

³⁰ A partir de 1943 inician sus actividades radiofónicas con carácter continuo. El Grupo Norteamericano en el Paraguay patrocina la lectura por radio de sus cuentos infantiles, Cuentos de ayer y de hoy, entre 1943 y 1946. Dirige hasta 1950 la serie radiofónica La mujer frente la vida. Iniciada la II Guerra Mundial, realiza junto con Augusto Roa Bastos el seguimiento radiofónico del conflicto bélico en un programa de cinco audiciones semanales, Antes y Después de la Guerra, que es transmitido en la ya mencionada Radio Livieres. Colabora en “Una voz paraguaya al Servicio de América” y en el “Club Radial América”. A parte de estas audiciones de carácter institucional, tiene a su cargo los libretos de otras audiciones personales, como la de El abuelito, dedicado a los niños, cuyos autores son Roque Centurión Miranda y Sarita Ribas Crovato.

³¹ No Paraguai a crítica analisa a poesia a partir da década de produção de seus autores, cada década é uma geração poética.

³² Al grupo así formado se suman Hipólito Sánchez Quell, de *Juventud*; Julio Correa, de la generación de *Crónica* y Elvio Romero, pionero de una generación posterior, que hará aquí sus primeras armas. Son pues cuatro generaciones de poetas las que se dan cita en esa fecha, que es la de la actualización de la poesía paraguaya; y son los poetas mayores lo que moverán, alrededor de 1943, el cenáculo *Vy'a Raity* (nido de alegría) en donde por vez primera ensaya cristalizar una conciencia generacional frente a los hechos universales, que ingresan por fin en la corriente del pensamiento local y hallan sintonía en la crisis espiritual de estos poetas.

García Lorca, definindo a poesia nova como uma tentativa de criação de um mundo espiritual em ruínas, reivindicando o papel do poeta como o artista que é capaz de entender sua realidade e profetizar o futuro: “o proferir fala sempre, na dor de hoje, o verbo de amanhã. A massa há de efetuar sua conversão à nova poesia, e há de se realizar à base de novas experiências vitais [...]” (Plá, *apud* Roa Bastos, 1998, p. 258, tradução minha)³³.

Nessa mesma época, a vida artística e intelectual de Plá se intensifica, ela é responsável por escrever em ocasiões especiais para diversos jornais. Entre 1941 e 1942 é responsável pela série *Detrás de los titulares*, sobre a II Guerra Mundial. A partir de 1946, de acordo com Del Pino, Josefina é convidada para várias conferências em diferentes instituições:

Son numerosas las conferencias que desde 1946 Josefina Plá imparte en diversas instituciones – Amigos del Arte, Centro Cultural Paraguayo-Americano, Colegios Secundarios, Misión Cultural Brasileña – sobre varios aspectos de la cultura plástica universal o del arte paraguayo. Escribe innumerables artículos sobre estos temas que son publicados en la prensa local y extranjera (Del Pino, op. cit., p. 75).

Além dessas atividades, ela também fazia parte do Pen Club Paraguai e dava aulas de cerâmica no Centro Cultural Paraguayo-Americano, tendo uma produção bastante profícua, que a levará, com Laterza Parodi, a expor na Semana de Arte Moderna de São Paulo e, de acordo com Mateo del Pino, também no Rio de Janeiro. Essa exposição se dá em 1952, mesmo ano em que Josefina começa a publicar sua série de ensaios sobre literatura, arquitetura e danças populares brasileiras, nos quais expõe sua visão da modernidade artística e literária analisando autores como Mario de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira, entre outros. Ao retornar ao Paraguai, junto com o artista brasileiro João Rossi, que residia no país vizinho, Josefina é uma das responsáveis pela fundação do *Grupo Arte Nuevo*, o qual realiza a *Semana de Arte Moderna*, em 1954, na principal rua do centro de Assunção. As obras foram expostas nas vitrines das lojas, principalmente porque nenhum centro de exposição queria expor a nova estética, que foi melhor recebida em outros países, como Argentina. Desse grupo também formaram parte os artistas Olga Blinder, Lili del Mónaco e Laterza Parodi. Ao escrever sobre a história da arte no Paraguai, Josefina destaca a importância das mulheres artistas, e dedica um capítulo intitulado “La mujer, elemento principal en la Liberación de la plástica. El grupo Arte Nuevo” no qual demonstra que os

³³ El profeta habla siempre, en el dolor de hoy, verbo de mañana. La masa ha de efectuar su conversión hacia la nueva poesía, y ha de realizarse a base de nuevas experiencias vitales [...].

esforços pela renovação artística no país foram feitos especialmente por mulheres. Esse capítulo é um dos textos que traduzo na pesquisa.

A década de 1950 também é o momento de Josefina voltar à sua terra natal, através da bolsa do Instituto Hispânico, quando finalmente consegue recuperar a coleção de Julián de la Herrería, armazenada no Museo de Bellas Artes de Valencia. Hoje essa coleção faz parte do museu do Centro Cultural Espanhol Juan de Salazar em Assunção, cujas obras foram doadas por Josefina com a condição de permanecerem no Paraguai. Em vida, Josefina foi a diretora do museu, o que lhe permitiu ser mediadora de exposições e atividades internacionais, como se pode verificar pela correspondência existente em seu arquivo, no qual permanecem cartas a (e de) diretores de museus e revistas especializadas internacionais. Ainda nos anos 1950, a artista participa de muitas exposições, obtendo vários prêmios, conforme menciona Del Pino:

Durante esse período Josefina Plá realiza diversas exposições de cerâmica, tanto em Assunção como no Rio de Janeiro: *Salón de Artistas Plásticos y Edificio IPASE* (1952, 1953); Buenos Aires: Galería da Sociedade Argentina de Artistas Plásticos (1953, 1954); Montevideo: *Taller Páez Vilaró* (1955); Barcelona: *Escuela Adriano* (1956); São Paulo: Biblioteca Municipal (1953, 1957). Sua obra plástica obtém numerosos prêmios: Menção honrosa de 1ª Classe no VI Salão de Artes Plásticas do Rio de Janeiro (1952), Medalha da Faculdade de Ciencias Humanas na Primeira Mostra Folclórica Paraguaia (Assunção, 1953), e o Prêmio Arno na IV Bienal de São Paulo (1957). Junto com José Laterza Parodi consegue a primeira distinção internacional para a plástica moderna paraguaia (Del Pino, op. cit., p. 82, tradução minha).³⁴

Nos anos da década de 1960 Plá colabora na Revista *Alcor*, fundada por Rubén Bareiro Saguier. De acordo com Del Pino, muitas traduções de Plá aparecem publicadas nessa revista. Também é uma década bastante profícua para sua atividade internacional:

Em 1963 ela recebe um convite dos Estados Unidos para visitar o país durante os meses de setembro a novembro. Durante sua estadia dá conferências na Alfred University, na universidade de Settle e em outros centros acadêmicos. Em 1964 lhe concedem o Prêmio Lavorel, dado ao escritor que mais se distinguiu por suas atividades em prol da cultura paraguaia. Também participa de diversos encontros internacionais de

³⁴ Durante estos años Josefina Plá realiza diversas exposiciones de cerámica, tanto en Asunción como en Río de Janeiro: *Salón de Artistas Plásticos y Edificio IPASE* (1952, 1953); Buenos Aires: Galería de la Sociedad Argentina de Artistas Plásticos (1953, 1954); Montevideo: *Taller Páez Vilaró* (1955); Barcelona: *Escuela Adriano* (1956); São Paulo: Biblioteca Municipal (1953, 1957).

Su obra plástica obtiene numerosos premios: Diploma de Honor 1ª Clase en el VI Salón de Artes Plásticas (Río de Janeiro, 1952), Medalla de la Facultad de Humanidades, en la Primera Muestra Folklórica Paraguaya (Asunción, 1953), y Premio Arno en la IV Bienal de São Paulo (1957). Con José Laterza Parodi consigue la primera distinción internacional para la plástica moderna paraguaya.

escritores, entre eles cabe citar os realizados em Génova (1965), em Caracas (1967) e nos Estados Unidos, em celebração ao Ano Internacional da Mulher (Del Pino, op. cit., p. 82, tradução minha)³⁵.

Paralelas a essas participações internacionais, as publicações de seus contos, poemas e ensaios periódicos começam a ser realizadas em forma de livro. Hoje são muitos os títulos da autora, nem todos disponíveis para leitura na atualidade: *El grabado en el Paraguay* (1962), *Apuntes para una historia de la cultura paraguaya* (1967), o capítulo sobre o Paraguai na *Enciclopedia del arte e América*, de Vicente Gesualdo (1968), *El templo de Yaguarón, una joya barroca em Paraguay* (1970), *Historia y catálogo del Museo de Bellas Artes* (1970), *Literatura Paraguaya del siglo XX* (1972), *Hermano negro: la esclavitud en el Paraguay* (1972), *Treinta y tres nombres en las artes plásticas paraguaya* (1973), *Imágenes peregrinas (las migajas de una herencia)* (1975), *Bilingüismo y tercera lengua en el Paraguay* (1975) – em colaboração com Bartolomé Meliá, *El barroco hispano-guaraní* (1975), *Obra y aportes femeninos en la literatura nacional* (1976), *The British in Paraguay 1850/1870* (1977), *El espíritu del fuego* (1977), *El espejo y el canasto* (1981), *Follaje en el tiempo* (1981), *Tiempo y tiniebla* (1981), *Espanoles en la cultura del Paraguay* (1983), *Ñanduti: encaje de dos mundos* (1983), *Arte actual en el Paraguay* (1983) – em colaboração com Olga Blinder e Ticio Escobar, *La cultura paraguaya y el libro* (1983), *La pierna de Severina* (1983), *Cambiar sueños por sombras* (1984), *La nave del olvido* (1985), *Apuntes para una aproximación a la imagenería paraguaya* (1985), *Los treinta mil ausentes: elegía a los caídos del Chaco* (1985), *En la piel de la mujer* (1987), *La llama y la arena* (1987), *Maravillas de unas villas* (1988), *La muralla robada* (1989), *Cuatro siglos de teatro en Paraguay* (1990/1), *Ñanduty: encrucijada de dos mundos* (1993), *Italianos en Paraguay* (2016).

Outra atividade realizada por Josefina, entre os anos 1964 e 1972, é a de professora de literatura e de expressão oral no Instituto Paraguaio e no Instituto de Relaciones Públicas, respectivamente. Ela também continua com as aulas na *Escuela Municipal de Arte Escénico* – a qual fundou com Roque Centurión Miranda – até 1973, quando a destituem por assinar a carta de apoio e solidariedade com o poeta preso e posteriormente exilado Rubén Bareiro

³⁵ Em 1963 recibe una invitación del Departamento de Estados de EE.UU. para visitar ese país durante los meses de septiembre a noviembre. Durante su estancia dicta conferencias en la Alfred University, en la de Settle y en otros centros académicos americanos. En 1964 se le concede el Premio Lavorel al escritor que más se ha distinguido por sus actividades en pro de la cultura paraguaya. También participa en diversos encuentros internacionales de escritores, entre ellos cabe citar los realizados en Génova (1965), Caracas (1967) y en Estados Unidos con el motivo del Año Internacional de la Mujer.

Saguier. No teatro, Mateo del Pino também destaca as peças escritas por Josefina e que tiveram boa recepção de público e de crítica: *El Empleo* (1971), *Alcestes* (1972), *Historia de un número* (1970), *Hermano Francisco* (1976) e *Fiesta en el Río* (1977). Também é na década de setenta que acontecem vários reconhecimentos:

Na década de 70, Josefina recebe numerosos reconhecimentos, cargos honorários, homenagens, etc. EM 1976 é reconhecida com a Medalha do Bicentenário da Independência dos Estados Unidos. Em 1977 recebe do governo espanhol a condecoração da Ordem Isabel La Católica. Nesse mesmo ano lhe concedem um jubileu pela Academia Paraguaia da Língua Espanhola; Homenagens pelo seu Cinquentenário, pela Universidade Católica e o instituo Paraguaio da Cultura hispânica. É eleita “Mulher do ano no Paraguai” e em 1979 lhe dão a Medalha do Ministério da Cultura de Cultura de São Paulo (Mateo del Pino, op. cit., p. 84, tradução minha)³⁶.

A década de setenta termina com uma grande exposição organizada pela *Galería Artesanos* em homenagem aos cinquenta anos de produção de Josefina como artista e intelectual. E os anos da década de oitenta também foram de muita produção e reconhecimento. Josefina Plá passa a colaborar no jornal *ABC Color*, ganha o título de doutora honoris causa pela Universidade Católica de Assunção e passa a ser membro da *Academia Paraguaya de Historia* a partir de 1983. As participações internacionais continuam e ela recebe o troféu OLLANTAY na Venezuela em 1983, e também é nomeada membro de honra do Instituto Literário e Cultural Hispânico dos Estados Unidos em 1984, além de ser membro da *Real Academia Española de Historia* (1987).

Mateo del Pino faz sua pesquisa no começo dos anos noventa e destaca minuciosamente até a última produção da autora, tendo a vantagem de tê-la como fonte de pesquisa direta. Seu capítulo biográfico traz muitos dados que podem ser tema de novos estudos, como por exemplo o destaque que dá as antologias e traduções organizadas por Josefina. De acordo com a pesquisadora, Josefina preparou a edição bilingue das autoras Renée Checa (*Estelas/Sillages*), Nathalie Burel (*Chispas/Etincelles*), além do poemário de Ezequiel González Alsina, dedicando-se ao estudo preliminar, seleção e tradução. Também

³⁶ En la década el 70, Josefina Plá recibe numerosas distinciones, cargos honoríficos, homenajes, etc. En 1976 es distinguida con la Medalla del Bicentenario de la Independencia de los Estados Unidos. En 1977 recibe del Gobierno Español la condecoración de la Orden “Isabel La Católica”. Se le concede, en este mismo año, un jubileo por la Academia Paraguaya de la Legua Española; Cincuentenario, por la Universidad Católica y el Instituto Paraguayo de la Cultura Hispánica. Es elegida “Mujer del Año en Paraguay” y en 1979 se le impone la Medalla del Ministerio de Cultura de São Paulo.

organizou a obra *Voces femininas en la poesia paraguaya*, na qual fica explícito o enfoque de gênero. Sobre esse tema, Ángeles traz a opinião da autora:

Na última década [anos 80] Josefina Plá publica uma série de artigos cujo tema principal é a mulher. Nesses trabalhos ela manifesta uma atitude reivindicativa a respeito dos direitos femininos, pelo qual a consideraram uma “feminista” ativa. Longe dessa consideração, a autora se define como uma mulher que luta para conseguir seu lugar na sociedade, sem menosprezar o gênero masculino, mas, igualmente, sem aceitar a superioridade que a história, por tradição cultural, assignou a este (Mateo del Pino, op. cit., p. 87, tradução minha).³⁷

É quase como repetir o dito “não é água, é H₂O”. O termo feminismo é polissêmico, existem várias vertentes e interpretações, muitas delas más interpretações. Ao longo dos anos muitos autores como Mateo del Pino, inclusive eu mesma na nova edição da biografia publicada recentemente em Assunção (Rodrigues, 2024), afirmaram que Josefina Plá não se considerava feminista, porque ela assim se declarava nos anos 1990. No entanto, um dos textos recuperados e traduzidos nesta pesquisa nos traz uma perspectiva diferente: Em “*Feministas pero femininas*”, publicado no suplemento *La mujer y el hogar* (Suplemento A mulher e o lar) do jornal *ABC Color* em 1979, Josefina afirma: “Sou feminista. Não de agora quando até os homens são. De antes, quando ser feminista equivalia a ser hermafrodita (tradução minha)³⁸. Assim, parece mais correta a afirmação de que ela, ao final de sua vida, não fazia parte de nenhum movimento feminista e tinha suas ressalvas sobre os movimentos contemporâneos, mas não se pode afirmar que não se considerava feminista, inclusive porque todas suas afirmações são, sim, feministas. Na entrevista a Marilyn Godoy temos uma justificativa para esse posicionamento, que inevitavelmente foi amadurecendo e se modificando ao longo dos anos, Josefina não se identifica com a reivindicação do direito ao aborto, com a negação da maternidade (embora escreva sobre as dificuldades do que chama de “maternidade resignada”), assim como não concorda com a exaltação da liberdade sexual, em relação a isto ela fala de forma despectiva de Anaïs Nin, considerando que ela é uma mulher superdotada do ponto de vista sexual, que precisa ficar “pavoneando”, ou seja, exibido de forma exagerada, como um pavão, suas experiências (Godoy, 1999, p. 6).

³⁷ En la última década [anos 80] Josefina Plá publica una serie de artículos cuyo tema principal es la mujer. En esos trabajos manifiesta una actitud reivindicativa respecto de los derechos femeninos, por lo cual se la ha considerado una activa “feminista”. Lejos de esta consideración, la autora se declara una fêmea que lucha por buscar su puesto en la sociedad, sin menospreciar al sexo masculino, pero, igualmente, sin aceptar la superioridad que la historia, por tradición cultural, le ha asignado a éste.

³⁸ Soy feminista. No de ahora, cuando hasta los hombres lo son. De antes, cuando ser feminista equivalía a ser hermafrodita.

A forma como Josefina aborda suas personagens em seus contos, com recorte de gênero, classe e raça, e vários de seus artigos demonstram um compromisso com uma visão de gênero: feminista. Alguns textos que podemos destacar são: *Aportes femeninos en la literatura nacional* (1976), *Cuatro millones de abortos* (1987), *Hay una literatura específica y característicamente femenina?* (1987), *Sobre el poder femenino* (1988), *Día de la mujer* (1989), *La mujer en la plástica paraguaya* (1989), *La mujer en la colonia* (1989), *Violación* (1991). Além dessas publicações, Plá também participou do *Informativo Mujer*, da revista do Centro Paraguaio de Estudios Sociológicos: *Enfoque de mujer*, e do suplemento *La mujer y el hogar* no jornal *ABC Color*, no qual também tinha uma coluna intitulada *Mujeres en la cultura nacional*, o que demonstra que entre o final dos anos 1970 e o começo da década de 1990 a temática esteve bastante presente em sua produção.

A maioria desses textos não está acessível para o público leitor contemporâneo, nesta ocasião recupero e traduzo alguns artigos cujo tema central é a figura feminina, encontrados nos suplementos culturais do jornal *ABC Color*, os quais estavam disponíveis no acervo de Josefina na biblioteca da Universidade Católica de Assunção e que não constavam em suas bibliografias disponíveis: “*Feministas pero femininas*” (1979) e *Derechos que no caducan* (1980), os demais artigos mencionados anteriormente, infelizmente não tive acesso durante o doutoramento.

Para além do destaque do feminismo em Josefina, o capítulo biográfico de Mateo del Pino menciona as produções de Plá até o momento de sua pesquisa, feita em 1994, quando Plá ainda exercia suas funções na Universidade Católica e colaborava de forma assídua nos jornais *Hoy* e *ABC Color*. Josefina viveu cinco anos além da defesa da tese de Del Pino, e foi a primeira personalidade da cultura paraguaia a receber em seus últimos anos uma aposentadoria do Governo Federal como um reconhecimento a sua contribuição à cultura do país. A grande maioria de suas colaborações em jornais permanece desconhecida para os leitores de hoje. Atualmente, a Academia Paraguaia da Língua Espanhola está no edifício que leva o nome de Josefina, uma placa em sua homenagem está no muro de sua antiga casa em Assunção, onde hoje mora seu filho, e outra também na *Manzana de la Rivera*, uma quadra colonial em que estão teatros, bares e museus em pleno centro de Assunção, em frente ao Palácio do Governo Federal. Além disso, temos a presença constante de sua obra plástica em murais principalmente de mosaico em vários pontos da cidade, como no edifício de Previsão Social, no Teatro Municipal e nas proximidades da Praça Uruguaya, o que a coloca

também no âmbito do muralismo latino-americano. Recentemente, a editora *Librería de la Paz* colaborou com a abertura de uma filial da *Fondo de Cultura Económica*, importante editora e rede de livrarias mexicana, em Assunção, essa livraria também se chama Josefina Plá.

Mateo del Pino afirmou que “O trabalho que Josefina desenvolveu no âmbito da cultura paraguaia levou a crítica a considera-la uma figura notável, sem cuja presença não se poderia entender o panorama intelectual desse país (tradução minha)³⁹. Em outras palavras, Josefina é uma impossível ausência nos estudos hispânicos e devemos colocá-la no lugar de cânone que lhe corresponde, para além das fronteiras nacionais. Mas acima de tudo, a impossível ausência é a da mulher paraguaia em sua obra, como afirma o poema que escrevi para o lançamento de sua biografia na *Feria Chacu-Paraguay* de 2024, o qual resume em verso sua trajetória:

Entre las piedras de la Isla de Lobos
naciste para traer contrastes
el colorido en la monotonía del faro
medio a la inmensidad del mar
frecuentar la biblioteca fue tu juego
y la temprana y compulsiva escritura.
Después probaste la cerámica en Alborán
tazas, peces y gaviotas de barro
que anunciaban la modernidad.
Hasta que el amor te hizo cruzar el océano
y en Paraguay rompiste barreras:
primera mujer locutora de radio,
primera crítico de arte,
primera en analizar lo popular,
lo negro, lo indígena.
Quisiste ser madre sola
después de enviudarte
¡tan joven!
Fuiste periodista, maestra,
dramaturga, traductora...
No quisiera imaginarme cuánto te costó
ser esa imposible ausente
de las letras y las artes
siendo extranjera,
siendo madre,
¡siendo mujer!
Entre grabados y murales
dibujaste una nueva historia
Tu beso, hoy, es muchedumbre
Con tu arte viajaste tanto...

³⁹ la labor que Josefina Plá ha desarrollado en el ámbito de la cultura paraguaya ha llevado a la crítica a considerarla una figura señera, sin cuya presencia no podría entenderse el panorama intelectual de este país.

de España a Argentina
 de Uruguay a Italia
 de Brasil a Estados Unidos...
 Pero después te convirtieron
 en la eterna viuda, por amor exilada
 en la vieja de los gatos
 en la pésima madre...
 Tu nombre figura en los libros,
 en escuela, colecciones de museos,
 casas de la lengua, librerías universitarias
 ¡Una imposible ausente!
 Pero más allá de tu trayectoria
 lo que de verdad permanece
 es el triste destino de tus
 Sisés, Marías, Severinas,
 Manuelas, Remigias, Cayetanas
 niñas madres, prostitutas
 abusadas, violadas, asesinadas...
 La imposible ausencia
 es el dolor de ser mujer.⁴⁰

É com esses versos que damos início ao segundo capítulo, no qual trato os Estudos de Tradução Feminista para posteriormente, no terceiro capítulo, analisar a figura feminina na obra de Josefina Plá, principalmente nos textos selecionados para tradução, apresentados no quarto capítulo.

⁴⁰ A “autotradução”, a tradução de si mesma, principalmente de literatura, é sempre difícil. Quis me expressar em espanhol porque a ocasião e a necessidade assim o definiram e me reservo o direito de não o traduzir neste momento. Perdoai!

CAPÍTULO 2 – TRADUÇÃO FEMINISTA

[...] Tantas vezes a escrita, a arte
Foram ferramentas para continuar
Lutando
Existindo
VIVENDO⁴¹

No capítulo anterior, percorremos a trajetória de Josefina Plá desde seu nascimento na Espanha até sua grande presença póstuma nos monumentos e imaginário paraguaios contemporâneos, o que forma parte da memória e identidade do país. Desejo de memória e de identidade são características tanto da arquivista quanto da tradutora feminista, esse arquivo feito coletivamente a partir dos monumentos arquitetônicos é fundamental para a construção da memória coletiva. Por outro lado, pelo viés dos Estudos Feministas da Tradução, a construção da memória tem a ver com a formação do cânone, tradicionalmente masculino, e “cabe à tradução feminista o papel de revisar textos escritos ou traduzidos por mulheres” (Costa e Amorin, 2019, p. 1239) para reescrever esse cânone. Desse modo, um dos objetivos dos estudos feministas de tradução, o qual é central para esta pesquisa, é o de divulgar obras escritas por mulheres para reescrever a história da literatura. Sendo assim, antes de discorrer sobre a obra de Plá e traduzi-la nos capítulos seguintes, é importante retomar o percurso da crítica da Tradução Feminista, que sustenta teórica e metodologicamente este trabalho.

Em artigo que pretende mapear as antecessoras das tradutoras feministas canadenses Costa e Amorin (2019) discorrem sobre o quanto esses estudos demoraram para se popularizar no Brasil devido ao receio de usar o termo “feminista”, sendo preferido, em muitos contextos acadêmicos brasileiros, abordar como “questão de gênero”: um eufemismo para se manter no âmbito objetivo e teórico, eliminando traços de ideologia. Por outro lado, Collins (2017), em seu prefácio ao livro obra *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives*, menciona a dificuldade que teve durante a escrita do *Black Feminist Thought* (que ainda estava no prelo na época) em relação a dualidade de tentar escrever nos termos aceitáveis pelo universo acadêmico e, ao mesmo tempo, fazer sentido para o povo, os sujeitos, as mulheres negras para e por quem o livro fora escrito. Essa dualidade certamente permeia todo estudo que traz um viés subjetivo e engajado, no qual se cruzam o compromisso ideológico e os objetivos acadêmicos em um contexto que nos obriga

⁴¹ Fragmento do poema “Ainda escrevo” do livro *Eu passarinha* (Rodrigues, 2024, p. 88).

a nos manter dentro das características do gênero textual, ao mesmo tempo em que temos demandas ideológicas, criativas e pessoais. Para Collins, essa dualidade já pode ser considerada uma tradução, na qual estamos constantemente colocando em diálogo âmbitos que geralmente não conversam: a academia e a vida; a universidade e o povo. Âmbitos que precisam ser mediados, interpretados: traduzidos um para o outro. Isso se dá em um contexto no qual “indivíduos que servem como tradutores não apenas interpretam os significados variantes através de cenários sociais, políticos e intelectuais diferentes [mas também] criam um novo conhecimento em espaço fronteiriços”. Assim, tradutores são também “mediadores de poder” e os “espaços de tradução são zonas de fronteira epistemológica onde o conhecimento é construído via confiança” (Collins, 2017, p. 29). Nesse sentido, é sempre importante nos perguntarmos sobre as intenções e posições das tradutoras. A quem a mediação cultural proporcionada pela tradução está beneficiando? Essa tradução está colaborando para manter ou para questionar os espaços de poder hegemônico? Certamente que esse estudo não traz a dualidade no mesmo sentido de Collins, uma vez que se trata de traduzir obras de uma intelectual, em um formato que também se propõe crítico e intelectual, conforme as regras do jogo acadêmico, embora também contenha questões criativas e ideológicas que precisam se encaixar no gênero tese. Porém, em um âmbito em que muito pouco se fala de literatura paraguaia e de intelectuais latino-americanos no geral, existe sim certa dualidade, certo romper de paradigmas no qual as intelectualidades de dois países estão em jogo. Nesse sentido, Nelly Richard (1996) discursa sobre outra dualidade: a dupla marginalidade da literatura latino-americana, tanto a marginalidade em relação ao poder masculino, quando a marginalidade metropolitano-ocidental. De acordo com a autora, os termos centro e periferia já não são mais cabíveis porque hoje há uma troca maior de experiências, de conclusões, de hipóteses entre diferentes centros acadêmicos, porém não se pode negar essa dupla marginalidade. Nesse contexto, a pergunta sobre se estou intermediando da forma correta sempre está presente. Como pensar desde os países do Sul Global essas questões a partir de uma crítica de tradução feita principalmente em língua inglesa? Como abordar uma escritora que, embora seja uma mulher praticamente desconhecida fora do país de produção de suas obras, é de nacionalidade espanhola e parte do cânone branco hegemônico que invisibiliza a literatura e produção indígenas, por exemplo? Porém, ao mesmo tempo, também é indiscutível que ela soube interpretar o imaginário mestiço e arquivar essa cultura bilíngue de forma muito particular. Josefina não é a única voz feminina, nem representa todas as vozes femininas do Paraguai, mas é um

referente que merece ser conhecido para além das fronteiras do país vizinho, justamente porque ela cruzou essas fronteiras e levou seu trabalho para diversos países, e em vida conseguiu romper paradigmas e ganhar reconhecimento pela sua obra. Traduzir essa Josefina cosmopolita e feminista, arquivadora também da literatura, da arte e da intelectualidade produzida por mulheres paraguaias, é abrir uma nova perspectiva para os estudos de sua obra para além dos estereótipos de gênero que lhe foram atribuídos em vida e que prevalecem nas imagens divulgadas na atualidade: a velha dos gatos, a eterna viúva de Julián, a mãe solo que não quis casar novamente porque nunca deixou de amar seu falecido marido. Enfim, trazer uma outra faceta desta mulher que esteve sempre em trânsito, e que revolucionou muitos aspectos da arte e da literatura paraguaias, é importante para combater esse imaginário estereotipado que se configurou na cultura paraguaia e que, conforme mencionei na introdução, é perceptível mesmo no âmbito acadêmico. Mas, antes de chegar nessa abordagem, é necessário dialogar com o cânone acadêmico e falar das tradutoras canadenses, consideradas precursoras da tradução pensada pelo viés dos Estudos Feministas de Tradução.

A área de tradução feminista vem crescendo no Brasil, mas ainda assim são poucas as publicações canônicas que podem ser encontradas em português. A hegemonia da língua inglesa ainda prevalece nos campos de poder intelectual, ou seja, no âmbito de pós-graduação e produção científica em geral. Porém, já temos um número considerável de autoras que trabalham a temática no país, como é o caso de Claudia Lima Costa, Pamela Berton Costa, Laura Maia Amorin, Luciana Carvalho Fonseca, Elena Manzato, Beatriz Barboza, Camila Hespanhol, entre outras. Sendo assim, farei uma breve retomada da tradição dos Estudos de Tradução Feminista dialogando principalmente com autoras latino-americanas contemporâneas, porque, como afirmam Costa e Amorin:

É preciso dar voz à realidade (ainda subalterna) das feministas do Sul, aumentando não só o espaço de discussão feminista, mas também o espaço de trocas entre realidades não-hegemônicas, como é o caso da latino-americana. Vemos como primordial o ato de voltar o olhar para nosso próprio contexto, explicitando nossas similaridades e diferenças, crescendo juntas/os. Nesse espaço, a tradução tem papel fundamental para desenvolver essa compreensão (Costa e Amorin, 2019, p. 1234).

Desse modo, a menção a outras mulheres que “ainda que não se enquadrem na ideia contemporânea de feministas [...] já refletiam sobre a condição de subalternidade tanto do sexo feminino quanto da tradução, ou ainda que subvertiam textos machistas” (Costa e

Amorin, op. cit. p. 1231). É por isso que as autoras então mencionam a importância de tradutoras anteriores às canadenses como fundamentais para os Estudos de Tradução Feminista. Entre elas, estão figuras como a italiana Giuseppa Eleonora Barbapiccola, que aos vinte anos traduziu Descartes no século XVIII, introduzindo várias notas em sua tradução, além de difundir a obra do filósofo entre as mulheres de sua época. Por outro lado, Carmen de Burgos, no começo do século XX é mencionada como exemplo de tradução que subverte um original considerado machista. Ao invés de se negar a traduzir a obra do neurologista austríaco que afirmava a inferioridade intelectual da mulher, Burgos o traduz com uma série de notas críticas e um prefácio que contesta e discorda da tese do autor do original. Costa e Amorin também mencionam alguns exemplos de tradutoras no contexto brasileiro como Francisca Isidora Gonçalves da Rocha, tradutora de Lord Byron; Carolina von Koseritz, tradutora de Goethe e Dickens; e Josefina Álvares de Azevedo, quem traduziu a obra *A solidariedade feminina* de Eugene Potonié Pierre, mulheres que não subvertem o original como foi o objetivo das primeiras tradutoras feministas, mas que são muito importantes para a história da tradução no Brasil. Entre elas também está Nisia Floresta, quem traduziu *Woman not inferior to man*, publicada originalmente sob o pseudônimo Sophia, e que por muitos anos acreditou-se ser uma tradução livre de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, de Mary Wollstonecraft.

Maria-France Depeche, da Universidade de Brasília, analisa a tradução⁴² de Nisia como um marco importante das traduções feministas no século XIX, mas são Oliveira e Martins (2012) que discorrem sobre a questão da autoria do original e o engano que prevaleceu por mais de um século. A crítica brasileira faz todo um histórico da tradução ao longo dos séculos, partindo das ideias tradicionais de fidelidade e invisibilidade do tradutor demonstrando que essa ideia é relativamente moderna, embora estivessem sempre em disputa diferentes formas de ver a tradução. Ela traz exemplos já da Idade Média quando a tradução de sermões e epístolas foi feita a partir da ideia de agradar ao público no novo contexto. De acordo com a autora “os tradutores medievais [...] não falavam mais de tradução em termos de fidelidade; concebiam-na mais como campo de uma recriação de um novo original, um pouco à maneira dos palimpsestos” (Depechê, 2000, p. 162). Posteriormente,

⁴² Nesse caso a autora usa a expressão entre aspas porque a tradução foi feita a partir da versão em francês e não do original inglês, além de ser uma subversão deliberada na qual estão inseridos textos de outros autores, entre outras modificações.

de acordo com a pesquisadora, as literaturas nacionais emergem com o Renascimento e a noção de fidelidade passa a estar no centro das discussões sobre tradução:

é no Renascimento, com a emergência das literaturas nacionais, que a noção de fidelidade se encontra no coração das polêmicas sobre a tradução. As tentações e tentativas de sistematizar uma hierarquia textual colocando o original no pedestal e deixando seu 'segundo', como simples 'duplicata' submissa e fiel, foram bem sucedidas (Depechê, 2000, p. 162).

Ao propor uma retomada da história da tradução feminista, Laura Silva Dulci (2022) também retorna ao Renascimento para discorrer sobre mulheres tradutoras, lembrando que essa foi a tarefa à qual a mulher foi renegada na Europa Medieval e no Renascimento e que isso ainda esteve presente ao longo dos séculos XIX e XX. De acordo com a autora, a mulher, que não podia se assumir como escritora, só podia ser tradutora e isso era, ao mesmo tempo, uma libertação e uma prisão (voltamos às dualidades): libertação porque a mulher ao ser tradutora tinha acesso à literatura, que antes lhe era proibida; prisão porque não lhe era permitido criar, somente traduzir. Nesse sentido, Von Flotow (1997, p. 12) destaca que “a tradução já há algum tempo tem servido como figura de linguagem própria para descrever o que as mulheres fazendo quando entram na esfera pública: elas traduzem sua linguagem privada, suas formas de discurso femininos específicos e, se alguma forma, elas as desenvolveram a partir de um código patriarcal dominante resultado pela exclusão de gênero”. Ou seja, mediar-se e traduzir-se é uma característica presente na vivência da mulher, que sempre teve que sobreviver em espaços de poder patriarcal. Josefina Plá discorre sobre isso no texto “¿Una literatura femenina?” traduzido no quarto capítulo, no qual ela afirma que a mulher demorou para se expressar livremente porque estava moldada ao modelo de feminilidade imposta pelo homem, e escrever não era considerado feminino.

É também durante o Renascimento, de acordo com Depeche, que as dualidades entre original e tradução assumem metáforas patriarcais em detrimento da segunda: pai e filho, homem e mulher (demonstrando uma hierarquia do original sobre a tradução), entre outras. E também nessa época surge a metáfora mais citada e questionada nos estudos de tradução feminista: a *da belle infidèle*, do francês Ménage do século XVII, na qual toda mulher (tradução) fiel só pode ser feia, e somente uma tradução (mulher) infiel será bonita (boa tradução). No mesmo século surge a "Escola das Belas Infieis" como resposta a essas considerações misóginas, e então a “infidelidade deveria tornar-se o traço marcante de uma certa tradição francesa (na literatura e a tradução, tradição que se desenvolve no século

seguinte)” (Depeche, 2000, p. 165). Sobre isso, a autora afirma em relação a tradução de Nise Floresta, publicada no Brasil em 1832:

Longe de ser um caso isolado, as práticas literárias e de tradução perpetuaram a tradição das *Belles Infidèles*, opondo-se à literalidade proposta novamente no século XIX. Os adeptos “infiéis” não hesitavam a [...] modificar os títulos, a suprimir páginas inteiras, a interpor certas passagens, com o objetivo de agradar o leitor e de se conformar à sensibilidade dominante. E a jovem brasileira, admiradora das letras francesas, foi uma aluna brilhante da escola das *Belles Infidèles* (Depeche, 2000, p. 167).

De acordo com a pesquisadora, todas as estratégias de apropriação, adaptação e modificação do texto, ao estilo do plágio que estava de moda na sociedade francesa em que vivia Nise Floresta, unidos com a gosto pela novidade de público brasileiro, fizeram que sua tradução tivesse muito sucesso e que ela seja uma das primeiras defensoras dos direitos da mulher na América. Assim, “Vê-se assim como as ‘travessuras’ da tradutora brasileira abrem espaço para numerosas discussões sobre a tradução feminista dos anos 1970/90, à qual a ironia e a paródia são inerentes, o código irônico realizando-se em um texto multivalente, que subverte a oposição do verdadeiro e do falso” (Depeche, 2000, p. 169). Além disso, a consciência da tradutora como mediadora e os acréscimos voluntários feitos por Nise a colocariam, de acordo com a autora, entre as precursoras das estratégias feministas de tradução.

De acordo com Simon (2003) uma das intenções da tradução feminista é “desenterrar os negligenciados trabalhos intelectuais e literários das mulheres”. Costa e Amorin (2019) partem da noção de tradução como transformação para mostrar como o ato tradutório foi visto por mulheres ao longo dos anos, inclusive antes das tradutoras canadenses. Esse ato tradutório, visto pelas autoras como o resultado inerente da subjetividade da tradutora, é feito a partir de uma posição que demanda responsabilidade. De acordo com Simon (1996, p. 83) as intenções de uma tradução não podem ser entendidas de forma isolada de sua estrutura social, política e intelectual, sendo sempre um “ato relacional que estabelece conexões entre texto e cultura” então é importante se perguntar, assim como se pergunta Amorin (2014, p. 175): quais formas de transformação queremos imprimir na prática tradutória? Essas posições coincidem com a visão de tradução defendida por autores como Venuti (1995) e Penrod (1993) e Berman (1983), que, embora desde perspectivas distintas, valorizam a cultura e a mediação dialógica em suas concepções. No entanto, as motivações são diferentes, já que os estudos feministas de tradução surgem principalmente a partir das

tradutoras canadenses com um enfoque de gênero que pretende subverter a linguagem, muitas vezes “sequestrando”, apropriando-se do texto original. De acordo com Castro (2019, p. 25 e 26) “a tradução feminista canadense consiste em uma corrente de trabalho e pensamento que defende a incorporação de uma ideologia feminista à tradução por uma necessidade de articular novas vias de expressão para desmontar a carga patriarcal da língua na sociedade”. Nesse sentido, conforme podemos verificar com Dulci (2022), os estudos de Tradução Feminista acompanham os movimentos feministas e podemos observar em Castro (2019) uma análise dos estudos de tradução feminista de acordo com as gerações do movimento feminista. Ambas as autoras fazem um recorrido pela história da tradução feminista em paralelo com as vertentes do feminismo em cada época.

Em linhas gerais, tradicionalmente identificam-se três chamadas ondas do Movimento Feminista, sendo a primeira entre o final do século XIX e início do século XX, caracterizada pela luta pelo direito ao voto e pelo direito de trabalho; a segunda onda nas décadas de 1960 e 1970 advinda principalmente das ideias de Simone de Beauvoir e Betty Friedan; e o feminismo atual, ou pós-feminismo que pensa na diversidade a partir da decolonialidade e tenta contemplar as minorias e a diversidade de pensamentos. De acordo com Margaret Walters (2005), a palavra “feminismo” surge como uma conotação negativa, sem movimento organizado, reivindicando a igualdade intelectual da mulher em relação ao homem. Josefina Plá foi contemporânea de todo o processo do movimento feminista, mas faltaria estudos mais aprofundados para poder afirmar se é possível enquadrá-la, em algum momento, dentro de um dos movimentos, possivelmente prevaleça a ideia sugerida por Godoy (op. cit.) de que Josefina preferia ficar à margem de escolas, etiquetas e classificações, assumindo sempre uma postura crítica e pessoal tanto no plano ideológico, quanto no plano estético. Do mesmo contexto de Josefina é Serafina Dávalos (1883-1957), que inicialmente preferia chamar seus pensamentos que reivindicavam a igualdade de gênero de Humanismo, título de sua tese defendida em 1907, a qual inicia contestando veementemente as ideias de que a mulher é biologicamente inferior ao homem para realizar certos papéis e tarefas sociais.

Ainda de acordo com Walters (2005), é somente na segunda onda feminista que há uma intenção de unidade e movimento. É nesse período, segundo Castro (2019), quando também surgem as interações entre feminismo e tradução de forma consciente e organizada, a partir do momento no qual autoras e tradutoras do Quebec passam a refletir sobre as traduções do inglês para o francês. Sobre isso Depeche destaca:

Vale notar, aqui, que boa parte das tradutoras quebeco-canadenses dos últimos trinta anos são igualmente escritoras, romancistas e teóricas feministas da tradução. Assim, no Quebec, a tradução feminista surge paralelamente ao trabalho experimental das escritoras feministas, e este fenômeno é "[...] intimamente ligado a uma prática literária específica, num contexto ideológico-cultural específico, resultado de uma conjuntura social específica" (Depeche, 2000, p. 171).

De acordo com a pesquisadora, o surgimento da Escola Canadense de Tradução Feminista se dá em um contexto muito particular no qual as ideias feministas, já em uma segunda onda, penetram nas posições intelectuais. Castro (2017) destaca a influência dos estudos culturais: ao superar no nível teórico a discussão sobre fidelidade da tradução, a preocupação passa a ser o processo de tradução e suas questões identitárias e ideológicas. Ao unir essas reflexões, a Escola Canadense se configura como um grupo que, de forma inédita, se define como um grupo de tradutoras com ideologia feminista e, portanto, com métodos que evidenciam questionamentos sobre as línguas e sua hegemonia, e toma posição em relação à violência da linguagem ao assumir o poder da língua para estabelecer símbolos e imaginários patriarcais. Sendo assim, de acordo com Castro, a tradução feminista “consiste numa corrente de trabalho e pensamento que defende a incorporação da ideologia feminista à tradução pela necessidade de articular novas vias de expressão para dismantelar a carga patriarcal da linguagem e da sociedade” (Castro, 2017, p. 222). Em um primeiro momento, destacam-se tradutoras como Barbara Godard, Louise von Flotow, Marlene Wildeman, Sherry Simon e Susanne de Lotbiniere Harwood que, em linhas gerais, passam a pensar sobre os contextos e relações de poder que envolvem os textos originais e suas traduções, assumindo a interferência subjetiva e com consciência de gênero da tradutora. Um dos objetivos da Escola Canadense era subverter a linguagem considerada machista e denunciar o poder hegemônico (patriarcal) de alguns textos. De acordo com Von Flotow, no final dos anos 70 e inícios dos 80, as escritoras quebequenses produziram um trabalho altamente experimental e constituíram esforços para atacar, desconstruir, ou simplesmente evitar a linguagem convencional que percebiam como inerentemente misógina. A consequência disso é que a neutralidade e suposta fidelidade da tradução, que já vinha sendo questionada, são substituídas pela consciência da subjetividade e intencionalidade da tradutora: “se aceitarmos que o tradutor não é nem poderia ser um filtro transparente pelo qual o texto passa, mas é muito mais uma forte fonte de poder de energia criativa transnacional [...] em

termos de gênero o tradutor serve para aumentar a conscientização das complexidades textuais no papel tanto do escritor como do leitor” (Bassnett, 1992, p. 70).

Ao analisar a contribuição das tradutoras da Escola canadense de tradução, Olga Castro destaca que as estratégias subversivas foram também muito criticadas, principalmente por Arrojo (1995) que destacou as contradições do movimento. No entanto, a crítica mais relevante, de acordo com Castro, tem a ver com a passagem da segunda onda feminista para a terceira: a consciência de que os discursos feministas, também em tradução, falavam por uma minoria branca hegemônica e deixavam de fora outros grupos de mulheres, uniformizando e ignorando diferenças substanciais:

em todas as circunstâncias, acabam relacionando a tradução feminista com uma atitude essencialista baseada numa cultura feminina distintiva que apaga as diferenças entre as próprias mulheres, e com uma definição universal e estável das mulheres como grupo oprimido (Castro, 2017, p. 224).

Para superar essa barreira, a autora se propõe a revisar e organizar em áreas temáticas os estudos anteriores que propõem a interação entre tradução e feminismos, ademais de uma revisão das próprias áreas temáticas que são: o plano conceitual, o plano historiográfico, o plano crítico, e o plano prático. Assim, ela propõe um caminho em direção à terceira onda feminista, de reconhecimento da pluralidade e transnacionalidade dos discursos feministas. Nas palavras da autora:

para potencializar o debate e as inter-relações dos ET com outras disciplinas, devem-se ampliar os âmbitos de estudo que possam surgir da interação daqueles com os feminismos. Uma boa forma de fazê-lo, ao meu ver, é começar a compilar em áreas temáticas alguns dos trabalhos realizados no passado sobre outras confluências entre feminismos e tradução para possibilitar uma compreensão mais íntegra da interação, e convidar a retomar com ares renovados essas áreas de estudo que incluem, além de um revisado plano prático, o plano conceitual, o historiográfico e o crítico (Castro, 2017, p. 218).

A partir de agora seguiremos essa metodologia e veremos cada um dos planos de análise.

2.1 PLANO CONCEITUAL

No plano conceitual, há uma leitura com perspectiva de gênero das teorias e estudos de tradução, questionando as metáforas sexistas utilizadas ao longo da história. De acordo

com a autora, o plano conceitual se justifica porque é “importante examinar de uma perspectiva feminista os discursos teóricos sobre tradução, não somente por justiça social, mas pelo potencial desses discursos na formação de profissionais, através de sua leitura (submissa ou crítica) (Castro, 2009, p. 66, tradução minha)⁴³.

Como mencionado anteriormente, é nesse âmbito que algumas metáforas de tradução são questionadas, como a já mencionada *belle infidelle*, por serem baseadas em concepções misóginas de gênero. Muitas vezes, o original e a tradução foram comparados com marido e mulher, indicando noção de posse, submissão e inferioridade da tradução/mulher e até violência, conforme demonstra Olga Castro citando Chabernlain: “Drant, no prólogo de sua tradução de Horácio, justifica o “estupro” do original ao compara-la com a purificação que realiza um marido (o tradutor) ao preparar uma mulher cativa (o texto de Horácio) e penetra-la, sequestra-la, faze-la sua, converte-la em sua esposa” (Castro, 2009, p. 67, tradução minha).⁴⁴ De acordo com Chabernlain (1992), a inferioridade da mulher nas metáforas de tradução se dá pela visão que se tem do trabalho produtivo (a autoria) e do trabalho em oposição ao trabalho reprodutivo (a tradução), sendo este considerado passivo. Para Olga Castro e outras autoras (Godayol, 1998; Chamberlain, 1992), os Estudos de Tradução devem ter um olhar auto crítico que examine e proponha outras metáforas e discursos teóricos com uma perspectiva feminista, questionando a posição que foi dada à mulher e à tradução ao longo dos anos:

Pode-se propor uma nova retórica da tradução que desconstrua as hierarquias entre os sexos e os textos, e que substitua a linguagem clichê por uma terminologia capaz de transmitir o jogo ativo de identidades que confluem na tradução. Esta nova retórica, longe de apagar a marca de gênero, poderia mantê-lo estrategicamente para ressignificá-lo, liberando-o de sua carga opressora patriarcal (Castro, 2009, p. 68, tradução minha)⁴⁵.

⁴³ “los discursos teóricos sobre traducción, no únicamente por justicia social, sino por el potencial de estos discursos en la formación de profesionales, a través de su lectura (sumisa o crítica)”. Sobre os fragmentos citados de Castro, até o momento utilizei a tradução de 2017 feita por Beatriz Bezerra por se tratar não só de uma tradução para o português, facilitando para o leitor, mas também por ser uma versão atualizada pela própria autora. No entanto, para o estudo dos planos conceituais, o original de 2009 se mostrou mais produtivo por apresentar uma versão mais detalhada da análise de cada uma das áreas temáticas, não havendo equivalência das citações aqui destacadas de 2009 na tradução de 2017.

⁴⁴ Drant, en el prólogo a su traducción de Horacio, justifica la ‘violación’ del original al compararla con la purificación que lleva a cabo un marido (el traductor) para preparar a una mujer cautiva (el texto de Horacio) y penetrarla, secuestrarla, hacerla suya, convertirla en su esposa.

⁴⁵ Se puede proponer una nueva retórica de la traducción que desconstruya las jerarquías entre los sexos y los textos, y que sustituya el lenguaje cliché por una terminología capaz de transmitir el juego activo de identidades que confluyen en la traducción. Esta nueva retórica, lejos de borrar la marca de género, podría mantenerlo estratégicamente para resignificarlo, liberándolo de su carga opresora patriarcal.

Nesse sentido, os textos de Josefina Plá sobre poesia brasileira trazem uma contribuição importante aos estudos de tradução, pois possuem metáforas que apresentam uma outra perspectiva:

A tradução mais exata e fiel é também a assíntota do poema original, porque não há vocábulo e menos ainda um conceito ou imagem que possuam em dois idiomas a mesma carga ideomocional. Dom Quixote já afirmou em um momento de maior cordura: A melhor tradução é como o avesso de um pelo tapete. E isso é verdade tanto para a prosa quanto para o verso. Mas a prosa, naturalmente, suporta muito mais a operação⁴⁶ (Plá, 1952 *apud* Rodrigues, 2021, tradução minha).

Josefina Plá dialoga com a geometria para ilustrar sua perspectiva de tradução. O conceito de assíntota se refere a uma reta cuja curvatura tende infinitamente a alcançar um ponto x, mas nunca o alcança, demonstrando assim a impossibilidade de uma tradução que se pretenda equivalente ou fiel ao original. Por outro lado, a imagem das linhas do avesso de um tapete também possibilita pensar a semelhança, porém nunca equivalência, da tradução em relação a seu original, mas o avesso do tapete é também uma obra a se apreciar e que tem seu valor de forma autônoma, mesmo que atrelada ao outro lado (ao original). Essas metáforas já foram apresentadas anteriormente no artigo publicado na revista do Memorial da América-latina (Rodrigues, 2021).

Além da comparação com ideias da matemática, Josefina também traz uma metáfora da biologia, comparando a tradução com insetos:

A prosa – perdoe o leitor a comparação andante –, é como uma centopeia: por mais maltratado que fique sempre lhe sobram alguns pés para caminhar. Mas a poesia não. A poesia tem somente as duas asas habituais de todo inseto que voa e basta machucar uma para que não consiga se recompor. A poesia perde na transferência o melhor de sua essência. Os grandes poetas que traduziram grandes poetas sabem disso. Ninguém melhor que eles para saber o que significa traduzir⁴⁷ (Plá, 1952. *Apud* Rodrigues, 2021, tradução minha).

⁴⁶ La traducción más exacta y fiel es a la vez la asíntota del poema original, porque no hay vocablo y menos aún concepto o imagen que posean en dos idiomas la misma carga ideomocional. Ya lo dijo D. Quijote en un momento de lo más cuerdo: La mejor traducción es como el revés de una bella alfombra. Eso es verdad para la prosa como para el verso. Pero la prosa, naturalmente, soporta mucho más la operación.

⁴⁷ La prosa —perdone el lector la comparación pedestre—, es como el ciempiés: por maltrecho que quede siempre le restan algunos pies para caminar. Pero la poesía no. La poesía tiene solamente las dos alas habituales de todo bicho que vuela y basta lastimarse una para que no pueda remontarse. La poesía pierde en el trasvasamiento lo mejor de su esencia. Lo saben los grandes poetas que han traducido grandes poetas. Nadie mejor que ellos para saber lo que traducir significa.

Ao ter muitas pernas, uma centopeia continuará caminhando mesmo com a ausência de algumas de suas patinhas, já os insetos voadores como a borboleta deixam de voar (e morrem) se têm sua asa danificada. Nesse sentido, a prosa é a centopeia, mais fácil de traduzir, de adaptar sem grandes perdas, mesmo que não seja possível traduzir em sua totalidade. E a poesia é a borboleta, difícil de traduzir, fácil de acabar transformada em um inseto morto, e deveria, de acordo com Josefina, ser traduzida por poetas liricamente próximos, cuja obra autoral tenha afinidade com a obra a ser traduzida, para reduzir esse risco. Desse modo, é relevante verificar que Josefina, em seus ensaios sobre literatura brasileira, escolheu traduzir Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, enquanto preferiu usar traduções já disponíveis de outros poetas brasileiros. Seriam esses seus poetas liricamente próximos? Em outras de suas traduções há textos metatextuais que podem iluminar nossa visão sobre o pensamento tradutório de Josefina Plá? Certamente pensar Josefina como tradutora é uma linha de pesquisa que merece ser mais explorada, a qual pretendo abordar em pesquisas futuras a partir da verificação da existência de traduções dela na revista *Alcor*, conforme mencionado por Ángeles Mateo del Pino e citado no primeiro capítulo.

2.2 O PLANO HISTORIOGRÁFICO

O segundo plano a ser analisado por Olga Castro, visa a importância de resgatar a história das mulheres na tradução. Por muito tempo a mulher não pode se assumir como autora e teve que recorrer a pseudônimos para conseguir sua publicação, ou então se resignar a ficar somente no âmbito da tradução, considerado menos importante. Já havia mencionado anteriormente que a tradução era vista como uma atividade feminina enquanto a autoria era atividade exclusiva dos homens. Essas tradutoras, de acordo com Castro, devem ter produzido um importante material metatextual, de cartas, notas, prefácios, etc., que se fossem recuperados dariam uma nova perspectiva para os estudos de tradução (possivelmente sem metáforas falocêntricas):

Em qualquer caso, essas tradutoras/autoras se fizeram visíveis em prefácios, dedicatórias, notas de pé de página, correspondências privadas, etc., onde refletiram sobre o ato de traduzir e sobre as limitações que condicionavam sua prática. No entanto, esses metatextos se perderam e foram silenciados, de forma que a concepção que a metade da humanidade

tinha sobre o ato de traduzir fica excluída da história da tradução (Castro, 2009, p. 71, tradução minha)⁴⁸.

Sabe-se que Josefina Plá traduziu algumas obras, além dos poemas brasileiros presentes em seus ensaios sobre literatura publicados na década de 1950, de acordo com Ángeles Mateo del Pino, Josefina foi também uma profícua tradutora que não só traduziu peças de teatro para seus alunos da escola de arte cênica, mas também se dedica a difusão escrita e radiofônica de outras obras originalmente escritas em inglês, francês, italiano e português. Alguns dos títulos traduzidos por Plá mencionados por Mateo del Pino são: *La matrona de Efeso* (Paul Morand), *La patente e El otro hijo* (Pirandello), *Los cubiertos* (Sacha Guitry), *El anillo del general Macías* (Josefina Niggli) e *La garra del mono* (L. A. Parker). Além dessas obras, Del Pino destaca a importância das antologias e traduções feitas por Josefina:

Cabe destacar as antologias e traduções que ela realiza. Em 1985 prepara a edição bilíngue da lírica de Renée Checa, *Estelas (Sillages)*, editada em Assunção. No ano seguinte se publica a primeira antologia poética de Nathalie Bruel, *Chispas (Etincelles)*. O estudo preliminar, a seleção e a tradução para o francês do poemário de Ezequiel Gonzáles Alsina (Gaston Chevalier Paris), *Bois dormant [...]* A isso se somam suas traduções de relatos e poemas escritos em inglês, francês e português para diversas editoras argentinas, assim como para a imprensa local (Mateo del Pino, 1994, p. 82, tradução minha)⁴⁹.

Recuperar essas traduções e seus respectivos paratextos poderia trazer uma perspectiva importante para o estudo da tradução, não só pela possibilidade de outras considerações sobre o ato tradutório, mas também para refletir e contextualizar historicamente uma das facetas pouco conhecida de Josefina. Uma faceta que mostra que sua tarefa de arquivista e divulgadora cultural mencionada por Cota (2018) e Rodrigues (2018) não foi somente em relação a registrar e manter aspectos da cultura paraguaia no contexto local, mas também com o objetivo de possibilitar que o público paraguaio conheça obras de outros países, além de levar a literatura paraguaia para além das fronteiras nacionais.

⁴⁸ En cualquier caso, estas traductoras/autoras se hicieron visibles en prefacios, dedicatorias, notas a pie de página, correspondencias privadas, etc., donde reflexionaban sobre el acto de traducir y sobre las limitaciones que condicionaban su práctica. Sin embargo, estos metatextos se han perdido y silenciado, de forma que la concepción que la mitad de la humanidad tenía sobre el acto de traducir queda excluida de la historia de la traducción.

⁴⁹ Cabe destacar las antologias y traducciones que realiza. En 1985 prepara la edición bilingüe de la lírica de Renée Checa, *Estelas (Sillages)*, editada en Asunción. Al año siguiente se publica una antología poética de Nathalie Bruel, *Chispas (Etincelles)*. El estudio preliminar, selección y traducción al francés del poemario de Ezequiel Gonzáles Alsina (Gaston Chevalier Paris), *Bois dormant [...]* A esto se suman sus traducciones de relatos y poemas escritos en inglés, francés y portugués para diversas editoriales argentinas, así como para la prensa local.

Outro aspecto da perspectiva historiográfica, que é a principal perspectiva adotada para esta pesquisa, é a de recuperar autoras ignoradas. Conforme menciona Castro, muitas boas obras de mulheres ficaram esquecidas pela formação patriarcal do cânone, inclusive Ríos y Palacios (2006) ao analisar as traduções do irlandês para o galego no começo do século XX, observam que algumas obras muito relevantes escritas por mulheres não foram traduzidas, e elas acreditam que possivelmente essas obras teriam sido traduzidas se fossem homens. Se pensarmos no contexto da literatura paraguaia é um tanto curioso que se conheça tão pouco a figura de Josefina Plá fora do país. A descoberta da autora na Espanha, seu país de origem, o que talvez fosse algo esperado devido ao pensamento de reivindicação de figuras nacionais, só se deu na década de 1980, e em outros países ela é praticamente uma desconhecida. Porém, ela é a principal figura da modernidade paraguaia, sendo lembrada por Roa Bastos, o nome paraguaio que mais alcançou o cânone internacional, como sua mestra e tutora. Muito antes de Roa ganhar o prêmio Cervantes, no período em que se dedicou ao movimento *poesía nueva*, ele já afirmava que Josefina Plá é o “vértice poético mais alto e mais intenso do Paraguai” e que deve a ela o acesso à “convicção do novo, do moderno”, e que possuirá uma dívida eterna com ela porque dela aprendeu “Com o exemplo de sua obra literária, esse gênero de humildade que vai gerando, em lenta e progressiva iniciação, um desejo cuidadoso de sinceridade” (Roa Bastos, 1943, p. 258, tradução minha)⁵⁰. Fica a pergunta: como é possível que se conheçam figuras masculinas menos importantes como Mario Halley Moura e Rubén Barreiro Saguier e não se conheça Josefina Plá, que é parte muito mais importante do cânone? Uma das possibilidades é em relação ao contexto sócio-histórico e geográfico, para além da cultura patriarcal. Autores como Rubén Barreiro Saguier foram exilados e tiveram acesso a mercados editoriais muito mais importantes, já Halley Moura tinha ideias afins ao politicamente estabelecido durante o período ditatorial e por isso deve ter tido mais oportunidades de divulgação de sua obra. Além disso, para alguém da questão transnacional, no âmbito paraguaio, conforme já mencionei anteriormente, prevalece uma visão patriarcal da autora que, ao invés de analisar a relevância de sua obra, muitas vezes destaca elementos irrelevantes de sua vida como a quantidade de gatos que tinha, ou se teve ou não teve novos relacionamentos depois que Julián faleceu. Uma perspectiva feminista é fundamental para resgatar outros âmbitos de sua produção, não só no âmbito de sua atividade como tradutora, porque isso é necessário para

⁵⁰ con el ejemplo de su obra literaria, ese género de humildad que va engendrando, en lenta y progresiva iniciación, una acuciosa apetencia de sinceridad.

combater os estereótipos que se formaram ao redor de sua figura. Em palavras de Olga Castro:

Os ET tem nesse aspecto um trabalho primordial para desenvolver, interrogando o que se traduz, quem decide o que se traduz, e baseado em que critério se realizam essas escolhas como primeiro passo para pôr fim a essa atitude discriminatória. Desde a tradução se pode também contribuir para transformar o cânone literário contemporâneo, optando abertamente por uma recuperação dos trabalhos dessas autoras silenciadas, o que por sua vez enriqueceria grandemente o campo da tradução (Castro, 2009, p. 72, tradução minha)⁵¹.

É importante destacar, concordando com a autora, que não se trata de visibilizar obras de mulheres pelo simples fato de ser mulheres, mas de dar o devido lugar a obras escritas por mulheres que são relevantes e que deixaram de formar parte do cânone por critérios patriarcais. Nesse aspecto, é interessante dialogar com noção de arquivo, já que os responsáveis pela divulgação e conservação de acervos, os arcontes, conforme Derrida (1995), sempre foram homens. Mudar essa característica permite estabelecer novas formas de interpretação de novos arquivos ou dos arquivos já existentes. Nesse sentido, a arquivista sempre será também tradutora, porque reinterpreta, contextualiza, torna compreensível textos de outras épocas em sua própria cultura e língua ou na mediação para outras línguas. Josefina Plá, com sua obra plástica, por exemplo, ao pesquisar e plasmar em cerâmica e gravura o imaginário visual *payagué*, etnia que já estava extinta quando ela chegou ao Paraguai, age como arquivista e tradutora, dando um lugar na história da arte do país para esse imaginário que já havia desaparecido. Essa mesma atitude, com perspectiva de gênero, ajuda a resgatar também a obra de mulheres. A importância que se dá hoje a Serafina Dávalos no Paraguai, reivindicada como primeira feminista e advogada do país, é a partir dessa perspectiva de gênero na historiografia.

Marina Leivas Waquil define tradução “enquanto ato de comunicação que possibilita tirar do silêncio, do isolamento, mulheres ainda ignoradas pelo cânone literário” (Waquil, 2021, p. 3). Em seu artigo, a autora faz um percurso histórico da crítica feminista de tradução para posteriormente dar visibilidade à vida e obra de Alfonsina Storni, destacando três atividades principais das tradutoras feministas: 1. Denunciar a grande quantidade de obras

⁵¹ Los ET tienen en este aspecto una labor primordial que desarrollar, interrogando qué se traduce, quién decide lo que se traduce, y en base a qué criterio se realizan estas elecciones como primer paso para poner fin a esta actitud discriminatoria. Desde la traducción se puede también contribuir a transformar el canon literario contemporáneo, optando abiertamente por una recuperación de los trabajos de estas autoras silenciadas, lo que a su vez enriquecería sumamente el campo de la traducción.

escritas por mulheres até então perdidas e resgatá-las; 2. Questionar e revelar distorções em traduções de livros feministas; e 3. Oferecer alternativas para mudar a representação das mulheres a partir das estratégias de tradução. Através desses objetivos, a tradução, para a autora, passa a ser um modo de expressão e difusão da pluralidade de ideologias femininas existentes. E ainda enfatiza, citando Araújo:

A tradução é fundamental na construção e circulação de pensamentos e epistemologias feministas, antirracistas e decoloniais em um mundo no qual prevalece, nos mais diversos campos do conhecimento, uma hegemonia branco-europeia, patriarcal, cisgênera e (neo)colonialista (Araújo, 2019, *apud* Waquil, 2021, p. 7).

Sendo assim, a opção por uma tradução feminista é uma opção política e ideológica que, em palavras de Elena Bassile (2008) serve como ferramenta para possibilitar a cicatrização, a cura, de feridas linguísticas causadas historicamente por discursos que criam relações de poder e exclusão. Considero o desconhecimento da obra de Josefina Plá no âmbito internacional como uma das feridas discursivas que deve ser curada, é uma mulher de grande relevância não só para a intelectualidade hispânica, mas também para as relações literárias, artísticas, culturais em geral, do século XX, já que ela circulou entre várias textualidades e contextos geográficos e linguísticos, produzindo diálogos através de sua obra criativa e crítica. Talvez Josefina seja a primeira “arconte” feminina do Paraguai, a primeira mulher com o poder reconhecido socialmente para classificar e estabelecer valores na cultura do país.

Segundo o raciocínio a partir dos planos de análise da tradução feminista propostos por Castro, a ideia de ferida a ser cicatrizada pode ser retomada também para pensar em seu terceiro plano de análise, o qual propõe analisar criticamente traduções já feitas, principalmente por homens, com o objetivo de evidenciar, quando possível, o silenciamento das ideias originais das autoras. Que perdas (feridas) poderiam ter sido produzidas em uma tradução que não tem perspectiva de gênero? Vejamos então o próximo plano de análise.

2.3 PLANO CRÍTICO

Esta perspectiva pode ser chamada de metacrítica da tradução. Ou seja, propõe, entre outras possibilidades, uma revisão das traduções já feitas a partir da perspectiva de gênero. De acordo com Castro, ao longo dos anos muitas mulheres foram traduzidas porque a importância de sua obra se impôs mesmo em ambientes machistas. Porém, muitas vezes

essas traduções foram feitas sem consciência de gênero, desvirtuando ou não transmitindo a ideologia que a autora do original se propunha. Esse é o caso das chamadas falotraduções, feitas por falotradutores: “Estes falotradutores desvirtuam o original, incorporando-o à ideologia dominante através de uma tradução patriarcal (Castro, 2009, p. 73, tradução minha)”⁵². Como exemplo, a autora cita o caso da primeira tradução de Simone Beauvoir para o inglês, feita pelo zoólogo Howard Parshley. Sobre esta obra Castro afirma:

A partir de trabalhos críticos sobre esta tradução (cf. Simons 2001; Moi 2004; Castro 2008) pode-se comprovar como o tradutor eliminou unas sessenta páginas, omitindo fatos “incômodos” (longas seções sobre as conquistas das mulheres na história, grandes feitos de mulheres que desafiaram os estereótipos de gênero, tabus sobre relações lésbicas, descrições do árduo do trabalho das donas de casa, etc.). Entre as consequências tão sérias deste comportamento, se destaca a definição de Beauvoir por parte da recepção anglófona como uma filósofa inconexa e intelectualmente imatura, e acima de tudo o cruzamento de acusações entre as feministas francófonas e as anglófonas por interpretarem diferentes postulados a partir do mesmo texto que, na verdade, chegava a sustentar teses díspares (Castro, 2009, p. 74, tradução minha)⁵³.

Assim, um dos trabalhos das tradutoras feministas é criticar e revisar essas traduções reestabelecendo seu contexto e transmitindo a ideologia feminista, muitas vezes minimizada pela tradução falocêntrica, em novas traduções. Lembrando que esse tipo de tradução não é passível de ser feita somente em obras escritas por mulheres. No Paraguai, com o grande investimento que há da iniciativa privada de traduzir a obra *O inverno de Gunter* de Juan Manuel Marcos, e de reunir os tradutores em simpósios temáticos para discutir seus critérios, o debate crítico e ideológico sobre tradução sempre foi fervoroso. Enquanto eu me coloquei como mediadora de duas culturas, e utilizei a metáfora da ponte da amizade para estabelecer uma postura de dar visibilidade à história e à memória paraguaia, mantendo o bilinguismo e explicitando as referências históricas (e portanto me colocando no texto de forma explícita), principalmente em relação à Guerra da Tríplice Aliança, que considero uma dívida que o

⁵² Estos falotraductores desvirtúan el original, incorporándolo a la ideología dominante a través de una traducción patriarcal.

⁵³ A partir de trabajos críticos sobre esta traducción (cf. Simons 2001; Moi 2004; Castro 2008) se puede comprobar cómo el traductor suprimió cerca del quince por ciento del original francés en el primer volumen, y en el segundo eliminó unas sesenta páginas, omitiendo hechos ‘incómodos’ (largas secciones sobre los logros de las mujeres en la historia, hazañas de mujeres que desafiaron los estereotipos de género, tabúes sobre relaciones lesbianas, descripciones del arduo trabajo de las amas de casa, etc.). Entre las consecuencias tan serias de este comportamiento, destaca la definición de Beauvoir por parte de la audiencia anglófona como una filósofa inconexa e intelectualmente inmadura, y sobre todo el cruce de acusaciones entre las feministas francófonas y anglófonas por interpretar diferentes postulados a partir de un mismo texto que, en realidad, llegaba a sostener tesis díspares.

Brasil tem com o país vizinho, outros tradutores preferiram eliminar qualquer possibilidade de estranhamento excluindo fragmentos em outras línguas, o que fez com que a obra, que originalmente é polissêmica e multilinguística, virasse um texto monolíngue que não dialoga com a cultura indígena, parte fundamental da constituição identitária de um país bilíngue e multicultural como o Paraguai. Nesse exemplo, a questão não é diretamente relacionada a gênero, mas caracteriza o apagamento de uma minoria e a manutenção de uma cultura hegemônica que não está disposta a dar voz às línguas indígenas, sendo assim, também uma questão ideológica que mantém o status quo.

Por outro lado, também há de se tomar cuidado com falsas interpretações de gênero que pretendem desvirtuar a história em prol de uma leitura forçadamente feminista. O caso do filme sobre a vida de Marie Curie, estrelado em 2020, é um bom exemplo. No filme – que, embora seja uma obra ficcional, tem cunho biográfico e, portanto, deveria se atender a fatos da vida da biografada – o esposo Pierre Curie, também ganhador do Prêmio Nobel de física, recebe o prêmio sozinho enquanto a esposa fica em seu lar lamentando não poder ir por ter de se ocupar de afazeres domésticos e da filha, algo que de acordo com Peiró (2021) não condiz com a realidade, já que nenhum dos dois foi pessoalmente receber o prêmio por questões pessoais. Do mesmo modo, há alguns anos no Paraguai publicaram um artigo no jornal Última Hora que reivindica Josefina Plá como a primeira feminista do país, uma leitura que acaba invisibilizando as contribuições de Serafina Dávalos e outras feministas paraguaias, além de colocar o processo das ideias feministas no Paraguai em um tempo posterior ao que de fato corresponde, já que essas ideias são anteriores a Josefina Plá. Explico: Serafina Dávalos, embora contemporânea a Josefina, publica seu trabalho acadêmico precursor do feminismo antes da chegada de Josefina ao país.

Ainda assim, de acordo com Olga Castro, a revisão das paratraduções também é importante nessa perspectiva. Paratraduções são as introduções, notas de rodapé, as capas, e outros elementos textuais (verbais e não verbais) que acompanham a publicação de uma tradução: “Uma perspectiva feminista põe de manifesto como de maneira nada ingênua se alteram (talvez tergiversam) os paratextos feministas do original, sobre os quais as autoras si tiveram mais poder de decisão” (Castro, 2009, p. 76, tradução minha)⁵⁴. Muitas vezes a decisão de alguns paratextos, como texto de orelha e capa do livro, são decisões editoriais que não dependem das autoras ou tradutoras, mas, mesmo nesses casos, essa decisão

⁵⁴ una perspectiva feminista pone de manifesto cómo de manera nada ingenua se alteran (quizás tergiversan) los paratextos feministas del original, sobre los que las autoras sí tuvieron más poder de decisión.

corresponde a uma expectativa de interpretação e de público na cultura da língua original que deve ser pensada também na cultura da nova edição traduzida. Nesse aspecto, ainda não temos traduções de Josefina Plá que possamos comparar como Olga faz em relação a algumas publicações de literatura galega em italiano e francês, razão pela qual passo para a quarta perspectiva de análise.

2.4 PLANO PRÁTICO: FEMINISMOS PLURAIS

O que Castro chama de plano prático está diretamente relacionado a sua proposta de considerar que os estudos de tradução feminista chegaram à terceira onda, ou, em outras palavras, que se despertou a consciência sobre a pluralidade, multiplicidade e diversidade de vozes. Nesse contexto, o Estudo de tradução feminista atual:

Abandona as afirmações globais sobre os usos sistemáticos da linguagem para se concentrar na análise pontual e específica de cada enunciado (pois existem diferentes posições leitoras em cada contexto); evita as análises isoladas que podem gerar generalizações universais sobre homens e mulheres, para realizar análises sempre contextualizadas que permitam entender com rigor como se estabelecem os limites de sua significação; e se recusa a considerar exclusivamente as categorias homem e mulher, para concebe-las junto a outras variáveis (idade, raça, classe, etc.) com as que sempre interagem (Castro, 2009, p. 78, tradução minha)⁵⁵.

A proposta a partir dessa consciência é a de abordar a escrita de homens e mulheres de forma pontual, contextualizada e considerando as várias possibilidades de manifestação do discurso de gênero com outras variáveis possíveis (gênero, raça, classe, entre outras). Olga também relata a problemática da paratradução, na qual a tradutora e a revisora da tradução podem não concordar, gerando discussões que podem terminar no detrimento das opções da tradutora⁵⁶. No entanto, em linhas gerais, essa situação ideal de ter uma revisora para a tradução é bem rara no nosso contexto. No geral, para economizar recursos, a tradutora

⁵⁵ Abandona las afirmaciones globales sobre usos sistemáticos del lenguaje para centrarse en el análisis puntual y específico de cada enunciado (pues existen diferentes posiciones lectoras en cada contexto); evita los análisis aislados que pueden dar lugar a generalizaciones universales sobre hombres y mujeres, para realizar análisis siempre contextualizados que permitan entender con rigor cómo se establecen los límites de significación; y rechaza considerar las categorías hombre y mujer en exclusiva, para concebirlas junto a otras variables (edad, raza, clase, etc.) con las que siempre interactúan.

⁵⁶ A primeira edição da minha tradução de *O inverno* de Gunter (2011), por exemplo, publicada pela 7Letras, do Rio de Janeiro, teve todas as suas notas eliminadas pela editora, que considerou que notas são negativas porque aborrecem o leitor, e que o tradutor deve permanecer invisível. Consegui negociar que aparecessem as notas que traduziam o guarani. Foi somente na edição curitibana, de 2021, pela InVerso, que a tradução foi publicada como concebida inicialmente, com todas as suas notas de tradução.

acaba fazendo sua própria revisão e somente é feita revisão gramatical, e são raras as vezes em que se tem uma revisão em comparação com o original. Essa realidade demonstra também que Castro fala de um outro contexto, o do Norte global, a partir de experiência de tradução de língua hegemônica ou para língua hegemônica (o inglês).

Contudo, a autora é consciente dessa variante e discorre melhor sobre isso em artigo posterior, em parceria com a argentina María Laura Spoturno, no qual preferem falar de Estudos Feministas Transnacionais de tradução (EFTT) e optam pela publicação originalmente em espanhol para sair do eixo dominante⁵⁷. A argumentação das autoras permeia a transformação das distintas ideias feministas construídas ao longo dos anos através do diálogo em diferentes contextos discursivos, geopolíticos e socioculturais para chegar à conclusão de que não há uma definição única de tradução feminista nem uma única prática que possa englobar nesse conceito. Sendo assim, de acordo com as autoras:

Definimos os EFT como a transdisciplina que aborda o estudo daquelas intervenções sociais e discursivas que buscam contribuir, tanto através da prática efetiva da tradução, quanto da reflexão sobre essa prática, para a justiça social global, o fim das hierarquias (incluindo as existentes entre mulheres) em nosso mundo globalizado e neoliberal, assim como a erradicação da discriminação de gênero, entendida ineludivelmente em chave interseccional. Em diálogo com os feminismos transnacionais, os EFTT se comprometem com uma perspectiva crítica, ética e solidária sobre a tradução como ato de mediação presente nos encontros transfronteiriços plurilíngues que vinculam todas as pessoas em centros hegemônicos e não hegemônicos. Reafirmamos assim a convicção de que, ao traduzir, refletir sobre a tradução ou ensinar seus aspectos práticos e teóricos, deve-se adotar uma posição política consciente, a fim de que a tradução não responda a valores que perpetuam as assimetrias, mas que possa socavá-las, promovendo a possibilidade de que todas as vozes sejam ouvidas, independentemente do espaço a partir do qual falem (Castro e Sportuno, 2022, p. 27).

Assim, a tradução é um grande desafio porque exige que a tradutora esteja disposta e seja conhecedora de múltiplos contextos, nos quais deve estar atenta a múltiplas vozes e discursos sobre os quais terá de tomar uma posição ideológica consciente de seu papel de mediadora de culturas. Além do mais, “torna-se imperativo intervir nas hierarquias de poder baseadas na localização e na direcionalidade dos fluxos epistemológicos que, ainda no presente, privilegiam o tráfego de conhecimento em um sentido único, o imposto pelo imperialismo cultural dominante” (Castro e Sportuno, 2022, p. 10). Assim, uma das urgências

⁵⁷ Aqui preferi optar pela tradução de Maria Barbara Florez Valdez e Beatriz Regina Guimarães Barboza, publicada recentemente, em 2022.

mencionadas pelas autoras é a de propor diálogos “Sul-Sul”, nos quais as discursividades que geralmente não formam parte da cultura dominante entrem em relação em um movimento decolonial. Conforme Fonseca, Silva e Silva-Reis:

Desenvolvidas na luta contra as relações de subalternidade para questionar e desafiar a razão única moderna e o poder colonial ainda presente na América Latina, as pedagogias decoloniais se esforçam em transgredir, deslocar e incidir na negação ontológico-existencial, propondo uma reinvenção da sociedade. O decolonial denota, portanto, um caminho contínuo de luta, no qual se pode identificar, visibilizar e alentar lugares de exterioridade e construções alternativas. (Fonseca, Silva e Silva-Reis, 2020, p. 211).

Partindo dessa perspectiva, as autoras brasileiras fazem alguns “Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina” a partir da ideia de experiência de Joan Scott. Considerando três momentos históricos das vivências latino-americanas: colonização, cristianismo e autoritarismo, elas fazem uma recuperação histórica da mulher na prática de tradução, mas não sem lembrar que “qualquer tentativa generalizante ou monolítica dessas experiências está fadada à incompletude, pois não há ‘uma’ mulher latino-americana em uma geografia com 626 milhões de habitantes em um território de 19.2 mil” (Fonseca, Silva e Silva-Reis, 2020, p. 112). Do período colonial, as autoras trazem a experiência de tradução de Malinche no México e também de outras mulheres, desconhecidas, da região das missões jesuíticas, evidenciadas a partir da obra de Ana Rona, que analisa as políticas linguísticas do Paraguai no período. Não há uma grande documentação, mas a presença da mulher como tradutora e intérprete entre os povos originários e os colonizadores está em alguns registros e, sem dúvida, foi fundamental para os rumos que foram tomados.

Em relação ao cristianismo, que sem dúvida é uma experiência que ainda permeia a cultura latino-americana em maior ou menor medida de acordo às localidades analisadas, as autoras trazem a visão de submissão e castidade trazida pelo culto à virgem Maria, o marianismo, em oposição à análise que Tatiana Santos faz do espelho de Oxum, o abebé, considerado símbolo de autoconhecimento (empoderamento) e a partir da qual a noção de tradução é ressignificada: “Traduzir é mirar para dentro das mulheres latino-americanas, para as mulheres latino-americanas; é conhecer e dar a conhecer as mulheres latino-americanas. E quando cada mulher segura seu abebé e se reflete no abebé da outra, as imagens refletidas e possibilidades de conhecimentos são infinitas” (Fonseca, Silva e Silva-Reis, 2020, p. 118). Entre as mulheres que subvertem o marianismo, elas destacam alguns

nomes, entre eles o da argentina Juana Manso que, entre vários exílios e deslocamentos latino-americanos no século XIX, publica conteúdo feminista, além de um romance sobre o Brasil na Argentina e um romance sobre a Argentina no Brasil, o que, segundo as autoras, é uma postura decolonial de mediar e traduzir ambas as realidades nos respectivos contextos, possibilitando um diálogo entre os países. O terceiro recorte feito pelas autoras, o do autoritarismo, equivale aos períodos de ditadura do século XX, principalmente entre os anos 1960 e 1980. Para esse contexto elas entrevistam a tradutora, escritora, jornalista e crítica literária uruguaia Ida Vitale que teve de se exiliar no México devido ao golpe militar de 1973. Assim como no contexto brasileiro – analisado pelas autoras através da experiência de Heleieth Saffioti – Ida relata a ausência de traduções e a dificuldade de encontrar livros interessantes para ler, ao mesmo tempo a falta de diálogo com o Brasil: “Vitale menciona ainda que as edições e traduções que se encontravam no Uruguai eram feitas na Argentina e no México, o que sinaliza o “isolamento” do Brasil em matéria de circulação de textos traduzidos na região. Entretanto, findo o regime militar, houve um incremento das traduções disponíveis com a abertura democrática” (Fonseca, Silva e Silva-Reis, 2020, p. 220). Além dessas colaborações do sul, o artigo menciona a importante gestão de Haydee Santamaria em Cuba ao ser fundadora, orientadora e primeira diretora da Casa de las Américas, articulando uma série de medidas anti-imperialistas e de valorização da produção cultural latino-americana, incluindo o importante programa de recuperação de mulheres criado por Santamaria e departamentos de estudos latino-americanos, em 1994. Além disso, conforme mencionam as autoras:

é importante destacar tanto a participação da Casa de las Américas na publicação de traduções, em especial do francês e do português para o espanhol, o que possibilitou um trânsito literário latino-americano no espaço caribenho, quanto o Prêmio Casa de las Américas, que reúne um heterogêneo e multilíngue grupo de jurados e de obras analisadas que, em idiomas diferentes, vão contando a história da literatura e da cultura na América Latina (Fonseca, Silva e Silva-Reis, 2020, p. 222).

Anterior a esses momentos, mas também fazendo parte de um contexto de autoritarismo, é a colaboração de Josefina Plá para o jornal *La Tribuna* como mediadora e tradutora do Brasil no Paraguai. Desde sua perspectiva, ela também destaca a falta de diálogo entre Paraguai e Brasil, comentando que se conhecem autores menos importantes de outros países ao mesmo tempo em que grandes nomes da literatura brasileira são desconhecidos:

Desse imenso volume lírico, não somente em suas dimensões materiais, mas também em valores humanos e estéticos, só uma parte relativamente

pequena é conhecida no exterior. Vamos pegar como exemplo o Paraguai. Fora o ensaio de aproximação que com suas traduções, tão boas, o dedicado poeta Alejandro Guanes fez de Olavo Bilac, o que foi feito nos últimos trinta anos para se aproximar desse grande fato transcendental que é a poesia brasileira? Estou inclusive a ponto de dizer que são mais conhecidas personalidades poéticas de segunda ou terceira categoria de outros países que as figuras de primeira linha do Brasil (Plá, 1952, *apud* Rodrigues, 2018, p. 146, tradução minha)⁵⁸.

Diz-se também que Josefina Plá fazia adaptações culturais, com diálogos em *jopará* e com expressões populares, das peças teatrais estrangeiras que lia no rádio, um tema de pesquisa sem dúvida profícuo para investigações futuras, já que há muito a se fazer na recuperação de seu trabalho como mediadora e tradutora, além de pesquisas na área de tradução e divulgação de seus contos, poemas e outros textos, e na recuperação de suas colaborações em outros periódicos, muitas ainda desconhecidas. Por ora, é importante pensar com Fonseca, Silva e Silva -Reis que

Em termos tradutórios, é a consciência sobre a identidade das mulheres latino-americanas que orienta os modos de tradução, o agenciamento ativista, crítico, protagonizador e analítico tanto do ato de traduzir quanto da reflexão sobre tradução. Possivelmente, poderíamos dizer que a “proximidade cultural” dos países na América Latina pode trazer benefícios para o entendimento e as correspondências culturais, linguísticas e discursivas entre traduções realizadas nas línguas latino-americanas (Silva-Reis, 2018), incluindo as línguas dos povos originários. Os benefícios da proximidade cultural são nítidos quando comparados à tradução realizada a partir de culturas e línguas muito distantes da zona geográfica Centro-Sul do continente americano (Fonseca, Silva e Silva-Reis, 2020, p. 221).

A partir dessas reflexões, é momento de segurarmos nosso abebé e olhar para a literatura paraguaia a partir da obra de Josefina Plá, para assim refletirmos, em duplo sentido, nossas perspectivas, e sobre nossas perspectivas, da literatura latino-americana e de nós mesmas. Desse modo, no próximo capítulo veremos algumas considerações sobre a presença da mulher na obra de Josefina Plá a partir de pesquisadoras que anteriormente fizeram uma leitura com perspectiva de gênero, para posteriormente apresentar as traduções dos dezessete textos escolhidos.

⁵⁸ De este enorme volumen lírico, que no lo es solo en sus dimensiones materiales, sino también en sus valores humanos y estéticos, solo una parte relativamente pequeña es conocida en el exterior. Tomemos por ejemplo al Paraguay. Fuera el ensayo de aproximación que con sus traducciones, tan finas, hizo de Olavo Bilac el delicado poeta Alejandro Guanes, ¿qué se ha hecho en los últimos treinta años por acercarse a ese gran hecho espiritual que es la poesía brasileña? Estoy inclusive por decir que nos son más conocidas personalidades poéticas de segundo o tercer orden de otros países hispanoamericanos que las figuras de primera línea del Brasil.

CAPÍTULO 3 – JOSEFINA PLÁ E A MULHER PARAGUAIA

Há um famoso poema de Carmen Soler⁵⁹ intitulado “Penas encimadas” que resume bem a situação da mulher paraguaia e, acredito, não somente paraguaia:

Vou dizer logo de cara
pra quem quiser entender:
são penas mui sobrepostas
de ser pobre e ser mulher.
Trabalha toda uma vida
somente para comer.
Tem muitas penas do pobre
e mais a de ser mulher:
A rica tem seus direitos,
a pobre só tem dever
Muito se sofre por pobre
E ainda por ser mulher.
Está tão desamparada
É pai e mãe de uma vez.
Direitos, nem o da queixa
Por ser pobre e ser mulher:
Fazem-se muitos discursos
sobre o passado heroísmo⁶⁰.
No papel é respeitada.
Mas só mesmo no papel.
E repito novamente
pra quem quiser entender:
são penas mui sobrepostas
de ser pobre e ser mulher.

(SOLER, Carmen. Poesía reunida, tradução minha)⁶¹

⁵⁹ Carmen Soler (Assunção, 1924 – Buenos Aires, 1985) foi professora, artista, poeta e militante do Partido Comunista Paraguaio. Várias vezes presa, torturada e exiliada durante a ditadura de Alfredo Stroessner, morreu no exílio.

⁶⁰ A figura da mulher paraguaia é bastante exaltada pelo seu heroísmo, coragem, altruísmo, porque coube à mulher reerguer o país depois do grande massacre que foi a Guerra do Paraguai (1864-1870), do qual somente 25% da população sobreviveu, sendo maioria idosos, crianças e mulheres.

⁶¹ Voy a decirlo de entrada
para el que quiera entender:
son penas muy encimadas
el ser pobre y ser mujer.
Trabaja toda la vida
apenas para comer.
Tiene las penas del pobre
y más las de ser mujer:
La rica tiene derechos,
la pobre tiene deber.
Ya es mucho sufrir por pobre
y encima por ser mujer.
Está tan desamparada
y es madre y padre a la vez.

Início o capítulo com esses versos, porque considero que eles resumem bem a condição da mulher retratada na obra de Josefina Plá, principalmente na sua obra ficcional, mas também em seus ensaios e entrevistas, como as de *En la piel de la mujer*. Certamente que é nos contos que isso se vê melhor refletido, já que na crítica ela aborda principalmente mulheres intelectuais, protagonistas, artistas, que estão em um nível social diferente dos de suas personagens, inclusive em um nível econômico, porque para ter aulas de pintura e gravura, como mencionado no texto sobre as mulheres na arte, é preciso de dinheiro e tempo ocioso, um tempo que não se esteja gastando em tentar sobreviver. Talvez por essa razão é que seus contos foram muito mais analisados desde a perspectiva de gênero, ainda que o desconhecimento de sua crítica no âmbito transnacional pode ser outro fator. Há uma quantidade significativa de teses, dissertações e artigos que analisam o gênero na narrativa de Josefina Plá. A começar pela tese de Suely Aparecida Mendonça, quem analisa dez contos de Josefina enfocando a representação da mulher pobre paraguaia a partir da relação entre literatura e vida social. Dos dez contos selecionados por Mendonça para análise, sete estão sendo traduzidos por mim. São eles: Maína, Cayetana, La pierna de Severina, Sise, La vitrola e Tortillas de harina, (o único conto que eu traduzo que não está na tese de Mendonça é La niñera mágica), todos retirados da edição de *Cuentos Completos* (2015)⁶², mas que possuem publicações originais que variam desde 1948 até 1982. No entanto, para além desses contos selecionados, pode-se afirmar, assim como afirma a pesquisadora sul-mato-grossense, que todos os contos de Josefina trazem a perspectiva da situação da mulher na sociedade paraguaia. De acordo com Mendonça:

Josefina escolhe, entre outros temas inovadores, retratar a mulher das classes pobres em todos os aspectos possíveis e passíveis de representação, seja como protagonista ou não, mas comumente abordada como vítima de uma sociedade patriarcal, falocêntrica e preconceituosa. Isto implica dizer, no entanto, que os antagonistas das histórias de Plá nem sempre são os homens, mas também as mulheres, a sociedade, a família, os conflitos políticos locais e a guerra (Mendonça, 2010, p. 36).

Derechos, ni el de la queja,
por ser pobre y ser mujer:
Se hacen muchos discursos
sobre su heroísmo de ayer:
En el papel la respetan.
Pero sólo en el papel.
Y lo repito de nuevo
para el que quiera entender:
Son penas muy encimadas
el ser pobre y ser mujer.

⁶² A edição usada por Suely é a de 2000, pois sua tese é anterior à edição que eu cito.

Sendo assim, mesmo em contos em que a mulher não é protagonista, como em “La mano en la tierra”, “El espejo” e “Sesenta listras”, pode-se verificar as relações patriarcais que se estabelecem nas famílias narradas por Plá. Além disso, de acordo com Suely, “Josefina Plá apresenta, em um plano mais profundo, uma intensa fragmentação do sujeito e o seu rompimento com as fronteiras discursivas, uma vez que as mulheres se situam em ambas as margens do processo formador da identidade cultural paraguaia, fortalecendo as ligações entre o global, o regional e o local” (Mendonça, 2011, p. 12). Essa fragmentação do sujeito originou vários estudos da narrativa de Plá sob a perspectiva das mobilidades culturais (Rodrigues, 2000; Penha, 2006; Beluque, 2010; Coelho, 2015). Para avaliar a presença feminina na narrativa curta de Plá, Mendonça analisa separadamente cada um dos contos selecionados, concluindo que, em linhas gerais, “o que mais chama a atenção nos contos da autora hispano-paraguaia é essa diversidade de situações vividas pelas mulheres das classes pobres, ou seja, as mulheres paraguaias da base da pirâmide social, representadas por lavadeiras, prostitutas, verdureiras, empregadas domésticas, anciãs, mães solteiras, solteironas, deficientes, dentre outras” (Mendonça, 2011, p. 40). Não é objetivo desta pesquisa analisar individualmente cada conto e sim torná-los acessíveis às leitoras e leitores brasileiros através da tradução, recomenda-se a leitura de Mendonça para o aprofundamento do estudo, pois a pesquisadora detalha conhecimentos extratextuais valiosos para o entendimento da obra de Josefina Plá, por exemplo a novidade que a narrativa social desta, junto com a de Gabriel Casaccia e Roa Bastos, representam no âmbito literário paraguaio, no qual ainda prevalecia a exaltação e idealização românticas, ou os contextos de guerra e pós-guerra retratados em alguns contos, a influência da religião nas concepções e cosmovisões das personagens, sem esquecer de analisar o bilinguismo como elemento constitutivo das classes populares paraguaias, assunto ao qual a autora dedica o terceiro capítulo de sua tese. Mendonça sinaliza a importância da mulher para a manutenção e popularização do *jopará* (mistura do castelhano com o guarani), visto que são nos âmbitos familiares (preferencialmente femininos) em que mais se manifestam essas expressões, e é a mulher a principal responsável por difundir a língua materna (o guarani) a seus filhos. Dessa maneira, Josefina Plá, de acordo com Mendonça, estaria valorizando o hibridismo: “a escritora, como na grande maioria dos contos, valoriza o hibridismo em todos os aspectos da narrativa, principalmente na temática (mulher branca ou índia) e na linguagem (culto e popular)” (Mendonça, 2011, p. 166). Destaca-se assim a preocupação de Josefina em valorizar os elementos originários na cultura paraguaia:

Assim, ao explorar vários aspectos culturais retratados nos contos, a autora não se pretende apenas denunciar as condições e os espaços sociais femininos, mas admoestar as hipocrisias e revelar suas possíveis representações literárias, uma vez que não foi e ainda não é satisfatória a posição das mulheres e na literatura local, principalmente aquelas que estão à deriva do universo literário reconhecido pelas críticas locais, regionais e globais. Importa também esclarecer que, ao situar as personagens na etnoliteratura guarani, com suas crenças, lendas e mitos, buscamos restaurar o papel ancestral da mulher na sociedade paraguaia e ofuscar a imagem patriarcal que oprime e exclui as mulheres representadas nos contos de Plá [...] Isso nos leva a inferir que um dos propósitos das narrativas curtas de Plá é refletir sobre a identidade do povo guarani que foi parcialmente aculturado pelo evangelismo cristão e pelo uso do castelhano, língua do colonizador, e também denunciar a hipocrisia moral por detrás das cortinas de algumas famílias ditas conservadoras. Mais do que isso, ela pretende denunciar o processo de semiescravidão imposto aos nativos pela colonização espanhola e representar o sincretismo religioso e, especialmente, linguístico consequente desse processo (Mendonça, 2011, p. 158 e 160).

Além de Suely, outros pesquisadores se dedicaram à análise da mulher na narrativa de Josefina. É o caso de André Rezende Benatti (2013) e Facunda Concepción Mongelós Silva (2013)⁶³, que analisam os contos publicados sob o título *La pierna de Severina* (1983) em suas dissertações de mestrado. Benatti enfatiza a violência e tragicidade vividas pelas personagens femininas de Plá, concluindo que “a violência sofrida pelas personagens de Plá, as leva a um estado de silenciamento, retirando-lhes seu status de ser humano, pois ao sofrer a violência elas são obrigadas a algo que vai contra sua vontade, o que anula o conceito de humano ou, pelo menos, o retorno a um estado que se assemelhe ao humano” (Benatti, 2013, p. 77).

Facunda Concepción se destaca no estudo da figura da mulher na obra de Josefina Plá porque, além de fazer a análise que se propõe, também contextualiza a situação da mulher paraguaia desde a Guerra do Paraguai, fato histórico decisivo para as relações de gênero no país, que viveu muitos conflitos bélicos:

o Paraguai é um país patriarcal, sendo a mulher praticamente excluída da vida política, ocupando pouquíssimos cargos políticos, mesmo que sempre tenha estado presente nas várias reconstruções do país. Como já demonstramos, a mulher paraguaia esteve presente na Guerra da Tríplice Aliança, na Guerra do Chaco e na Revolução Civil. Após a Tríplice Aliança, o país perdeu grande parte da população masculina e, embora patriarcal, foram as mulheres quem cuidaram dos feridos, enterraram os mortos e, depois, retomaram os rumos da nação. O Paraguai ainda não havia se recuperado da Grande Guerra e houve outro conflito, dessa vez,

⁶³ É importante destacar que tanto a pesquisa de Benatti como a de Silva oferecem em anexo contos de Josefina Plá na versão original em espanhol.

com a Bolívia, na Guerra do Chaco. Não tardou muito, em 1947, veio a Guerra Civil Paraguaia, um conflito interno entre o Partido Colorado e o Partido Liberal. E as mulheres sempre presentes para cuidar dos homens feridos, heroínas anônimas. Elas se sacrificaram pela família, sendo mães solteiras ou viúvas, provedoras do lar, não sendo, porém, valorizadas e não tendo espaço na política do país, liderado, ainda hoje, exclusivamente por varões (Silva, 2013, p. 21).

Silva destaca a falta de profissionalização e participação política feminina no Paraguai contemporâneo, a escassez de leis que garantam a igualdade de gênero, e até mesmo o uso de expressões guarani machistas e afirma:

Josefina Plá, assim como as precursoras dos movimentos feministas, preocupava-se com a situação da mulher. Diante disso, em suas narrativas, há duras denúncias de situações humilhantes e dolorosas, de desvantagens da maternidade com uma paternidade irresponsável, de violência sexual. O que era “varrido para debaixo do tapete” recebe voz. Josefina Plá denuncia literariamente uma sociedade patriarcal, modelo dominante não só nos países periféricos, como o Paraguai, mas no mundo ocidental (Silva, 2013, p. 29-30).

A pesquisadora espanhola Ángeles Mateo del Pino, amplamente citada no primeiro capítulo desta tese, analisa a mulher paraguaia no contexto pós-guerra em contos de Josefina publicados em *La muralla robada* (1989) no artigo “El ovario de los sueños. Mujer y posguerra en la narrativa de Josefina Plá” (2024). Embora nenhum dos contos analisados por Mateo del Pino esteja traduzido nesta tese, e, ainda que sua análise se centre principalmente na narrativa curta *Alguien muere en San Onofre de Cuarami*, escrita em colaboração com Ángeles Pérez Pardella, para que as falas em guarani e jopara sejam mais verossímeis, Ángeles se concentra em analisar as personagens femininas que vivenciaram a Guerra da Tríplice Aliança, e traz contextualizações e relatos que interessam a esta pesquisa. Ao iniciar o artigo, Mateo del Pino lamenta, evocando o lamento da própria Josefina Plá, que a obra narrativa desta, escrita a partir de 1924 e produzida até a década de 1990, foi tardiamente publicada, impedindo que fosse analisada dentro de seu contexto estético. Este possivelmente é também um dos motivos pelo qual Josefina ficou de fora do cânone, sua publicação tardia a impediu de acompanhar as tendências e análises de cada época, para além do fato de serem dentro de um mercado editorial com pouca saída para além das fronteiras. O primeiro livro narrativo de Plá é de 1963, *La mano em la tierra*, sendo seus primeiros contos publicados nos jornais já na década de 1920, portanto há uma defasagem de quarenta anos na leitura e recepção das obras. Além dessa observação, Ángeles nos traz importantes apontamentos sobre a relação de Josefina com a figura feminina. A pesquisadora espanhola

fala da busca e desejo de Josefina de entender e adentrar o universo das mulheres paraguaias: “o desejo de ‘penetrar em seu mundo, ao mesmo tempo igual e diferente dos mundos de outros povos; como são iguais e diferentes as auroras e entardeceres de cada terra, ainda que o sol seja o mesmo’”⁶⁴ (Mateo del Pino, 2024, p. 282, tradução minha). A autora também menciona:

Em sua produção Josefina Plá remete constantemente à história paraguaia e ao papel que nela teve a mulher, cifra imprescindível na construção e reconstrução do país, “construtora da pátria”, “fazedora de história”, ainda que justamente não tenha sido valorizada como sujeito histórico, além de que tenham destacado seu esforçado sacrifício como mãe abnegada⁶⁵ (Mateo del Pino, 2024, p. 283, tradução minha).

Além disso, Ángeles traz palavras de Josefina contidas em um livro pouco conhecido, *Pintadas por si mismas. Historias de diez vidas*, de Marylin Godoy, no qual Plá destaca os esforços da mulher ao longo da história paraguaia, desde o período colonial (período este abordado no conto “La mano en la tierra”):

Esta é a mulher que serviu completamente ao homem espanhol. A mãe dos mancebos da terra: a fundadora da mestiçagem. A mulher da Residenta. A que reconstruiu a pátria. A mulher que semeou e colheu durante a Guerra do Chaco. [...] Mulheres que são só princípio e parte de uma epopeia incrível. Está aí, tal qual nos devolvem a história, o tempo, o homem que dela vem, mas que não vai até se não para abusar dela. A mãe abandonada pelo homem y até pouco tempo também pela lei, despojada de seus filhos nas guerras pela pátria, mas também nas montoneras e guerras internas fraticidas (Mateo del Pino, 2024, p. 283, tradução minha)⁶⁶.

Neste breve fragmento estão contidas todas as personagens de Plá, Úrsula, indígena abnegada de “La mano en la tierra” que cuida do marido espanhol em seu leito de morte; Manuela, mãe solo de quatro filhos, de três pais diferentes, que lava roupa para sobreviver no interior; Sisé, menina abusada e mantida como criada, assim como Minguela, de “La

⁶⁴ el deseo de ‘penetrar en su mundo, igual y distinto a la vez de los mundos de otros pueblos; como son iguales y distintas las auroras y atardeceres de cada tierra, aunque el sol es el mismo’.

⁶⁵ Josefina Plá en su producción remite constantemente a la historia paraguaya y al papel que en ella ha jugado la mujer, cifra imprescindible en la construcción y reconstrucción del país, “constructora de patria”, “hacedora de historia”, aunque no haya sido justamente valorada como sujeto histórico, más allá de que se haya recalcado su esforzado sacrificio como madre abnegada.

⁶⁶ Esta es la mujer que sirvió del todo al español. La madre de los mancebos de la tierra: la fundadora del mestizaje. La mujer de la Residenta⁶⁶. La que reconstruyó la patria. La mujer que sembró y recogió cosechas durante la guerra del Chaco. [...] Que son sólo principio y parte de una epopeya increíble. Ahí está, tal cual nos la devuelve la historia, el tiempo, el hombre que de ella viene pero no va hacia ella sino para abusar de ella. La madre abandonada del hombre y hasta hace poco también de la ley; despojada de sus hijos en las guerras por la patria, pero también en las montoneras y las guerras internas fraticidas.

niñera mágica”; Severina, que nunca consegue realizar seu sonho por ser pobre e possuir uma deficiência e é castigada e violentada ao tentar cumprir seus objetivos; Maristela, que é abandonada pela família após ser abusada pelo primo e se vê obrigada a se prostituir; mulheres anônimas que vivem o pós-guerra na tentativa de sobreviver e repovoar o país. Por isso que, como foi possível verificar, todas as análises da narrativa de Plá mencionadas aqui destacam a representação da mulher pobre paraguaia: a mulher subjugada, abusada, violentada, estigmatizada... Além das obras mencionadas, outros pesquisadores também se dedicaram ao estudo da mulher na narrativa de Josefina Plá (Botoso e Fraga, 2017; Arantes, Constancio e Pereira, 2021).

No entanto, também há uma vasta produção crítica em que a própria Josefina Plá enfoca as problemáticas de gênero e também é importante mencioná-la. Isso porque a minha perspectiva, além de ser a partir de um viés de gênero, é principalmente pensando a partir da ideia de arquivo. Em estudo anterior, Rodrigues (2018) analisei ensaios de Josefina Plá sob essa perspectiva. Naquele momento, o arquivo era importante tanto em um sentido mais concreto, de acervo de escritora, reunião de objetos, já que um dos objetivos era dar visibilidade para a coleção de Josefina Plá armazenada na biblioteca da Universidade Católica de Assunção, a qual permanece esquecida e mal armazenada, sofrendo inclusive perdas por causa de goteiras⁶⁷; e também no sentido mais abstrato de “poder de consignação”, pois não se trata somente do ato de confinar ou designar uma residência a um arquivo, mas também o sentido de ter o domínio para reunir, coordenar um corpus, identificar, classificar (Derrida, 2001, pp. 13 e 14). Para este sentido, é importante a noção já mencionada anteriormente de “arconte”, a pessoa que tem o estatuto de arquivista, quem tem esse domínio, o poder, não só por possuir conhecimentos necessários para o trabalho, mas também por possuir um poder dado institucionalmente e reconhecido socialmente: o de arquivar. É a partir dessa ideia que Debora Cota afirma o desejo arquivístico de Josefina Plá: “a escritora, em muitos casos assumiu o papel de propulsora, sistematizadora e difusora da cultura paraguaia. Além de artista e escritora, participa constantemente da discussão, de debates e da pesquisa, desenvolvendo a importante tarefa de arquivista” (Cota, 2018, p. 22). Sem dúvidas, pela sua trajetória, conforme foi possível verificar no primeiro capítulo, Josefina Plá chegou a construir uma posição reconhecida como autoridade para produzir

⁶⁷ Em 2023, minha última visita ao acervo, os bibliotecários informaram que algumas coisas tinham se perdido depois de uma tempestade. Isso demonstra a falta de cuidado com o acervo de Josefina Plá, um acervo que ainda hoje, mais de vinte anos depois da morte da autora, não foi catalogado, classificado ou digitalizado.

arquivos, são várias as publicações de Plá que demonstram sua preocupação com a constituição de um arquivo paraguaio, ela escreveu sobre cultura indígena; sobre raízes coloniais; sobre a contribuição de grupos de imigrantes como negros, espanhóis, italianos, ingleses; e entre suas preocupações também esteve a de arquivar com uma perspectiva de gênero, visto que ela reuniu coletâneas e estudos sobre a mulher paraguaia, quis de forma consciente fazer que a mulher pertença ao cânone, a história oficial. Responsável pela organização do livro *Voces femininas en la poesia paraguaya* (1982), primeira antologia de textos escritos por mulheres publicada no Paraguai, Josefina também publicou trabalhos como *¿Una literatura femenina?* (1975), *Mujeres en la cultura nacional* (série publicada no jornal ABC Color durante a década de 1980), *La mujer en la conquista* (série publicada no jornal ABC Color durante a década de 1980)⁶⁸, *Algunas mujeres de la conquista* (1985). Plá também dirigiu o programa radiofônico *La mujer frente a la vida* entre os anos 1943 e 1950, e também apresentou uma série de vinhetas teatrais com o título *Momentos estelares de la mujer*, apresentada no Teatro Municipal em 1950, sobre mulheres protagonistas da história paraguaia, e *En la piel de la mujer: experiencias* (1987), livro no qual apresenta entrevistas com nove mulheres paraguaias de distintas vivências com o objetivo de “apresentar um testemunho sobre o que a mulher ‘deve ser’ de acordo as exigências do outro gênero” (Plá, 1987, p. 18). Deste ponto de vista, Josefina Plá também é uma tradutora feminista, se pensamos em um conceito amplo de tradução, como mediação do outro. A escritora está preocupada em formar uma nova tradição, em recriar a história e o cânone a partir da alteridade, e isso inclui principalmente mulheres, indígenas, estrangeiros e outros grupos que geralmente ficam fora da história oficial. Esta mesma preocupação está presente nestas páginas, que têm o objetivo de revisar o cânone literário incluindo Josefina Plá como uma voz importante, quem deve ser conhecida no Brasil e em outros países, por isso a importância da Tradução Feminista, já que a tradução é também uma forma de produzir arquivamentos. Mas, voltando às questões de gênero na obra de Plá, Mateo del Pino afirma:

Na última década [de 1980] Josefina Plá publica uma série de artigos cujo tema principal é a mulher. Nesses trabalhos ela manifesta uma atitude reivindicatória em relação aos direitos femininos, motivo pelo qual a consideraram uma “feminista” ativa. Longe dessa consideração, a autora se declara uma mulher que luta para conseguir seu lugar na sociedade, sem menosprezar o gênero masculino, mas, igualmente, sem aceitar a superioridade que a história, por tradição cultural, lhe assignou. Sobre este

⁶⁸ Alguns ensaios dessa série foram recuperados durante a pesquisa, mas infelizmente não houve tempo para inclui-los na tese. Por isso esses textos serão recuperados e analisados em pesquisas futuras.

tema se deve destacar, entre outros, os seguintes artigos publicados em diversos meios de difusão: “Cuatro millones de abortos”, “Existe una literatura específica y característicamente femenina?” (ambos de 1987), “Sobre el poder femenino” (1988), “Día de la mujer”, “La cuestión es aterrizar”, “La mujer en la plástica paraguaya” (todos de 1989) [...] Durante esos últimos años persiste la preocupación de Josefina Plá con el tema femenino. Isso gera uma série de artigos, entre os que cabe destacar “Estupro”, “O incesto: um tema aflitivo e traumático” e “Ganhos e perdas”, os quais aparecem em diversos meios de comunicação paraguaios (Mateo del Pino, 1994, pp. 83 e 84, tradução minha)⁶⁹.

A afirmação contraditória de que a “luta por um lugar na sociedade, sem menosprezar o sexo masculino e sem aceitar a superioridade deste” não é uma luta feminista vem de algumas considerações de Josefina Plá, já na década de 1990, em que ela não se assume como feminista. Em entrevista a Marilyn Godoy, Josefina nos dá pistas para entender seu posicionamento, uma das primeiras manifestações que aparecem ao respeito já está na introdução, onde é citado que Josefina deixa claro que não quer ser comparada ao tipo de emancipação sexual de Anaïs Nin, usando palavras que denotam um tom depreciativo como “superdoptada del punto de vista hormonal” e “pavonear”. Marilyn Godoy afirma que, ao longo de sua vida, Josefina Plá preferiu guardar silêncio sobre os movimentos feministas, mas que “Denuncia el machismo que, como asegura, no puede ser indiferente a ninguna mujer que sienta moderadamente la dignidad de su género (Godoy, 1999, p. 10, tradução minha)”⁷⁰. Ao ser perguntada sobre a contribuição dos movimentos feministas para a evolução das mentalidades e as mudanças sociais no país, Josefina responde:

Evidentemente, los movimientos feministas hicieron que las mentalidades evolucionaran considerablemente, como usted dice, y los propios avances inevitables de la medicina y de la tecnología hacen que la palabra femenina se escuche en el medio con cada vez más frecuencia y que opiniones que hace veinte años parecerían una verdadera herejía sean expresadas. No obstante, el pensamiento feminista no se define categóricamente en la forma en que cualquier movimiento evolucionista se define, a la unificación de propósitos y a la organización de entidades que de alguna forma pueden hacerse presentes

⁶⁹ En la última década [del 80] Josefina Plá publica una serie de artículos cuyo tema principal es la mujer. En esos trabajos manifiesta una actitud reivindicativa respecto de los derechos femeninos, por lo cual se la ha considerado una activa “feminista”. Lejos de esta consideración, la autora se declara una fémica que lucha por buscar su puesto en la sociedad, sin menospreciar al sexo masculino, pero, igualmente, sin aceptar la superioridad que la historia, por tradición cultural, le ha asignado a éste. Sobre este tema debe destacar, entre otros, los siguientes artículos publicados en diversos medios de difusión: “Cuatro millones de abortos”, “¿Hay una literatura específica y característicamente femenina?” (ambos de 1987), “Sobre el poder femenino” (1988), “Día de la mujer”, “La cuestión es aterrizar” y “La mujer en la plástica paraguaya” (todos de 1989) [...] Durante estos últimos años persiste la preocupación de Josefina Plá por el tema femenino. Ello motiva una serie de artículos, entre los que caben destacar los titulados “Violación”, “El incesto: un tema aflitivo y traumático” y “Ganancias y pérdidas”, que aparecen en diversos medios de comunicación paraguayos.

⁷⁰ denuncia el machismo que, como asegura, no puede resultar indiferente a ninguna mujer que sienta moderadamente la dignidad de su sexo.

em benefício da mulher postergada econômica, social e juridicamente (Plá en entrevista a Godoy, 1999, p. 85, tradução minha)⁷¹.

A percepção de Godoy é a de que Josefina não se define por etiquetas nem se coloca em nenhuma categoria ou movimento, mas além disso parece haver um incômodo com um movimento que não contempla de fato as mulheres que mais precisam. É por isso que um texto como “Feministas, pero femininas”, no qual ela afirma textualmente que é feminista há muitos anos, é importante para entender a trajetória de consciência de gênero da autora, assunto que com certeza merece ser mais explorado em pesquisas futuras, que levem em conta seus posicionamentos em textos que enfocam o assunto dentro do contexto da evolução do pensamento feminista no Paraguai. Pois bem, Josefina em 1979, sabemos a partir desta tese, afirmou:

Sou feminista. Não de agora, quando até os homens são. De antes, de quando ser feminista equivalia a ser hermafrodita. (No colégio, uma freira cujo nariz era tão grande como sua bondade – sua feiura era algo masculina, e além de tudo se chamava Soeur Saint Jean. Deus a abençoe, era um santo, digo, uma santa. Ela me disse uma vez: – Ma fille, se você é feminista, só vai conseguir que os homens fujam de você, sem que por isso as mulheres te queiram mais...). E fui e sou feminista. Portanto, acho muito bom que a mulher tente reivindicar direitos inerentes a sua condição de mulher, de participe no destino da espécie, no processo de civilização e o confuso marchar da Humanidade (Plá, 1979, tradução minha, grifo meu).

Talvez essa afirmação do posicionamento ideológico de gênero pareça irrelevante, uma vez que o conjunto de sua obra e a grande quantidade de análises da figura da mulher em seus contos nos levam à conclusão objetiva de que ela foi feminista. Porém, no imaginário coletivo paraguaio, nos âmbitos acadêmicos e culturais sempre surge essa questão como elemento de discussão ou questionamento. Sendo assim, ter essa afirmação em primeira pessoa, “sou feminista”, da própria Josefina é esclarecer boa parte das questões que surgem em torno de sua figura. Quantas outras questões estarão esperando respostas nas páginas dos antigos jornais? Em seus ensaios Josefina se coloca em primeira pessoa, dá sua opinião, sua visão, deixa explícito suas crenças e ideologias, certamente pode-se encontrar

⁷¹ Por supuesto, los movimientos feministas han hecho evolucionar considerablemente las mentalidades, como usted indica, y los mismos avances inevitables de la medicina y la tecnología, hacen que la palabra femenina se oiga en el medio cada vez con más frecuencia y que se expresen opiniones que parecerían verdaderas herejías hace veinte años. Sin embargo, todavía el pensamiento feminista no se define categóricamente en la forma en que cualquier movimiento evolucionista se define; la unificación de propósitos y la organización de entidades que puedan hacerse sentir en alguna forma en beneficio de la mujer postergada económica, social y jurídicamente.

mais afirmações e esclarecimentos interessantes ao trabalhar com esse gênero textual, cuja produção ainda permanece nos jornais do século XX.

Voltando ao texto “Feministas, pero feministas”, Josefina afirma a necessidade de revisão da lei em relação aos direitos das mulheres:

Leis que façam valer sua [da mulher] dignidade específica são indispensáveis, que imponham respeito a sua pessoa, que protejam sua dignidade de forma inequívoca, para que não prevaleça a ignomínia de que algumas legislações prevejam uma pena maior para o ladrão de um cofre que para o estuprador de uma menina de quatro anos (Plá, 1979, tradução minha).

Porém, ao longo do texto, podemos verificar alguns paradoxos: Josefina desaprova a reivindicação de um salário às donas de casa, tema que estava em discussão no momento em que ela escreve seu ensaio, já que este é contemporâneo ao feminismo italiano, cuja pauta naquele momento era o reconhecimento do trabalho doméstico como um trabalho que também deve ser remunerado. Ela parece não entender que a reivindicação é ao Estado e não aos maridos, colocando-os em posição de vítimas de uma falta de companheirismo na relação, devido a injusta reivindicação da mulher por um salário para fazer sua parte no relacionamento. Os homens cumpririam seu papel de provedor enquanto as mulheres não estariam cumprindo sua parte, exigindo um pagamento por fazer o que é sua obrigação. Plá chega ao extremo de afirmar que nessa situação os maridos também poderiam pedir à mulher um pagamento por realizar o trabalho de manter a economia do lar. Neste texto, Josefina parece não analisar a profundidade do papel da mulher e as dificuldades da dona de casa na sociedade, embora afirme que “sabemos o peso da carga que representa manter uma casa modesta, se há filhos principalmente. É uma tarefa que acaba com a beleza e a juventude da mulher” e reconheça a necessidade de avanços nos direitos das mulheres, ela não chega a questionar esses papéis de gênero, o que para a leitora de hoje pode parecer contraditório e até mesmo conservador. É no meio dessas contradições, no entanto, que ela se afirma como feminista de forma contundente como não se conhece em outros registros. A entrevista feita por Marilyn Godoy traz esclarecimentos sobre o posicionamento de Plá, que se incomodava com as reivindicações feministas do direito ao aborto e com a negação da maternidade, o que para ela seria o mesmo que negar a biologia da mulher, embora ela se mostre consciente que essa negação é consequência de um contexto em que o homem não se responsabiliza verdadeiramente pelos filhos, o que acaba sobrecarregando a mulher. Assim, podemos

pensar que Josefina sim se considerava feminista, mas tinha suas ressalvas em relação a algumas pautas do movimento e, por isso, preferiu, em seus últimos anos, não se manifestar como tal.

O segundo texto recuperado dos jornais coloca em discussão o discurso do senso comum de que se a mulher quer igualdade deve aguentar as consequências de ser tratada igual aos homens, portanto, sem considerações especiais. Em “Derechos que no caducan” Josefina evoca esse discurso do senso comum a partir das seguintes palavras:

Frequentemente dizem por aí que ao ganhar certos direitos e sublinhar certos deveres no caminho para a emancipação, a mulher perdeu alguns outros direitos e só conseguiu mais deveres do que já tinha. Isso até pode ser verdade em algum caso. Mas o que mais acontece é que esses direitos que agora lhe são negados, sejam negados não como consequência lógica de novas situações, mas simplesmente por uma vingança machista pelos pontos perdidos no jogo de multisseculares prepotências (Plá, 1979, tradução minha).

Neste segundo texto, a autora aborda a situação cotidiana na qual os homens negam assento às mulheres grávidas no ônibus com o argumento de que se elas querem igualdade devem aguentar em pé como os homens. A autora traz o discurso desses homens em forma de citação: “‘Não querem direitos iguais? Então que aguentem igual, de pé, quando tiver que aguentar.’ E ficam, tão, tão orgulhosos, elegantemente esparramados no assento, dedicando-se a digerir a máxima proferida, como se fosse um dos discursos dos Sete sábios” (Plá, 1979). Josefina chama a atitude de “vingança machista” e assume que, nesta situação, deve-se aplicar o bom senso e a educação que se aplicaria a qualquer outra pessoa que precisasse se sentar por estar em condições físicas menos favoráveis, como no caso de pessoas com deficiência. Através desse texto, nota-se o incômodo dos homens paraguaios com o avanço dos direitos das mulheres. E, mais uma vez, ao afirmar a existência do machismo, Josefina afirma-se como feminista. A partir do exemplo do voto feminino⁷², um direito conquistado, Josefina afirma que não importa se a mulher exerce ou não esse novo direito, o dever é que ela seja prioridade no ônibus (não por ser mulher, mas no caso de estar grávida) pois “enquanto o tratamento com os homens seja melhor que o tratamento dado à mulher, e enquanto não se demonstre veementemente que os homens sejam capazes de se encarregar dos filhos como as mulheres, o dever continua valendo” (Plá, 1979, tradução minha).

⁷² No Paraguai as mulheres obtiveram o direito ao voto a partir de 1961, foi o último país sul-americano a obter esse direito. As eleições no país são facultativas, por isso se menciona a possibilidade de que uma mulher nunca tenha votado mesmo alguns anos depois do sufrágio.

Para além da crítica sobre questões que estão em discussão na sociedade paraguaia contemporânea à Josefina, ela também se dedicou a reivindicar a importância da mulher na história. Um exemplo desse esforço é o livro *La mujer en la plástica paraguaya*, no qual ela reivindica a participação das mulheres nas artes desde as vivências indígenas pré-coloniais, até sua contemporaneidade. Desse livro, trago o último capítulo, que trata sobre a Semana de Arte Moderna paraguaia, pois além de ser um marco importante da história do Paraguai que foi protagonizado por Josefina Plá, também é um fato que a vincula ao Brasil, assunto que é um dos meus interesses desde a pesquisa de 2018. Em “Relações literárias entre Paraguai e Brasil: as leituras de Josefina Plá sobre poesia brasileira”, de 2022, demonstrei o quanto a experiência de escrever sobre o Brasil e participar na II Bienal de Arte de São Paulo parece ter sido crucial para o avanço da modernidade artística paraguaia. Além de ter João Rossi como um de seus colaboradores, e de manter um nome vinculado à Semana de Arte Moderna brasileira, é depois da viagem ao Brasil que acontece a “virada” artística paraguaia, em 1954. No texto em que Plá reivindica que a renovação da arte paraguaia foi uma renovação feminina, ela menciona que o contato com a Bienal Brasileira evidenciou o quanto Paraguai estava desconectado dos conceitos e expressões artísticas que estavam ocorrendo, encontrar outras obras e artistas de várias nacionalidades no evento brasileiro teria sido crucial para tomar consciência da necessidade de renovação:

esse convite [para a II Bienal de São Paulo] colocou em destaque, na discussão local, a manifestação em toda sua magnitude da disparidade de critérios e inclusive o clima crítico, penosamente “doméstico” (vale mencionar que o nível da apreciação do envio local a São Paulo pela crítica foi escassamente lisonjeador). Simplesmente os mais refratários formaram um grupo que, sem necessidade de declaração de princípios nem de nenhum estatuto, e com o único lema “o movimento se demonstra andando (Plá, sem data, tradução minha).

Depois desses eventos Josefina e José Laterza Parodi ganhariam prêmios e participariam de várias Bienais, mas o destaque do texto não é a influência do brasileiro João Rossi nem a participação na Bienal na renovação da arte paraguaia, e sim a presença crescente da mulher artista no cenário paraguaio, o título do capítulo já é bastante reivindicatório: “A mulher, elemento principal da libertação das artes plásticas: o grupo Arte Nova”. Josefina começa esse capítulo afirmando que é nas décadas de 1950 e 1960 que as mulheres começam a se expor como artistas, encorajando-se a participar das exposições de arte. Vários nomes femininos são mencionados, como Edith Jiménez, Alicia Bravard, Monserrat Solé, Ofelia Echagüe Vera e Olga Blinder. O texto deixa claro também que são

as mulheres que tomam a iniciativa de arriscar uma nova estética, e que o grupo inicial que lidera a Semana de Arte Moderna é de maioria feminina. O ato “libertário” é considerado por Josefina um marco para as mulheres artistas: “Desde esse momento a mulher já não se sentiria inibida para expor nem para incorrer em qualquer um dos gêneros artísticos. E expõe em coletividade ou individualmente” (Plá, sem data, tradução minha).

Além da presença da mulher na arte, Josefina também explorou os aspectos de uma possível literatura feminina. Como mencionei anteriormente, a primeira antologia com perspectiva de gênero, incluindo somente escritoras, foi organizada por Josefina Plá. Dessa antologia é importante observar a introdução, que começa problematizando o conceito de “literatura feminina”. De acordo com a escritora, muitas vezes esse termo foi usado para desqualificar a escrita produzida por mulheres. Além disso, a análise de Plá enfatiza que ao longo da história a mulher não se desenvolveu artisticamente como o homem porque sempre esteve submetida a um padrão de feminilidade imposta por ele. A autora argumenta que um poeta “se cria” a partir de suas vivências, comunicações, experiências, e que a vivência da mulher sempre foi socialmente limitada por padrões que lhe foram impostos. Josefina também propõe três etapas da manifestação poética feminina: a primeira na qual a mulher nem é consciente de sua condição e somente reproduz o que é esperado dela, ou o que o homem produz; a segunda em que a mulher toma consciência, mas ainda se manifesta timidamente, sem rupturas; e a terceira na qual a mulher não só toma consciência, mas também produz um embate contra as ideias impostas a ela pelos homens, é nessa fase que a mulher finalmente se liberta, e é também somente nessa terceira fase, de acordo com Josefina, que a literatura feminina realmente adquire valores que elevam a cultura geral, pois finalmente apresenta originalidade e serve para a liberação, pois de acordo com ela, a literatura, a arte, devem ser libertadoras.

Além do mais, suas considerações sobre Cecília Meireles, Gilka Machado e Henriqueta Lisboa, contidas nos textos “Poetas brasileiros VI” e “Poetas brasileiros XI” publicados em 1953 no Jornal *La Tribuna* de Asunción demonstram a preocupação em incluir mulheres na antologia de autores brasileiros mencionados na série “Interpretando o Brasil”, inclusive, o ensaio “Poetas brasileiros XI” é dividido em dois momentos, um para cada poeta, como se enumerar mulheres escritoras fosse seu maior objetivo, sem que se aprofunde mais extensamente na análise. Nos dois textos são apresentadas traduções das poetisas brasileiras, fazendo com que sejam lidas no contexto paraguaio.

A partir desse primeiro contato com algumas leituras sobre a figura feminina na obra de Josefina Plá, é chegado ao momento de visitarmos seus textos em tradução, os quais apresentam um recorte significativo de seu enfoque de gênero, tanto na crítica, quanto na narrativa. Certamente este é um pequeno corpus comparado a toda a produção de Josefina, em seus mais de oitenta anos de produção no Paraguai, mas é um primeiro passo importante para que sua obra seja mais conhecida no Brasil.

CAPÍTULO 4 – TEXTOS ESCOLHIDOS EM TRADUÇÃO

E se Penélope
em vez de tecer
escrevesse?
quantas histórias
quantas heroínas
quantas Helenas
seriam mais que
só uma bela mulher?⁷³

Marina Leivas Waquil (2021) escreve durante a pandemia de COVID-19 e faz um paralelo entre o confinamento vivido no período de quarentena nos últimos anos e o confinamento ao qual as mulheres estiveram, e ainda estão condenadas, no âmbito literário. A autora evidencia o aumento da violência contra a mulher no contexto do confinamento contemporâneo, faz um resgate da trajetória da teoria feminista de tradução, e divulga a vida e a obra de Alfonsina Storni, fazendo a tradução de um poema, com o objetivo de “resgatar essa voz do confinamento”, como o próprio título sugere. Assim como Josefina no Paraguai, Alfonsina é parte do cânone literário argentino, mas é muito pouco conhecida no âmbito brasileiro. Para exemplificar essa discrepância entre as literaturas latinas, Waquil cita a revista *Arcadia*, que em 2019 publicou uma lista dos 100 melhores livros escritos por mulheres em espanhol durante o período de 1919 a 2019. Ao analisar essa lista, a autora verifica que somente vinte dessas cem obras, todas canônicas, já que foram mencionadas por especialistas e a maioria delas forma parte dos clássicos da literatura de seus respectivos países, foram traduzidas para o português. Por outro lado, entre as mencionadas também está Clarice Lispector, o que nos demonstra a importância das traduções. As obras da lista são majoritariamente publicadas na Argentina e no México, países com mercado editorial mais significativo. Por outro lado, nenhuma das cem autoras mencionadas é do Paraguai, o que denuncia a pouca força do mercado editorial do país e o desconhecimento que – mesmo se tratando de recomendações de especialistas em literatura hispano-americana – existe em relação à produção literária (e não somente literária) do Paraguai. Por isso reitero a importância dessas traduções de Josefina Plá para o português, pois elas permitem ampliar listas como as da Revista *Arcadia* e reelaborar o cânone literário, estabelecendo novos “arquivos literários latino-americanos”, como afirmou Ana Pizarro (2009).

⁷³ Poema “Tecido” do livro *Eu passarinha* (Rodrigues, 2024, p. 59).

Os textos aqui traduzidos foram selecionados a partir dessa perspectiva, que é, conforme verificamos anteriormente, um dos objetivos da tradução feminista, correspondente ao plano historiográfico o qual descrevi a partir das considerações de Olga Castro. Além disso, os textos selecionados foram escolhidos por serem considerados bons exemplos da abordagem da temática feminina e feminista feita por Josefina Plá. Ela foi uma mulher de seu tempo, que rompeu estereótipos: foi a primeira em ser correspondente de guerra de um jornal, a primeira em ser radialista, a única em ser convidada para discursar entre homens em eventos importantes. Além de escolher a maternidade solo no começo dos anos 1950, e posteriormente optar pela adoção também sola – pois havia ficado viúva e desejava experienciar a maternidade, mas não queria se casar novamente – ela se preocupou com questões de igualdade e direitos das mulheres, posicionando-se de forma crítica sobre os temas que lhe foram contemporâneas. Podemos em alguns aspectos concordar com seu posicionamento, ou algumas de suas ideias podem até parecer conservadores para a leitora de hoje, como nos artigos compilados do jornal *ABC Color* e aqui publicados por primeira vez na atualidade, mas é inegável que ela teve um olhar feminista em sua metodologia de trabalho. “Sou feminista desde muito antes, quando ser feminista equivalia a ser hermafrodita” afirma em um de seus ensaios. Além disso, ela contribuiu com várias publicações com enfoque de gênero, como já mencionei anteriormente: *Voces femininas en la poesía paraguaya* (1982), *La mujer en la plástica paraguaya* (sem data), *Mujeres en la cultura nacional* (série publicado no jornal ABC Color durante a década de 1980), *La mujer en la conquista* (série publicada no jornal ABC Color durante a década de 1980). O livro *En la piel de la mujer* (1987), do qual compilei e traduzi as palavras prévias e dois capítulos, ilustra muito bem sua vontade de entender a sociedade paraguaia a partir das relações de gênero e traz algumas reflexões importantes para entender a postura de Josefina em relação a essas questões. Também é interessante observar o quanto esse diálogo com mulheres populares, que não pertenciam ao *establishment* (ela entrevista prostitutas, mulheres que nunca se casaram, chefes do lar, vítimas de abuso, entre outras) contribuiu para construir suas personagens. É impossível não perceber que Maristela do conto Madrinha (Maína) é inspirada em Cholí (nome fictício para preservar a identidade da entrevistada), a prostituta entrevistada na década de 1950, por exemplo, o que nos leva a pensar que, mais que contos de ficção, as narrativas de Plá são resultado de longos estudos e observações da realidade paraguaia, ficcionalizada depois de um trabalho de pesquisa. É com muita satisfação que trago esses textos para o contexto brasileiro, alguns deles já quase inacessíveis até mesmo

para as leitoras paraguaias, como é o caso dos ensaios recuperados do jornal *ABC Color* dos anos 1980, aos quais tive acesso pelo acervo de Josefina Plá na Biblioteca da Universidade Católica de Assunção, ou os fragmentos de *En la piel de la mujer*, livro quase impossível de encontrar nos dias de hoje.

Após dezessete anos de vivências no Paraguai, sinto-me à vontade para ser mediadora desse diálogo entre nossas literaturas e divulgar a obra dessa grande intelectual do século XX que merece ser conhecida para além das fronteiras geográficas e linguísticas. Acredito que sem minhas vivências no Paraguai essas traduções seriam outras, ou simplesmente não existiriam, por isso destaco a importância de bolsas de intercâmbio e o incentivo do diálogo entre as universidades latino-americanas. Em tempos sombrios em que a educação pública e a ciência são desvalorizadas pelo senso comum e pelas instituições detentoras do poder político e econômico, em que o neofascismo se fortalece no mundo, com expressões cada vez mais explícitas, é mais que nunca momento de olharmos para as mulheres, pessoas negras, LGBTQIAPN+, imigrantes, refugiados, e todo grupo ou indivíduo que sofre preconceitos e cerceamentos de direitos. Como tradutoras temos o compromisso de dar visibilidade a discursos que propaguem o respeito aos direitos e à dignidade humanos, que denunciem situações de abuso e violência. Para Josefina Plá a literatura só alcança status de arte se serve para a libertação do ser humano, e assim também é a tradução vista do ponto de vista feminista.

Dito isso, não é menos importante esclarecer que, na medida do possível, tentei explicar de forma simplificada algumas questões históricas e geográficas para maior compreensão das leitoras e leitores e as apresentei em nota de rodapé. Também mantive o guarani na maioria das vezes, sempre que possível, principalmente nas falas das personagens populares, o que caracteriza o bilinguismo do país, o qual não quis silenciar na versão em português. Nestes casos a tradução aparece como aposto explicativo, logo depois do termo guarani, ou mesmo antes, conforme achei que soava melhor no momento, e não como nota de rodapé, pois foi a forma que achei mais conveniente para manter a fluidez do texto.

Primeiramente, apresento um breve panorama da crítica com enfoque de gênero feita por Josefina, começando pelos ensaios “Feministas, mas femininas” e “Direitos que não caducam” que foram compilados por mim do jornal *ABC Color* armazenado por Josefina em seu acervo. Também selecionei um capítulo do livro *La mujer en la plástica paraguaya*, que inicia nas manifestações indígenas pré-coloniais e vai até a contemporaneidade de Josefina, escolhi o último trecho, que trata sobre o grupo Arte Nova, porque Josefina foi uma de suas

protagonistas e também porque nesse fragmento ela coloca a mulher como “elemento principal para a libertação das artes”. Além disso, resgato a introdução do livro *Voces femeninas en la poesia paraguaya* (1982) no qual Josefina discorre sobre o conceito de “literatura feminina” argumentando sobre os padrões impostos às mulheres, os quais dificultaram suas manifestações nas artes em geral e, especificamente, na literatura. Escolhi esse texto porque é interessante observar o que diz uma escritora sobre a produção literária escrita por outras mulheres, além de serem as palavras iniciais da primeira antologia com enfoque de gênero que se fez no país. Enfocando ainda o olhar de Josefina para a literatura produzida por mulheres, também trago a tradução dos textos Poetas brasileiros VI e Poetas brasileiros XI, publicados em minha dissertação de mestrado no original em castelhano e agora pela primeira vez em português, pois, ao analisar a obra de Cecília Meireles, Gilka Machado e Henriqueta Lisboa, Plá fala sutilmente de poesia feminina, razão pela qual são ensaios relevantes para essa compilação⁷⁴. Por último, trago as palavras preliminares e dois capítulos do livro *En la piel de la mujer* – que optei por traduzir por “Em pele de mulher” porque soa mais geral e universal com o artigo indefinido. Principalmente as palavras preliminares e o primeiro capítulo (A professora) deixam claro a postura de Josefina em relação a temática de gênero e seus objetivos de análise do machismo na sociedade paraguaia a partir da experiência de vida de mulheres reais; escolhi também o último capítulo (A prostituta) porque nos dá uma perspectiva interessante sobre a metodologia de trabalho e processo criativo de Josefina, uma vez que ela aproveita essa entrevista para a criação do conto Maína (Madrinha).

Em um segundo momento, voltado para a ficção, apresento uma seleção de oito contos cujas personagens femininas são representativas do estilo de Josefina, além de apresentar uma visão realista da condição da mulher paraguaia, principalmente a mulher pobre. São contos que apresentam situações que, infelizmente, ainda são muito contemporâneas e nos fazem navegar pela cultura popular paraguaia, além de trazerem elementos históricos a partir da ficção. São eles: “A Caacupe” (A Caacupé) e “A babá mágica” (“La niñera mágica”), do livro *La mano en la tierra*, publicado em 1963; “Madrinha” (“Maína”) e “Caetana” (“Cayetana”), do livro *El espejo y el canasto* (1981); “A perna de Severina” (“La pierna de Severina”), “Sisé” e “A vitrola” (“La vitrola”) do livro *La*

⁷⁴ Toda a série de ensaios sobre poesia brasileira foi traduzida em 2020 com apoio da bolsa de pesquisa do Memorial da América Latina, sob orientação da tradutora feminista Prof.^a Dra. Luciana Carvalho Fonseca, mas permanece inédita até hoje por falta de apoio e interesse editorial.

pierna de Severina (1983); e “Bolinho de trigo” (“Tortilla de harina”), do livro *Cuentos de la tierra* (sem data). Todos os contos foram retirados do volume um da edição de *Cuentos Completos* (2014), com exceção de “Tortilla de harina”, que pertence ao volume dois, cito o ano das publicações originais somente para facilitar uma tentativa de análises futuras para as quais esse dado seja relevante.

Feitos os devidos esclarecimentos, as convido a sentir e refletir (também com o sentido do reflexo do abebé) sobre as páginas seguintes, que sem dúvida são uma das melhores formas de conhecer o Paraguai para além dos estereótipos: através da ficção e da crítica de uma das principais representantes intelectuais e artísticas do século XX, a *mamá guasú*, grande mãe, do Paraguai: Josefina Plá.

4.1 FEMINISTAS, MAS FEMININAS

Domingo 26 de agosto de 1979
Suplemento de la mujer y el hogar ABC Color

Sou feminista. Não de agora, quando até os homens são. De antes, de quando ser feminista equivalia a ser hermafrodita. (No colégio, uma freira cujo nariz era tão grande como sua bondade – sua feiura era algo masculina, e além de tudo se chamava Soeur Saint Jean. Deus a abençoe, era um santo, digo, uma santa. Ela me disse uma vez: – Ma fille, se você é feminista, só vai conseguir que os homens fujam de você, sem que por isso as mulheres te queiram mais...). E fui e sou feminista. Portanto, acho muito bom que a mulher tente reivindicar direitos inerentes a sua condição de mulher, de participe no destino da espécie, no processo de civilização e o confuso marchar da Humanidade. (esse último aspecto, no entanto, considero um erro. Assim como anda mal o mundo seria prudente que a mulher deixasse de se meter nos assuntos, e deixasse que o homem sozinho terminasse de estragar tudo, assim ela podia se dar o gosto de lhe dizer: — Eu avisei!” ...).

Existem hoje na terra, e até no céu, muitas, muitíssimas questões que a mulher deve pensar e até resolver, como “animal jurídico responsável” e também deve reconhecer o que precisa e merece para cumprir melhor seus deveres. Ainda por muito tempo a mulher vai ser o sexo frágil, isso a coloca em uma posição desvantajosa em comparação ao sexo oposto. Leis que façam fazer sua dignidade específica são indispensáveis, que imponham respeito a sua pessoa, que protejam sua dignidade de forma inequívoca, para que não prevaleça a

ignomínia de que algumas legislações prevejam uma pena maior para o ladrão de um cofre que para o estuprador de uma menina de quatro anos.

Mas não é disso que quero falar. Já disse que a mulher deve ser reconhecida, de uma vez por todas, como maior de idade perante a lei, a sociedade, as relações humanas. Pois bem, maioria de idade não é só para os direitos, mas também para os deveres.

Por isso, confesso, não entender que me choca quando vejo alguém do meu gênero se aproveitar e falar, de repente, sobre um “salário para as tarefas domésticas da mãe de família”. Casar-se é um compromisso livremente feito para compartilhar o bom e o ruim: quando uma mulher se casa, se casa com um homem cujas disponibilidades econômicas não lhe podem ser um mistério: se essas são reduzidas, a mulher tem de trabalhar duro, a culpa não é do marido. Deve-se buscar a culpa em outras circunstâncias que ele não poderia resolver sozinho, e cuja solução, precisamente, talvez fosse a mulher exercitar um pouquinho a vontade de mudar as coisas, é um benefício para ambos os gêneros. Casar-se significa fazer do pão e da cebola os ingredientes diários do menu, para então sair pedindo salário por lavar a louça e as fraldas? Não acho lógico.

Não é que eu ache que cuidar de uma casa seja só esfregar vasilhas ou lavar roupas de bebê: sabemos o peso da carga que representa manter uma casa modesta, se há filhos principalmente. É uma tarefa que acaba com a beleza e a juventude da mulher. Mas isso é justamente porque essa escravidão é característica dos lares pobres, em sua grande maioria, por isso falar de salários para a dona de casa acaba sendo de um humorismo fantástico. Se a mulher casada é pobre, repito, é porque o marido é pobre. A solidariedade nesses lares é um imperativo categórico para sobreviver. Se a mulher pede salário por cuidar da casa, o marido teria direito a pedir também uma porcentagem por ganhar o pão de cada dia, que não se ganha dormindo. Até poderíamos encontrar a situação em que o marido pedisse que a mulher pagasse por seu sustento, ou pelo menos a metade do custo de criar os filhos. Além disso, não acho que a mulher esposa vai melhorar sua dignidade pedindo salário como cozinheira ou governanta. É precisamente o fato de não receber um salário que distingue a mulher de sua servente.

4.2 DIREITOS QUE NÃO CADUCAM

Domingo, 3 de agosto de 1980
Suplemento de la mujer y del hogar de ABC Color

Provavelmente o que vamos falar não é novo, e até pode ser que já falaram sobre isso muitas vezes. Mas enquanto um fato censurável continue existindo, a censura deverá se repetir. A menos, claro, que aceitem definitivamente o fato como parte de nossas deficiências e regressões.

Frequentemente dizem por aí que ao ganhar certos direitos e sublinhar certos deveres no caminho para a emancipação, a mulher perdeu alguns outros direitos e só conseguiu mais deveres do que já tinha. Isso até pode ser verdade em algum caso. Mas o que mais acontece é que esses direitos que agora lhe são negados, sejam negados não como consequência lógica de novas situações, mas simplesmente por uma vingança machista pelos pontos perdidos no jogo de multisseculares prepotências.

Isso acontece com o fato, observável em qualquer lugar, de que os cavalheiros (?) não mostram intenção de se levantar, nos ônibus, quando a eles sobe uma senhora “em estado de graça”. A resposta à eventual crítica (raramente expressa pelos outros) é “Não querem direitos iguais? Então que aguentem igual, de pé, quando tiver que aguentar.” E ficam, tão, tão orgulhosos, elegantemente esparramados no assento, dedicando-se a digerir a máxima proferida, como se fosse um dos discursos dos Sete sábios.

Não, queridos senhores, não. Todos os direitos adquiridos pela mulher em qualquer âmbito não podem abolir as circunstâncias de outra ordem das quais deriva uma inferioridade física. Que uma mulher possa competir em ciência, em arte ou em política com o homem, e que chegue a ser, coloquemos como exemplo, Primeira Ministra ou presidenta, não a redime de seu papel especificamente biológico, nem tem nada a ver com ele. Uma mulher que nesse estado sobe ao ônibus tem direito a que lhe cedam um assento, pela mesma razão que cederiam a um homem inválido, doente ou ferido, que não por isso deixaria de votar. E quem não fizer isso, lhe diremos muito respeitosamente, que é um vândalo atualizado...

Entre parêntese, talvez essa pobre mulher grávida que sobe ao ônibus nunca votou⁷⁵, é um simples exemplar de “fêmea doméstica” a qual seu marido, em casa, bate entre as refeições. Então, pelas dúvidas, é mais válido ser cavalheiro. Enquanto o tratamento com os homens seja melhor que o tratamento dado à mulher, e enquanto não se demonstre veementemente que os homens sejam capazes de se encarregar dos filhos como as mulheres, o dever continua valendo.

⁷⁵ No Paraguai as mulheres obtiveram o direito ao voto a partir de 1961, foi o último país sul-americano a obter esse direito. As eleições no país são facultativas, por isso se menciona a possibilidade de que uma mulher nunca tenha votado mesmo alguns anos depois do sufrágio.

4.3 A MULHER, ELEMENTO PRINCIPAL DA LIBERTAÇÃO DAS ARTES PLÁSTICAS: O GRUPO ARTE NOVA⁷⁶

A década de 1940 a 1950 será aquela em que se consolidam as bases para o aparecimento decisivo da pintura feminina. Várias jovens (já quase não se diz “meninas”) que frequentam as oficinas de Bestard⁷⁷ pintam aplicadamente, enquanto decidem se sairão ou não a público: nesses anos é quando chegam ao país, para expor, artistas de valor, como Magda de Pamphilis⁷⁸. O impacto exemplar de sua presença e de sua obra é indiscutível. As conversas com o professor sobre o ambiente das oficinas livres parisienses, o contato com os primeiros livros de arte chegados ao país, exercem também sua influência. A mulher cortou o cabelo, é lógico que cresçam suas ideias. Edith Jiménez⁷⁹, Alicia Bravard⁸⁰, Monserrat Solé⁸¹, Olga Blinder⁸², entre outras, primeiro; mais algumas depois, frequentam suas aulas de desenho e pintura no Ateneo Paraguai⁸³, neste caso, aulas particulares. Mais velha que elas, antes delas, ligada em solidão, Ofelia Echagüe Vera⁸⁴ estuda, no entanto, no

⁷⁶ Capítulo VII do texto *La mujer en la plástica paraguaya*, que por sua longa extensão não foi possível traduzir agora, mas considere importante trazer ao menos um fragmento para ilustrar a preocupação de Josefina com o arquivamento e reivindicação da presença das mulheres da história do Paraguai. Em sua introdução, ela afirma que não pretende fazer uma crítica, mas “una primera y somera rescensión de la forma en que ha corporizado la conciencia de la participación femenina en la cultura artística del país”. (Plá, sem data, p. 211).

⁷⁷ Jaime Bestard (Assunção, 1892 – 1965) importante pintor paraguaio do começo do século XX, começou a ser conhecido na década de 1920, estudou nove anos na França (até 1933) e se dedicou principalmente ao retrato e à paisagem.

⁷⁸ Magda de Pamphilis (Buenos Aires, 1919 – 2015) gravurista e pintora formada pela Escuela de Artes Decorativas de la Nación Fernando Fader, onde também foi professora. Ao longo de sua trajetória participou de várias exposições nacionais e internacionais e recebeu vários prêmios como o *Premio de Grabado del Salón San Pedro*, em 1938, entre outros.

⁷⁹ Edith Jiménez (Assunção, 1918 – 2004) pintora e gravurista, foi aluna de Jaime Bestard (pintura) e de Livio Abramo (gravura), sua primeira exposição individual foi em 1952. Em 1953 participou da II Bienal de São Paulo.

⁸⁰ Alicia Bravard (Assunção, 1913 – 1986) pintora, foi aluna de Bestard na mesma época que Edith Jiménez, ganhou o prêmio do *Salón de otoño de la casa Argentina* em 1940.

⁸¹ Monserrat Solé de Bravard (Assunção, 1919 – 1995) pintora e musicista. Foi aluna dos pintores Pablo Alborno, Juan Anselmo Samudio e Jaime Bestard. Estudou música e violino com o maestro Fernando Centurión e chegou a ser a primeira violinista da Orquestra Sinfônica de Assunção na década de 1930.

⁸² Olga Blinder (Assunção, 1921 – 2008) foi pintora, mas se destacou principalmente pela docência e a arte educação. Estudou com Ofelia Echague Vera e João Rossi. Sua primeira exposição foi em 1950, no Ateneo Paraguai. Em 1959 fundou a Escolinha de Arte, auspiciada pela Missão Cultural Brasileira, da qual foi diretora até 1976. Foi também criadora do TEI (*Taller de Expresión Infantil*) e do Instituto Superior de Artes, que hoje é a faculdade de artes da Universidade Nacional de Assunção.

⁸³ Fundado em 1883, o Ateneo Paraguayo é a instituição de arte e cultura mais antiga do Paraguai e uma das mais antigas da América hispânica.

⁸⁴ Ofelia Echagüe Vera (Assunção, 1904 – 1987) pintora que iniciou seus estudos com nomes importantes da história da arte paraguaia, como Héctor da Ponte e Modesto Delgado Rojas, estudou em Montevideu, para onde obteve uma bolsa de estudos e se graduou em Buenos Aires, na Escola Superior de Belas Artes Ernesto de la Cárvoa.

exterior. As jovens citadas, todas elas talentosas, fazem principalmente paisagem, ainda que também exercitem o desenho de cabeças e outras figuras humanas.

O momento de tomar decisões é dado por Ofelia ao retornar em 1946, portadora de experiências e de uma coleção de quadros – principalmente figura humana, incluindo nus e também natureza morta. O público parece ter evoluído mais do que se pensa nesses anos. O aparecimento de uma mulher declaradamente artista, que pinta e expõe e até se atreve ao nu, não parece surpreender ninguém como era o esperado.

Mas mesmo dados esses fatores mencionados – a colaboração um pouco mais “fresca”, a apresentação, no cenário da atitude profissional, da pessoa e obra de Ofelia – talvez a crescente rebeldia que ia gestando no ambiente de um grupo de artistas e críticos não tivesse chegado tão cedo a seu clímax se não fosse a presença de João Rossi.

Esse pintor brasileiro, ao recém terminar a fase que poderíamos chamar de fase juvenil de seus estudos, em academias brasileiras (contava então com 25 anos), tinha passado brevemente pelo Uruguai, e ainda que o motivo de sua vinda ao Paraguai não tinha relação com a arte (chegou como encarregado do ensino de ginástica na Associação Cristã de Jovens), sua vocação e chama de pintor não podiam ficar soterradas indefinidamente durante muito tempo, relegada à ocupação tão escassamente relacionada com as belas artes. João Rossi tentou, na medida do possível, entrar em contato com artistas locais no tempo que seu horário de trabalho lhe deixava livre. Deu conferências, cursos, aulas...

Os primeiros contatos foram logicamente com os jovens, mulheres em sua maioria. O mal-estar, por assim dizer, crescente nos artistas novos, que vinha se condensando e tomando forma na tentativa de nucleação, buscou perfil orgânico e positivo no Centro de Artistas Plásticos, resultado de uma ingênua crença de que os artistas de gerações anteriores, ao se encontrarem no intercâmbio de ideias e planos, podiam pensar que esse desejo de atualização era razoável.

No Centro mencionado participaram em um primeiro momento praticamente todos os que “faziam” alguma coisa. Mas quando se tratou de que o Centro funcionasse, declaradamente ou não, como desejava a maioria juvenil, ou seja, colocando em ação um programa atualizador, as divergências se manifestaram ao instante, inconciliáveis. E depois de um par de exposições (duas femininas)⁸⁵ o Centro se desfez sem nenhuma necessidade de declaração de “rescisão de contrato”. Isso deu lugar ao convite recebido para participar

⁸⁵ Salão feminino de artes plásticas e exposição conjunta de Lili del Mónico e Josefina Plá (nota de Josefina Plá)

da II Bienal paulista: esse convite colocou em destaque, na discussão local, a manifestação em toda sua magnitude da disparidade de critérios e inclusive o clima crítico, penosamente “doméstico” (vale mencionar que o nível da apreciação do envio local a São Paulo pela crítica foi escassamente lisonjeador). Simplesmente os mais refratários formaram um grupo que, sem necessidade de declaração de princípios nem de nenhum estatuto, e com o único lema “o movimento se demonstra andando”, se propuseram a trabalhar o que estivesse a seu alcance para modificar o estado das coisas.

Visto retrospectivamente esse “golpe de arte”, manifestado só verbalmente, mas em todas as ocasiões possíveis, parece algo pueril, ou ainda pior, uma aventura descabida. Mas os fatos demonstram que não era um gesto infantil nem uma proposta quimérica: a empresa prosperou.

Quatro artistas formaram o primeiro grupo, a vanguarda das decisões: Lili del Mónico⁸⁶, Olga Blinder, José Laterza Parodi⁸⁷, e a autora dessas linhas. Logo se somaram mais alguns, os mais audazes. Outros céticos, ou assustados, ou indiferentes, mesmo não adversos, não deixaram de apoiar as propostas, em dado momento, pelo menos com sua companhia e sua atitude amistosa. Houve no final pelo menos uns 16 artistas, entre militantes e simples aderentes. Conseguiu-se atuação e colaboração de jornalistas e pessoas relacionadas a círculos artísticos. Deram-se conferências, organizaram-se exposições. No ano de 1952 Josefina Plá e José Laterza Parodi realizaram uma exposição conjunta de cerâmica no Brasil, é a primeira exposição de arte paraguaia no exterior desde 1938⁸⁸. As manifestações feitas por esses artistas na imprensa de São Paulo, naquela ocasião, já dão uma ideia do estado de ânimo desse núcleo e suas inquietudes renovadoras.

O movimento ganha novo impulso com o êxito e, em 1954, se dão os sucessos importantes na crônica da arte em geral, e na sua atualização em particular. O grupo ARTE NOVA realiza em Assunção a “Primeira Semana de Arte Moderna”. As exposições não conseguiram que lhe cedessem nenhum dos salões que habitualmente brindavam aos artistas, e uma mostra teve que se realizar a “céu aberto” nas vitrines da principal artéria comercial da cidade. Mas também se realiza nesse ano, e por convite, uma exposição no exterior: a

⁸⁶ Lili de Mónico (Suíça, 1910 – Assunção, 2002) também foi aluna de Bestard e realizou sua primeira exposição individual em 1950, no Centro Paraguaio Americano (CCPA), em 1952 participou do Salão Feminino de Belas Artes.

⁸⁷ José Laterza Parodi (Assunção, 1915 - 1981) foi pintor e escultor, principal colaborador de Josefina Plá, com quem realizou vários trabalhos, incluindo o premiado na Bienal de São Paulo de 1953: Ritmo Guarani

⁸⁸ A última tinha sido a de Jaime Bertard, em Buenos Aires, nesse ano (nota de Josefina Plá).

primeira desde 1938 de arte paraguaia tradicional, em Buenos Aires. Participam dela Olga Blinder, Lili del Mónico, Josefina Plá, José Laterza Parodi.

Os contatos realizados pelo grupo tiveram como resultado que a arte nacional fosse convidada a participar de encontros internacionais com cada vez mais frequência. As vantagens obtidas por vocação e trabalho foram reconhecidas com um prêmio na IV Bienal paulista, e como consequência disso os artistas José Laterza Parodi e Josefina Plá foram convidados para uma exposição conjunta no Museu de Arte Moderna de São Paulo (em 1957). A partir de então a arte paraguaia pode se considerar participante da contemporaneidade continental.

À primeira vista, nesse brevíssimo relato dos fatos que levam à realização do que em 1950 parecia um sonho distante, se destaca a participação, na linha de frente, do impulso e esforço que nessa contemporaneidade supôs a presença – talento e vocação – da mulher. A divulgação de vocações, de valores novos e de ambiente, com as instituições de caráter pedagógico dedicadas à livre expressão desde a infância, foi obra exclusiva feminina.

Esta superou em audácia e não ficou atrás de seus companheiros nos valores colocados em jogo. Começamos pelo fato de que o grupo inicial, como vimos, foi formado por três mulheres e um homem e, seguindo, porque a adesão ao movimento – no qual participaram todas as artistas mulheres citadas em seu momento e mais algumas – (menos Ofelia, que se auto eliminou por pressões alheias ao grupo, mas a qual todos continuaram considerando como respeitada amiga e companheira) apagaram os últimos escrúpulos ou preconceitos a respeito do profissionalismo feminino na arte.

Desde esse momento a mulher já não se sentiria inibida para expor nem para incorrer em qualquer um dos gêneros artísticos. E expõe em coletividade ou individualmente. Alguns detalhes:

A primeira dessas mostras, em 1950, foi realizada por Lili del Mónico, suíça de nascimento, paraguaia por matrimônio, maternidade e obra, aluna de Bestard logo ao iniciar seus estudos no país. Lili quebrará a última barreira. Leonor González Ceccotto⁸⁹, argentina, se soma ao grupo. Pinta natureza morta, ou interiores, de preferência, mas também retratos. Lili realiza uma exposição quase que exclusivamente disso. O reino da figura humana se instaura na pintura feminina. Essas artistas, ainda que não desdenhem pintar flores (Lili), paisagens (Edith Jiménez, Alicia Bravard), interiores (Leonor González Ceccotto, Monserrat

⁸⁹ Leonor González Ceccotto (Argentina, 1920 - Assunção, 1982) foi pintura e gravurista, aluna de João Rossi e de Livio Abramo.

Solé), não por isso deixam de incursionar em outras temáticas e em algum caso, definitivamente, como Olga, na figura humana, isolada ou em composições de intensidade significativa nada comum.

4.4. INTRODUÇÃO À POESIA FEMININA NO PARAGUAI:⁹⁰

4.4.1 Uma literatura feminina?

A obra proveniente de pluma feminina pode ser encarada – e essa afirmação não é nada nova – de vários ângulos. O histórico, o cronológico, o crítico, o antológico – este pressupõe o anterior, mas não é sua consequência obrigatória. De todos esses aspectos já existe uma vasta bibliografia, no que diz respeito à literatura mundial. Não é assim na nossa literatura, onde, se não estamos mal informados, esta seria a primeira tentativa de antologia poética, e de qualquer outro gênero, de produção feminina. Em relação a estudos ou ensaios de aproximação crítica, só se publicou, que saibamos, também, e até agora, um ou outro ensaio breve.

Ao iniciar essa aproximação à poética feminina nacional talvez deveríamos começar nos perguntando: Por que se fala tão frequentemente de uma literatura feminina, e, neste caso particular, de uma poesia feminina?

Certamente, existe um considerável volume literário universal composto por obra de autoria feminina. Neste plano, se pode falar de uma literatura feminina no sentido semelhante ao que é informado pela expressão literatura francesa, ou espanhola, ou italiana (ainda que seja evidente que a esses rótulos se somam conotações históricas, culturais, etc. bem definidas).

No entanto, temos o costume – amplamente compartilhado – de tender frequentemente a designar um conteúdo que poderíamos dizer que é exclusivo e excludente quando falamos de literatura feminina. Ao ver nela algo separado do masculino, limitado não sabemos por quais sutis linhas. Ao ver nela algo separado do masculino, designado não sabemos por quais sutis critérios. Em certas ocasiões, o termo ganha tons pejorativos,

⁹⁰ Parte dos conceitos aqui relacionados correspondem a trabalhos anteriormente publicados: o primeiro pelo Centro de Estudos Antropológicos Paraguaio em 1975; o segundo na revista *Acción* número 26. Eles estão detalhados na biografia (nota de Josefina Plá no texto original).

insinuando a atribuição de valores diferentes, cujo saldo, no cotejo com os valores masculinos, pode muito bem acabar sendo inferior.

A verdade, no entanto, é que dentro da literatura, considerada como fato humano e estético, não podemos admitir essas diferenciações ou quase qualificações. Não há essencialmente uma literatura feminina e outra masculina: uma poesia de mulher e outra varonil. Existe uma verdade humana integral a cuja realidade dinâmica aponta a literatura de um e outro gênero. Claro que cada uma delas vai pelo seu canal privado, o qual mede as características de sensibilidade e as especificidades das respectivas vivências.

Uma literatura feminina não se definiria, portanto, tal como aquelas diferenciações tenderiam a insinuar, como uma literatura diferente da masculina, ou que se opõe a ela, ou que tenta imitá-la: nem mesmo como um simples apêndice somado à mesma. É uma parte da literatura como fato total quantitativa e qualitativamente. Seria como “o outro hemisfério humano”. Algo que enriquece e, acima de tudo, integra o designer estético e humano dessa manifestação do espírito em busca de sua própria clareza.

Para o objetivo desta INTRODUÇÃO – que ampara a antologia a qual quer servir de base – literatura feminina é, pura e simplesmente, o conjunto de manifestações literárias de autoria de mulher. Mas esta definição, aparentemente óbvia, implica a necessidade de estabelecer – de acordo ao já mencionado sobre o valor complementar dessa literatura – se nesta literatura se dão, e em virtude de que se dão ou não, dependendo do caso, esses valores complementares, enriquecedores, esclarecedores, imprescindíveis para que ela possa se integrar com a masculina dentro da dinâmica da cultura.

4.4.2 Literatura = liberação

A margem de toda definição de que a literatura em geral, e a poesia em particular, pudesse ter como manifestação histórica, social, estética, etc., a literatura é essencialmente liberação através da palavra. Liberar, neste caso, é abrir as portas em direção ao ser humano profundo.

Deste ponto de vista a literatura sempre foi liberação para o varão. Se para essa liberação houve um tropeço, ou muitos, eles nunca foram pelo fato de ser homem. Pelo

contrário. Isso lhe autorizou a tentar não só a liberação própria, mas também a feminina. Isso é tão verdadeiro que se eliminamos da literatura universal obras nas quais a mulher aparece compartilhando com o homem o mistério da selva, da vida, ou do além, não sobraria nada. Na arte – e, portanto, na literatura – o homem tentou se libertar, e tentou libertar também a mulher.

Mas se a tentativa de liberação própria nunca passou – nem mesmo nas obras mais imortais – de uma aproximação à magnitude do mistério, no que se refere à libertação da mulher, ela raramente teve sorte. Porque tendeu-se a acreditar que a mulher liberada era a autêntica mulher. Mas não foi senão a mulher que o homem acreditava ser, ou a que, por consenso generalizado se entendia que devia ser. Nunca uma liberação totalmente verdadeira nem nas mais lúcidas comparações.

Enfim, se a literatura é um princípio de libertação para o homem, por que não seria para a mulher? Talvez ao dar forma à mulher em sua escrita o homem pensou que já não era necessário que ela tentasse outros retratos. Mas também é certo, e já desmentindo tão otimista conclusão, é que a mulher leva longo tempo tentando se libertar por conta própria através da arte. Através do material mais a mão: a palavra. A história da literatura traz marcas dessas tentativas de liberação do espírito feminino. Isso não vem acontecendo sem dificuldades. Grandes dificuldades que, naturalmente, se refletem na escrita.

4.4.3 A literatura, exercício de um poder

A liberação através da literatura representa, como fato voluntário, o exercício de um poder. Tanto para a mulher quanto para o homem, esse poder funciona em duas fases. Poder de manifestar, expressando, ou seja, poder se integrar uma ideia e uma forma. Poder de comunicar, ou seja, de suscitar nos outros a identidade dessa forma.

O exercício do poder de se realizar na arte, ou seja, expressar-se através de símbolos – a palavra neste caso – é o privilégio, ou melhor, a realização de uma possibilidade individual, única, intrínseca, algo que se inaugura e opera desde a intimidade do ser. Como exercício ou realização da possibilidade de engendrar, de dar vida, supõe o aparecimento de um terceiro: alguém diferente do criador, mas ao mesmo tempo idêntico e inevitavelmente

equivalente: uma imagem do ser individual, única em si mesma e insubstituível quando se representa em coordenadas espaço-temporais irrepetíveis.

Esta unicidade tem um nome: certamente muito recorrente, mas difícil de substituir: autenticidade. Quer se queira ou não, cairemos nesta palavra uma e outra vez. O exercício do poder de se realizar dá por resultado, portanto, a liberação do homem representativo, ou seja, do escritor ou do artista. Mas esta liberação exige, como prévia e paradoxal condição, que o artista ou escritor se sintam livres. O Evangelho já decretou: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará...”

Pois bem, a mulher não é, não foi nunca, ao longo da história, em relação à literatura, inteiramente livre.

E não foi livre, e continua sem ser, em infinitos outros casos, ainda que deseje ser, primeiramente porque não se atreve a enfrentar a si mesma, ou seja, enfrentar sua própria verdade. Ser livre é fundamentalmente isso: encarar a própria verdade. A literatura de pluma feminina sempre foi testemunha dessa situação.

4.4.4 A expressão feminina

Para realizar sua liberação – ou seja, nas precárias tentativas de realizá-la – a mulher escolheu preferencialmente, desde o princípio, a poesia. Seria interessante pesquisar se essa preferência (cujo exercício, por outro lado, implica, dada a circunstância universal, uma unânime intolerância da cultura masculina, sempre atenta a limitar a manifestação feminina) não intervém o fato de que a mulher, na maioria das culturas, participou ao menos de algumas cerimônias de culto. (Em efeito, a poesia é a manifestação mais próxima à origem do ritual, e ainda nos povos mais originários e antigos a mulher teve em algum momento um lugar nos cantos de suas comunidades). Essa explicação valeria também para a atitude de tolerância dos homens a respeito dessas manifestações literárias femininas.

Também poderíamos procurar uma resposta, e talvez encontrássemos um motivo para a preferência até muito recentemente da mulher pela poesia, no fato de este gênero literário constituir a etapa inicial do desenvolvimento da literatura em geral. Isso é uma realidade inclusive para o homem, o privilegiado criador de mitos. Na literatura feminina

essa etapa se prolongaria simplesmente pela impossibilidade – para a mulher – de assumir riscos nos gêneros literários mais audazes e que exigem pleno enfrentamento com a já mencionada verdade própria.

Notamos agora que, ao menos nos fatos literários que dispomos, o tema da poesia feminina sempre foi o amor. E também para isso existiu e existe uma poderosíssima razão. O amor foi uma das poucas coisas nas quais se sentiu menos a pressão que gravitou durante séculos sobre a personalidade feminina. A mulher foi autorizada a amar. Dentro de certos limites, claro. Amar até a languidez, ou a loucura, ou o sacrifício, ou o suicídio. Mas não até a liberdade de amar. E assim a mulher fez poesia amorosa durante séculos, ainda que não com continuidade e também sem grande êxito na infinita maioria dos casos, apesar de ter o caminho aparentemente aberto.

E qual seria o motivo?

É conhecido o conto da receita de Ricardo Palma para fazer versos. É só fazer algumas linhas iguais colocadas uma embaixo da outra, “pondo consoantes nas pontas”. O problema para Palma, e também para o poeta, consiste em saber o que se coloca no meio. Palma disse “talento”. Nós dizemos simplesmente: poesia. Aquilo que faz, de uma série de versos, esse pulsar do espírito que é o poema.

No começo dissemos que poesia é liberação. E frequentemente insistimos em que se nela o autor não consegue libertar algo, seu poema não serviu de nada, o poema será humana e esteticamente inútil, porque no indivíduo consciente, todo ato está destinado a servir. E se não serviu ao autor – pelo que se apresenta, sempre de acordo ao já mencionado, não é verdadeiro, ou é simplesmente reiterativo – também não pode servir aos demais: servir ao Homem: porque na arte toda repetição é estéril.

Perguntemos então se a poesia – principal meio, até agora, para a manifestação, da mulher; a poesia que a mulher escreveu e continua escrevendo no mundo inteiro, não só no Paraguai – dá sua medida secreta, a medida fiel dessa oculta dimensão espiritual. Já que isso é o que entendemos por servir ao poeta e como condição ineludível para que sirva aos demais: Essa poesia serviu ou serve à mulher autora e através dela, não só às demais mulheres, mas a todos os demais? Porque a poesia feminina, se a aceitamos como manifestação pro-indivisa do ser humano, deve servir também aos homens, da mesma maneira que a poesia masculina serviu e segue servindo à mulher.

Respondendo à pergunta em termos gerais, diríamos que não serviu durante séculos, salvo em algum raríssimo caso. Sua função se limitou ao entretenimento secreto e de consolo algumas vezes, outras vezes entretenimento explícito e até vaidoso, mas com raras exceções, esteticamente inoperante. Certamente que essas exceções, a partir de um século e pouco, vão se fazendo cada vez mais numerosas, até constituir um fato quanti e qualitativo considerável, e é motivo de orgulho destacar que neste fato assumiram papel muito importante, no âmbito do nosso idioma, as poetisas hispano-americanas, com um repertório libertador que em cada país marca presença com características próprias, e ao qual Paraguai é um dos mais tardios, se não o mais tardio, em oferecer sua contribuição.

Talvez ainda seja oportuno insistir sobre as possíveis razões para essa não coincidência entre manifestação e liberação, por tanto, no exercício, e como consequência, na valorização humana e estética dessa poesia. Com a sabedoria de que, quando se fale ao respeito da poesia em geral, só se aplica a esclarecer conceitos especificamente aplicáveis à poesia feminina local.

4.4.5 A literatura, sinal de “não feminilidade”

A primeira coisa que sempre se disse sobre a mulher que expressava seu pensamento em termos pessoais, ou seja, não consagrados pelo costume e preconceito social, e principalmente se ela publicava, era que ela é “pouco feminina”. A partir dessa qualificação de incrível efeito psicológico inibidor durante longas épocas, ainda que hoje nos pareça um pouco ingênua, e a qual devemos sem dúvida inumeráveis frustrações da necessidade feminina de expressão, se mascara um cômodo sofisma. Pouco feminina se entende de acordo a uma feminilidade cujos cânones foram estabelecidos por uma sociedade de padrões ditados pelo homem. Esse conceito de feminilidade estabelecida: a mulher não devia se mostrar diferente, não podia se singularizar. Singularizar-se equivalia a deteriorar o pudor e com ele o direito ao respeito masculino e a uma sutil gama de confiabilidades.

O efeito psicológico desse tipo de preconceito, repetimos, sempre foi incrivelmente eficaz. A mulher teve, em via de regra, medo de se expressar, de se manifestar, ultrapassando esse padrão. Dizer como se sentia era para ela lançar sua própria imagem ao descrédito, inclusive à marginalização. Uma marginalização cuja primeira consequência era aumentar

ao máximo as dificuldades de encontrar marido: e isso em épocas em que não conseguir companheiro sacramental constituía algo assim como a morte civil...

(Em nosso meio, esse preconceito, configurado a partir de um consenso geral, era ainda suficientemente intenso há alguns anos, para trazer consigo – a exemplo de um caso que em seu momento foi comentado, na década de sessenta – o estrangulamento de uma voz juvenil, aparentemente bem dotada, mas inaugurada com uma dose excessiva de sinceridade nesse critério ainda generalizado)⁹¹.

4.4.6 A falta de originalidade na poesia feminina

É curioso que durante muito tempo os críticos, – todos do sexo masculino, obviamente – tenham destacado a ausência de valores originais na poesia feminina, dando como explicação unânime que isso é resultado de uma também indubitável inferioridade intelectual e criativa da mulher.

Essa inferioridade da expressão feminina é um fato – repetimos mais uma vez – pelo menos do ponto de vista quantitativo, embora em mais de uma época se possa citar mulheres que se sobressaíram em um ou outro aspecto das artes ou das letras (somente agora começamos a perceber o heroísmo que cada caso foi em seu momento).

É velho o ditado de que se “nasce” poeta, não se “cria” um poeta. O verdadeiro poeta, ainda que não se possa tomar totalmente ao pé da letra essa afirmação. Mas ainda que a primeira parte continue sendo válida – a pesar das novíssimas teorias sobre a inteligência ecumênica, segundo as quais todos nasceríamos com a mesma quantidade de fósforo – a segunda parte não é possível admiti-la sem reservas. O poeta nasce, mas logo se “cria”: a vida faz o poeta, com suas peripécias e ocasiões experienciais, porque só assim o poeta cresce. Uma vida separada das possibilidades de comunicação, com suas contradições, quebras, desenganos, obstáculos, lutas, à margem das vivências, mais facilmente cria um Kaspar Hauser que um Segismundo.

⁹¹ Não me foi possível encontrar a quem Josefina se refere neste trecho, mas também é algo a ser considerado para pesquisas futuras, já que se refere às primeiras publicações feitas por mulheres no Paraguai.

Já sabemos que secularmente fecharam esse caminho de crescimento para a mulher. Ela foi obrigada a viver cerceada de suas oportunidades de experiência, mutilada de uma série de possibilidades para o exercício de seus potenciais, obrigada a criar baseada em vivências dentro de uma área dada e ainda limitada aos moldes dados pelo homem, é lógico que a mulher sistematicamente renunciasse à sua verdadeira fisionomia colocando em seu lugar a que o homem tinha criado para ela, para se encaixar como um “pret à porter” de sensibilidade e fantasia. (A crítica que mais de um sociólogo fez à mulher, de não ter criado nada, de ter imitado o homem em suas criações, deixa de ser uma alegre constância para se converter em um grande sarcasmo ... e no melhor argumento contra essa ideia).

Essa inferioridade criadora da mulher é um tópico sobre o qual nem valeria a pena falar hoje, se não fosse porque nosso assunto inevitavelmente arrasta essa ideia, entretecendo com a circunstância em que a literatura feminina local se desenvolveu, por isso nos referiremos a ela, inevitavelmente.

Com essa privação de outras vivências humanas que não fossem das fixadas anteriormente pelo status quo, e que se erige em um condicionamento geral da expressão feminina, se relacionam outros fatores particulares aos que logo nos referiremos ao falar sobre a poesia erótica.

4.4.7 A autenticidade, equivalência significativa

Sistematicamente, então, se desconheceu que para acrescentar algo à arte, à literatura neste caso, como manifestação humana e estética (sempre atendendo a definição de literatura como fato liberador) a mulher logicamente deveria colocar nela aquilo que é, não aquilo que querem que ela seja ou o que se diz que é, mesmo que essas afirmações tenham vigência milenar.

Através da arte, o Homem se constrói, ou seja, vai moldando seus limites espirituais, suas dimensões íntimas: vai se definindo, não como existência, mas também como essência, e assim, visceralmente, como possibilidade. Agora bem: tal qual nossas sociedades vieram se fazendo conhecer individual ou massivamente, a mulher é um ser em construção. Sua definição, segundo os termos expressados, está por se fazer.

A mulher nunca chegou a dar uma visão própria das coisas, da vida, e ainda menos de si mesma, em sua obra, porque não podia fazer isso. Não podia colocar sobre o tapete o seu próprio esquema, porque lhe confiscavam, psicologicamente, os materiais para defini-lo.

A mulher não chegava a extrair esse esquema de si mesma porque não se atrevia, simplesmente, a se enfrentar com a outra que é, e da qual a deformação psicológica dos séculos fez um adversário, um inimigo. A mulher tem medo de si mesma até chegar a total inibição. O homem foi cristalizando nela esse temor através das pautas de conduta e de comportamento impostos até configurar uma verdadeira tatuagem psíquica (alguns chegaram a falar de “lavagem cerebral” ...).

E essa situação se prolonga em certa medida, em certos ambientes, até hoje.

(Além do mais, uma prova amarga da pressão que isso que Rafael Barrett chamou de “o sapato chinês aplicado ao pensamento” exerceu sobre a mente feminina temos em um fato, entre tantos, inegável: a maternidade: esse mistério máximo e sacramento da carne e da alma femininas, essa experiência vitalmente única na mulher, não produziu mais de meia dúzia de poemas que valem a pena...).

A alforria é uma vocação longa, espinhosa, atormentadora. “Na mulher predominam os padrões de sentimento” diz Erich Fromm. E como ele mesmo fez notar, os padrões de sentimento oferecem dificuldades para que sejam removidos pelos padrões de pensamento. Precisamente porque na mulher ambos estão sempre unidos.

4.4.8 Reconstruindo a mulher

Construir a mulher (melhor seria dizer reconstruir) é o que a literatura feminina busca, em sua fase massiva, há um século e meio. É uma elaboração confessional lenta, cujo avanço mais de uma vez foi freado pela eventual recorrência de tabus e inibições mencionados e outros motivos de razões diversas, mas cuja ação negativa continua sendo eficaz.

Esta construção, ou seja, a definição o mais livre e, portanto, exata possível da arte feminina através da literatura, se chama, do mesmo jeito que na masculina, autenticidade:

transparência dinâmica do Eu com suas limitações, aspirações, tensões. Em seu caminho em direção a essa autenticidade da mulher como sujeito criativo potencial, no processo de sua construção na literatura em geral, e na poesia em particular, a poesia de pluma feminina passou através das épocas por várias etapas, que consideramos oportuno estabelecer ou esclarecer, buscando a elucidação crítica do problema particular da poesia de nosso país. Advertindo que ao estabelecer a progressão da poesia, as primeiras etapas, em épocas longínquas, são apenas insinuadas, não deixaram marcas concretas.

4.4.9 Etapas da manifestação feminina

Essas etapas se caracterizam da seguinte maneira:

- a. A imagem da realidade feminina imposta, sugerida, injetada, se corresponde exatamente com a qual a mulher tem de si mesma, a mulher que se quer ser se identificou de tal maneira com a mulher que se acredita ser, que ambas configuram uma só.

No caso da mulher conformada (em rigor seria a mulher deformada) no qual qualquer reação permanece adormecida, latente, subconsciente. A mulher aceitou a imagem que o homem tem dela, sem protesto. Está como se estivesse carimbada por ele. A mulher não só não é livre, mas também não sabe que não é: por tanto, não é consciente nela nem a possibilidade, nem mesmo o desejo dessa liberdade.]

Nesta situação, qualquer tentativa desconformada que – coisa improvável – em sua intimidade possa se insinuar, é catalogada *ipso facto* pela própria mulher como anomalia, uma anormalidade, que a inquieta, a aterroriza. Ela sente isso como um pecado, e se apressa em exorcizá-lo.

Mas dado que psicológica, assim como fisicamente, nada se perde, tudo se transforma, esse desejo, essa inquietude, sepultados ou latentes, adotam, como equivalência, justificativa ou compensação, as formas da melancolia, a imprecisa nostalgia, os sonhos esmagadores de crepúsculos tristes, ausência sem sujeito e esperanças sem objeto.

Dessa forma, algumas vezes sublimada à total anulação em sua missão materna ou conjugal (os casos mais frequentes e também os mais patéticos), e outras vezes vagamente reprimida (os casos de aberta ou encoberta neurose) a mulher morre “sem ter nascido”.

No entanto, em personalidades que são ao mesmo tempo dotadas de intensa sensibilidade e de uma forte voltagem de obstinação, essa necessidade de manifestação persiste, incoercível. Então a mulher se manifesta, mas com as características de feminilidade pré-fabricadas pelo homem e plausíveis a ele.

Essa poesia se constitui como um eco da masculina: repete, com uma intensificação da tessitura sentimental, a lógica anulação de estereótipos, as características que o homem considerou mais aptas e convenientes na mulher para sua própria gratificação. Essas características constituem o já aludido decálogo da feminilidade consagrada coletivamente. Poderíamos também chamá-la de poesia-coral, já que continua repetindo nota por nota, mudando somente o sujeito gramatical, os refrãos estabelecidos e reiterados até o cansaço sobre o que a mulher é e deve ser. Essa poesia-coral, que podemos também chamar de poesia-eco, e em algumas ocasiões poesia-máscara, ao princípio utiliza os mesmos temas da poesia masculina, reitera uma e outra vez a imagem de mulher que o homem vem traçando repetidamente. Se trata de amor, essa poesia repete sem se cansar a silhueta da mulher que ama um homem só até a morte: incapaz de pensar na fisiologia do sexo, com os olhos vendados para os mais íntimos e peculiares fenômenos e reações, que não existem ou se existem são coisa hedionda. Abandonada, continua esperando a vida toda o homem fugitivo – marido ou amante, cultiva a lembrança do prometido ou do esposo por mais malvado que esse tenha sido, porque “a mulher foi feita para perdoar”. Jura guardar a vida inteira a primeira flor que ele lhe deu... Em resumo, um primeiro amor feliz ou infeliz – real ou suposto – anestesia a mulher eficazmente contra toda solicitação ulterior dos sentidos e da alma, porque a mulher está feita para amar um homem só em sua vida. *"Et sic de caetera"*...

Claro que essa poesia não significa nada dentro da dinâmica da cultura, ainda que seu valor testemunhal seja insubstituível. É um documento que revela o estado de servidão psicológica da mulher, quem adapta suas atitudes mentais ao modelo criado pelo homem.

Claro que também se dão dentro dela níveis ou matizes no aspecto testemunhal. Em certo nível ou em determinadas circunstâncias, essa poesia oferece variações que a

aproximam da qualificação de poesia-máscara. Porque a progressão frequentemente se realiza a passos que são difíceis de discriminar em grau e significação.

Esta poesia às vezes adota formas curiosas, sempre explicáveis pela análise psicanalítica, desde logo, mas que em realidade são somente uma sobreposição de ecos, já que os pré-moldes continuam sendo masculinos. Por exemplo, a poesia dedicada à beleza das amigas, irmãs, etc. às núpcias delas, aos amores de uma companheira, etc. Um exemplo insuperável foi dado localmente e há mais de cinquenta anos por uma jovem poetisa não nativa, que em um verdadeiro "travesti" mental escrevia versos de amor como se fosse homem e não mulher⁹²...

A poesia eventualmente escrita por essas mulheres continua, como já se afirmou, esquemas típicos masculinos ou que levam sua impressão limitante, a poetisa canta à guerra como Tirteu, canta à primavera em pássaros, corolas, riachos, mas não em humanos sexuados. Canta beijos que não teve, e nos quais, logicamente, está ausente toda sexualidade: tudo é etéreo, sutil; êxtases e sonhos, os violinos são constantes, sutis as auras, os sorrisos e os pensamentos. É uma poesia de espiritismo metafórico.

- b.** A realidade íntima já choca com o esquema imposto: a mulher é consciente de uma brecha – ou melhor, um sinclinal – entre o que lhe impõem como modelo do que é feminino e o que ela sente, em íntima necessidade, como sua própria verdade. A desconformidade aparece, já consciente e até reflexiva – em graus diversos – porque essa consciência não pressupõe a expiração automática, que só se dá de forma parcial, dessa estrutura repressiva.

A mulher frequentemente deseja criar algo autêntico, mas ao tentar concretizar sua ideia, é incapaz de superar medos ou preconceitos, não cria com sua própria voz: esta se afasta, se disfarça, procura tópicos ou temas que podem se diferenciar ou não dos masculinos, mas sempre tentam não violentar a perigosa fronteira onde começa o território da “singularização”.

A mulher no processo de se manifestar, e constantemente inibida para a revelação direta, ensaia canais substitutos nos quais a pressão não opere ou seja mais tolerável. Ela procura, resumidamente, formas colaterais que configuram em certa medida uma poesia de

⁹² Aqui também não me foi possível recuperar a que poeta Josefina faz referência.

evasão. No entanto, como nesta fase existem, assim como na anterior, suas graduações, essa poesia pode subir até os degraus bastante próximos da etapa seguinte, através de formas simbólicas.

Por essas vias, ainda que a expressão integral continue ausente (excetuamos a poesia mística, que pertence a outros meridianos do espírito) essa poesia feminina discorre muito.

Em resumo: a inconformidade, inclusive a angústia, não conseguem calar totalmente a crosta convencional. De certo modo essa poesia em que sinalizamos a evasão podia se chamar reveladora, porque pode ser comparada a um negativo fotográfico: sua análise permite descobrir o que é positivo na rebeldia já consciente, mas ainda é algemada.

- c. A realidade encarada criticamente, suscitadora de um esquema próprio, a experiência vital, agora chocam de frente com o esquema imposto. Este se situa em posição abertamente polêmica com aquela. A realidade impõe sua marca diretamente testemunhal criando, no confronto, um novo desenho de si mesma na mulher. Neste nível, a mulher não somente já sabe de forma inequívoca que não é livre: ela também sabe que deve ser, que precisa ser, e que somente pode ser na medida em que se manifestar como sente que é.

É uma fase significativa: lhe damos esse nome porque é aquela fase na qual a mulher estabelece sua identidade espiritual com seus próprios signos: e por isso pode significar alguma coisa nos processos da cultura.

A manifestação literária feminina, como pulsação intrínseca, começa então a se manifestar com um certo nível no estrato ou fase b, mas somente adquire plenitude e, portanto, pertence de fato ao estrato c. Logicamente, e de acordo ao até agora apresentado, se a originalidade é principalmente autenticidade (e esta pode ser gradual, também de acordo ao já dito), esta depende do processo no qual a mulher se sinta livre.

No nível a. a mulher não sente rebeldia nem desconformidade: é a servidora convicta dos padrões masculinos. Se nela surgem discrepâncias, estas não chegam a ser conscientes, ou se chegam a ser é de forma vaga, são reprimidas como algo pecaminoso.

No nível b. a mulher tem uma consciência dessa desigualdade, o que pode levar à atitude reflexiva: pode chegar a alcançar até mesmo a certeza da legitimidade dessa rebeldia, mas não até arrebentar “as correntes que a aprisionam”.

No nível c. essa inquietude se transforma em rebeldia consciente e convicta: uma necessidade incoercível de manifestação. Em épocas passadas, esse nível foi uma rara exceção, fato extraordinário. Atualmente é um acontecimento massivo.

4.4.10 A poesia feminina paraguaia: suas etapas

Uma vez estabelecidas essas premissas, que consideramos basicamente necessárias para organizar essa tentativa de apresentação crítica da produção lírica feminina em nosso país, podemos entrar propriamente dito nesta INTRODUÇÃO, ou seja, na exposição o mais inteligível possível do processo das manifestações literárias locais. Processo que poderia parecer nada complexo se nos focamos na escassez de suas manifestações até uma data bastante próxima, mas que se torna espinhoso justamente por causa da ausência de testemunhos concretos o bastante eficazes em volume, e ainda um tanto difusos em suas características.

Por agora, se em nossa lírica feita por homens (consideravelmente mais copiosa e como conjunto mais rica em valores) é um sério problema diferenciar vertentes ou escolas e é árduo mesmo na questão das gerações⁹³, quando se trata de literatura feminina essa nomenclatura resulta materialmente impossível. Só seria possível sinalizar influências individuais em uma ou outra obra feminina. Essas dificuldades são um fato particularmente exato no que se refere a poesia anterior a 1970.

As próprias etapas aqui sinalizadas na evolução, em geral e em particular da literatura produzida por mulheres, em certas épocas são difíceis de demarcar, por causa da prolongação dessas etapas, que cavalgam umas sobre as outras seguintes. No entanto, tentaremos estabelecer, na medida do possível, uma ordem:

1. A poesia feminina na colônia e até a Independência
2. A obra das precursoras (1920-1940)
3. A década 1940-1950, década de transição
- 3.1 A poesia erótica feminina: seu significado

⁹³ Devido a dificuldade de estabelecer escolas ou tendências na poesia paraguaia, a crítica optou por analisar por gerações, divididas de acordo à década de produção, critério que Josefina Plá em alguma medida mantém no texto em relação à poesia feminina.

3.2 1950 e as novas poetisas

4. A nova década: a poesia feminina de 1960 a 1970
5. A década de 70 até hoje

4.4.11 Bibliografia⁹⁴

AMARAL, Raúl. Anotaciones. *In*: DIAZ PÉREZ, Viriato. Literatura del Paraguay. Palma de Mallorca, 1980.

AMISTAD, revista argentina, n. 15, dedicado a la poesía paraguaya. Prólogo de Augusto Roa Bastos. Antología a cargo de Josefina Plá.

ANDERSON IMBERT, Enrique. Historia de la Literatura Hispanoamericana. 2. ed. México: Fondo de la Cultura Económica, 1957.

ANDERSON IMBERT, Enrique. Historia de la Literatura Hispanoamericana. México, 1954.

BACIU, Stefan. Antología de la Poesía Hispanoamericana. [s.l.: s.n., s.d.].

BENITEZ, Luis G. Historia Cultural: reseña de su evolución en el Paraguay. Asunción: Comuneros, 1973.

BUZO GÓMEZ, Sinforiano. Índice de la Poesía Paraguaya. 3. ed. Asunción: Nizza, 1965.

CARDOZO, Efraím. Apuntes de Historia Cultural. Asunción: F.V.D., 1963.

CARLISLE, Charles R. Beyond the Rivers: antología bilingüe. Berkeley, California, 1977.

CENTURIÓN, Carlos R. Historia de la Cultura Paraguaya. Asunción: Biblioteca Ortiz Guerrero, 1961.

EUROPE, Revista francesa de Letras. Número dedicado al Paraguay. París, 1966.

GIMÉNEZ CABALLERO, Ernesto. Revelación del Paraguay. Madrid: Espasa Calpe, 1958.

GIMÉNEZ CABALLERO, Ernesto. Las Mujeres de América. Madrid: Editorial Nacional, 1971.

GONZALEZ, Natalicio. Revista GUARANIA, n. 2, jan./fev. 1948.

KNAPP JONES, Willis. American Literature since 1888. [s.l.]: Frederick Ungar Publishing Co., 1963.

⁹⁴ Aqui se manteve o formato usado por Josefina Plá, de acordo com a publicação do Portal Guarani.

LA AURORA, revista nacional 1860-1861. Coleção Biblioteca Nacional de Asunción.

MARCILESE, Mario. Antología poética hispanoamericana actual. La Plata: Editora platense, 1969.

MONTEZUMA DE CARVALHO, Joaquim. Panorama das literaturas das Américas. Capítulo correspondiente al Paraguay por Rubén Bareiro Saguier. Nova Lisboa: Edição do Município, 1958.

PEN CLUB DEL PARAGUAY. Poetas: antología. Asunción, 1977.

PÉREZ MARICEVICH, Francisco. Poesía y conciencia de la poesía en el Paraguay. Asunción, 1967.

PÉREZ MARICEVICH, Francisco. La Poesía y la Narrativa en el Paraguay. Asunción: Editorial del Centenario, 1967.

PLÁ, Josefina. Apuntes para una historia de la cultura paraguaya. Asunción: Municipalidad de Asunción, 1965.

PLÁ, Josefina. Literatura Paraguaya del Siglo XX. 3. ed. Asunción: Comuneros, [s.d.].

PLÁ, Josefina. La Poesía Paraguaya. Separata de Cuadernos Hispanoamericanos, n. 203. Madrid.

PLÁ, Josefina. Poesía Paraguaya: antología. Lírica Hispana, n. 238. Caracas.

PLÁ, Josefina. Aporte y logros en la literatura femenina paraguaya. Asunción: Centro de Estudios Sociológicos, 1975.

PLÁ, Josefina. Poesía paraguaya actual. Separata del Journal of Interamerican Studies, v. IX, n. 7. Universidad de Miami, 1967.

PLÁ, Josefina. Evolución Intermedia (1940-1959). In: DIAZ PEREZ, Viriato. Literatura del Paraguay. v. II. Palma de Mallorca, 1980.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Guido. La poesía y la novela en el Paraguay (1960-1980). In: DIAZ PEREZ, Viriato. Literatura del Paraguay. v. II. Palma de Mallorca, 1980.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Hugo. Historia de la Literatura Paraguaya. México: D'Andrea, 1970.

RODRÍGUEZ ALCALÁ, Hugo. Historia de la Literatura Paraguaya. Asunción: Comuneros, 1971.

TORRES RIOSECO, Arturo. Nueva Historia de la gran literatura hispanoamericana. 3. ed. Buenos Aires: Emecé Editores, 1960.

VALLEJOS, Roque. Antología crítica de la poesía paraguaya. Asunción: Don Bosco (E.T.S.), 1968.

VELAZQUEZ, Rafael Eladio. Breve Historia Cultural del Paraguay. Asunción: Criterio, 1968.

VIOLA, Alfredo. Reseña del desarrollo cultural del Paraguay. Asunción: Comuneros, 1979.

WEY, Walter. Poesía Paraguaya: historia de una incógnita. Montevideo: Alfaro, 1951.

4.5 POETAS BRASILEIROS VI (CECÍLIA MEIRELES)⁹⁵

La tribuna, domingo, 3 de agosto de 1952

A crítica considera Cecília Meireles como a mais destacada voz feminina da lírica do Brasil. Não [ilegível] [se pode] permanecer alheio a um dos mais puros, profundos [ilegível] poéticos femininos do continente. Sua obra é nutritiva tanto em volume quanto em valores. Seu primeiro livro, *Nunca mais e poemas dos poemas*, apesar de seu/sua [ilegível] juvenil já concilia as qualidades que continuam sendo essenciais em sua poesia: a ampla variação temática e a presença de uma expressão diáfana que se projeta em alcance subjetivo. Depois vem *Batalhas para El Rei* no qual encontramos o embate fervoroso entre imaginação e emoção, as duas asas nas quais em geral se apoia o voo da poesia feminina. Seguem-no *Viagem* (1939) e *Retrato natural* (1949), com cada um desses livros o leitor desce mais alguns degraus na densa profundidade turvadora de sugestões, em uma lírica cujo tom é novidade no concerto americano. De fato, se Gabriela [Mistral] é a mãe cuja maternidade frustrada abrange o mundo em cruz, e Juana [de Ibarbourou] a amante, fervor e beleza sob a luz do meio-dia, e Alfonsina [Storni] a mulher eterna ferida, que farta de insultos e fraudes se revela, Cecília é o mistério feminino que reúne todas as possibilidades, das mais ternas, até as mais aterradoras. “Retrato natural” é o livro no qual poderíamos ver sua experiência poética resumida, não por isso é uma autobiografia, apesar do nome. É vida, na qual o amor – o homem – é só o canal fatal pelo qual se escorre sem poder esquivar o eterno. Dor e amor feminino se projetam através dos versos de Cecília Meireles, é a leveza da frase, unida em um imenso poder de sugestão. Nunca antes se encontrou a equivalência diáfana de

⁹⁵ Texto recuperado da hemeroteca da Biblioteca Nacional de Assunção durante minha pesquisa de mestrado (Rodrigues, 2018), alguns trechos estavam ilegíveis pela deterioração do tempo. O original pode ser lido na mencionada dissertação, na tradução, feita com auspícios do Memorial da América Latina, mas nunca publicada, optei por manter as versões de Josefina Plá dos poemas em espanhol, com a versão original em português abaixo, para permitir que a leitora possa apreciar a faceta de tradutora de Josefina Plá comparando as duas versões.

profundidade iluminada como nesses versos de Cecília. Mas o vértice de sua poesia não se radica somente nessa característica. Depois dos poemas de Cecília Meireles, que são uma sombra que se prolonga na trilha de sua vivência, alguma coisa parece se mover indefinível, angustiada, sobre o [ilegível] do reconhecimento, forma sem nome que se despreguiça sob o lençol de um sonho que todos já sonhamos uma vez. E ao escrever isso surge, espontaneamente, a lembrança longa e turvada de um dos seus poemas, “O Andrógino”:

Son su rostro y su cuerpo
de dudosa paloma:
la un ala de luz
la otra ala de sombra.

sus ojos son balanza
todavía oscilante,
entre lo que hombre pesa
y lo que Dios demande.

Vive como en el sueño,
como antes de nacido,
cunado al par vida y muerte
tenían las consigo.

Pues su cuerpo de ángel ostenta,
impuro y casto
la mano de la gloria
la mano del pecado.

Une cielo e infierno.
Une a Dios y al Demonio,
Y entre Adán y Eva
buscando va su nombre...⁹⁶

Sua face é o corpo
de uma dúbia pompa:
uma asa de luz
e outra de sombra.

Seus olhos balança
ainda oscilante,
entre que o homem pese
e que o Deus mande.

Vive como em sonho,
antes de nascido,
quando a vida e a morte
estavam consigo.

⁹⁶ Tradução de Josefina Plá (esta nota pertence também ao texto original, pois às vezes a autora cita traduções de Gastón Figuera ou outros).

Pois seu corpo de anjo,
impuro e casto,
leva a mão da glória
e a do pecado.

Une céu e interno,
e Deus e o Demônio:
entre Adão e Eva
busca seu nome.⁹⁷

Mas não se deve pensar por isso que Cecília Meireles não é capaz de traduzir os matizes femininos emotivos da ternura, do perdão, da abnegação, ainda que esses matizes penetrem em uma dolorosa ironia:

Si yo fuese solo una rosa,
con qué placer me deshojara
pues te es la vida dolorosa
y ya no sé decirte nada.

Si fuese solo para agua o viento,
con qué placer me desharía,
como en tu propio pensamiento
deshaces tú la vida mía.

Perdón si te doy la pena
de esta humana, amarga demora:
ser menos breve que agua y viento
y más durable que la rosa!...⁹⁸

Se eu fosse apenas uma rosa,
com que prazer me desfolhava,
já que a vida é tão dolorosa
e não te sei dizer mais nada!

Se eu fosse apenas água ou vento,
com que prazer me desfaria,
como em teu próprio pensamento
vais desfazendo a minha vida!

Perdoa-me causar-te a mágoa
desta humana, amarga demora!
– de ser menos breve do que a água,
mais durável que o vento e a rosa⁹⁹...

⁹⁷ MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

⁹⁸ Tradução de Josefina Plá (esta nota também pertence ao texto original).

⁹⁹ *Idem*.

Não lembro quem foi que destacou a presença de dadas palavras que se repetem em obras poéticas singulares, densas de personalidade, como notas musicais e que, assim como essas, determinam o tom de uma composição, definem as coordenadas subjetivas do poeta, demonstram os polos sobre os quais gira seu mundo ideo-emocional. Essas palavras são verdadeiras chaves de leitura das urgências espirituais que sustentam essa lírica. Chaves que se diferenciam por ter, frequentemente, a objetividade reveladora que a palavra poderia fazer pensar. Melhor dito: símbolos, palavras-cifras, palavras-chave. Pois bem, ao longo do poemário de Cecília Meireles chocam à vista e ao espírito, com frequência obsessiva, duas palavras: água e noite. Água uniforme cujo canal vai do mundo comprimido de uma lágrima, ao mundo que está por ser comprimido do mar. Noite, que é sombra, é névoa, é crepúsculo. Água e noite:

Abrí en la noche las grandes aguas
creadas al tiempo del llorar... (LLAMADO)

En qué caverna submarina
su silencio en corales descansa?... (SERENATA)

Siempre te dije que era grande el océano
para nuestra barca tan chica (LLANTO EN EL MAR)

Las aguas todas van corriendo
en verdes lágrimas para dentro de sus ojos (AIRE LIBRE)

Espada entre flores,
Roquedo en las aguas (PALABRAS)

Murmuréle a una cisterna
de turbias aguas antiguas (CANCIÓN)

APELO
Abri na noite as grandes águas
Criadas no tempo de chorar.
Levantei os mortos do sonho
Que trouxestes para viajar.
Fechai os olhos, despedi-vos,
Atirai os mortos ao mar!

Por amor às vossas estrelas,
Chamai ventos de solidão.
Em voz alta, dizei resposos,
Descarregai o coração!
Aos mortos que descem nas águas,
Mandai amor, pedi perdão!

Fazei-vos marinheiros límpidos,
Isentos do bem e do mal.
Dizei que, à procura dos deuses,
Com um rumo sobrenatural,
Necessitais da despedida
De toda lembrança mortal.

Ide, com o esbelto movimento,
A graça da libertação,
À proa das naves solenes
Que os deuses vos transportarão.

Mas não fiteis a densa vaga
Que se arquear em redor de vós!
- O rosto dos mortos flutua
para sempre. E é um longo cometa
a aérea franja da sua voz.

Dos oitenta e cinco poemas que formam seu último, belíssimo, livro *Retrato natural*, mais de cinquenta contêm essas palavras-chave, ou ao menos afins a imagens cuja diafaneidade comunicativa as torna mais perturbadoras. Gastón Figueira, crítico e tradutor de Cecília, observa que nos primeiros livros da autora existiam elementos ou características simbolistas, felizmente desaparecidos mais tarde. Mas acredito que na verdade esses elementos persistem em toda poesia autêntica, como expressei ao falar de Jorge de Lima. A poesia não é sempre símbolo? Talvez pudesse, no entanto, completar melhor o sentido ao que quero chegar dizendo que, embora o poeta não seja sempre simbolista – graças a Deus – pelo menos simbólico ele é sempre. Não há poesia perene sem mito. O crítico romano Oana Potecasu destaca que a poesia é a ponte entre a música e o logos. Ponte longa e escura, povoada por mitos, os mitos essenciais, eternos, aqueles que nos convocam no angustiante palpitar dos sonhos. É nesse ambiente que a poesia de Cecília Meireles se move, dona de cosmos secretos, que não são só seus, mas de toda alma feminina, até mesmo aquelas as quais não se chega sem um guia. Água e noite são guias para ela. Suas palavras-chave. Água, noite. Os símbolos eternos de Eva. De resto, a poetisa faz um autorretrato nos seus oito versos lúcidos e terríveis de “Presentación”:

Aquí teneis mi vida, esta arena tan clara
con anhelos [ilegível] dedicados al viento

Aquí teneis mi voz, esta concha vacía
sombra de son, cortejo de su propio lamento.

Aquí está mi dolor, este coral quebrado

sobreviviendo a su patético momento.

Y aquí teneis mi herencia: este mar solitario
una ribera amor, y la otra olvido.¹⁰⁰

Aqui está minha vida — esta areia tão clara
com desenhos de andar dedicados ao vento.

Aqui está minha voz — esta concha vazia,
sombra de som curtindo o seu próprio lamento.

Aqui está minha dor — este coral quebrado,
sobrevivendo ao seu patético momento.

Aqui está minha herança — este mar solitário,
que de um lado era amor e, do outro, esquecimento.

Uma análise profunda da poesia de Cecília Meireles nos levaria, talvez mais longe que qualquer outra poeta, no caminho do conhecimento cheio de perturbadoras revelações da motivação, também profunda, da verdadeira poesia feminina. Comungar com Cecília Meireles é um dever de todo poeta americano. É também um dever de todo espírito feminino, um dever que tem sua contrapartida em nobres, profundas, purificadoras emoções.

4.6 POETAS BRASILEIROS XI

La Tribuna, domingo, 7 de setembro de 1952

Gilka Machado, nascida no Rio de Janeiro em 1893, não poderia em rigor ser considerada, ao menos em sua origem e inícios, uma poeta modernista, ainda que indubitavelmente em sua obra posterior a 1920, *Mulher nua* (1922), *Meu glorioso pecado* (1928), *Sublimação* soube, poeta de seu tempo, verter sua ardente lírica em moldes de maior consonância com o espírito moderno.

Em seus primeiros livros, Gilka, ainda dentro de sua poderosa personalidade, aparece formal e ostensivamente incluída no grupo pós-parnasianista no qual a acompanham outros poetas brasileiros que conseguiram resgatar originalidade entre a maranha conceitual da época: Júlia Lopes de Almeida, Castro Menezes, Durval de Moraes, etc.

¹⁰⁰ Tradução de Josefina Plá (esta nota também está no texto original)

A obra de Gilka é uma obra “de valores desiguais” como já afirmou Gastón Figueira: coisa que costuma acontecer quase sempre nos poetas de inspiração muito espontânea e profusa. Falta em seus versos a remota e perturbadora melodia, a profundidade evocativa que caracteriza a poesia de Cecília Meireles, ou a ingenuidade e frescura da fantasia de Henriqueta Lisboa. Mas em troca Gilka Machado possui uma brilhante e clara plasticidade, uma suntuosidade sensual que fazem dela, na visão de seus comentadores, a “condessa de Noailles” brasileira.

Possuidora de uma refinada sensibilidade musical, e do dom de comunhão com a natureza, cujos momentos únicos ela paraleliza espiritualmente de forma admirável, mas, como já disse, carece do cósmico estremecimento de Cecilia Meireles, da luminosa ternura de Henriqueta Lisboa, ou do alcance metafísico de Adalgisa Nery. Sua poesia, no entanto, ampla e radiosa, move-se em uma plasticidade tropical, na qual formas e cores têm mais importância que o movimento, e os estados da alma, todos, têm uma relação, próxima ou distante, com o amor. A capacidade de sentir a natureza à plenitude é, em Gilka, paralela à capacidade de plenitude no amor. Esses versos, fragmentos do poema “En la mañana de cristal”, a definem bem:

En la mañana de cristal

Estoy sola, muy sola: tan sola que recelo de los propios movimientos que ejecuto,

En mi misma abismada, en medio del silencio absoluto.

Estoy sola, muy sola, en tal muda calma Que hasta siento a mi alma
ir, en puntas de pie fura de mí. La contemplo, encantada,
al encontrarme así sin ver en mi nada

de lo que creía muy dentro de mí... Coraje. Posesionate de tu yo

Amate a ti misma y a tus tesoros interiores Tendrás entonces el amor de
los amores

Y tuyo será el cosmos.

Vamos, es tiempo aún. Abre tus alas en la brisa clara Yerguete, mira el
infinito cara a cara.

Piensa que hay en el esplendor de cada sol al despuntar, Un rayo de tu ser
que se va a apagar.

En la mañana de cristal Me observo sorprendida

Mírome en todo: siéntome sin bríos
 No sé si me absorvió la naturaleza, la vida
 O si tendo el mundo germinando en mí...¹⁰¹

Gilka Machado leva sem esforço já há um quarto de século o título de decana da poesia feminina brasileira: um título que não é disputado por nenhuma outra, apesar da preponderância de novas correntes. É que sua poesia é plástica e musicalmente representativa. Dos valores de sua obra em conjunto está o fato de ser a única poetisa brasileira perdoada pela lança crítica de Agrippino Griego.

Henriqueta Lisboa possui uma fisionomia original dentro da poesia brasileira. É a poeta da infância. Canta para a criança. Não de fora, como cantaram outras mulheres, mas “de dentro”. Para caracterizá-la repetiremos as palavras de Gastón Figueira: “ela procura a criança poeta. A procura daqui para lá sem saber se seus olhos eram azuis ou pretos, se se encontra nas águas do Lambari ou no [ilegível]. Ela queria ver de perto a criança poeta para que lhe contasse as coisas bonitas do céu e do mar. E a criança poeta apareceu e trouxe para Henriqueta o melhor presente: lhe fez evocar a própria infância... sua poesia significa um acontecimento importante na literatura americana de nossos dias”.

Foi assim que a sensibilidade feminina na poesia do Brasil respondeu a essa solicitação inquieta, veemente, pela infância, que caracteriza o nosso século, “o século da criança”, o chamou Ellen Key. Não é raro que a poesia de Henriqueta, cheia de ternura, estendida como uma finíssima antena até o ar puro da infância, a procura de visões cristalinas, liberadas da infância, tenha merecido especial interesse de outra poetisa mãe desamparada de todas as crianças sem amparo: de uma poetisa que acumulou toda a dor “pelas crianças” como Henriqueta acumulou nelas toda a pregaria: Gabriela Mistral. Eis aqui um poema de Henriqueta, “Segredo”:

Secreto
 Golondrina en el hilo escuchó un secreto
 Fue a la torre de la iglesia Cuchicheó con la campana

¹⁰¹ Tradução de Gastón Figueira (nota de Josefina Plá no original).

Y la campana bien alto:

delem dem

delem dem delem dem

Toda la ciudad lo supo.

Segredo

Andorinha no fio

escutou um segredo.

Foi à torre da igreja,

cochichou com o sino.

E o sino bem alto:

delém-dem

delém-dem

delém-dem

dem-dem!

Toda a cidade

ficou sabendo.

A mesma cristalina e nítida expressão, o mesmo virtual frescor de orvalho, encontra-se em “Cocuyos”:

Cuando la noche viene bajando

en los valles en penumbra en los matos, en los yuyos,

Son los cocuyos ariscos

Que encienden, guiña q'guiña

El verdor de sus linternas,

Linternas de la campiña...

¿O serán los ojos claros de los niñitos traviesos

verdes ojos entreabiertos

entreabiertos, semitontos,

cual luchando por el sueño?

Pirilampos

Quando a noite

vem baixando,

nas várzeas ao lusco-fusco

e na penumbra das moitas

e na sombra erma dos campos,

piscam piscam pirilampos.

São pirilampos ariscos

que acendem pisca-piscando
 as suas verdes lanternas,
 ou são claros olhos verdes
 de menininhos travessos,
 verdes olhos semitontos,
 semitontos mas acesos
 que estão lutando com o sono?

4.7 PALAVRAS PRÉVIAS A *EM PELE DE MULHER*

Essas entrevistas, porque são entrevistas, são resultado de contatos pessoais, de confidências de mulheres paraguaias de diferente classe e condição. E não há nada nelas – com exceção do caso de Choli e Berna – de intervenção narrativa de parte da autora (intervenção bem breve).

Brincando um pouco com o vocábulo, o entrevistado nelas é o que o gênio e a figura espiritual da mulher paraguaia – essa mulher saciada de ingratidões – permitem entrever os fatos aprendidos ou insinuados. Não são entrevistas no sentido jornalístico rigoroso e estrito: que suporia resumos de encontros breves e programados. São escritas a base de anotações reais e efetivas, mas coletadas, isso sim, em distintas datas, de conversas isoladas, espontâneas ou induzidas, de evocações soltas (e no seu momento, cada uma, sem ordem cronológica) a procura de seus respectivos dramas, foram compiladas e organizadas cada uma provisoriamente na respectiva data, de modo a adotar essa face “entrevística”, de questionário e sessão únicos, contínuos e breves.

Esse modo de processo não pode ser considerado estranho. Ninguém entrega sua intimidade – por mais mulher humilde que seja – de uma vez e de um só golpe: é muito mais fácil que entregue seu corpo que as razões secretas de seu proceder, às vezes ela mesma não as podia explicar, raras vezes se autoanalisou: a análise não vai além da reação elementar mais ou menos retardada: a saudade; a tristeza; ou o estigma, como um ponto final, que coloca a resignação: “isso é coisa de mulher” ...

Mas através de retalhos, e despertando de alguma maneira – às vezes provocada pela própria entrevistadora – essas reações, a relutante intimidade se entrega, em palavras quase sempre simples, cifras de outras tantas jornadas em uma existência, jornadas que são como fogueiras de viajante na montanha: pegadas de caminhante as quais jamais voltará a pisar, porque essa mulher não retrocede nunca. Não se detém a olhar o andado. Só procura a maneira de prosseguir a caminhada.

Em uma delas, as mais cultas ou sensíveis, alvorece – como relâmpago isolado de uma tempestade desviada – um lapso de rebeldia. Essa rebeldia, a geração que hoje se extingue e terá pagado caro. As que a sucedem, já não são a mesma mulher incauta ou ingênua, elas já começaram a perguntar em voz alta se é justo que seja a mulher a que pague sempre a conta de um banquete que é de dois. E muitas já dizem ou pensam que não. Começam a compreender que o jogo no qual participaram sempre teve e ainda continua tendo majoritariamente como regra um incrível sofisma: que se recorre à sensibilidade feminina para obter a mulher, e que depois essa mesma sensibilidade se acunhe como “inri”.

Essa “gloriosa” mulher paraguaia começa a se desglorificar¹⁰², a se somar à corrente reivindicatória multifacética em aparência. E é bom que seja assim, porque na sensibilidade feminina afincamos, precisamente, a esperança de que esse mundo desgovernado encontre por fim um centro espiritual. Se a mulher não avança de forma mais eficaz em seu caminho é porque esta é uma evolução de raízes profundas e não uma evolução na superfície dos fatos. E porque a transformação da mulher requer – grave condição – a transformação simultânea à paralela transformação do homem em múltiplos aspectos. Uma transformação a qual ele resiste, crendo defender direitos essenciais da varonia, quando o problema não é esse em absoluto. O feminismo que reivindica o direito da mulher de “ser ela mesma” não pode nunca erguer o monumento de seu triunfo sobre as ruínas do outro gênero. Seria estúpido, e absurdo. Mas basta deixar estabelecida essa asserção. Desenvolvê-la como tema não compete a este proêmio.

As mulheres aqui reunidas oferecem em geral as mesmas características: mesmo que em algumas delas, colocadas em circunstâncias propícias para isso, “quebrem a casca”, preanunciem a liberação, por caminhos que não são certamente os que correspondem a uma feminilidade conscientemente liberada. Como a Delma da entrevista, tentará vestir sua própria pele, mas deixará fragmentos dela pelo caminho.

Quem ler essas entrevistas não deve esquecer, no entanto, que se trata de “confidências pessoais”. De mulheres paraguaias de carne e osso. E ainda que essa nossa “espécie” feminina tenda a se extinguir, a espécie das mulheres heroicas e pobres, mães e pais de seus filhos – tão pobres, que nem sequer tiveram sonhos – é, no entanto, do mesmo barro e sopro das que reconstruíram a pátria e pagam o resgate das que ajudam a mantê-la em pé.

¹⁰² Recuperação do dito popular de que a mulher paraguaia é a mais gloriosa da América.

Estas “vidas” de mulheres aqui apresentadas, não se caracterizam como “vidas exemplares” por si mesmas, ainda que algumas delas podem ser bem **exemplares** de acordo aos mais exigentes cânones sociais. Mas são exemplares todas, no momento em que são exemplo e ao mesmo tempo testemunho de uma situação, de um consenso social generalizado sobre o que a mulher “deve ser” em função das exigências do outro sexo. Exemplos de uma situação a qual geralmente a mulher não escapa a não ser por errôneos caminhos.

Não há nessas páginas pretensão analítica nem literária. São um simples tributo rendido, em emocionada evocação, a todas e a cada uma das mulheres – quase todas já falecidas – as quais conheci e com as quais – senhoras ou mulheres humildes lutando sozinhas contra o vendaval da vida – aprendi muito, porque senti muito.

Uma advertência talvez desnecessária: nessas entrevistas muitas circunstâncias de lugar e tempo, nomes, família, e inclusive características físicas em alguns casos, estão trocadas, com o objetivo de rodear essas confidências do honesto anonimato que sua característica requer.

Não há muito, ao se discutir o Prêmio Nobel da Paz, aparece novamente, nominada na lista para esse prêmio, o nome de uma mulher. Não se chegou a concretizar a proposta, mas ela pode ser um preannuncio recorrente de que essa é a era na qual a mulher – exercendo suas funções humanas de acordo a um sentido feminino que até agora se desperdiça em protestos ou reivindicações isolados e até extemporâneos – conseguirá essa concentração espiritual da Humanidade, que é o segredo da paz.

E quando chegue esse momento, é de se esperar que a mulher paraguaia não esteja ausente, que responda ao encontro.

4.8 A PROFESSORA

... Que a vida perdida e abusada não recomece em outras mulheres...¹⁰³

Katy Rolón, 56 anos. Família oriunda de Alto Paraná. A mãe veio para Assunção com ela, quando Katy tinha dois anos. Logicamente não lembra nada desse lapso de sua vida nem de seu pai.

— Seu pai morreu?

¹⁰³ Josefina seleciona trechos significativos das entrevistas e usa como epígrafe, além disso, cada capítulo traz um desenho de corpo feminino nu, somente com o traço do lápis.

— Não. Simplesmente abandonou a minha mãe quanto eu tinha acabado de nascer. Foi para o estrangeiro, não sei se pro Uruguai ou México. Se separou de mamãe, se casou com outra mulher, não logo em seguida, foi como seis ou sete anos depois, teve vários filhos com ela, mas eu nunca vi nem ele nem seus filhos mesmo que, acho, tenham visitado o país algumas vezes.

— Filha única?

— Não: dois irmãos mais velhos e uma irmã, também mais velha, que morreu com vinte anos. É essa da foto que está na sua frente, a que está mais pra baixo.

— Linda jovem.

— Sim... Mamãe ainda chora por ela. Era muito boa. Tinha seis anos a mais que eu...

— E seus irmãos?

— Um morreu na guerra de 47¹⁰⁴ – somos velhos liberais – o outro foi pra fora também, com um tio, quando tinha doze anos... Não voltou mais. Parece que está bem em Buenos Aires. Mas desde 1970, faz cinco anos, não temos mais notícias dele nem da família dele. Se casou por lá. Mas nunca voltou. Não conhecemos sua esposa nem os filhos. Que pena, né? Escrever sim escrevia uma vez a cada tanto. E até mandou dinheiro duas ou três vezes. Pouca coisa. “Um presente de aniversário para mamãe”.

— Então você é praticamente filha única?

— Sim. Mamãe e eu vivemos sempre sozinhas e juntas, e eu me lembro mais da vida de mamãe que da minha. Especialmente nos últimos anos.

— Sua mãe trabalhou para manter vocês duas?

— Claro, porque meu irmão que foi embora era muito mais velho que eu: doze anos. E mesmo ele escrevendo pra mamãe até 1965 e sendo amável com ela por carta e mandando alguns pesos argentinos como já disse, mamãe ainda tinha que trabalhar para manter as duas. Ela era costureira. Até hoje costura. Se não é alguma coisa difícil porque já não vê tão bem. Eu lhe digo que não tem mais que trabalhar, mas ela fica brava. “Por que não vou trabalhar se eu trabalho bem?”, diz. Ela está com oitenta anos. Mas não parece.

— Não mesmo, é verdade... está muito bem conservada. Você escolheu a profissão de professora?

— Sim. Quando eu era juvenzinha essa era a única profissão que uma moça decente podia ter aqui. Ir de casa para o colégio, do colégio para casa, era a única coisa que não

¹⁰⁴ Guerra Civil que ocorreu entre março e agosto de 1947.

pensavam mal, pelo contrário. Mas trabalhadoras de escritório, secretárias, como hoje, nem sonhando. Eu comecei o ensino fundamental quando começava a Guerra do Chaco¹⁰⁵, e começavam outros costumes, mas mamãe não percebia. Ou não queria perceber. E eu era uma filha obediente. Até hoje obedeço a minha mãe. Minha obediência é a única coisa que ela tem para se sentir segura no mundo. Com isso não se pode negociar. Eu nunca pude. Tudo isso me obrigou a ser professora.

— Você lamenta por isso?

— De forma alguma. Ensinar combinava com meu caráter, meu temperamento. Sempre estava com minha mãe, eu não tinha brincado com meninas nem meninos, não tinha amigas. E eu achava que se eu podia me fazer escutar por outras crianças como minha mãe se fazia escutar por mim eu seria feliz. Ensinei por mais de trinta anos. Me aposentei tem pouco tempo, estava um pouco cansada, mas ainda assim continuo com aulas particulares em casa. É o que nos mantém porque a aposentadoria, você sabe, não dá nem pro cheiro.

— Essa casa é sua? Quero dizer, de vocês?

— Sim. Quer dizer, da mamãe, ainda que quem pagou fui eu.

— E como é isso?

— Primeiro mamãe comprou o lote e foi pagando com o dinheiro que eu lhe dava todo mês. Depois construímos a casa aos poucos também, eu ia economizando meu salário pra isso. Com o que mamãe ganhava só dava para comer. Mas com sacrifício! Tinha vezes que eliminávamos o leite do café por um mês inteiro... Mas valeu a pena, A casa é pequena, mas é linda, né? E é confortável.

— Sim, parece que sim.

— Para duas pessoas tem tudo que é necessário.

— Mas a casa está no seu nome, não?

— Não, está no nome de mamãe.

— Desculpa se sou indiscreta, mas... o que aconteceria se... seu irmão... quero dizer...

— O que aconteceria de mamãe morresse? Bom, talvez meu irmão reclamasse a metade da casa... Ou se ele morresse – Deus me livre – a família ia reclamar.

— Seria muito injusto, ainda mais se faz anos que não cuida da mãe.

— Anos não, nunca cuidou. Salvo por alguns pesos que lhe mandou alguma vez, como já lhe disse. “Para que mamãe compre alguma coisa de aniversário”, dizia. Acho que

¹⁰⁵ Guerra contra a Bolívia pelo território norte do Paraguai ocorrida entre 1932 e 1935.

no total não passou de dois mil guaranis da época. Não daria nem pra comprar um utensílio de cozinha.

— Sua mãe podia ter colocado a propriedade no seu nome, já que comprou com seu sacrifício. Ou você podia aparecer como compradora, como de fato é.

— Não pensamos em nada disso, na época ao menos. Mamãe era a dona de tudo. E ela se sacrificou comigo, comendo pouco e economizando tudo...

— Eu não acho tão injusto, visto que para sua mãe não faltaria teto enquanto vivesse, mas pra você....

(Move a cabeça)

— Deus não vai permitir. Claro que como a casa está em nome de mamãe a metade corresponde, por lei, a meu irmão, mesmo que não seja justo eu nunca vou criar problema, claro também que eu não gostaria de ter que deixar a casa antes da hora, nem ver que outras pessoas, que não são de vida tranquila, ocupem a casa. Isso vai me inquietar muito. Enfim, está nas mãos de Deus.

— Amém! Agora me fale de sua infância, de sua adolescência.

— Não sei se tem muito pra falar. Você sabe como era antes a vida de uma menina. O tempo todo éramos educadas para ser mulher, ou seja, para se manter o mais longe possível do homem.

— E se manter o mais ignorante possível também.

(ri com gosto)

— E o mais bonito é que quase todas nos conformávamos de estar longe... Ainda que ficássemos chateadas com as proibições.

— Você sabe, Katy, que essa entrevista, por mais elementar que seja, tenta compilar dados que contribuem para esclarecer a participação que o gênero tem na vida da mulher paraguaia: a maneira como o homem dirige esses elementos psicológicos femininos e opera com eles em seu próprio benefício, o que se chamou “machismo”. Acreditamos – quer dizer, acredito eu, e muitas mulheres me acompanham nessa crença – que no nosso país o machismo é uma dolorosa realidade, que já é hora de a mulher reagir contra isso em benefício de sua própria saúde psicológica e sua dignidade social. Porque a dignidade da mulher está vinculada a dignidade da sociedade em geral. Me entende?

— Perfeitamente.

— Bom, mesmo que não seja para chegar a fundo na questão, que isso se faz de uma forma demorada e diferente, pelo menos que seja para estabelecer um ponto de partida para

esse esclarecimento, por isso esse questionário. Um questionário que, como você vai ver, é muito breve e em muitos casos com restrições, porque aqui não estamos acostumados à objetividade brutal de certos questionários do exterior. Como em seu momento direi, diremos, esse não pode ser um informe *Kinsey*. Ou pelo menos não acreditamos que a preparação da mulher para responder a certas perguntas com plena consciência feminina esteja suficientemente qualificada. Mas podemos, se nos ajudam com respostas sinceras, estabelecer as bases para esse esclarecimento. Está disposta?

— Bom, vamos vendo, não é? Depende do que me pergunte. Poderia ser ... digamos ... indiscreto? Pelo menos a meu critério pessoal. O que você quer? Não se joga assim pela janela anos de preconceitos e tabus... Jogá-los pela janela seria a mesma coisa que jogar nossa vida inteira... E se jogamos nossa vida pela janela, o que nos resta? Não podemos recomeçar, não é mesmo?

— Não. O passado, passado está. Não se trata de que você jogue pela janela tudo que viveu. Foi sua vida, e a história não retrocede. Mas você sempre mostra uma tendência entediante em relação ao recomeço. E disso se trata. De que a vida perdida ou abusada não recomeça... em outras mulheres. Claro que pode acabar sendo indiscreto. Tudo o que ajuda a descobrir hipocrisias é indiscreto. No entanto você tem razão, Katy. Vamos vendo. Começamos. Que ideia você tinha do sexo em sua infância? Digamos até uns 12 anos.

— A essa idade eu não sabia nada de nada. Ainda que no ensino fundamental houvesse algumas meninas “espertas” como percebo hoje, e elas diziam muitas coisas quando as Irmãs não estavam escutando (porque eu estudava em colégio religioso). Eu estava... não sei como posso dizer... como se eu estivesse adormecida. Não pesava, ou não queria pensar, nas “sujeiras”. É como quando alguém chega a uma casa estranha, chama e não respondem e você não se anima a entrar um pouco mais porque o chão está sujo...

— Sua mãe não lhe instruía?

— Acho que ela teria morrido de um infarto se alguém dissesse que ela tinha que me ensinar alguma coisa. Até deixou que a passagem da infância para a puberdade me surpreendesse, sem me prevenir em absoluto. Você não imagina o susto. Mesmo que algumas das colegas que eu falei às vezes fizessem alguma alusão, eu achava que era uma coisa que acontecia com elas, mas que não ia acontecer comigo. Achava que se fosse acontecer comigo minha mãe me avisaria, ela que me avisava de tudo que podia acontecer comigo se eu me distraía ao passar a rua, se o cadarço do sapato ficasse desamarrado, se eu ficasse com um vestido molhado até secar, etc... etc... De outras coisas – as relativas ao sexo

– nunca me falava com clareza. Sempre dizia que são “coisas horríveis” ... “coisas assustadoras” ... “coisas terríveis” ... porque isso era sinal de que as cegonhas já atenderiam em Paris os pedidos de bebês ... E lembro...

— Diga, não tenha vergonha.

— Através de suas explicações, o bebê aparecia como uma ameaça, como um perigo mortal para a vida e a honra, algo que se devia evitar a todo custo... Claro que minha santa mãe era incapaz de sugerir infanticídio, mas a disposição de ânimo que suas palavras criavam preparava para qualquer coisa... qualquer coisa menos isso. Ou para o suicídio. Lembro que uma vez aconteceu alguma coisa na vizinhança... Uma menina de mais ou menos uns quinze anos tomou veneno... Naquela ocasião eu não pude saber o porquê, porque eu ainda era criança, e tudo eram olhares esquivos e palavras misteriosas... Mas eu ouvi minha mãe dizer: “Coitadinha, se poupou muitos sofrimentos...”. Pouco tempo depois eu entendi. E pude imaginar o tipo de efeito psíquico... uma espécie de terrorismo mental, penso eu... que ela teria vivido.

— Sua mãe não fez mais do que repetir o que a mãe dela deve ter dito pra ela... e o que pensavam as mulheres de seu tempo.

— Claro, claro... E bem, continuando com a história, mamãe me deu umas vagas recomendações sobre água fria e quente, sobre não molhar os pés, que não tinha que comer isso ou aquilo e até aí vai seu ensinamento.

— Não me diga que isso foi tudo o que aprendeu sobre sexo para toda uma vida?

— Não. Claro que não. Que piada. Aprendi, com o tempo, um pouco mais. Mas foi lendo, decifrando, pode-se dizer que algumas vezes ficando aquém e outras vezes indo longe demais. Mas mentiria se dissesse que tudo o que eu li pode modificar o quadro fundamental que em mim construíram os ensinamentos de mamãe. Ou a falta de ensinamentos de mamãe, e os preconceitos sociais que me fecharam em um muro de espinhos. O mecanismo do sexo se esclarecia cada vez mais, e cada vez me parecia... como posso dizer? Mais fisiologicamente antiestético. E até cheguei a pensar se Deus não podia ter inventado algo mais decoroso para o objetivo.

(Nós duas rimos bastante)

— E me diga: considerando o que você queria saber e não soube, você não pensou em compensar essa deficiência contribuindo a que ela não fosse transferida a outros? Em resumo, não pensou em tocar esse assunto em suas aulas?

— Em minhas aulas de fisiologia me limitei ao texto, porque ao trabalhar com alunos de ambos os sexos não posso colocar em apuros minhas alunas. Lembro que teve uma temporada em que me dei o trabalho de reunir as alunas que me pareceram mais espertas para lhes dar algumas explicações. Queria transmitir uma noção a respeito do sexo, um sentido mais profundo e sagrado do que a sexualidade feminina comporta. Mas não consegui que se interessassem. Com exceção de uma. Essa sim se interessou e me procurava depois da aula para fazer perguntas. E eu notava que estava angustiada. Como não queria errar em assuntos tão delicados, me limitei a lhe dar alguns livros sobre a mulher os quais se não incentivavam as leitoras a sair do estabelecido, pelo menos davam instruções de como cuidar sua fisiologia. Mais que isso não pude fazer. O que eu ia fazer se eu mesma não tinha conseguido tirar conclusões? Sempre que tentava, chegava na mesma conclusão. “Isso deve valer para outras mulheres, mas não para mim...”.

— Só essa aluna teve interesse?

— Só ela. Talvez estivessem esperando outra coisa de minhas aulas: detalhes sugestivos, alguma coisa que esclarecesse mistérios de mais adiante, algo que eu como pobre solteirona não conhecia a não ser muito teoricamente. Uma vez me arrisquei a explicar alguma coisa sobre o sentido especial do amor humano, sinalizando que no amor humano intervém também o espírito. Se entediaram. Inclusive ... (ri).

— Por que a risada?

— Porque agora só me resta rir... Uma moçona grandona de uns 15 anos, que era precisamente do meu povoado, parecia se divertir fazendo caretas. Quando a aula terminou lhe pedi que esperasse e quis conversar com ela. Perguntei por que aquelas caretas e risinhos. Me respondeu... ainda fico vermelha ao lembrar...

— O que ela respondeu?

— “Olhe, senhora, não precisa fazer tanto rodeio para explicar a diferença entre o amor do homem (aqui engoliu a voz) e da mulher, e da vaca e o touro”. — “Não”, disse eu, surpresa. — “Não. A única diferença é que antes o homem leva uma serenata para a mulher. E depois, o touro não diz nada, e o homem também não”...

(Rimos as duas, ela nervosamente)

— E você disse o quê?

— “Por Deus, Micaela, não fale assim! Alguém pode pensar que você já não é uma menina”. E sabe o que ela me respondeu?

— Não... Não quero nem imaginar. Pode ser que esteja enganada.

— Me respondeu: “e por acaso isso se vê na cara como o batom?... Eu nunca fiz, mas conheço meninas do colégio que já fizeram e você não vai poder saber quem são ... No momento, claro ... porque talvez daqui a pouco todos vão saber”. E ria, cínica, ou pelo menos achei que assim era. Eu estava fria como gelo e não tive coragem de responder mais nada. Pensei... imagina se eu estivesse cheia do preconceito geral, ia achar que devia falar com os pais da menina... por sorte não fiz isso.

— Essa menina deve ter terminado mal, não?

— Sabe que não, veja só. Continuou no colégio por mais um ano e de repente na metade do ano deixou de vir. Eu pensei como você: que tinha terminado, ou começado, mal. Mas não. Alguns meses depois – mais de um ano – apareceu com um menino em braços, quase recém-nascido e me apresentou seu marido: um rapaz fortão, lerdo, mas com um sorriso agradável. “Meu marido legítimo” me disse, me olhando com atenção. Eu lhe dei os parabéns e deu um presente para o bebê. Um ano e pouco depois veio com outra criança e sem o marido para dizer que os quatro iam para Formosa para trabalhar porque o marido era um bom ferreiro e tinha sido contratado. E não voltei a vê-la até já faz uns vinte anos. Veio com sua neta, uma menina a qual tratava a gritos, mas com carinho. Me disse que os filhos, quatro homens, já tinham suas famílias e a filha vivia com ela e estava prestes a se casar. Eu dei também um presente para a menininha, mas não voltei a vê-las.

— Um relato que se presta a algumas reflexões, mas não as direi agora. E você? Nunca sentiu desejo de se casar? De ter um lar?

— E por acaso não tinha um lar com minha mãe?

— Desculpe, não foi isso que eu quis dizer. Fundar um lar supõe uma busca por continuidade. O lar que formam sua mãe e você é uma chama como todo lar, que ilumina, reconforta, esquenta... mas se apagará quando você desaparecer. Não sei se me explico.

— Sim... entendo. Sei que nesse sentido o que temos não é um lar. É um refúgio cheio de amor e, no entanto, em muitos sentidos também está vazio. Não é uma casa que com o tempo vai manter suas janelas iluminadas a cada noite.

— Você se expressa bem, Katy. Nunca escreveu poesia?

— Algumas vezes sim... como adivinhou? Mas nunca conservei nenhuma. Escrevia e depois achava que eram tão pobres, tão pouca coisa em comparação com o que eu queria dizer...

— Poesias de amor? (Não responde) Poesias de amor?

— Não sei ... esqueci.

— Desculpe, Katy, mas não está me parecendo sincera. Como você pode ter esquecido o que escreveu se escreveu o que sentiu? Pelo menos o tema devia lembrar. Eram poemas de amor?

— Bem, não sei se poderia chamá-los assim. Porque eu nunca tive um amor.

— Precisamente isso é o que motiva os poemas de amor. Não é o que se tem, mas o que falta para preencher alguma coisa que temos dentro de nós e que nunca está pleno, é o que faz a poesia. Os mais bonitos poemas de amor não foram escritos por apaixonados felizes.

— Sim, você tem razão. Eram poemas de amor. Mas não falavam de homem.

— Não teria sido pecado se falassem.

— Parece que eu não conseguia me imaginar apaixonada por um homem.

— Por quê?

— Não sei. Talvez porque sem saber como, eu tivesse a íntima convicção de que se apaixonar à toa, ainda que fosse de um fantasma, não era apropriado para uma senhorita... Eu nunca escutei a palavra “amor” ser pronunciada na minha casa. Nunca. Nem pelos meus irmãos. O máximo que diziam em minha presença era que “gostavam” de fulaninha. Nas músicas sim, claro, era *rojhaijhú*, eu te amo, por todos os lados...

— Você sentia que tinha uma vida feliz?

— Não saberia dizer. Me sentia feliz por momentos, alguns instantes com uma amiga, ou indo ao cinema, ou ao teatro. Mas era mais frequente que estivesse sumida em uma espécie de bruma, tristonha, mas não angustiada, e muitas vezes tinha vontade de chorar. E até escorria uma lágrima. Mamãe então me preparava uma xícara de tília. “Você está cansada” me dizia. Um dia me senti pior que outros dias, e comecei a chorar a prantos, minha mãe ficou um pouco séria e me disse que nunca pensou que teria uma filha histérica... Por que você balança a cabeça?...

— Por nada. Continue, por favor...

— Agora já não preciso de tília. Faz anos que não choro mais, mesmo que às vezes ainda me sinta triste, mas não quero nem saber por que estou.

— Nunca teve proposta de casamento?

— Na juventude não. A verdade é que eu não era bonita. Mas também não era tão feia. Você viu minhas fotografias. E era boa de caráter. Mas não tinha onde cair morta, somente meu salário de professora e ainda tinha que manter minha mãe comigo e nunca teria me separado dela, mesmo que ela não fosse um grande peso para um marido porque ela se

mantinha muito bem sozinha, ganhava o suficiente para custear minha vida e meus estudos até eu completar 18, quando comecei a exercer. E os homens reparam muito nisso, não? Se casar com uma pobretona e ainda por cima ter que aguentar a sogra, não era um bom plano. Hoje eu dou razão, mas na época eu achava que eram injustos e cruéis.

— Vou continuar sendo indiscreta porque você é uma mulher sensível e cultivada. Mesmo que a vida não tenha lhe dado oportunidade, ou que você não tenha se dado oportunidade de viver certas experiências, você pode, precisamente por isso, me iluminar sobre certas instâncias ocultas da alma feminina. Rogo que não pense mal da minha insistência. Insisto porque acredito que você, e outras como você, pode iluminar através de sua luz muitas outras mulheres, irmãs que ainda vivem cegas mesmo nesta época de luzes vislumbrantes e cegantes. Você não teve propostas de casamento mais tarde?

— Durante algum tempo, anos, não. Era como se tivesse deixado definitivamente de interessar aos homens. E eu mesma me sentia fechada, como esquecida em um poço de algodão. Também é verdade que durante muitos anos, mais de oito, também veio viver com a gente a irmã de mamãe, viúva, sem filhos, meio paralítica, ainda que se movesse com muletas. Tinha que viver com a gente ou ir a um asilo. Mamãe nem quis falar no assunto. Minha tia veio aqui pra casa. E cuidamos dela por oito anos até que morreu. E então começou para mim uma época muito ruim. Dores de cabeça, de cólicas, cólicas principalmente. Pensei que podia ser câncer. E achei que era a crueldade mais cruel. Que apodrecesse em mim justamente algo que ficou guardado pra ninguém.

— Mas acabou não sendo nada ruim.

— Não. “Transtornos da idade” dizia o médico. Acho que nessa época comecei a me sentir um pouco rebelde. Engordei um pouquinho e como tinha sido sempre muito magra rejuvenesci e não parecia ter quase 50, mas somente 40. Me vesti um pouco melhor, me arrumei... e tive uma proposta de casamento. Aos 50 anos! Certeza que o pretendente achava que eu tinha muito menos. Quando lhe disse minha idade ele ficou pensando... “Eu tenho 55” me respondeu. E continuou firme na proposta.

— E você não aceitou.

— Não. Para essa época já tinham esgotado minhas ilusões, se é que algum dia tive. E eu continuava me arrumando um pouco.

— Você está muito bem, continua aparentando ter 50.

— Mas não é só para aparentar estar bem. Não. A verdade tem que ser dita. Eu gosto de me arrumar e, se posso parecer mais jovem, é melhor. Me diverte quando digo minha

idade e vejo como todo mundo se surpreende. É uma pequena vingança. Pequena e insignificante. Mas é a única que posso ter. Mas...

— Mas o quê?

— Não, nada. Ia dizer uma coisa, mas não sei se vai ser útil para alguém. Para que perder tempo?

— Você não pode saber se vai ser útil se não diz.

— Isso é verdade. Bom, o que eu quero dizer é que isso de a mulher estar velha aos 50 é mentira e você tem razão. A mulher fica velha porque fazem que ela fique velha e isso pode ser aos 50, aos 40 e até aos 30 se nos distraímos.

— Você me ouviu dizer isso? É, estou repetindo isso já tem um tempo.

— Antes de dizer a alguém eu já tinha me dito isso a mim mesma. Mas eu achava loucura pensar assim. E dizer então, nem se fala. Por medo que me chamassem de **velha louca**.

— Que digam isso da gente, mesmo sem a gente dizer nada, é difícil evitar. O homem sabe que chamar a mulher de velha é sentenciar que ela está aposentada para o amor, e lhe convém fazer isso por dois motivos: primeiro porque o homem de qualquer idade reserva a primavera para si mesmo. E depois porque inconscientemente sente a ânsia de se vingar de sua própria e menos evidente incapacidade para algumas coisas.

— Não entendo muito.

— Não. Não é fácil entender, não para uma solteira. Mas faça um esforço intuitivo e vai entender. O que acontece é que a mulher é muito mais delicada e cuida muito mais da “delicadeza” do homem que o homem cuida da feminina.

— Talvez.

— É a realidade. Mas então, Katy, volto a ser indiscreta... Você nunca beijou um homem?

— Nunca. Nem o meu pai. Nem meus irmãos. Somente minhas amigas... E as crianças. Talvez pareça ridículo dizer isso.

— Não, nada disso. A diferença geracional é grande. E isso que no seu tempo era menos arriscado beijar. A mulher se pintava menos. O beijo não deixava marcas.

— Agora quero ser eu a indiscreta...

— Seja, seja. Por favor.

— É tão grandioso assim o beijo? Algo tão maravilhoso que deveria lamentar por ter passado pela vida sem saber o que é?

(A pergunta nos deixa no chão. O que responder a essa mulher heroica, simples, que, ao mesmo tempo que é velha por séculos de imolação, é uma menina em suas experiências pessoais?... Ajude-me, Senhor!)

— Katy, nesta vida, qualquer coisa pode ser, e é, um mundo, e qualquer coisa pode ser, e é, absolutamente nada. O que esse beijo pode ser esteve em suas mãos – quero dizer: em sua vontade, seu desejo, seu designio. Se você desejou muito, se sonhou com isso, sofreu por isso, poderia ter sido algo grandioso, o encontro de dois mundos humanos. Claro que se para ele fosse também assim e não só mais uma experiência entre outras, “um sabor diferente” como o do whisky ou do cigarro... Mas se você não percebesse o engano o valor para você permaneceria o mesmo. Porque no amor o que nos constrói é o que damos e não o que nos dão.

— Você acha que eu cumpri meu destino? A minha missão?

— Que pergunta difícil. Você esquece que as únicas com direito de fazer perguntas difíceis somos as entrevistadoras. Se as entrevistadas começam a nos entrevistar, é certo que a entrevista podia ficar interessante, mas prefiro fazer isso em outro momento, talvez outro dia. No entanto, dessa vez vou responder até onde é possível.

— Não sabe o quanto estou ansiosa para escutar.

— Você me disse que teve uma época que quis informar suas alunas.

— Sim.

— Não faz muito tempo que li em um livro ou uma revista o seguinte pensamento: “O destino faz os homens e os homens fazem o destino”. Ao dizer **homem** com certeza, imagino, como é regra, se inclui a mulher. O qual de certo modo equivale a excluí-la, mas não importa. Acho que esse pensamento encaixa perfeitamente com você. A circunstância de sua família e sua infância lhe fizeram ser quem é. Depois você se acomodou nesse destino. Se encaixou nele. Cumpriu um destino (esquecendo talvez o que hoje disse que não aconteceu, e o que nem agora está acontecendo), um destino útil. O que não significa dizer que seu destino não pudesse ter sido outro. São muitos os destinos que nos acompanham como fantasmas pela vida, esperando de nós a oportunidade de encarnação. Depende de como você se sente. Você acredita que poderia em algum momento de sua vida ter escolhido outro caminho?

— Não sei. Me inclino a pensar que não. Certamente a vez que mais perto estive de fazer isso foi quando me pediram em casamento. E não me custou muito renunciar a essa mudança de percurso. Por preguiça? Falta de atitude? Covardia?

— Me é difícil responder se nem você sabe.

— Pois é.

— Você chora por uma vida perdida?

— Não sei ... não ... Sim, choro, por momentos. E pior é que choro sem saber que vida é essa. Quando me angustiava o coração nunca quis parar para pensar o suficiente para saber, nunca, nunca tive uma ideia para saber o que era concretamente o que desejava.

— Entendo. Mas você não se arrepende muito de ter seguido o caminho que seguiu?

— Isso não.

— Então pelo menos um de seus destinos de cumpriu.

1974

4.9 A PROSTITUTA

Trocar minha vida por outra? ... Por qual?

Choli era de San Juan¹⁰⁶. Tinha uns 27 anos quando a conheci. Tinha feito o ensino fundamental em um colégio religioso do interior, era de uma família que se sentia orgulhosa por ser conservadora, ainda se sentem até hoje. Falava espanhol bastante bem¹⁰⁷. Não era bonita: loira branquela, sardenta, velha, os olhos pequenos, a boca grande, parecendo uma melancia, os dentes não eram bonitos, mas eram saudáveis. Não era uma beleza. Mas esse rosto vulgar, doméstico, irradiava um toque lascivo que acentuava suas pernas de boneca e seus cabelos abundantíssimos. Mas não vou continuar com o retrato, já que ela mesma, com suas manifestações, vai se definir.

— Minha família era a mais religiosa que tinha. Todas eram beatas. Tudo era missas e novenas. Estive no colégio religioso até os doze anos. Acho que fui uma menina problema, minha mãe sempre estava se queixando de mim. Dizia que não sabia de onde saí, a quem eu tinha puxado, porque em sua família não tinha ninguém como eu.

(Como tive oportunidade de tratá-la com comodidade durante uma temporada, posso dizer que com certeza foi um problema, pelo menos em uma família como a que ela descrevia. Como muitas pessoas sem lógica, era teimosa, seus jogos mentais se aproximavam do irracional. Tinha, no entanto, bom coração, pude comprovar várias vezes,

¹⁰⁶ Município de Misiones, ao sul da capital paraguaia.

¹⁰⁷ Provavelmente em San Juan a língua que prevalecia era o guarani, por isso o comentário sobre falar bem espanhol.

quando vi ela se compadecendo de crianças e animais. Falava de seu passado tão distante com uma mistura de tristeza e escárnio e talvez uma pitada de vingança.

— Foi no mesmo verão em que saí do colégio quando fui passar uns dias com minha tia e primos. Minha tia tinha um filho cadete, meu primo. Eu não o conhecia, ele estudava em no Colégio Militar. Eu gostava muito de subir em árvores. No colégio era castigada por isso... A casa da minha tia tinha um quintal muito grande, com muitas árvores, com fruta. Eu subia nelas o tempo todo. Para comer fruta, mas também quando não tinha fruta. Eu gostava.

— E sua tia lhe castigava.

— Não. Mas me dava muita bronca. E foi na casa dela que aconteceu.

— O quê?

— O que aconteceu. Eu estava em cima de uma árvore, e dava pra ver, claro, minhas pernas, talvez um pouco mais. E então meu primo apareceu, me disse alguma coisa sobre minha perna, e eu lhe respondi qualquer coisa, ali começou tudo. Não naquela mesma noite, mas na noite seguinte meu primo se meteu no meu quarto e aconteceu tudo o que tinha que acontecer. Eu tinha treze anos. Eu juro que antes disso eu não sabia nada sobre os homens. Fui educada em colégio de freiras, imagina. Que é que eu podia saber?

— Que desgraçado!

— Bom, meu primo e eu estivemos assim por mais ou menos três semanas e depois ele voltou para o Colégio Militar, e eu não o vi mais por muito tempo. Muito tempo. Mas eu tinha ficado grávida e não sabia. E também não sabia quando voltei para minha casa. Somente duas semanas depois minha mãe, que andava sempre rondando a gente, descobriu. Porque minha mãe vigiava que nem Pombero¹⁰⁸ todas as minhas idas e vindas ao banheiro. E logo em seguida percebeu que alguma coisa estava acontecendo comigo. Me pegou pelo pescoço, me cravou a unha, me apertou e me fez confessar. Me deixou atordoada pelos golpes e puxões de cabelo, minhas irmãs ajudaram. Também foi azar. Outras mulheres passam a vida inteira e não acontece. Pra mim bastou uma dose...

¹⁰⁸ Figura mitológica guarani conhecido por proteger os animais.

— Uma dose?

— Bem, você sabe... primeiro uma para começar e outra depois para “acompanhar”.

(O nível da linguagem de Cholí, geralmente recatada, às vezes despencava)

— E o que fizeram então?

— O que não me fizeram, isso sim. Me batiam, me sacudiam. Uma das minhas irmãs me deu vassouradas, sorte que não com o cabo, me davam uns chás horríveis para tomar e eu vomitava tudo, e minhas irmãs me batiam mais porque diziam que eu fazia a propósito.

E isso eu fiquei sabendo só depois, muito depois. Minha mãe foi para Assunção para ver sua irmã, a mãe do cadete, para tirar satisfação. E sua irmã lhe disse que ia reclamar do que, porque se uma menina da minha idade fazia essas coisas era porque tinha vocação para ser puta e sabe lá com quantos já tinha feito antes e agora queriam culpar seu filho... Minha mãe voltou de Assunção vinte anos mais velha... até eu fiquei com pena, mas só por um breve momento, porque logo depois ela começou a me bater de novo como se quisesse me matar... eu não tinha culpa se a irmã dela era uma pessoa miserável... mas era assim...

Por último me fecharam no meu quarto e não me davam comida, e diziam às pessoas que eu tinha ido para Assunção com minha tia de novo. Quando estava de três meses me colocaram para andar a cavalo com cela de homem e me fizeram ir e vir da estância que estava a aproximadamente quatro léguas a galope... Mas nem assim. Eu era de ferro.

— Mas se realmente queriam cometer esse crime podiam acudir a uma dessas parteiras que te enfiam uma agulha de tricô.

— Isso não. Isso era perigoso pra elas, podia acontecer alguma coisa comigo e podiam descobrir, ficava uma cúmplice, uma testemunha, e adeus à boa fama da família Benítez Chamaleón.

— Sim, é verdade.

— Eles queriam o bebê fora e morto para que ninguém soubesse de nada... Depois se eu morresse, morria de qualquer coisa, naturalmente.

— Mas e o laudo médico?

— Nem sequer tinha médico no povoado... Ou, se tinha, teria colocado o que minha família quisesse, quem vai duvidar de uma senhora tão assenhorada como minha mãe?

— E como acabou o assunto?

— Como eu disse eu era de ferro e meu bebê de ferro fundido porque mesmo com tanto maltrato cheguei ao final da gravidez... O tempo todo sem sair do quarto. Minha mãe cuidou de mim, não sei como. O bebê nasceu vivo, eu escutei ele chorando.

(Me olha com os olhos bem abertos, como se passasse um relâmpago. Silêncio.)

— E depois? (pergunto depois de um tempo. Ela volta a si).

— E depois nunca mais... perguntei muito por ele pra minhas irmãs. Fecharam a boca e não responderam nunca... Só depois...

— Depois quando?

— Uns três dias, ou cinco, não me lembro. O tempo que me levou escapar. Uma velha empregada que tinha ficado espiando me contou. Eu não quis acreditar. Até hoje não acredito.

— No que?

— Que tinham matado ele. Que tinham queimado ele na chaminé. Vivo... Não quero acreditar, até hoje não posso acreditar nisso.

— Sem nem batizar primeiro? (uma ironia involuntária da minha parte. Me olha outra vez com olhos muito abertos, sem me ver).

— Não sei. Talvez tenham batizado primeiro, é possível.

(Outro longo silêncio).

— Até esse momento eu tinha aguentado de tudo. Mas quando a empregada me contou não aguentei mais. Numa madrugada fiz uma trouxinha com a roupa que eu tinha, aproveitei que minha mãe e minhas irmãs estavam fora na missa, acho que peguei 300 pesos que minha mãe guardava no guarda-roupa. Não me arrependo. Se ela tivesse um milhão teria pego do mesmo jeito. Peguei o ônibus, o único que tinha naquele tempo, e que saía bem naquela hora, e fugi para Assunção. No ônibus eu tinha minha cabeça enrolada em um lenço,

não dava pra ver meu cabelo, e por isso acho que ninguém me reconheceu. Estava tão magra e pálida. Em Assunção fui para a casa da minha madrinha, que gostava muito de mim, ainda que sempre me dizia que eu terminaria mal porque tinha muitas sardas e o cabelo ruivo. Ela me visitava a cada oito ou quinze dias quando eu estava no colégio.

— E o que sua madrinha disse?

— Quando ela me viu chegar assim, na louca, se assustou e me perguntou o que tinha acontecido na minha casa, se não tinha morrido todo mundo. Eu lhe disse que tomara que isso fosse verdade, então ela se assustou ainda mais. E então eu também comecei a chorar... Eu não tinha chorado nunca, nem quanto mais me maltrataram na minha casa nem quando me fizeram tudo o que lhe contei. E também dava uns uivos que acho que assustaram os vizinhos e chorava, chorava... depois nunca mais na vida chorei. Nunca mais até agora. Parece que naquele momento chorei tudo o que tinha pra chorar.

— E depois?

— Não tive mais tempo porque a choradeira durou muito e quando se acabava minha mãe já ia chegando. Não sei quem a trouxe em seu carro e assim foi chegando logo atrás de mim. E parecia que queria me matar e minha madrinha lhe ameaçou com chamar a polícia e mesmo assim ela não se acalmava, e então minha madrinha disse que ia chamar um jornal dando a notícia. E só assim minha mãe se acalmou um pouco, mas ela queria me levar logo com ela sem nenhuma explicação. Então minha madrinha disse não sei o que ao juiz de menores, porque eu não lhe disse nada, mas eu estava sangrando como uma vaca e até minha mãe teve que aguentar a situação. Não queria que chamassem um médico, mas minha madrinha chamou e minha mãe foi embora voando, e o médico veio e começou a fazer perguntas... não sei porque lhe conto isso.

— Sua pobre madrinha deve ter passado um grande sufoco por causa de vocês.

— Minha madrinha já morreu. Se ela não tivesse morrido talvez minha vida fosse outra. Mas morreu quando fazia três anos que eu estava em sua casa.

— E você voltou pra casa da sua mãe, não?

— Ah, que engano! Eu me recusei de novo. E disse que se ela me levasse com ela porque eu era de menor e ela podia me obrigar eu ia fazer um escândalo e contar a gritos pra

todo mundo o que tinha feito com meu bebê. Foi um santo remédio, ela ficou quieta e foi embora.

— Boa chantagem.

— Ela queria me levar com ela pra me colocar em um convento: uma vez isso acabou escapando sem querer quando ela discutia com minha tia na primeira vez. E isso sim que não ia permitir. Ela tinha estragado minha vida e tinha que aguentar as consequências.

— E o que aconteceu então? Quero dizer, depois que sua tia morreu.

— Uma tia minha que gostava um pouco de mim e que tinha vindo me ver algumas vezes quando eu estava com minha madrinha me perguntou se eu queria ir com ela. Era casada, mas não sei o que o marido fazia da vida que estava na casa somente na hora de comer e de dormir, e pra isso nem dormia com minha tia, porque ela queria dormir tranquila e que ele não acordasse ela à meia-noite com um ar de pinga aristocrática. Achei muito engraçado, era a primeira vez que eu vi um casal dormir em camas separadas. E sempre pensei que se chegasse a me casar diria a meu marido que íamos dormir em camas separadas. E veja só, em parte meu desejo se cumpriu: sempre dormi sozinha.

— Como que é isso, Cholí?

— Claro, as pessoas dizem que fulano e fulana dormem juntos querendo dizer que são casados, amigados ou amantes. Mas a verdade é que quando um homem se mete na sua cama não é para dormir. Na minha cama muitos homens se meteram, por que eu vou mentir? Mas nenhum dormiu (com uma piscadinha lasciva).

— Eu imagino.

— Ainda que na verdade não é que o homem me chame muito atenção. Talvez porque não me falta homem. Mas não aguento eles comigo. Só o tempo necessário e mais nada. E não suporto os que querem ir direto pra cama assim de uma vez, e mais nada. Tem que conversar primeiro.

— E sobre o que conversam?

— Sobre qualquer coisa... sobre o tempo... o carnaval... as pessoas, sobre um acidente de trabalho, não importa o assunto, mas tem que conversar sobre alguma coisa, um

pouquinho, para ganhar confiança. E depois que venha o que tiver que vir. E depois eu não falo em tom rude, só digo que eles trabalharam muito e que é melhor irem descansar. E eles vão embora. Às vezes conversam mais um pouco, mas depois eu quero dormir.

— Mas você gosta ou não gosta dos homens, Cholí?

— Já lhe disse, em geral gosto pouco, tem um ou outro que eu gosto porque é simpático, é educado e não me ofende à toa.

— Quis dizer se você.... como posso dizer? Se considera agradável sua atividade.

— Acho que já lhe disse que mais ou menos. Tem uns que são brutos bem brutos, e você tem que deixar claro que você não gosta por mais puta que você seja. E se não lhe agrada o que você diz você devolve o dinheiro, porque não faltam outros com o mesmo dinheiro e com mais consideração.

— Mas eles entendem? Porque em linhas gerais, pelo que se diz por aí e pelo que se vê nos filmes e se lê nos romances, o homem que paga por um pouco de tempo acha muito frequentemente que está pagando pela mulher toda e se acha no direito até de insultar e bater.

— Comigo não. Eu os coloco no lugar deles. Tenho um amigo que vem poucas vezes e quanto vem não quer ver mais ninguém, nem o meu criado... É uma boa pessoa. Não me paga nada porque eu não quero. Me dá presentes, e também me disse uma vez, e me repetiu depois, que se alguém me incomoda posso dar o nome pra ele. Fiz isso duas vezes. E ficaram quietos.

— Então se lhe oferecessem mudar de vida você não aceitaria?

— Trocar minha vida por outra? Por qual?

— Eu não sei. É só uma suposição. Secretária, recepcionista, algo que lhe agradasse. Você é simpática. Se lhe dão um bom pagamento, uma boa roupa, você tem boa presença. Acho que respeitariam você.

— Secretária, telefonista, recepcionista, não me faça rir. Não gosto disso. Você não é dona de seu tempo. Você não pode dizer “não estou com vontade” pra um cliente. E além do mais o chefe se acha no direito de ter grátis o que lhe custaria uns bons pesos fora de seu escritório.

— Talvez você tenha razão. Me diz uma coisa, Cholí... e se lhe incomoda não precisa responder. Você não tem vergonha de ser tão... como eu vou dizer? Tão promíscua?

— O que isso significa?

— Que recebe homens em uma quantidade maior do que é considerado adequado para que respeitem a uma mulher.

— Pois... Não. Vergonha eu teria das outras mulheres, por isso não me aproximo delas. E as que são como eu não gosto.

— Por quê?

— Não sei. Não são como eu. Não entendem o que fazem. Achem que fazer com que paguem a maior quantia que podem é o supra sumo da felicidade.

— E você não acha?

— Não. Eu não cobro adiantado e não peço nada. O homem me deixa o que quiser e vai embora.

— E sempre lhe deixam o suficiente?

— Quase sempre. Sabe, quando você não pede nada parece que não precisa. E uma puta que não precisa ninguém tem assegurada. E eles querem ter certeza que na próxima vez serão bem recebidos. Além do mais, se você coloca preço, eles se acham no direito de fazer qualquer coisa com você... E isso não. Tem coisas que, sendo puta e tudo, eu não quero fazer.

— Que depravados, não?

— Sim, mas esses não entram na minha cama. Eu deixo isso bem claro. E se se fazem de bobos eu chamo esse amigo que lhe falei, e eles baixam a bola, e a outra coisa também.

(Aqui outra vez Cholí baixa o nível. Desculpem ela. Ela fica um tempinho pensando).

— Sim, eles quase sempre dão mais do que você pediria. Não dá pra ficar rica, claro, mas às vezes é muito mais do que você pediria, e além disso você sabe que vão voltar.

— Com certeza eles gostam de você.

— Claro que sim (com certo orgulho). Não sou bonita, eu bem sei, mas eles me preferem às bonitas.

— Você tem algum segredo especial?

— Quem sabe... (e já não é possível conseguir nada dela)

— E as mulheres, o que você pensa delas?

— Quais? As que chamam de honradas ou as outras?

— As duas.

— As honradas são umas hipócritas que não se atrevem a mover um dedo por medo do marido, da família, da sociedade, mas assim que podem fazer escondidinho, fazem como qualquer outra.

— Você não acha que elas podem estar apaixonadas?

— É o que dizem, mas a verdade é que mesmo sem estar apaixonadas elas fariam do mesmo jeito.

— Você é muito categórica, Cholí, não acha que pode haver exceções?

— Não sei, só sei que elas estão sempre falando mal da gente. E por que ficar falando, se valemos tão pouco, sei lá. Não precisam ficar falando tanto. Mas falam porque precisam se esconder.

— Bem, respeito suas opiniões. E as outras? As que são como você?

— Essas são umas pobres ovelhas que deixam que tirem não só sua lã mas também sua pele. Não sabem como tratar os homens e assim acabam, coitadas.

— Bom, desculpe insistir no assunto, mas me interessa tanto. Me fala do seu filho, o que lhe tiraram, Cholí. O que você teria feito se tivessem deixado você ter ele?

(Seu aspecto e sua atitude mudam completamente. Em seu rosto aparece alguma coisa parecida à dor).

— Se ele tivesse vivido eu não estaria fazendo o que faço. Não ia querer que ninguém fale mal de sua mãe tendo razão. Mas não quero mais falar sobre isso.

(Certa vez Cholí me disse que já abortou sete vezes voluntaria e deliberadamente. Mas eu não quis insistir sobre o assunto. Tenho certeza que não teria me respondido uma pergunta direta, mesmo admitindo abertamente o fato. Mesmo assim não posso evitar).

— Me diga, Cholí, você nunca ficou grávida?

— Sim, umas sete vezes. A primeira vez foi com o delegado e depois mais outras duas vezes com ele.

— Qual delegado?

— Não te contei? Bom, algum dia eu lhe contarei devagar. Com o delegado foram três abortos porque ele era casado. Até que eu me cansei e mandei ele pastar. Depois um aborto com um estudante que se fazia de romântico e me chamava de Margarida, fiquei com ele aproximadamente um ano, em um rancho perto de Lambaré, entre grilos a noite e cobras de dia. E depois mais três vezes nesses últimos anos, ainda que eu faço de tudo para evitar. Porque os homens são como esse pássaro que não sei como se chama, não se importam com onde deixam seus ovos. E depois falam de seus filhos, e são pais de família.

— Sete em total.

— Deve ser isso. Agora faz três anos que não fico grávida.

(Fica calada olhando ao longe)

— Mas algum dia sim, se encontro quem me coloque uma casa e me garanta um pão quero um filho. E vou trabalhar em alguma outra coisa. Vou aprender algum trabalho.

(Assim em pedaços saía a história dessa Margarida. Qualquer episódio poderia ser pretexto para um desgarramento, mas em geral era educada e até honesta em suas expressões: suas “quedas” eram imprevisíveis. Em outra ocasião me disse muito mais coisas sobre sua tia, a boa senhora que a acolheu quando sua madrinha morreu e ela não quis por nada desse mundo voltar a seu povoado com a mãe e as irmãs. Aquela tia a recebeu bem, lhe tratava bem, não fazia ela trabalhar muito, e ainda que ela não saísse de casa a menos que fosse para ir à missa e uma vez ao mês ao cinema, ela não se queixava, mas...)

— Mas minha tia era casada com um velho miserável. Não te contei ainda. Um velho que tinha comido o dinheiro que ela herdou de seus pais. Esse tio não estava em casa a não ser na hora de comer e dormir. Se ficava em casa domingos e feriados, recebia outros amigos para jogar truco, e ele tinha pouca sorte e deixavam ele sem dinheiro e então ele pedia pra minha pobre tia. E ela ficava quieta e dava o dinheiro, mas já estava acabando.

E para piorar, ainda não lhe disse também, o velho sem vergonha gostava das meninas, não deixava as empregadas tranquilas e sempre tinha brigas e discussões mesmo que minha tia fizesse o possível para que ninguém soubesse, nem mesmo eu.

Mas isso não foi nada, o pior veio quando o velho nojento quis se meter na minha cama e eu gritei e lhe bati na cabeça, minha tia acudiu de camisola e o velho canalha disse que eu era quem tinha querido se meter na cama dele.

— E sua tia acreditou nele?

— Não tinha como acreditar nele, porque era no meu quarto que ele estava, e não eu no dele, mas você já sabe o que acontece nessas situações. Com alguma dúvida ela ficou e eu senti que ela já não me falava como antes, e ainda por cima o miserável começou a dizer que eu tirava dinheiro do bolso dele. Minha tia chorava e eu chorando dizia que nunca ia fazer isso, que era mentira, mas mesmo assim, mesmo que ela não quisesse, ficava esse pensamento dentro dela.

E um dia eu me desesperei e escapei, fui passear pelo mercado e lá eu fiquei amiga de uma senhora que vendia loteria e lhe contei minha vida e ela disse que se eu fosse pra casa dela talvez ela pudesse remediar de alguma forma essa situação, e eu fui... e essa senhora era uma grande puta que não se conformava de ser puta e fazia que as demais fossem putas também. Eu ainda era muito meiga, com meus dezesseis anos, e me senti muito ofendida. Joguei alguma coisa na cabeça dela e fiz ela sangrar. Ela chamou a polícia e aí entra o delegado.

— Que confusão!

— Para piorar, meu tio já tinha ido denunciar que eu tinha escapado de casa e já tinha contado ao delegado toda uma história me apresentando como “a última ré mal agradecida”. Perguntaram para minha tia, ela estava aturdida e respondeu sem querer

qualquer coisa que me prejudicou. Coitada da minha tia, não culpo ela, meu tio foi quem fez tudo, mas ele teve seu castigo porque um dia, não tinham passado nem dois meses, e em uma noite em que ele voltava pra casa ele foi atropelado por um carro que deixou sua cabeça esmagada. Mas isso não me adiantou de nada.

— Me conte o que aconteceu quando essa malvada lhe denunciou.

— O delegado me disse que meu caso era para o Bom Pastor, a prisão feminina... e eu comecei a chorar, porque pra mim isso era o fim... mas o delegado me consolou e me disse... bem, pra que que eu vou te contar... Me disse a mesma coisa que os homens costumam dizer... até hoje às vezes me falam, a diferença é que agora não acredito em mais nada, mas na época eu era inocente, apesar do que tinha acontecido, e ainda acreditava. Ele se comportou bem comigo, em geral. Me levou a um ranchinho, não tão longe do centro, e me mandava uns soldados para o que eu precisasse. Três soldados foram os que me serviram, e por casualidade um era do meu povoado. Aproveitei quando ele foi embora para enviar lembranças a minha família e dizer que se queriam me visitar podiam passar pela delegacia tal...

— Apareceu alguém?

— Ninguém, obviamente.

— Você ficou muito tempo com o delegado?

— Já lhe falei, três anos, abortei três vezes, porque o homem era casado e não queria problemas. Sofri muito, mas na terceira vez disse que não ia aguentar mais e que ia deixá-lo para ir embora. Ele me disse que agora sim ia me mandar para o Bom Pastor, mas agora eu já não era tão burra e discordei, perguntei que direito ele tinha de fazer isso se eu só tinha ficado com ele. E fui embora, mas não fui pra casa da minha tia, já não queria voltar pra lá mesmo que meu tio estivesse morto. Fui morar com uma menina do mercado que era minha amiga e que tinha seu negócio de noite, ela queria que eu saísse na rua com ela, mas eu disse que não, que eu ia ficar na casa e ia lhe dar a metade do que eu ganhasse. E assim fizemos por um tempinho somente, mesmo que eu ganhasse bem.

— E não foi difícil se acostumar a... a estar assim cada dia com um homem diferente que você nem conhecia?

— No começo sim, lógico. Depois me acostumei... Minha amiga era esperta e todo dia dizia a mesma coisa aos caras. Que eu era nova no ofício e que por isso não queria sair para a rua. Que eu era de família muito importante. E eles acreditavam em tudo e pagavam mais. Para ela era conveniente, claro. Mas eu cansei de dar a metade do que eu ganhava e um dia me aproveitei que um moço jovem estava gostando de mim e queria me levar só pra ele. E então eu fui, estive com ele um tempo. Nessa época eu já tinha vinte anos. Faz sete anos disso. Quer dizer, sete que eu deixei ele e vim viver sozinha. E sou livre, não dou satisfação pra ninguém e além do mais depois disso só fiquei grávida três vezes.

— Mas me diga, você nunca sentiu remorso por esses sete filhos que perdeu?

— Pra começar, se eu fosse ter filho não tinha sido sete, porque não ia ficar grávida cada cinco meses, teria sido três ou quatro no máximo. Às vezes sim fico pensando porque dos sete, cinco foram meninos, todos os primeiros e as outras duas meninas, e agora algumas vezes penso que eu gostaria de ter uma filha, uma filha que cuide de mim e eu ia educar ela bem para que não terminasse como eu.

(Já era o segundo ano que Cholí era minha vizinha quando tive certeza do que até então tinha sido só uma suposição: que Cholí não dormia de noite, todas as noites sozinha. Mas o suposto marido que tinha era só uma figura poética. O “marido” pagava a casa e a luz em troca de ter acesso livre quando precisasse. E ela cumpria, parece, mas quando chegou o desastre de Concepción¹⁰⁹ o marido saiu a campo e ela ficou dependendo de seus próprios meios. Foi também nessa época que Cholí me abriu sua mala de lembranças. Não parecia muito arrependida de sua vida, era com certeza desses temperamentos que requerem de mais de um provedor e a forma com que levava a vida ajudava ela a se conformar).

Passaram as semanas. A guerra continuava, o marido não aparecia mais, e Cholí precisava viver com seu empregado e uma prima que tinha aparecido por ali não sei de onde, magra esquelética. Por pouco que eu quisesse ver eu via entrar pela porta ao lado, algo raro, mas significativo, visitas mais numerosas que de costume. Um dia uma dessas visitas, três militares cuja graduação me seria impossível dizer porque nunca entendi de insígnias, mas que pela idade aparentemente jovem não deviam ser mais que tenentes, erraram a porta e

¹⁰⁹ Pode ser referência ao massacre de Concepción, ocorrido no tramo final da Guerra do Paraguai, em 1869. Há registros de que o Marechal Francisco Solano López mandou assassinar várias famílias da região por serem considerados dissidentes ou traidores.

deram com a minha. A cara que eu fiz quando abri a porta e me encontrei com o grupo devia ser um poema: para eles o poema fez mal porque de repente ficaram mudos e muito sérios e um até levou a mão ao boné, mas o mais atrevido perguntou se esta não era a casa de Cholí. Eu disse que não e acrescentei algo que não quero repetir, ameaçando que iria chamar meu amigo, o então diretor do Colégio, Camilo Recalde (jamaís o conheci). Saíram às pressas.

Não disse nada a Cholí sobre essa visita. Mas uns dias depois, estando Cholí ausente, alguém chamou em sua porta com insistência. Depois, ao não se abrir essa porta, chamaram na minha. Detrás da grade perguntei impulsivamente quem chamava. Eram vários energúmenos. Perguntaram se Cholí estava.

Nunca na minha vida pensei que tinha que ser secretaria de informações para esse tipo de atividade, mas eram tempos de revolução¹¹⁰ e já se sabe o que significa essa palavra: tudo de pernas pro ar! Me adaptei à circunstância e disse que se chamaram e não responderam era porque não estava. E foram embora rosnando.

Pouco tempo depois Cholí chegou. Eu também não lhe disse nada. Mas duas ou três horas depois, tarde da noite já, ela chamou à minha porta. Vinha com um cobertor e uma esteira de palha e me pediu que lhe desse asilo porque iam vir buscar ela para uma festa e ela tinha medo porque as festas durante a revolução costumam ser um pouco diferentes das festas em tempos de paz, e além do mais as festas não eram atrativas pra ela. Eu imaginei o que a leitora pode imaginar, talvez menos, porque as leitoras sempre nos levam a vantagem de pensar o pior. Dei toda a bronca que me deu vontade, mas não fechei a porta, mesmo sabendo que nesse momento, e nesse lugar que não era precisamente a quadra do Centenário, podia acontecer qualquer coisa, mesmo sem a Cholí lá dentro. E ela fez um montinho no chão sobre a esteira de palha, sob a janela de grades.

Umas horas mais tarde – quantas? Umas cem – passos pesados – botas, botas, botas – soaram na calçada em logo chamaram como chama quem acha que sabe onde chamar. Quando tinham chamado três vezes e seus cochichos já tinham se transformado em rugidos, eu entreabri a persiana da grade e perguntei na penumbra, tentando colocar no meu tom de

¹¹⁰ Possivelmente a chamada Revolução de 1947, também conhecida como Guerra civil de 1947. Isso nos dá ideia da idade de Cholí, já com aproximadamente noventa anos, porque, de acordo com esse relato, viveu também o final da Guerra da Trílice Aliança já dedicando-se à prostituição.

voz toda a severidade possível e meu sotaque mais gringo também, perguntando o que queriam.

— Estamos procurando a Cholí, respondeu uma voz.

— Pois eu acho que ela não está, disse. Vi que ela saiu com uns militares tem um tempo.

Foi ouvir isso e sair em debandada, como gatos atrás de um rato, todos de uma vez. Sob meus pés sentia uma tremenda trepidação, talvez fosse meu corpo que tremia como um trem, talvez fosse um terremoto que sacudia o chão debaixo de Cholí. Eu estava frenética, mais frenética que assustada.

— Está vendo o que se ganha por ser uma puta?

(Insulto gratuito e do qual peço perdão a Cholí deste mundo enquanto não tenho ocasião de pedir no outro mundo. Porque por mais puta que fosse se os homens não fossem machos sem freio não aconteceriam essas coisas). Logicamente Cholí não disse nada.

Jantamos o que pudemos, no escuro, e depois conversando baixinho nos deitamos de novo no chão para esperar. Cholí mastigava algo entre os dentes, a boca contra o travesseiro, suponho que estava rezando: o último refúgio dos pecadores vitalícios que se lembram de Santa Bárbara somente quando troveja. No fundo agora se escutava bem claro o barulho das metralhadoras. Cholí tinha se calado. De repente ouvimos um rumor na rua de pisadas não muito bélicas e vozes não muito de mando, que se aproximavam rua acima. Cholí deu um gemido e eu lhe bati com a mão não sei se no nariz ou na orelha. Chamaram na porta dela: impossível se confundir. Os socos contra a madeira soavam recortados no ar frio de agosto. Eu deixei que chamassem três vezes e na terceira me aproximei por trás da grade e gritei, enquanto Cholí me segurava desesperadamente pela perna:

— Quem está aí?

Meu inconfundível sotaque estrangeiro lhes desconcertou, Demoraram alguns segundos em responder.

— Estamos procurando a Cholí.

— Ela saiu de tardinha, menti — e espero que não tenham percebido o temor que deixava minha voz rouca. Foi para casa de uma amiga, não sei até quando.

Teve cochichos e até juramentos profanos. Começaram a ir embora, e se escutou um barulho bárbaro. Tinham quebrado o vidro da janela, era o cartão de visita. Mas os pés e os cochichos se afastaram rua acima... Não estavam tão longe quando ironicamente, a destempo, meu galo cantou na velha laranjeira.

Eu estava morta de sono e de tensão. Deitei e dormi sem me importar nem um pouco com o que Cholí dizia entredentes, algo assim como que eu era sua mãe, algo que de maneira alguma me soou como um elogio. No outro dia Cholí não quis saber mais nada. Foi embora pra casa de alguém que nunca me contou e eu nem me incomodei em saber: era suficiente que não estivesse tão perto, porque sua proximidade, se não era garantia de respeito em nenhum caso, então era algo bem pior.

Voltou quinze dias depois. As metralhadoras já tinham cessado, mas mesmo assim não havia muita segurança ao passar do anoitecer.

Mas Cholí tinha enjoado da conhecida vizinhança. Aproveitou que uma casa a duas quadras dobrando a esquina tinha ficado desabitada e se mudou com sua prima esquelética, seu empregadinho e seu gato (não contei que tinha um lindo angorá branco).

Me aterrorizava a ideia de que mais algum paroquiano de Cholí, atrasado em relação às notícias de mudança de endereço, viesse procurá-la à meia-noite e menos mal seria se viesse sozinho. Mas Cholí tinha um sistema de informes muito bem organizado, por isso não aconteceu nada desagradável.

Depois os acontecimentos se precipitaram, como dizem os romancistas de folhetim. Cholí não ocupou muito a nova casa. Eu a via na porta ao passar uma vez ou outra pela calçada da frente em direção ao centro. E notei que ela estava um pouco deteriorada, com a pele com uma cor pálida, deixando as sardas espantosas na sua cara frouxa. A única coisa que permanecia intacta, e até parecia adquirir vitalidade, era seu cabelo cor de açafrão, agora meio apagado, mas sempre extraordinariamente abundante, que caía como viciosa trepadeira sobre os ombros.

— O que aconteceu, Cholí? – perguntei um dia que atravessasse a rua precisamente para isso, tinha percebido que quando eu passava ela me olhava ansiosa.

Me olhou com uns olhos dos quais o brilho lascivo tinha desaparecido, eram agora pocinhas na sombra, cheias de folhas secas.

— Vou ter um filho – anunciou. E parecia apegada.

Fiquei agradavelmente surpresa.

— Está bem, mas muito bem, Cholí – eu disse.

— Olha, se é menina quero que seja pra você, que você seja a madrinha. Não quer?

(Em uma fração de segundo o filme da vida de Cholí desfilou pela tela da minha imaginação. Um calafrio me percorreu. Mas eu reagi. O fator ambiente, educação, quanto não deviam ter influenciado? Quanto não influenciaram a opressão, o fanatismo, a crueldade?). Disse:

— Tudo bem, mas só pra mim – disse brincando.

— Sim, só pra você – assegurou muito séria.

E quando já estava indo embora:

— Você vai me ver no hospital?

Prometi que sim.

— Vai me avisar?

— Sim.

E poucos dias depois, quando eu ia sair de casa, uma menina se aproximou, eu já tinha visto ela incontáveis vezes na nova vizinhança de Cholí.

— Cholí pergunta se você vai ir ver ela. Ela está no hospital de Clínicas.

— Você vai ir vê-la?

— Eu não. Minha mãe sim, com certeza.

— Diga para ela dizer que eu vou amanhã ou depois.

E fui. Cholí na cama, pálida parecia sem sangue. Os olhos fundos, sob as pálpebras que pareciam muito pesadas para se levantarem. As mãos sobre a manta, apalpando o lençol sem cessar. Só os cabelos que lhe devoravam o rosto pareciam preservar sua vitalidade.

— Não viu minha filha?

— Não.

— Tragam ela, enfermeira! Tragam ela!

A enfermeira me olhou, um olhar intraduzível. Deu de ombros, saiu. Voltou um pouco depois com um bebê o menos parecido a Cholí possível, tive a impressão de que era robusta e saudável.

— É linda minha filha, não é mesmo? É pra você.

— Sim, Cholí.

Esticou os braços em direção à criança. Pegou ela no colo e beijou apaixonadamente. A enfermeira perdia a paciência.

— Vamos, vou levá-la. Não convém que tenha o bebê assim, quando está doente. Somente quando se cure.

Com muita dificuldade se separou do bebê. Eu o beijei também com uma compaixão enorme, angustiante, que me fez apertá-lo contra o peito. Finalmente a enfermeira o levou e atrás dela o olhar de Cholí os acompanhava.

— Só pra você, ok?

— Só pra mim, Cholí.

Fui embora prometendo voltar dois dias depois. Mas não dependemos só do nosso querer: dependemos de muitas outras coisas e só pude ver a Cholí quatro dias depois. Ao chegar:

— Cholí Benítez? Morreu ontem.

— Como?

— Sim. Complicações. Uma embolia.

— E o bebê?

— Que bebê?

— O de Cholí.

— Nunca teve um bebê, era um cisto no ovário. Um cisto gigante.

— Mas e aquela menina?

— E a senhora não percebeu que aquela menina já tinha pelo menos uma semana? Era a filha de uma funcionária. Mostramos pra Cholí se contentar, porque estava desesperada querendo ver sua filha e o médico não queria desiludi-la. Disse que ia lhe fazer mal.

Fui embora rezando mentalmente pra Cholí. Três Ave Marias e um Pai Nosso pelos seus pecados. Mas não tinha certeza de que a medida do Senhor ao aplicar a remissão à Cholí seria a mesma medida que a nossa.

4.10 A CAACUPE¹¹¹

De longe, quando já culminava a subida, perto da cruz, lhe chegou o choro de Aparício. Era o único menino, chorão, porque era o menor, o mais mimado. Sempre chorava quando se levantava da sesta. Manuela quis apertar o passo sobre a grossa areia seca que lhe machucava a sola dos pés amolecidos pela humidade. Tinha ficado toda a tarde lavando roupa no riacho, estava descabelada, mas no rancho três crianças esperavam por ela e ainda tinha muito o que fazer durante a noite. Se pelo menos não estivesse grávida... Sentiu a saliva amarga. As pobres não podem mesmo se descuidar que logo já ficam de barriga. Quando nasceu Aparício já tinha prometido que nunca mais aconteceria, se dedicaria a seus filhos e mais nada. Também, nenhum de seus homens tinha prestado, tudo o que souberam fazer foi lhe dar uma barriga grande.

¹¹¹ A virgem de Caacupe é a padroeira do Paraguai, todos os anos se realizam grandes procissões à Basílica da cidade de Caacupe para pagar e fazer promessas, é a maior festa nacional, celebrada no dia 08 de dezembro. Este conto foi originalmente dedicado ao escritor Gabriel Casaccia, cuja ambientação no interior se assemelha a de Josefina, sendo um dos representantes do realismo social paraguaio.

— Os homens só servem pra isso! — dizia muito gravemente Dona Estanislada, a açougueira, que alguma coisa sabia do assunto: tinha se casado duas vezes e tinha quinze filhos, três deles de um terceiro marido não legalizado.

— Sim, só servem pra isso, mas percebemos tarde demais... — suspirava Manuela.

Deus e a Virgem de Caacupe sabiam o quanto ela gostaria de estar casada, ter um marido de verdade, uma casa onde as crianças dissessem “papai” a um homem, mas as coisas nem sempre acontecem como gostaríamos.

— Se um não quer dois não brigam... — dizia, muito convencida, sua irmã Ercília.

Mas falar é fácil. E tem também a sorte. Algumas mulheres têm sorte e outras não. Por exemplo: por que ela não teria se casado? Se era porque “se deixou levar”, outras se casam com quem as levam como a levaram, jovenzinha, quase uma menina. Ou pelo menos vivem com elas muito tempo, reconhecem os filhos, e até se casam depois, quando alguma missão religiosa vem ao povoado, ou simplesmente porque é assim que se resolvem as coisas. Sua amiga Ascensão, a quem um camponês “tinha levado” quase ao mesmo tempo que o Norberto a levou, estava já casada, gorda, dona de um quiosque às margens do caminho de Barreiro¹¹². Mas ela foi abandonada por Norberto quando as gêmeas ainda nem tinham nascido. Depois desse desengano tinha demorado bastante para escutar de novo as mentiras de um homem. Mas mulher é mulher, não é? E viver sozinha é triste, ainda mais na primavera, quando o ar do entardecer é morno, a terra cheira bem, e as estrelas são tão espessas quanto as flores. Chegado o momento, estamos fazendo o que há um minuto nem nos passava pela cabeça...

E assim ela foi com Simão.

Ao ir com ele pensava: dessa vez vou ser mais esperta, não sou mais a menina inocente que acredita em tudo, vou tentar, Simão não vai escapar. Mas Simão meteu o pé na estrada quando ela ainda estava grávida de três meses. Foi então que fez, ou pelo menos quis fazer, a promessa para a Virgem de não reincidir. Quando Pablo apareceu, demorou bastante em se decidir — quase dois anos — mas no fim acabou decidindo. E se decidiu justamente na noite que tinha prometido muito sinceramente a dona Estanislada, quem a aconselhava, que por nada no mundo daria bola de novo a nenhum homem. Não é que ela quisesse enganar a Dona Estanislada. É que...

¹¹² Barreiro é uma cidadezinha do interior bastante conhecida porque é onde se fazem as famosas chipas Barreiro.

Quando foi com Pablo, no entanto, já tinha na alma a desconfiança. Não foi feliz. Viveu com ele esperando o momento de outro desengano. Porque já tinha percebido vagamente que tinha alguma coisa nela que lhe impedia de satisfazer os homens: alguma coisa que incomodava mais de noite que de dia, não importavam suas qualidades. Ela era bonita, era limpa, era mansa de caráter. Mas alguma coisa nela afastava os homens, os esfriava, os empurrava fora de sua cama em direção a outros afetos. Ainda que fosse o de uma feiosa magricela e descuidada como Filomena, quem deixou Pablo louco a poucos meses de estar com ele. Dona Estanislada confirmou suas suspeitas em uma tarde em que Manuela foi a sua casa pegar roupa para lavar. Estava Dona Estanislada tomando chimarrão, a convidou a acompanhá-la, e quando Manuela já tinha cevado o mate algumas vezes lhe falou, sorrindo maliciosa. Que tinha mulheres saborosas, e tinha mulheres... bom, que eram como erva deslavada, que não tiram a sede, que incham sem satisfazer. E Pablo se encarregou de deixar mais claro, brutalmente, poucos dias depois, quando ela, já sem paciência, lhe recriminou pelas escapadas para a casa da negra Filomena:

— Você não pode se comparar a ela... Nem de longe... Você não é gostosa, *nde ñande jhei!* Bem que o Simão me disse. De *vyro*, de idiota, que eu não acreditei nele.

Foi quase uma ferida física. Foi como se ele tivesse batido na criança dentro de seu ventre. Quis fazer suas trouxas e se mudar. Ele a preveniu. Ia embora com Filomena. Deixava o rancho para o filho que ia nascer, e se era homem, até ia reconhecer.

— Vou te deixar o rancho pra que você não ande dizendo coisas de mim.

Era um casebre, mas no fim das contas era um teto, dessa vez não teve que pedir pouso para a velha parente do povoado distante, que a cada vez a recebia pior, e com razão. Mas agora...

— Agora sim que nunca mais, nunca mais, Virgem de Caacupe!

Arminda e Teófila já saíam para recebê-la, uma pegou a bacia, a outra a trouxa de roupa seca. Já tinham onze anos, eram duas mocinhas. Elas lavavam a louça, tinham quase sempre o fogo aceso para quando ela chegasse, lhe serviam o chimarrão. Desde pequenos já se vê a diferença entre homens e mulheres. As meninas ajudam, os meninos estão sempre pela rua. Quando pequenos dão trabalho para as mulheres da casa, quando grandes dão dor de cabeça para as de fora. Mas as meninas são difíceis de proteger. Suas filhas! Deus e a Virgem as protejam! Arminda era loira, como o avô paterno, um velho espanhol que nunca tinham visto. Teófila era morena como a avó e a mãe, mas as duas eram lindas e nas duas os seios começavam a apontar no tecido velho do vestido. Já não podia continuar enviando elas

sozinhas ao armazém ou ao açougue, a quinze quadras, porque no último domingo o ajudante do abatedor, um preto nojento, quis enganá-las para que entrassem na peça de atrás do estabelecimento, e graças a que Teófila, que era mais esperta, saiu gritando pela rua, ele se assustou e não aconteceu nada. Ai, as meninas são difíceis de cuidar. Manuela de repente sentiu com imensa desesperança que em vão tentaria guardá-las o tempo todo, que um dia qualquer um homem ia...

Se sentou desganhada na cadeira, da qual Teófila teve que tirar Aparício, muito disposto, o mal-educado, a deixar sua mãe em pé. Ela sentia pontadas da virilha, como se fosse rasgar. Teófila, a mais prestativa, lhe brindou um chimarrão caprichado.

— Obrigada, *che memby*, minha filha¹¹³

Já ia para o segundo chimarrão, com Aparício deitado em seu colo, quando Arminda, a mais diplomática, falou:

— Mãe, a tia Ercília veio rapidinho. Ela não quis te esperar porque estava com pressa. Justamente no momento em que vinha pensando nela...

Ercília: a irmã acomodada, casada, ela sim como Deus manda, mesmo que sem filhos. Tinha se casado na casa de sua patroa em Assunção e o marido tinha um armazém em Tuyucúá¹¹⁴. Se viam poucas vezes, mas ultimamente se viam um pouco mais, desde que o marido de Ercília comprou a caminhonete e começou a sair pelo interior para comprar frutas. Cada vez que a visitava, Ercília insistia que ela tinha que “lhe dar” uma de suas filhas. Com ela ia crescer bem, ia ir para a escola, não ia seguir o caminho de tantas outras mulheres do campo (“não vai seguir teu caminho” ela parecia escutar).

Ela nunca tinha deixado. Porque não queria separar as gêmeas, dizia. Porque as meninas lhe ajudavam e ela precisava delas. O que era verdade. Mas não toda a verdade. No fundo tinha um vago ressentimento pela irmã mais sortuda e acomodada, o indício de que a irmã o que pretendia era na verdade ter criadas sem salário. Mas agora, no entanto, desde o domingo passado, tinha começado a pensar que a oferta de Ercília lhe dava a oportunidade de salvar pelo menos uma das meninas. Até porque de trabalhar a vida inteira como burras de carga ninguém ia salvá-las e talvez pudesse encontrar uma boa patroa para a outra.

As gêmeas se dirigiam olhares se encorajando mutuamente a falar:

¹¹³ No Paraguai os vocativos carinhosos, principalmente de tratamento familiar, na maioria das vezes são em guarani.

¹¹⁴ Localidade do estado de Paraguari, está a 15km de Caacupe e quase 70km da capital, Assunção.

— Ela disse que quer nos levar com ela pra festa de Caacupe este ano – disse Arminda. E o Aparício também.

— Disse pra você nos fazer vestidos novos e uma calça pro Aparício – destacou Teófila.

— Por que ela mesma não faz? – pensou Manuela -. Ela tem dinheiro. Eu não tenho um marido para me ajudar.

Mas não disse nada.

Arminda, a mais sutil, sempre diplomática, tossiu e deixou sair:

— Ela disse que se a gente se comportar ela vai pedir pra você deixar a gente ir com ela pra Assunção, pra ficar lá.

Agora Teófila estava de cócoras ao lado da mãe.

— As duas, mãe! Pra gente ficar junto e feliz.

Ainda faltavam seis semanas para a festa de Caacupe. Em seis semanas não seria tão difícil fazer um vestido novo para as meninas. Bastaria pegar um pouco mais de roupa para lavar. É verdade que já estava um pouco barriguda e por momentos se sentia pesada, mas lavar nunca tinha lhe prejudicado. Isso fica para as ricas que se fazem de delicadas.

Arminda se ajoelhou por sua vez do outro lado da cadeira. Ambas tinham os olhos ansiosos fixos no rosto materno.

— Ela vai vir com a caminhonete pra nos levar na sexta, véspera da festa de Caacupe, se você não mandar avisar outra coisa – disse timidamente Arminda.

Manuela tomava o chimarrão pensativa. Ao devolvê-lo vazio para Teófila disse:

— Vou deixar vocês irem com sua tia Ercília.

Na véspera da festa de Caacupe a tia Ercília chegou. Vestia muito elegante de seda floresta, tinha um relógio de pulseira de metal ajustando o punho flácido e sardento – era quinze anos mais velha que Manuela – e sua permanente se encaracolava em volta de um rosto grosso e vulgar, com muito pó-de-arroz, de olhinhos estreitos e boca fina. A caminhonete não podia chegar, e Dona Ercília sempre fazia o caminho da estrada até o rancho a pé, mas dessa vez estava de salto alto e isso lhe cansou muito, além de que tinha torcido um salto. As gêmeas, com os olhos brilhando, lhe alcançaram a cadeira de balanço, e Teófila, sempre prestativa, pregou novamente o salto. Manuela, mais crescida de ventre, ainda que mais magra de rosto, lhe preparou um chimarrão doce que as meninas se encarregaram de continuar servindo. Bebeu com o pão, do qual tinha trazido certa quantidade para as crianças. Aparício devorava enquanto Manuela preparava uma trouxinha de roupa

para trocar. As meninas se vestiram. Os vestidos eram desgrenhados e largões, e o tecido novo e duro contrastava com as sandálias desfeitas das duas. Aparício ia, simplesmente, descalço.

— Você não tem uns sapatinhos mais decentes? E o menino vai ir assim mesmo?

— E você acha que vou tirar de onde?

— Está bem, está bem, – disse magnânima Dona Ercília. Deixa que eu compro lá. Vai ser o presente de natal adiantado.

De pé, ainda que cansada, Manuela penteou as meninas. A tia domou com água e um pente o topete de Aparício, “faz com rabo de cavalo, mamãe”, suspiraram as gêmeas. Manuela amarrou o rabinho que se armava nas pontas – rabinho loiro, rabinho escuro – com vários retalhos coloridos. As gêmeas estavam radiantes. Aparício, fascinado, se esquecia de correr, de caminhar, de se mexer. Apertava a mão da tia como se temesse que ela desaparecesse em um descuido.

— Já vamos? – disse a tia Ercília.

Arminda e Teófila pegaram sua trouxinha e suas mantas, beijaram a mãe. Aparício apertou ainda mais forte a mão da tia. Dona Ercília beijou a irmã: um beijo no ar, se incomodava com o cheiro de suor e água sanitária.

— Você já sabe, se as meninas se comportarem depois do dia de Reis¹¹⁵ eu levo as duas.

Começaram a ir. As gêmeas pegaram cada uma de um braço de sua mãe.

— Ah, mas você vai vir também? São seis quadras de ida e seis de volta...

— Vou me despedir na caminhonete.

Se despediu na caminhonete, rápido, porque o motorista, uma espécie de sócio do marido de Ercília, entediado pela espera, reclamava.

— Na terça de manhã as crianças vão estar aqui.

O veículo partiu. A contraluz. O envolvia uma avermelhada nuvem de pó¹¹⁶. As meninas se despediam com a mão, alegres. Aparício agitava os braços freneticamente.

— Até terça, mamãe!..

¹¹⁵ No Paraguai, assim como em outros países hispânicos, o dia de Reis é mais importante que o natal, e é quando as crianças ganham presentes. Tanto é assim que ao traduzir o poema “Versos de natal” de Manuel Bandeira, Josefina opta por traduzir por “Versos de reyes”, já que não teria sentido na cultura paraguaia deixar sapatinhos pendurados na véspera de natal.

¹¹⁶ O solo no Paraguai é de terra vermelha, como em algumas regiões do Paraná, por isso a referência à cor do pó que o veículo levanta ao partir.

— Nós vamos te trazer chipa, mamãe!..

Fez o caminho de volta devagar. Ao culminar a subida, se deteve. Olhou a cruz, cujo pano amarelava, envelhecido. Se abaixou, pegou uma pedra, a jogou entre o montão.

— Se o assunto das meninas acabar bem, vou comprar um pano novo para a cruz. Já está precisando muito.

Chegou ao rancho cansadíssima. Pelo menos sozinha como estava poderia descansar à vontade. No entanto, as roupas das crianças ficaram jogadas, e Manuela pensou que era melhor lava-las. Então as lavou, ainda que com menos esmero que de costume, porque tinha pouca água e não se sentiu com ânimo de ir buscar.

— Agora – comentou ao terminar de estender a roupa – o que vai me fazer bem é um mate doce com um biscoito ou então com esse pedaço de pão. Ainda tem bastante.

Mas ela se sentia mais cansada que faminta. Algo lhe incomodava na boca do estômago.

— Melhor eu dormir. Amanhã é o dia da Virgem, depois é domingo. Vou poder descansar bem por dois dias.

Deitou quando tinha acabado de anoitecer, fechando bem a porta com o toquinho de madeira, raro luxo do rancho. Demorou em encontrar uma posição confortável. Sentia puxões na virilha, como se fossem descosturar. Os seios doloridos como sempre que se excedia no trabalho. Um levíssimo arrepio – pequeno belisco ou formigamento – lhe correu pela tensa pele do ventre.

No meio da noite acordou. Uma dor contínua lhe apertava a cintura como uma armadilha, uma mão cega de unhas de ferro arranhava as laterais. O coração saiu pela boca. Mas logo depois lembrou. Eram só seis meses. Devia ser uma indigestão. Se tentasse levantar e fazer um chá de *yaguarete kaa*, carqueja ... E quis se levantar, mas ficou encolhida no chão aos pés da cama, paralisada pelas contrações. Um frio suor lhe percorreu as costas. Já não tinha dúvida. Um breve intervalo lhe permitiu subir de novo à cama, e já não se moveu dela. Era muito pior do que quando teve as crianças. Antes nunca gritou. Agora sim. Não sabia se era só de dor ou pela angústia de estar tão sozinha. Finalmente as dores cessaram. Se sentia leve e vazia, e gritava, gritava, descendo por um poço sem fim. No entanto ainda pode perceber que a escuridão tinha sido cortada por amarelas estrias verticais. Era o sol se filtrando através das fendas da madeira, mas ela já não conseguiu entender o que era. Gritou ainda uma ou duas vezes como em sonhos, depois ficou quieta. Entre suas pernas algo

viscoso esfriava rapidamente, enquanto o sangue, atravessando o lençol de sacos e a grade da cama, caía no chão de terra, que se enegrecia ao absorvê-lo.

Na terça, conforme prometido, mas não pela manhã, porque o marido precisou da caminhonete, mas a tarde, Dona Ercília trouxe as crianças de volta. A caminhonete se deteve como de costume em frente ao carreirinho, mas Dona Ercília não desceu do veículo.

— Vocês têm coragem de ir sozinhas até o rancho? ... Eu estou muito cansada e é tarde. Lá da cruz vocês me fazem um sinal. Não irei antes que cheguem lá... E não esqueçam de dizer pra mãe de vocês que depois de Reis vou vir levar vocês.

— Claro que sim, tia Ercília! – responderam alegres as meninas.

Desceram. Arminda levava a trouxinha de roupa, Teófila uma cestinha com chipa para a mãe.

— Vão depressa. Eu vou cuidar de vocês daqui.

Levando Aparício de mãos dadas, no meio do caminho começaram a correr em fila na subida, em direção à cruz. Chegadas lá pararam e fizeram um montão de sinais, e viram a caminhonete partir. Sentiram o ruído do motor enquanto desciam desenfreadas o barranco, sempre levando Aparício entre as duas. Ele morria de alegria, mas logo começou a se queixar dos sapatos novos, e tiveram que parar para descalçá-los. Depois pediu para que o carreguem no colo. Arminda o levou nas costas, e depois revezou com Teófila. Chegaram finalmente ao descampado. Sob a já minguada luz crepuscular o rancho parecia fechado.

— Mamãe deve estar no riacho – disse Arminda com voz ainda sufocada pela corrida. Olha, nossa roupa está pra fora.

— Tão tarde? ... Ela sabia que íamos vir hoje – disse Teófila.

— Mas nós viemos a tarde, não de manhã. Quem sabe ela achou que não íamos mais vir hoje.

— Não deve demorar.

Cruzaram devagar o quintal. Um animal pequeno, de calda longa, saiu aparentemente de uma fenda do rancho e se perdeu no matagal entre os goivos desmaiados de calor.

— Um rato!! – gritou alvoroçado Aparício.

— Uf, que fedor está aqui – observou Teófila.

— Certeza que tem um rato morto.

— Como a mãe aguenta – disse Teófila, achando estranho.

Sentaram para secar as sandálias longe da soleira, porque o cheiro era forte. Logo se acomodaram no tronco caído embaixo das mimoseiras que faziam de banco. Escurecia a

todo vapor. Aparício meteu disfarçadamente a mão na cestinha e beliscou a chipa. Arminda percebeu e bateu em sua mão.

— Menino mal-educado. O senhor já comeu sua parte. Essa é a chipa da mamãe.

Aparício soluçou um pouco, Arminda o consolou. Um momento de silêncio e Teófila se levantou e começou a procurar pelo chão, na penumbra.

— O que você tá procurando?

— Alguma coisa para abrir um buraco grande e puxar a madeira. Temos que entrar e acender a luz.

Teófila achou por fim uma estaquinha. Com ela atacou a parede desfazendo o barro. Logo apareceu uma fresta entre duas varetas.

— Enfia a mão, Aparício. Puxa do outro lado.

— Por que você mesma não faz?

— Mas que merda, você!

Teófila enfiou a mão, mas não pode alcançar o toco, mesmo tentando muito.

— Tenta um pouco, Arminda.

Arminda fez o possível, mas também não teve sorte.

— Cheira muito mal. Vou vomitar.

Desistiram desanimadas.

Um vagalume voou sobre as mimoseiras, e entre o matagal espesso se sentiu deslizar um animal, um coelho-do-mato ou o gato de algum rancho, ou talvez o mesmo o rato de antes. Os três se juntaram, instintivamente. Aparício começou a choramingar. Caía de sono. As irmãs o deitaram no chão sobre uma das mantas e se sentaram com ele no tronco ao pé da mimoseira, abraçadas. Seus corações martelavam reciprocamente na escuridão.

4.11 A BABÁ MÁGICA¹¹⁷

Quando fez sua primeira aparição na casa do doutor, Mínguela teria um pouco mais de quatorze anos. Era morena, o cabelo como arame enferrujado, os olhos estreitos, a boca submissa e tímida. Capenga, nela as três medidas, peito, cintura e cadeira, eram exatamente

¹¹⁷ Conto originalmente dedicado à Olga Blinder, artista e crítica de arte que foi, com Josefina Plá, uma das fundadoras do Grupo Arte Nuevo e idealizadoras da Semana de Arte moderna na década de 1950. Olga Blinder também se dedicou à arte-educação, sendo uma das fundadoras da Escolinha de arte de Assunção, mantida pelo governo brasileiro, e incentivadora da livre expressão. Uma de suas publicações sobre o tema é o livro *El juego, los juguetes y el niño* (1981).

iguais. Minguela era como rolo que se movia verticalmente sobre um par de pernas muito grossas e curtas. Vestia alguma coisa feita de um saco de pano que ainda exibia sobre os peitos largos e colados ao tórax as letras pretas de sua origem: “Açucarera Tembicuary”¹¹⁸.

Não, não era uma beleza, Minguela. E, no entanto, de sua pessoa tosca, inacabada, emanava um atrativo indefinível, uma simpatia que se infiltrava sutilmente. Esse atrativo – as pessoas demoravam um pouco para perceber – irradiava de seu sorriso: sorriso humilde, quase triste, quase alegre, que descobria uns dentes grandes, mas não desagradáveis. Um sorriso que no decorrer do tempo alguém se encorajou a chamar de seráfico. Ele iluminava perenemente a cara de pômulos toscos, que ao se levantar escondiam os olhos atrás de seus penhascos escuros.

A mulher do doutor lembrava de nunca ter visto Minguela séria. E esse sorriso era toda sua eloquência. Nunca, em todos os anos que a teve por perto, a viu impaciente nem uma só vez. As crianças davam voltas em volta dela, puxando seu vestido, trepando em seus grossos joelhos, subiam em suas costas, e Minguela sorria. E, algo notável, as crianças tão gritonas e insuportáveis antes da chegada de Minguela, a partir de então quase nem se escutavam. O sorriso de Minguela era algo assim como um filtro serenador, que diluía em suas brincadeiras e travessuras as queixas e amenizava discórdias, sem por isso subtrair um ápice de alegria. Seus modos eram toscos como sua pessoa, mas jamais um bebê chorou ao manuseá-lo ela, nem se quebrou em suas mãos qualquer copo ou mamadeira. Esses dedos aparentemente desastrados consertavam engenhosamente os brinquedos quebrados. As crianças nunca tinham comido tanto nem com menos dengo. Até o pequeno Silvio, sempre delicado, o pesadelo dos pais, pareceu encontrar nova vida nos cuidados de Minguela e ficou mais animado e mais corado.

E não é que Minguela os mimasse ou bajulasse. Como ia fazer isso se nem falava direito? Seu sorriso resolvia todas as questões e enchia todos os vazios. Muitas vezes a esposa do doutor, depois de ter passado uma hora lhe explicando alguma coisa, ficava com a sensação de ter conversado com ela somente um instante, e tinha um trabalhão tentando lembrar o que Minguela tinha respondido. Mas Minguela não tinha feito outra coisa além de sorrir. Outras vezes, depois de ter visto seus filhos rondando a moça sorridente, imóveis, boquiabertos, e com os olhos brilhantes, como enfeitiçados, chamava um deles e perguntava:

— O que a Minguela estava falando?

¹¹⁸ Tembicuary é uma região a sudeste de Assunção, no estado de Guairá, onde realmente existe produção de açúcar. A Açucareira Paraguay (AZPA) existe desde 1910 e continua sua atividade até hoje.

E o menino olhava surpreendido para sua mãe:

— Mas se ela não nos falava nada! ...

As amigadas da senhora, depois de ouvi-la por um tempo ponderar as excelências de Minguela, começaram a chamá-la de “babá mágica”.

Mesmo que Minguela saísse bastante para a rua com as crianças e também sem elas, para compras, e ainda que mais de um desocupado lhe dissesse coisas ao passar, ela demorou mais de dois anos em ser cortejada.

Era um cara dois anos mais velho, de rosto magro e esquivo, bochechas côncavas, olhos de lebre e cabelo caído sobre a testa, um homem que caminhava como se se retorcesse, e do qual tampouco se ouvia a voz. Chegava ao escurecer e, encostado no poste mais próximo à porta, esperava paciente. Até que Minguela, depois de colocar as crianças para dormir, saía. Colados na cerca falavam por horas.

Falavam? Eram vistos juntos, colados no muro ou sentados na calçada, e isso era o que se podia afirmar. Porque conversa articulada ninguém nunca pode ouvir. Mas algum tempo depois a senhora notou certas mudanças em Minguela. Ficou mais gorda, ainda que sempre manteve as mesmas proporções nas medidas. Seu passo ficou ainda mais tácito e leve. Seu sorriso, quase alegre, quase triste, permanecia, mas os olhos agora de vez em quando fitavam ao longe com um novo brilho.

No entanto, foi uma surpresa para todos quando Minguela desapareceu.

Naquela época a viagem até Itaiguá¹¹⁹ era um verdadeiro triunfo, por aqueles caminhos de lodos profundos nos quais os veículos ficavam atolados até que uma providencial junta de bois vinha retirá-los do barro. Mas mesmo assim a mulher do doutor foi até Itaiguá, e chegou ao rancho da irmã de Minguela, de cujas mãos um dia a recebeu.

O rancho estava cheio de crianças que pareciam todas iguais. Sob a espessa sombra de algumas mangueiras, em uma cama cujos pés traseiros, como os de uma hiena, mancavam, descansava o suposto autor de tanta criançada. A irmã, uma mulherzinha magra e mal-humorada, deu a notícia.

— A Minguela vai ter filho.

E continuou resmungando porque a Minguela agora quem sabe em quantos meses ia poder trabalhar de novo, e se a senhora a levasse de volta ela nem ia poder ajudar com tanta criança. Mas a mulher do doutor não ligou para o que ela disse. Trouxe a Minguela para

¹¹⁹ Uma distância de aproximadamente 98km.

Assunção, o doutor a indicou em um hospital e ali Minguela teve uma menina moreninha, que a poucas semanas de nascer já deixava ver os pômulos grossos e a tosca arquitetura da mãe.

Minguela voltou a seu povoado levando algum dinheiro no seio e uma trouxa de roupa que a senhora deu para ela se vestir e vestir a criança, porque Minguela a cada mês enviava o salário a sua irmã e estava nua.

Quando a esposa do doutor foi de novo a Itauguá, aproximadamente um ano depois – custou decidir fazer a viagem – esperava encontrar a menina já caminhando. Levava para ela um ursinho que tinha sido de Silvio. Pode ver como os filhos da irmã exibiam, se bem que irreconhecíveis, as roupas que ela tinha dado para Minguela, enquanto esta tinha voltado a usar o vestido de saco com as comprometedoras letras rotulando os seios.

— E tua filha, Minguela?

Tinha morrido fazia uma semana.

— Foi ficando mais pequena a cada dia até que morreu.

Sorria sempre, olhando distante.

A senhora levou a Minguela com ela novamente a Assunção.

Minguela voltou a cuidar das crianças e a instaurar na casa aquele ambiente de plenitude feliz. Os meninos tinham crescido um pouco, naturalmente, mas agora tinha no berço outra criança, um menininho que, como Silvio, era delicado e difícil de criar. As mãos de Minguela, toscas e de modos desengonçados, tinham, no entanto, o dom de acalmar e adormecer a criança, que começou a dormir melhor e a ganhar peso.

Até que em um mal dia veio chegando de novo pelo bairro aquele homem das bochechas secas e o cabelo caído na testa, sombrio e descalço.

A esposa do doutor achou oportuno ensinar para Minguela sobre os perigos e inconvenientes de acreditar demais nos homens. Minguela escutava com seu perene sorriso, agora mais triste que alegre, sem dizer nada. Mas a senhora saiu da conversa unilateral com a impressão de ter escutado dos lábios de Minguela uma porção de coisas melancólicas e ao mesmo tempo cheias de razão. Vagamente desassossegada, quando chegou à noite, as crianças já na cama, viu Minguela escorrer até o portão como antes, não abriu a boca.

E tudo se repetiu com matemática exatidão.

De novo Minguela expandiu por todos seus diâmetros, enquanto seu olhar se perdia ao longe em um misterioso dulçor: de novo seu passo ficou mais leve até ficar como algodão,

e de novo um dia desapareceu sem aviso prévio, deixando um vazio irritável e uma queixosa inquietude nas crianças.

Desta vez, no entanto, a senhora não foi buscá-la em Itauguá. Foi uma época pródiga em preocupações para a família, e tiveram que esquecer um pouco a Minguela, ainda que várias vezes a senhora pensou em vê-la. Não tinha passado mais de um ano quando Minguela apareceu por conta própria na casa do doutor.

— Vim ver se ainda me quer como babá, senhora.

— Claro que sim, Minguela. Agora tem outra criança. Uma menina dessa vez, sabia? E seu bebê? ...

— Morreu, senhora. Faz um mês.

Pela terceira vez a alegria reinou sobre essa gente miúda. Minguela agora saía pouco para a rua. Quando as crianças não se escapavam subindo por seus joelhos ou costas, permanecia sentada ou de cócoras, com seu sorriso ainda mais humilde, como de vaga súplica, os olhos fixos ao longe. As outras criadas – agora havia mais duas na casa – faziam pouco caso dela e a deixavam de lado, principalmente na hora de comer. A senhora ficou muito brava quando soube disso pelos meninos, e dispôs que Minguela comesse com eles de ali em diante. Era muito limpa, apesar de sua total falta de vaidade.

Então começaram a ver a Dona Conché pelo bairro.

Dona Conché era uma velha ossuda, reta, de pele cor de tabaco e juba branca solta, a qual ninguém conhecia. Alguém disse que ela vivia ao lado de Trinidad¹²⁰. Tinha sido casada e teve seis filhos homens. O marido morreu quando ela ainda era jovem, criou os seus seis filhos sem ajuda. Dos seis, quatro morreram em Campo Vía¹²¹, na mesma semana. O quinto, que voltou da guerra são, morreu de bobeira uns meses depois em um acidente de carro. O sexto, que voltou do front ferido, ficou hospitalizado durante mais de um ano, até morrer também, fazia pouco tempo. Dona Conché, que já nos últimos meses, e enquanto cuidava de seu filho no hospital, estava um pouco transtornada, terminou de perder o juízo. Mas continuava se cuidando sozinha. Durante dias parecia calma e tranquila, falando somente o necessário para oferecer suas ervas e alguma outra coisa, sempre pouca coisa.

— Fáfia, senhora?

— Não, Dona Conché. Eu nunca tomo chás.

¹²⁰ Fronteira com a Argentina a mais de 390km de Assunção, é onde ficam as ruínas Jesuítas.

¹²¹ Refere-se a uma das batalhas da Guerra do Chaco, contra a Bolívia. Conhecida também como Batalha de Zentello-Gondra, na qual, em 11 de dezembro de 1933, o Paraguai obtém uma das vitórias militares mais significativas da história do país.

— Mamão?

— Tenho muitos no meu quintal, Dona Conché.

— Vai coco?

— Não tenho crianças em casa, Dona Conché¹²².

No dia seguinte, tranquila e desmemoriada, Dona Conché voltava a oferecer no mesmo portão os mesmos artigos, que a dona da casa recusava pacientemente. Seu porte, ainda digno dentro de seu aspecto extraviado, e sua desgraça lhe asseguravam o respeito. Não é brincadeira perder seis filhos e ficar sozinha, já velha.

Às vezes, no entanto, na metade do caminho, Dona Conché deixava cair na cesta as ervas amarradas com esmero em trouxinhas, os mamões esqueléticos e, sentando-se no degrau, agarrava a cabeça com ambas as mãos, choramingando em um triste lamento, quase aéreo:

— *Che memby, che memby kuéra!* Meu filho, meus filhos!

As pessoas respeitavam esses acessos e repreendiam as crianças que lhe rodeavam imitando seu lamento. De repente, ao passar aparentemente seu ataque, Dona Conché se levantava, pegava a cesta e, sem terminar o trajeto começado e sem nem dizer tchau a ninguém, se afastava estagnada e descalça sob o sol de rachar.

Minguela ficou amiga de Dona Conché. Acudia ao portão ao seu chamado – às vezes até antes de que chamasse – se sentava ou se agachava ao seu lado no degrau, e de vez enquanto encontrava alguns centavos para comprar algum mamão ou alguns cocos que depois dava para as crianças. E Dona Conché, que nada falava, conversava com Minguela, quer dizer, com o sorriso de Minguela.

Mas na vida dessa babá mágica todas as coisas e sucessos pareciam que estavam destinados a se repetir, e assim foi como em um entardecer reapareceu na rua o cara das bochechas secas, cada vez mais magro e desastrado.

A esposa do doutor ficou furiosa.

— Não tem uma lei que coloque na cadeia esses meliantes?

O doutor dava de ombros.

— Se a mulher não quer...

Minguela desapareceu de novo. Dessa vez a senhora a procurou inutilmente em Itauguá. Talvez a velha Conché soubesse de alguma coisa, mas ela também tinha desaparecido do bairro mais ou menos na mesma época.

¹²² Para as crianças é bastante comum fazer o mate de coco, no qual ao invés de erva-mate se coloca na cuia o coco ralado e é sevado com leite ao invés de água.

Passaram dois longos anos.

Um dia a esposa do doutor saiu de compras e se topou, longe de casa, com Minguela. Esfarrapada e magra, em seu rosto abatido o sorriso ainda brilhava, ainda que agora parecia não estar em sua boca, mas flutuar sobre ela.

— Minguela, o que aconteceu com você, minha filha? Onde você esteve todo esse tempo?

Minguela teve seu filho na casa de Dona Conché, um rancho em ruínas no caminho para Trinidad. Quase morreu ao dar à luz, seu filho tinha vivido por apenas umas horas.

— E os doutores me tiraram tudo, senhora. Não vou poder mais ter filho.

Ao dizer-lo sorria olhando distante.

— Não quer vir de novo comigo, Minguela?

— Devo ir, senhora.

Mas como passaram dias e semanas e não aparecia, a senhora, a quem esse encontro havia impressionado muito, se empenhou em buscá-la. Com os poucos dados que tinha, e perguntando para todo mundo, chegou finalmente ao rancho de Dona Conché em Trinidad. O rancho era muito pior do que tinha pensado. Perigosamente erguido sobre paus meio podres, com enormes lâmpadas de céu aberto pelo teto. Sem porta. Era um lindo dia de outono. Sob o enramado jasmim estrelado, em um jazigo desfeito que só conservava os pés da cabeceira, Dona Conché, mais fora de si que nunca, ainda mais espectralmente embranquecida, jazia de boca para cima, os olhos fechados. Quase não podia se mover. Por momentos, no entanto, um espasmo sacudia suas feições cor de tabaco, e sua boca se abria em um longo e lastimoso grito:

— Ah, *che memby kuéra!* Ah, meus filhos!...

O doutor e sua esposa olhavam compassivos.

— Ela sempre está assim, Minguela?

Minguela, ajoelhada ao pé da cama, dava de comer à anciã. Uma e outra vez recolhia com a colher a sopa de leite que escorregava pelas comissuras, caindo no pescoço. Tentava forçar uma colherada entre os lábios violáceos e enrugados. Uma e outra vez, com infinita paciência.

— Está sempre assim, senhora.

O doutor e a senhora se olharam. E devagar, sem fazer ruído, voltaram ao carro. A senhora chorava. Quando o doutor ligava o carro – um carro novo, tinham estreado nessa

viagem – ainda chegou neles, por cima do ramo de amapolas a voz lutuosa, aguda, do espectro prostrado:

— Ah, *che memby, che memby kuéra!* Ah, meu filho, meus filhos!

4.12 MADRINHA¹²³

Era loira, de pele seca e sardenta, e os olhinhos de cílios ralos, o nariz mais grosso que longo e a boca grande e saliente certamente não a deixavam mais bonita. Pequena, exibia nos braços e pernas mais pelo, ruivo e duro, do que o necessário, mas suas formas tinham certa languidez, seu cabelo cor de mogno era abundante e ondulado, e quando sorria, sua cara se arrumava para administrar uma estranha e excitante mistura de indecência e timidez.

Aos doze anos, Maristela era o pesadelo daquela família encarnacena¹²⁴, puritana e muito apegada a sua posição provinciana e a suas amizades. As freiras do colégio onde ela estudava não queriam mais tê-la com elas. Era um moleque, diziam. Subia nas árvores, pulava os muros, montava no pelo dos cavalos, se pendurava pelas janelas quando a trancavam. Além do mais tinha um gênio terrível: sem nenhum motivo, jogava na cabeça do próximo o que estivesse mais a mão. Subir nas árvores era sua maior delícia, e pousar em um galho alto, como um papagaio, sua diversão. Em uma manhã de janeiro estava ela emaranhada em uma árvore quando o primo Atílio, convidado pela família para passar as férias, lhe disse, olhando de baixo, sua primeira cantada. Oito dias mais tarde, Maristela entrou durante a sesta no quarto de seu primo. Quando saiu, Atílio tinha ensinado para ela algo que não estava entre suas matérias da Universidade.

Passou o verão, e Atílio voltou para Assunção. Quase imediatamente Dona Claudia, a mãe de Maristela, percebeu que a menina estava grávida. Conseguiu que Maristela lhe contasse o ocorrido, e veio para Assunção falar com a mãe de Atílio, sua prima de primeiro grau. A mãe de Atílio não se mostrou muito acessível.

— Uma menina dessa idade que faz isso tem alma de rameira, e não há por que atribuir ao Atílio o que passou. Com certeza você poderia encontrar outros culpados se quisesse.

Dona Claudia voltou para Encarnação vinte anos mais velha. As outras filhas, muito mais velhas que Maristela (uma delas, Augusta, tinha que ter sido freira, mas não chegou a

¹²³ O original é “Maína”, que é uma abreviação carinhosa de “madrina”.

¹²⁴ Gentílico de Encarnação, fronteira sul com a Argentina, a 364km de Assunção.

se consagrar com o hábito), colocaram na mãe a culpa pelo que aconteceu, a abrumaram de críticas.

— Você sempre mimou ela.

— Nós te avisamos que ela tinha sangue ruim.

— Puxou o pai, que Deus a perdoe.

— Precisava de uma boa surra.

Desafogaram em Maristela seus desgostos, suas amarguras, ela pagava as mil pequenas indiretas e maldades que as irmãs ouviam das amigas por causa do ocorrido e depois lhe devolviam com fel acumulado. A mãe, acovardada e doente, lhes permitia fazer isso.

Trancaram Maristela, submetendo-a a um regime purificador de pão, água e bofetadas, a fizeram ir e vir a cavalo da quinta, com o cochichado propósito de que “se livrasse daquilo”. Augusta inclusive quis a intervenção de Dona Petrona *Pocaré*¹²⁵, senhora com longa prática de obstetra sem diploma. A essa ideia, Maristela, que até então tinha se submetido com rara mansidão aos maus tratos, sem se queixar, reagiu com energia. Ameaçou fazer um escândalo. As irmãs desistiram. Mas só provisoriamente. Maristela deu à luz em um dia frio de junho. O bebê era muito grande, e a mãe, criança enfraquecida. Sofreu muito. Meio desvanecida ouviu seu filho chorar. E nada mais. Um tempo depois perguntou por ele.

— Nasceu morto.

Maristela, com a cabeça escondida entre os lençóis, chorou em silêncio.

— Agora chora, a put... Tinha que ter chorado antes.

As irmãs tentaram colocá-la em um convento, e a isso Maristela também não quis obedecer.

— Pois então você vai passar a vida trancada nesse quarto. Você não vai ser nossa vergonha!

Maristela então deu um jeito de fugir para Assunção, para a casa de sua tia Severina, que, apesar do nome, era bastante boa e compreensiva. Tia Severina escreveu para Dona Claudia colocando Jenara e Augusta em seus lugares e dizendo que Maristela ficaria com ela.

Ela então ficou com sua tia Severina. Tia Severina era velhinha, pequenina, gordinha, branquinha, com o cabelo desgrehado e uns olhos azuis pequenos. Nunca falava “daquilo”

¹²⁵ “pokare” na ortografia atual, po: mão e kare: torcida, se refere metaforicamente a pessoa de caráter duvidoso, que age com trapaças e artimanhas.

para Maristela e seu único empenho era ensinar a menina a cozinhar. Maristela colocava na aprendizagem uma mansidão parecida a sua falta de jeito. A única coisa que fazia com extrema limpeza e esmero era arrumar as camas. Estava magra e pálida, às vezes ficava muito tempo contemplando o vazio, calada. Mas pouco a pouco recuperou cores e a languidez, e voltou a sorrir com aquele seu enganoso sorriso, e o bom tio Antero se removia em seu assento, vagamente inquieto. Aos seis meses contados, uma noite, e sem dúvida por engano, tio Antero entrou no quarto de Maristela. Maristela gritou, chamando-lhe de tudo quanto é nome e jogando nele, na falta de melhor projétil, um castiçal. O escândalo foi grande. E tia Severina, posta a escolher entre seu marido e Maristela, ficou com o marido, e Maristela, depois de alguns acordos familiares, passou para a casa de outra tia, que era sua tia política: Eulália. A menina abriu um novo capítulo de pesares.

Tia Eulália tinha ideias próprias, um tanto medievais, sobre os métodos para a recuperação moral das jovens. Na casa dela, Maristela lavava o chão de manhã até de noite, comia o que sobrava, e dormia sobre a mesa da cozinha, com um tapete velho como cobertor. Tia Eulália a instruiu em um trabalho com pontos, no qual, repetindo em benefício alheio a ocorrência de Penélope, desfazia pela manhã o que Maristela tinha feito pela noite.

Foi quanto Maristela se encontrou por primeira vez com seu primo Atílio, o do pecado original. Atílio já era advogado e exibia um lindo bigodinho recortado. Maristela estava na feira escolhendo umas abóboras entre várias mais podres que saudáveis. Atílio se aproximou, lhe cumprimentou como se nada tivesse acontecido e disse que ela estava muito boa moça. E concluiu lhe propondo que passasse no seu rancho uma tardezinha qualquer. Vivia sozinho, disse. Maristela, sem responder, pegou uma abóbora, que por coincidência era a mais podre de todas, e a estampou na cara dele, deixando-o cego, sujo e fedido. Enquanto ele gritava obscenidades e limpava a sujeira, ela se afastou rindo.

Tia Eulália se aproveitava cada vez mais da menina, e esta foi ficando rebelde. Começou a responder mal. E sua tia a qualificou elegantemente de puta e bateu nela. Seu tio Eleutério, informado de tudo pela esposa, contribuiu com um tapa. Maristela fugiu e foi para a casa de uma moça, costureira, a qual tinha conhecido na feira, ela vivia com a mãe perto do Colégio Salesiano e tinha falado sobre lhe dar um trabalho. Tia Eulália denunciou o desaparecimento da menina na delegacia, e três dias depois Maristela estava de volta. Teve que suportar outra chuva de golpes e insultos, mas a essa altura sua sobressaturada rebeldia já amadurecia um plano.

— Velha bruxa, um dia desses você vai ver...

A primeira vez que saiu à feira, se encontrou – por casualidade, pensou ela – com o delegado que a devolvera a sua tia Eulalia. Também esbarrou nele na vez seguinte. E no terceiro dia, sua tia a esperou em vão.

Quando o senhor Eleutério foi à delegacia, o homem, sorrindo, disse que a menina tinha denunciado certos fatos, que por acaso aos tios não convinha ventilar diante do juizado de menores. O casal, vestindo quem sabe que tipo de carapuça, renunciou a reclamá-la. Desde então Maristela ganhou o respeito deles, ou a falta de respeito.

A temporada que passou com o delegado – confessava muito mais tarde Maristela – foi talvez a melhor de sua vida. O delegado tinha bom gênio e encontrava em Maristela o que os homens chamam de sua meia laranja, por isso se apegou muito a ela, e lhe comprava um monte de coisas. Maristela teve empregada, e até voltou a usar chapéu como fazia nos bons tempos em Encarnação. Começou a pensar que a vida, depois de tudo, não era tão ruim. A única coisa chata era que ficava grávida a cada instante, e a cada instante também tinha que ir a uma fulana que por alguns pesos economizava inscrições no registro civil. Por aqueles dias a mãe de Maristela morreu. Esta pediu dinheiro ao comissário e lhe mandou rezar uma missa cantada.

Maristela, que comia bem, se vestia bem, tinha empregada e se divertia muito indo ao cinema, aos jogos de futebol e aos bailes do bairro com outras senhoras na mesma situação, dizia, falando com essas senhoras, que não era tão difícil ser feliz. Mas um dia aquilo acabou. Acabou de repente, quando Maristela leu no jornal que Juan Antonio Cárdenas, funcionário policial correto e eficiente, se casava no sábado seguinte com uma senhorita cujo perfil pontiagudo enfeitava a coluna social. Naquela noite a casinha balançou. O homem tentou convencer Maristela dizendo que continuaria cuidando dela sempre, e não somente com a mensalidade. Mas os argumentos do senhor Juan Antonio não convenceram a enérgica.

— A mulher se conforma com a metade do salário, mas não com a metade do... da outra coisa.

E lhe atirou na cabeça o penico, afortunadamente vazio.

Na manhã seguinte foi embora, levando duas malas de roupas e alguns pesos economizados, foi para a casa de uma moça que há pouco tinha atravessado uma situação parecida. Nené, que era muito graciosa, não encontrou inconveniente em sua companhia. A feia Maristela não parecia competidora temível. Ao fim de algum tempo, no entanto, Nené

achou que Maristela, com sua languidez estranhamente impura e seu sorriso que mistura lasciva sabedoria e timidez, tinha certo atrativo para os homens que não devia desprezar.

E assim numa certa sesta houve uma fria troca de palavras. Maristela e Nené jogaram na cara uma da outra um incrível número de secretos ou patentes atributos femininos negativos, além de alguns ausentes, e Maristela, que nessa época já contava com vinte e um anos, resolveu que era hora de alugar um quarto para estar sozinha. Alugou em um cortiço. E no fim, como já tinha certo renome, a procuravam. Não ia nada mal. Além do incentivo de seu sorriso, sabia dar aos homens, intuitivamente, essa sensação de conquista. Com ela não era possível apressar as coisas, tinha que tomar alguns chimarrões, fumar alguns cigarros, conversar de vários temas principalmente policiais e políticos – e até cortejá-la um pouco antes que ela resolvesse tirar sua máscara. Nunca, além do mais, falava de dinheiro com eles, ainda que aquele que se esquecesse que o dinheiro é algo essencial na vida de cada um, podia ter certeza que a noite passada não teria amanhã. Suas amizades se recrutavam – fatalidade do signo inicial e iniciante – entre os militares de tenente para baixo e empregadinhos da polícia. Às vezes, algum estudante perturbado, um contador, um cafona. Através de tão variada clientela, a moça conseguia um material informativo do mais diversificado, os aspectos político-militares eram os mais interessantes, e lhe davam certo prestígio na vizinhança. As esposas do dono do armazém, do açougueiro, do padeiro, não recusavam se informar da última fofoca através dela. Contudo, teve que sair dessa vizinhança poucos meses depois, porque um *pyragiie*¹²⁶, espião, que vivia no mesmo cortiço, quis fazer dessa proximidade um título para usufruir permanente e gratuitamente de certas propriedades viventes. Houve uma briga a altas horas, durante a qual Maristela quebrou um vaso de planta na cabeça do fulano – estragando essa planta e também um cróton. Foi à delegacia. O delegado continuava sendo o mesmo. Ele sorriu ao vê-la. Ela sorriu também. Conversaram um tempo. A deixou ir e não esqueceu de visitá-la desde então, de quando em quando.

Maristela decidiu viver numa casa independente. Alugou de uma Dona Silvina, uma viúva tranquila a qual enganou lindamente dizendo que era recém casada com um tenente de administração que só vinha para casa a casa quinze dias. Quando Dona Silvina, que morava a um muro de distância, percebeu o engano, já era um pouco tarde. Menos mal que a Maristela, além de outras qualidades, tinha a de ser tão recatada quanto uma senhora

¹²⁶ Literalmente significa “pés peludos”, refere-se metaforicamente a alguém que observa sem ser visto ou escutado, pés que não são percebidos. Esse termo se refere principalmente às pessoas que informavam o governo sobre os considerados rebeldes e subversivos durante a ditadura de Stroessner.

decente dessas que só enganam seus maridos com um homem de cada vez. Um dos tenentes ficou fascinado por ela, começou a lhe dar uma quantidade regular. Maristela, depois de realizar, por alguns meses meritórios, esforços para acomodar seus gastos a essa pensão, decidiu que essa quantia, com a qual só era possível cobrir os gastos até o dia vinte do mês, não dava direito à fidelidade para além desses dias. Ela tem que viver. Não é mesmo? O tenente nunca pensou em ler o capítulo sobre partições proporcionais, isso divertia muito a Maristela. Como ela confessou uma vez, a situação quase dava uma impressão de ser casada. E assim passaram cinco anos, durante os quais foi à parteira seis vezes. O tenente, muito correto, lhe pagava esses gastos extras.

A revolta de Conceição¹²⁷ trouxe algumas mudanças, nem todas felizes, à vida de Maristela. O tenente desapareceu, como outros, da noite para o dia. Mais tarde se ouviu dizer que tinham visto ele em Clorinda¹²⁸, contemplando melancolicamente a margem oposta do rio. Quando Maristela soube, fez o possível e o impossível para ir vê-lo. Até que finalmente conseguiu. O tenente se alegrou muito e quis que ela ficasse com ele. Mas Maristela não se decidiu. Como depois disse, em Clorinda os militares não eram tão generosos como em Assunção. Agora Maristela, sem seu protetor, teve que contornar a situação. Os tempos ficaram difíceis. Assunção estava sitiada. Seus visitantes aumentaram, e as notícias que oferecia a cada manhã à vizinhança eram muito interessantes, mas no geral seus amigos tinham caído em qualidade. Algum bateu a altas horas em sua porta. Outro quis fazer prevalecer a autoridade que um cargo recém adquirido lhe dava, para reuni-la supostamente com a polícia, o final da reunião era previsível e Maristela não se deixou enganar. E, de repente, também uma noite, reapareceu Atílio, agora dono de um carro – Maristela nunca soube se próprio ou “emprestado”. Chegou com dois outros caras e quis levá-la “para passear e jantar” disse, enquanto cambaleava um pouco, talvez por causa da emoção do encontro. Maristela se salvou pela astúcia, os deixou esperando em uma porta e pulou o murinho que separava sua casa da de Dona Silvina, a quem pediu refúgio. O que obteve, junto com uma suave recriminação. Maristela, que nunca tinha tremido, tremia agora como um galho. Conversando com Dona Silvina, ambas deitadas em colchões colocados no chão, enquanto à distância crepitavam as metralhadoras dos sitiadores, Maristela contou sua história.

— Meu filho agora teria quinze anos.

¹²⁷ Esse fato localiza a história em 1947, quando iniciam as revoluções que originariam a guerra Civil.

¹²⁸ Clorinda é a fronteira mais próxima do Paraguai com a Argentina, basta atravessar o rio Picomayo desde Assunção.

— Se meu filho tivesse vivido, minha vida teria sido diferente.

Terminada a guerra civil, Maristela se mudou. Nené, a quem os anos tinham feito, se não mais jovem, mais prática, restabeleceu a amizade com ela, e lhe propôs irem viver juntas. Lhe daria quarto grátis. Mas não demorou muito tempo para que Maristela percebesse que o que queria essa maldita Nené era explorá-la. Xingou ela com gosto, pegou sua mala e foi dividir a modesta casa de outras senhoritas que não dormem. Há pouco tempo de se instalar teve que tomar uma injeção de novo. Teve uma infecção. Se recuperou, mas demorou. Começou a sentir certas incomodidades, mas não voltou a engravidar, o que adorou.

Maristela tinha feito trinta anos, e uma certa manhã se surpreendeu pensando no futuro. Entre os visitantes estava um velho – de pelo menos cinquenta anos – de granulada cabeça redonda, barrigudo, de mãos de dedos curtos e lábios que não conseguiam cobrir os dentes e que ria marcando o ritmo com o umbigo. O homem se apaixonou por Maristela e terminou vindo passar com ela quase todas as veladas. Com frequência se reunia com as três, jogava baralho e mandava trazer refrigerante de laranja e erva-doce. Começou a passar para a Maristela uma quantidade suficiente para comer e comprar algum trapo para vestir. E Maristela se surpreendeu sentindo certa satisfação em descansar de sua promiscuidade. Passado algum tempo – talvez dois anos – Maristela sentiu o desconforto reaparecer e seu ventre se inchou. Não havia dúvida de que estava grávida, depois de muito tempo. E também por primeira vez na vida se alegrou por isso. Seria quem sabe uma maneira de unir definitivamente o velho, que parecia tão apegado a ela. Falou com ele. Mas o velho, escondendo por primeira vez os dentes, disse secamente que se ela estava grávida não podia ser dele, porque ele nunca em sua puta vida tinha tido nenhum filho, nem mesmo de sua esposa, morta há dez anos. Maristela lhe xingou de tudo, lhe arremessou um copo de refrigerante de laranja e logo um tinteiro, acertando o olho. E o velho saiu da casa para não voltar. No outro dia, no entanto, um rapaz trouxe de sua parte para Maristela um envelope: mil guaranis.

— Uma lembrança.

Maristela não foi à parteira. Deixou passar uns dias, enquanto nela crescia a ilusão de um filho. Ou uma filha? Decidiu que gostaria mais de um menino... As mulheres sofrem demais.

Tinha piorado muito: estava pálida, e se cansava. Acima de tudo, estava sumamente nervosa. Por qualquer coisa lhe tremiam as mãos. Quando ia cumprir os nove meses foi ao

hospital. Falou com o doutor de seu filho, tremendo como uma vara. O médico a reconheceu, muito minuciosamente. E disse:

— Você vai ter que ficar hospitalizada.

— Quando, doutor?

— Hoje é quinta... Na próxima segunda.

— Vou ter meu filho, doutor.

— Você vai ter que se operar. Vamos te operar na outra sexta.

— Ah, não tem problema, doutor.

Indo ao hospital na segunda, se encontrou na rua com Dona Silvina.

— Hoje me internam, dona Silvina, vão me operar na sexta. Vá me visitar.

Dona Silvina lhe prometeu.

Quando chegou Dona Silvina na sexta cedo, Maristela estava deitada na cama, magra e pálida, mas sorriu, e por primeira vez seu sorriso foi um sorriso branco, desaparecida misteriosamente a languidez, ficava só a timidez.

— O doutor disse que meu estado é muito grave, mas que meu filho vai se salvar.

Vieram colocá-la na maca, e Dona Silvina foi embora, prometendo voltar durante a tarde. Quando voltou Maristela recobrava a consciência, e parecia estar muito decaída. De repente teve um de seus tremores.

— Meu filho, meu filho. Quero vê-lo.

O médico fez um sinal para a enfermeira, que saiu e voltou logo com um lindo bebê, uma menina com cachos pretos. Maristela a beijou com paixão.

— Chega por hoje, chega por hoje, amanhã você vai vê-la de novo.

Quando o doutor saiu com a enfermeira, Maristela disse:

— Dona Silvina, me prometa que será a madrinha. Quero que se chame Silvina. Silvina Claudia, pela minha mãe, sabe?

— Prometido! – disse Dona Silvina, a quem a perspectiva de criar uma menina salvando-a da miséria e de algo pior acendeu um emocionado fervor.

— Se algo acontecer comigo, você, a madrinha, vai criar ela, não é mesmo? É menina, que não aconteça com ela o que aconteceu comigo...

— Fica tranquila, minha filha.

Dona Silvina se retirou, prometendo voltar no dia seguinte. Mas só conseguiu voltar dois dias depois. Maristela já não estava.

— Uma embolia, se apagou como uma luz.

Dona Silvina sentiu sincero pesar. Como era boa cristã, rezou uma oração por ela. Logo depois foi ver o médico.

— O que devo fazer para levar o bebê de Maristela? A mãe me encarregou de cuidá-la.

— Não há tal bebê – disse o doutor.

— Como?

— A senhora não percebeu que essa menina tinha pelo menos três dias?... Era o bebê de outra paciente. Maristela nunca esteve grávida. Era um tumor maligno no ovário. Mas seu estado emocional era tamanho que para não a expor a acidentes lhe ocultamos a verdade. Se ela tivesse se recuperado, já íamos resolver o assunto. Mas ela morreu. Não tem problema.

1948-1950

4.13 CAETANA

— Caetana, vai buscar a carne.

— Caetana, em Pinozá¹²⁹ estão vendendo laranja a quatro pesos a centena, vai comprar.

— Caetana, esfrega o chão que está sujo.

— Caetana, vai buscar a cadeira que está no carpinteiro.

— Caetana, enxagua minhas meias. Rápido!

— Caetana, acende o forno. Vamos fazer sopa paraguaia.

— Caetana, vai regar a magnólia branca.

Caetana fazia essas coisas e mais algumas.

Caetana servia o mate de manhã, de sesta, de tardinha – mate amargo, mate doce, mate de coco – indo e vindo interminavelmente da sala para a cozinha com a chaleira alternadamente vazia e cheia enquanto as senhoritas conversavam também sem término, seja as duas sozinhas, seja com alguma visita. Balançando-se sobre seus pés descalços, que quase sempre estavam com bicho-de-pé, esperava pacientemente que cada um dos presentes fizesse ressoar a cuia.

Caetana ia à casa de Dona Elena, de Dona Fausta, de Dona Estanislada, trazia e levava convites, pratos de doce ou de chipa, renda *ñanduti* para ver, joias para cima e para baixo. E recados:

¹²⁹ Bairro de Assunção.

— Pergunte para a senhora Fausta como ela está; diga que estou mandando essa chipa para ela provar; que estou mandando pouco porque ela come pouco, a linda; e que quero que ela me desculpe porque ontem não mandei o dinheiro, é que minha comadre me enganou. E que também estou mandando um pente que querem vender por vinte pesos; e que por favor me empreste sua colherzinha de prata, porque esta tarde tenho visita; e que amanhã vou visitar ela sem falta.

Caetana repetia os recados com a exatidão de um gravador.

— A senhora Fausta diz que está muito bem e que te manda lembranças; e que tua chipa é muito boa, e agradece; e que ela gostou muito do pente e vai ficar com ele; e que aqui ela te manda a colherzinha; e que amanhã sem falta te espera.

Caetana tinha dez anos. Seu único bem era uma verruga negra e peluda, sob a bochecha esquerda. Vestia um vestido feito de retalhos de batas que as patroas tinham jogado fora, calçava a própria pele no inverno e no verão, e tinha a cabeça raspada.

Rufina, a lavadeira meio boba que aparecia assiduamente na casa das senhoritas Olmedo dois ou três meses ao ano – o resto do tempo ninguém sabia onde tinha ido, e as senhoras ficavam loucas procurando outra lavadeira – tinha entregado Caetana para as irmãs: “para ser sua filha” quando a menina tinha sete anos. Foi, lembra bem, um pouco antes que a senhorita Eulália, a mais velha, louca por plantas, conseguisse aquela magnólia branca que lhe trouxeram de São Pedro do Paraná, e que ninguém mais em Assunção tinha, motivo pelo qual ela estava muito orgulhosa.

A princípio, Rufina via sua filha duas ou três vezes ao mês, quando vinha para levar a roupa para lavar. Mas logo, como de costume, parou de vir, dessa vez para não aparecer nunca mais, razão pela qual Caetana ficou sendo propriedade exclusiva das senhoritas. Egídia lhe costurava os arlequinados vestidinhos, Eulália lhe carpia a cabeça com uma arcaica maquininha de cortar cabelo – a do finado senhor Olmedo – que não era precisamente uma Brastemp, e que arrancava lágrimas de Caetana a cada sessão. As crianças do bairro chamavam a Caetana de careca e repetiam “aeroporto de mosquito, ninguém acha que é bonito”, mas mesmo assim tanto a senhorita Egídia como a senhorita Eulália estranhariam enormemente se alguém lhes contasse que Caetana de noite, deitada em sua cama de sacolas velhas na cozinha, chorava, não tanto porque sentia frio na cabeça, mas porque as crianças tiravam sarro dela assim.

Caetana não tinha amigas. Não tinha tempo para isso. Como não havia crianças na casa, não desfrutava do privilégio das babás, que saem com as crianças na calçada e

participam das brincadeiras. Só tinha amizade com uma vendedora de ervas muito velha que por temporadas aparecia pelo bairro e que às vezes lhe dava uma laranja ou alguns biscoitos, e uma vez até um melão pequeno, cuja casca estava metade preta e dura como um pneu.

Quando Caetana tinha treze anos, quase quatorze, sucedeu na casa, sucessivamente, vários acontecimentos extraordinários.

Certa manhã, ao regar a magnólia branca, cada vez mais exuberante, a senhorita Eulália percebeu que alguém tinha arrancado um galho, o mais próximo da calçada. A senhorita Eulália teve motivo para reclamar por vários dias, e durante não pouco tempo ela e Egídia procuraram pretexto para visitar a todos os vizinhos, olhando cuidadosamente seus quintais, a procura do galho, mas não o encontraram.

Na pessoa mirrada de Caetana houve mudanças patentes. Cresceu cinco ou seis centímetros, se preencheram suas bochechas, clareando levemente sua pele, os pômulos se iluminaram, a verruga, de feia, ficou quase atrativa, e leves inchaços sobressaíram no vestido na parte dianteira.

A senhorita Eulália e a senhorita Egídia, em comum acordo, decidiram que já era hora de que Caetana usasse o cabelo mais longo, mas só até a orelha, de maneira que a senhorita Eulália pudesse continuar cortando com a tesoura, e não precisasse mandá-la ao cabeleireiro, o único que faltava era ter que gastar na vaidade da Cae, tche!

Então foi chegando de Buenos Aires, depois de longa ausência, Eduardo, o sobrinho preferido das senhoritas, porque era o que dava para a família o status profissional. Era doutor, com escritório na “rainha do rio da Prata”, tão jovem, tão bom moço e tão inteligente!... estava casado com uma portenha, tinha duas meninas. Vinha a Assunção para resolver alguns assuntos, procurar casa – que seja perto, tche! – porque a família vinha se estabelecer aqui, o doutor não se acostumava à vida portenha. As tias jogaram a casa pela janela para acolher o “doutor”. Caetana nunca tinha trazido e levado tantos recados. Além do mais ela era a encarregada de lustrar os sapatos do “doutor”, passar suas camisas, lhe preparar o banho e lhe servir o chimarrão na cama. Lá em Buenos Aires, tche, você não vai encontrar quem te sirva.

Quando saía para a rua, Caetana ia muito séria, olhando para qualquer lado bem longe, mas algumas vezes algum alistado do exército, ou um garoto de calças curtas e pernas peludas tinham encostado suas mãos nas delas ao passar, algum pedreiro tinha lançado lá do alto do andaime alguma cantada dessas que arrepiam a pele, e até algum cachorro morto encostado no poste tinha resmungado alguma insinuação obscena durante sua passagem, mas

não percebeu que tudo aquilo era sério até que durante uma sesta, quando estava inclinada sobre o poço, puxando a corda para pegar água para o banho do “doutor”, lhe beliscaram a nádega.

Caetana soltou o balde, que caiu violentamente com grande escândalo de latas, chocando-se com as paredes do poço (mais tarde a senhorita Eulália reclamaria muito por ter amassado o recipiente). Ela virou, viu o “doutor” que a fitava sorrindo sob o bigodinho, os olhos brilhantes, e sua pele morena, ao excitar-se ficou cor de fígado. Caetana correu para a cozinha, deserta a essa hora. Ali chorou em silêncio. Aquela noite serviu a mesa indiferente e rude, ganhando várias chamadas de atenção da senhorita Egídia e alguns tapas da senhorita Eulália, sempre de mão pesada.

No dia seguinte bem cedo tinha que servir o chimarrão para o senhorzinho Eduardo em seu quarto. Demorou para ir. A senhorita Eulália alcançou seu mais alto nível de super dramática:

— Só o que faltava, a Cae com caprichos!...

Ganhou novamente alguns tapas.

— E durante a sesta você já sabe, não é necessário que eu mande.

Caetana então serviu o chimarrão naquela sesta ao “doutor”, muito tensa ao pé da cama, pondo alternadamente um pé sobre outro e o olhar sobre as mãos cruzadas. O “doutor”, com os olhos entreabertos, a observava. Uma das vezes, quando ela se aproximou, cevado o mate, a agarrou pelo punho, assoviando entre os dentes:

— Venha aqui, tarada, por que o espanto?

Chegou o final das férias do senhorzinho Eduardo. As tias, sentimentais, lhe fizeram as malas com muito carinho e provisões, colocando muita renda *ñanduti* para a esposa e doce de leite para a família. Caetana foi a encarregada de levar as malas até o cais. Ia na frente deles, um trecho, levando a empurrões e parando a cada tanto, porque eram pesadas.

Eduardo se despediu de suas tias com muitos beijos e abraços. Logo estaria de volta com a esposa. Nada como viver no próprio país! Deu uma nota de dez pesos para a Caetana. As tias reclamaram: não está bem mal acostumar as criadas. E quando chegaram em casa, a senhorita Egídia pediu a Caetana o dinheiro “para guardar e não gastar à toa”.

Não passaram três meses quando a senhorita Eulália, ao acordar uma manhã, a primeira – sempre acordava antes de Egídia, não encontrou a Caetana com o copo d’água morna para enxaguar a boca como de costume.

— Esta menina... Já não sei o que acontece com ela de uns tempos pra cá. Caetana!

Silêncio.

— Caetana, o chimarrão, “senhorita”...

Quando a senhorita Egídia dizia “senhorita” no horizonte já se desenhavam os tapas.

Nem uma mosca.

— Caetana! ...

As senhorias Olmedo foram até a delegacia. Esta não teve sucesso na procura, disseram. O mais certo é que provavelmente nem se preocuparam em procurar. Porque quando uma menina como Caetana desaparece, se sabe o porquê, está perdida para todos, menos para um.

As irmãs procuraram em vão por muito tempo outra “filha” que reunisse as virtudes de Caetana. Não encontraram. Isso as deixou de mal humor por uma longa temporada. Claro que em compensação tinham muitas satisfações. Por exemplo a magnólia branca crescia e dava uma linda sombra. Ninguém em Assunção parecia possuir outra planta igual. O galho roubado com certeza não vingou, é preciso ter mão boa. E na sombra da magnólia branca, com frequência o doutor Olmedo tomava o chimarrão com sua esposa. Efetivamente tinham vindo viver em Assunção. Tinham três filhos. O mais novo um menininho de cinco anos, cópia do pai, o mais lindo e adorável, as tias estavam loucas por ele. “O encanto da tia”.

— Não era você que me trazia verduras antes? – Perguntou a senhorita Egídia, que tinha boa memória, para a vendedora.

— Sim, senhora. Faz muito tempo, mas eu me lembro.

Arrumava suas verduras, bem frescas, por certo, na cesta.

— Eu te trazia batata-doce e mandioca, e teve um tempo que também trazia milho para seu chipa guasú. Essa magnólia ainda era muito pequena. Você tinha uma menina, que se chamava Caetana.

— Você lembra dela? Ela foi embora...

— Verdade, ela foi minha vizinha lá em Lambaré¹³⁰.

— Tua vizinha?

— Ela ficou com minha tia quando foi embora daqui. Minha tia vendia batatas, você se lembra? Dona Petrona.

— E onde está a Caetana agora?

— Morreu.

¹³⁰ Município vizinho de Assunção, a menos de 3km.

— Morreu? ...

— Daqui uma semana vai fazer dois meses.

— E morreu de que?

— Não sei, fazia muito tempo que estava doente, cuspiu sangue.

— Você não sabe por que ela foi embora daqui?

— Foi para ter bebê na casa da minha tia.

(Assim que foi por isso, pensou a senhora Egídia. Com apenas quatorze anos... Todas são iguais...).

— E o filho vive?

— Sim, uma menina. Se chama Caetana também. Deve ter onze anos, mais ou menos.

— E onde está?

— Com minha tia.

A mente da senhorita Egídia trabalhava rápido.

— E o que sua tia vai fazer com a menina?

— Não sei, minha tia é pobre, e...

— Onde vive sua tia?

A verdureira deu à senhorita Egídia indicações precisas. E ainda esclareceu:

— O rancho tem um emaranhado e magnólia branca, como essa.

Aquilo foi o que mais deu o que falar entre as irmãs.

— Você viu só? Foi a Caetana que arrancou o galho da magnólia para dar para a velha.

— Não se pode confiar em ninguém.

Oito dias depois, a órfã estava na casa das senhoritas Olmedo. Era uma menina magra, sorridente. Um pouco menos morena que a mãe, e mais bonita que ela – essa coitada era bastante feia – era crescida para sua idade, as pernas gordinhas. Sob o pômulo direito tinha uma verruga negra e peluda.

As senhoritas Olmedo estavam na glória!

— Caetana, vai buscar a carne.

— Caetana, em Pinozá estão vendendo laranja a quatro pesos a centena, vai comprar.

— Caetana, esfrega o chão que está sujo.

— Caetana, vai buscar a cadeira que está no carpinteiro.

— Caetana, enxagua minhas meias. Rápido!

— Caetana, acende o forno. Vamos fazer sopa paraguaia.

— Caetana, vai regar minha magnólia... Mas bastante cuidado, não vá tocar nenhum galhinho, heim, senhorita!...

Agora o doutor vinha com mais frequência, sozinho ou com a esposa. Os meninos – quinze e doze – estavam por ali o tempo todo. Quem ia mimá-los mais que as tias? Para servir o doutor, as senhoritas colocavam na Caetana um avental branco que logo já guardavam.

Caetana vestia no resto do tempo um vestido feito de retalhos de batas jogados fora, e calçava a própria pele. Como já era crescidinha e já tinha formas. A senhorita Eulália, muito a contra gosto, desistiu de lhe cortar o cabelo ao estilo aeroporto de mosquito. Lhe deixou a melena curta até a orelha, para poder cortar ela mesma com a tesoura.

O filho do doutor, quando a mãe e as tias não estavam olhando, a observava, entreabrindo os olhos, as pernas.

1948

4.14 A PERNA DE SEVERINA

Já fazia quinze anos que Severina se movia somente naquele canto do quarto atrás da grade. Sentada em sua cadeira baixa – que ela só abandonava para, apoiada em sua muleta polida pelo uso, fazer as tarefas mais urgentes – trabalha o tempo todo em sua renda *ñanduti*, porque tinha que viver, e também dava ordens à senhora que fazia a minguada cozinha, lavava e trocava a velha tia. Quase não saía à rua. Ia à missa aos sábados no anoitecer para se confessar, e à missa dos domingos bem cedo, para que ninguém a visse assim, cambaleando-se sobre a muleta.

E, no entanto, Severina já abrigava, desde antes de sua perna, no fundo do seu coração, um grande desejo. Queria ser filha de Maria. Tinha desejado com todo seu coração desde pequena quando via as outras meninas um pouco maiores indo e vindo da igreja, passando horas na sacristia, saindo com os véus brancos em todas as procissões.

— Você ainda não fez a primeira comunhão, quando você fizer a gente vê.

Severina era, para tudo menos para a renda *ñaduti*, um pouco lerda. Tinha se atrasado para ler e para aprender o catecismo. Ia fazer a primeira comunhão aos onze anos, quando a carreta amassou sua perna e tiveram que cortá-la. Quando ficou sem perna, naturalmente não teve jeito. Pois uma filha de Maria que não vai na procissão, que não pode trafegar de cima a baixo de cadeiras e escadas, não é eficaz. O velho padre tinha feito ela entender assim. E

Severina, sentindo que sua alma minguava, se calou. Mas era uma renúncia que ela tinha que renovar todos os dias pois nunca tinha conseguido se resignar de uma vez por todas. Oh, não, nunca se resignaria. Ao contrário. À medida que o tempo passava se convencia mais e mais que ela tinha nascido para ser filha de Maria, e se não chegava a ser, sua vida não tinha sentido.

Mas aquela perna que lhe faltava. Meu Deus!

Do seu quarto na casa antiga (cujos corredores davam para a igreja na metade da longa e descoberta praça), e em um dos quartos em que se consumia lentamente, sem nenhuma queixa, a tia anciã, Severina via as filhas de Maria irem e virem, saírem da igreja e entrando nela. Sempre tinham alguma coisa para fazer. Enfeitar os altares. Colocar flores frescas. Lustrar candelabros para alguma festa patronal. Trocar e passar as roupas do altar e escovar o manto da Virgem. E o coração lhe apertava em uma imensa angústia. Quando um dia ao se aproximar de seu espelho – um espelho do tamanho da palma de sua mão e cheio de manchas – viu suas primeiras rugas, chorou desconsolada. Não pela perda prematura de sua juventude e sua alegria – tinha somente vinte e quatro anos – mas porque entendeu que já era muito velha para ser filha de Maria.

Por essa época morreu de velho o pároco, Padre Eduardo, tão bom ele. E veio o padre Ranulfo. Mais jovem, um homem cheio de vida, e que decidido que ele era. As filhas de Maria lamentavam não ter mais pecados para confessar, para ir duas vezes na semana fincar-se de joelhos diante dele, ao invés de uma. Severina não deixou de ir lhe contar seus pesares. E quando com os olhos chorosos lhe disse que já era muito velha para ser filha de Maria, o padre Ranulfo lhe consolou.

— Nossa Senhora não vê a idade, Severina. Só vê as virtudes... Você merece ser Sua filha... Mas essa perna... Uma filha de Maria com uma muleta nas procissões não dá. E depois, para o trabalho... Não, não é possível.

E lhe repetia algo que o padre Eduardo já tinha dito alguma vez:

— Mas se realmente você ama tanto a Virgem... então você podia fazer alguma coisa, ainda que você não seja filha de Maria, mesmo assim vale. Por exemplo, veja: a toalha do altar já está um pouco velha... você podia bordar uma nova... ou enfeitar essa com renda. Você que faz tão bem o *ñanduti*.

Severina não respondia, mas virava a cabeça franzindo a testa quando o respeito lhe permitia. Trabalhar como filha de Maria sem ser... Isso sim que nunca ia fazer.

O padre deve ser intuído alguma coisa que estava na alma de Severina, por isso às vezes dizia:

— Tenha cuidado com o pecado do orgulho, Severina... tenha cuidado. Por causa dele nossos primeiros padres caíram.

Severina voltava para seu canto no quarto, chorava um pouco e logo continuava sonhando enquanto trabalhava. Do seu cantinho atrás da grade não se via somente a igreja e as procissões. Nas calçadas contíguas havia discotecas e uma ou outra loja e as pessoas desfilavam, cumprimentavam a Severina mesmo que poucas vezes ficassem para conversar. Severina não era de falar muito. E às vezes chegavam forasteiros que visitavam a igreja, curiosos pelo antigo altar dourado onde os anjos sorriam um sorriso de três séculos. Severina raras vezes deixava de perceber alguém. Velhas tingidas, jovens maquiadas, rapazes que pareciam meninas por causa do cabelo, velhos que tinham um ótimo perfume, mas eram uns safados. Todos entravam na igreja como cachorros, sem nem pelo menos fazer o sinal da cruz. Chegavam perto do altar e falavam em voz alta e davam risada de qualquer coisa na frente do santuário. Uma vez uma beata ouviu pela janela uma pessoa que dizia:

— Olhem essa luminária, uma luzinha de merda para a igreja toda!

Nada menos que a luminária do santuário! Padre Ranulfo quando soube quase morreu de raiva.

— Quanta ignorância, por favor!

Foi uma dessas raras ocasiões em que um transeunte parou na frente da grade de Severina para conversar. Era Justa, a mais velha das filhas de Maria – uma moçona de 25 anos que justamente nesses dias ia deixar a Irmandade para se casar com um vagabundo que por sua vez pertencia a Irmandade do Santo Padroeiro – olhava, junto com Severina, um bando de turistas entrando na igreja, uns mais feios que os outros se acordo com a opinião especializada de Justa.

— Mas aquela lá atrás, aquela menininha, que linda que ela é. Lindíssima! Mas parece que não tem muita vontade de caminhar. – disse Severina.

— E como vai ter vontade se ela é aleijada. – respondeu Justa.

— Mas eu estou vendo muito bem que ela tem suas duas pernas – se opôs Severina.

— Mas uma perna é artificial – replicou a outra. Eu vi quando ela sentou no bar. Aqui pra cima do joelho é que começa a perna dela.

Severina ficou olhando como se tivessem dito que a lua é uma luz artificial que acendem toda noite para a comodidade do povo.

— Como pode ser? Se são iguaizinhas as duas pernas?

Justa, que sabia um pouco mais da vida, explicou:

— São pernas que parecem de verdade. Se não for assim nem vale a pena. Por que iam querer ter duas pernas diferentes? É feito em uma fábrica, como a perna de uma boneca. Claro que pra ficar boa eles medem a tua perna verdadeira e depois fazem outra igualzinha.

Aquela noite Severina não dormiu. Na manhã seguinte, bem cedinho, foi à igreja. Era quinta-feira. Vê-la chegar no meio da semana, ela, que só aparecia nos sábados à noite e nos domingos de madrugada, foi uma surpresa para o padre Ranulfo. Mais surpreso ainda quando Severina disse que não vinha se confessar, mas conversar com ele. Na sacristia, engasgando, Severina perguntou se ele não tinha ouvido falar de algo chamado perna artificial, que fazia os aleijados andarem.

— Claro que sim, já vi algumas.

— E dá para caminhar direito com ela, padre?

— Como se fosse tua própria perna – respondeu o padre.

— Mas isso deve custar muito dinheiro.

— Isso é verdade. São caras. Não é todo mundo que pode ter uma.

Severina abaixou a cabeça e ficou pensando.

— Mil pesos, padre?

— Muito mais, muito mais, minha filha.

— Dois mil pesos então? Dois mil?

— Quem sabe até mais...

A esperança minguou no coração de Severina. Duas grandes lágrimas caíram por suas flácidas bochechas. O padre, compadecido, disse que em Buenos Aires tinha uma senhora, a esposa do presidente, que ajudava muito os pobres e os deficientes. Se alguém lhe escrevia dizendo que não tinha um braço ou uma perna ela logo enviava ajuda.

— Mas ela não vai querer me ajudar – sussurrou Severina.

— E por que não, minha filha? É uma senhora muito boa, ela ajuda todo mundo.

— E o que devo fazer, padre?

Já falei, tem que escrever para ela. Ou, se não, você vai para Assunção, até a Embaixada Argentina e fala com o Embaixador. Conta tudo pra ele, ele anota e ele mesmo escreve para essa senhora.

Severina imediatamente teve vontade de escrever para aquela senhora e falar com o Embaixador, duas coisas igualmente grandiosas e impossíveis. Nunca ia escrever, pela

simples razão de que não sabia escrever, tinha que pedir que outra pessoa escrevesse por ela, e ela nunca compartilharia seus sonhos e suas dores com ninguém. Somente se o padre... ficou pensando. Pensou. Pensou muito. Tanto que deu tempo de o padre ficar doente e ter que deixar a cidadezinha e ir para a capital. Não voltou mais.

O novo sacerdote era um padre imponente, sério, que só de olhar para Severina ela já ficava muda, e quando nos sábados a despachava com a absolvição a coitada ficava com a impressão de não ter sido totalmente perdoada. Então ela começou muito aos poucos a se concentrar no outro objetivo. Iria para a capital. Veria o Embaixador.

Pouco a pouco, com perguntas indiretas, Severina ia aprendendo o que tinha que fazer para chegar a Assunção: a pesar de seus vinte e oito anos, nunca tinha nem ido até a rua onde para o ônibus que vai para a capital. Começou a balançar entre suas mãos picadas de agulha o cofrinho no qual foi guardando suas escassas economias, que sobravam depois de se alimentar com a tia. Crescia a ansiedade, a montanha de obstáculos desmoronava. O maior obstáculo era sua tia inválida na cama, que precisava de cuidados constantes. Severina continuava pensando.

E pensando, pensando, passou mais um tempo e aconteceram várias coisas. Veio algo chamado guerrilha¹³¹. Aconteceram coisas horríveis das quais Severina não viu nada, mas mesmo assim ficou sabendo e rezou tudo o que pode para que esses horrores terminassem. Três filhas de Maria deixaram as atividades. Vários homens do povoado desapareceram para sempre. A própria Justa um dia amanheceu em um transe que não teria agradado nada ao marido se não fosse pelo fato que nesse momento o coitado já estava com cinco machadadas pelo corpo, apodrecendo sabe Deus onde. Severina não sofreu nenhum contratempo, mas a tia escolheu aqueles dias de sobressaltos para morrer. Severina ficou sozinha.

Pouco a pouco as coisas foram se normalizando. A velha tia já não prendia Severina, e um dia a vontade varreu as últimas dificuldades. Severina quebrou seu cofrinho, pegou sua muleta e uma mala e com o coração saindo pela boca foi mancando pegar o ônibus, uma madrugada. Não era a única passageira, tinha mais dois viajantes, mas por sorte eram homens, e mesmo olhando de canto de olho mais de uma vez, depois dos cumprimentos não a incomodaram com perguntas.

Quando chegou em Assunção já tinha amanhecido: uma manhã de sol indeciso que, conforme as horas iam passando, foi se transformando em uma desagradável sesta nublada

¹³¹ Provavelmente a Guerra Civil de 1947, já que se menciona a presença de Evita Perón como esposa do presidente na Argentina e o mandato de Juan Domingo Perón iniciou-se em 1946.

com vento e, depois, um entardecer com perigo de chuva. Severina estava bem decidida a visitar imediatamente, e antes de qualquer outra coisa, o Embaixador. Não teve maior dificuldade em encontrar a residência, porque por coincidência o motorista conhecia e parou perto para Severina descer. A moça não fazia a menor ideia de que havia horários de visitas nem nada que se chamasse protocolo. Achava que podia visitar o Embaixador da mesma maneira que visitava o padre, enquanto ele toma o chimarrão, às seis da manhã.

Assim foi com toda a pressa que sua muleta permitia até a casa do Embaixador, onde cansou de bater palmas no portão até que um transeunte compassivo tocou a campainha por ela. Saiu um empregado cansado, quem Severina achou que fosse o próprio embaixador, mas ele disse de forma bastante agressiva que aquela era a casa particular do embaixador e que ela fosse até a Embaixada entre onze e meio-dia.

Era sete horas. Severina ficou na calçada completamente aturdida enquanto o moço teve que rir um tempo na cozinha contando para as empregadas o ocorrido com a pobretona querendo ver o embaixador a essas horas.

— E isso que ela não tem uma perna. Se tivesse as duas era capaz de chegar aqui à meia-noite – disse o empregado, achando astuto fazer piada da desgraça dos outros.

Severina começou a caminhar procurando a Embaixada. O moço não tinha dito onde fica e ela também não perguntou. Parou algumas pessoas perguntando. Ninguém sabia onde ficava a Embaixada. Além do mais, Severina não conhecia as ruas e a todo momento tinha que refazer o caminho já andado. Deu meio-dia sem que pudesse encontrar o bendito lugar, que parecia estar enfeitado: diziam que estava logo virando a esquina e tinha a impressão de estar cada vez mais longe. Quando finalmente encontrou, bateu até se cansar, alguém então se aproximou a um portão próximo e disse que a Embaixada não abriria até segunda porque já era tarde de sexta e as embaixadas faziam semana inglesa.

Então Severina começou a caminhar letargicamente, sem rumo, procurando onde pudesse ficar um instante. Algumas casas ela achava que eram hospitalares de longe, mas de perto eram imponentes, cheias de luxo e novidade, e ela ficava com medo. Se sentia terrivelmente cansada e estava com sede. Finalmente teve coragem de se aproximar de uma casa com aparência mais acolhedora e modesta, de grandes ramagens, sob as quais viu umas senhoras bem enfeitadas, vestidas com batas coloridas e com leques, dormirem a sesta. Junto com elas estavam uns cavalheiros que aparentavam estar bem humorados e muito familiares. Severina chamou timidamente, e alguém disse “passe”, mas quando ela começou a se aproximar pelo corredor de flores, os homens começaram a rir, as mulheres acompanharam

e Severina se assustou dando meia volta e saindo para a rua, ainda seguida pelos risos. Continuou caminhando, cada vez mais cansada e sedenta. Finalmente encontrou um vendedor de aloja, um suco de limão com mel de cana. Bebeu um copo e ficou mais confortável. Já no fim da tarde percebeu-se perto da igreja de São Roque. Aqueles corredores profundos pareceram tão acolhedores, que iam protegê-la da chuva que já se anunciava com algumas gotas isoladas. Subiu como pode as escadas e sentou no chão contra a parede, descadeirada. De burra não tinha comprado nada para comer, nem mesmo uma chipa, e agora ia ter que passar a noite em jejum. Bom, ninguém morre de jejuar um dia. Estendeu a mantinha sobre os tijolos e deitou em cima. Era incômodo e um pouco desconfortável para ela, tão limpa, mas no verão não tem problema. De vez em quando algum transeunte passava reto, com pressa pela previsão do tempo. Dormiu quando começava a chuva forte. Ela gostava de dormir quando chovia: o barulho ajudava o sono. Não soube quando parou de chover, só percebeu quando um grupo de homens invadiu o recinto, e se espalhou pelos cantos. Acordou atordoada e os sentiu, mais do que viu, com terror, se aproximarem na sombra. Um se inclinou sobre ela, a apalpou com mãos obscenas e duras.

— Ei, rapazes, *eyú koápe*, venham aqui! Vejam só o que temos!

— *Peteí kuña*, uma mulher. Oh, filho da mãe! Que presente de Deus!

Uma sintonia de risadas subiu pelos ares a altas horas da noite. O que tinha se aproximado primeiro fez a descoberta:

— É aleijada.

A resposta não demorou:

— Aleijada ou manca, serve do mesmo jeito.

E riram de um jeito que para a Severina pareceu riso de Satanás.

Tateando em pura defesa Severina pode perceber que um dos homens era manco: um duro toco quente encostou na sua cabeça. Teve náuseas. Depois já não pode ter certeza de nada. Tudo tão brutal e tão inesperado. Aquele grande rebuliço de machos fedendo suor azedo e imundície antiga. O arzinho fresco da madrugada a encontrou sozinha, de volta ao centro do silêncio, como se tudo tivesse sido um pesadelo. Em um lapso de consciência ela arrastou o corpo surrado ao longo da rua até encontrar um portão aberto a horas inabituais. O instinto subiu os degraus, e o corpo ficou estendido sobre o chão lustrado da pequena varanda, se contorcendo levemente. A porta estava fechada, não passava nem mesmo a luz, mas um cachorro – aparentemente de porte médio – latiu atrás da janela. Uma luz acendeu, uma porta se abriu. E ali estava, como um trapo no chão, Severina.

— Olha só o que acontece por deixar o portão aberto. Qualquer vagabundo entra na casa.

O senhor tinha se inclinado sobre Severina:

— Que vagabundo que nada! Me ajude! Essa mulher não está bem.

A levaram para dentro meio arrastada. Suas roupas sujas de sangue deixavam no chão um rastro úmido que o cachorrinho seguia, gemendo silenciosamente.

Severina voltou a seu povoado uma semana depois. A dona da casa a acompanhou até o ônibus com muito carinho, lhe deu roupas decentes e um pouco de dinheiro – porque até seus centavos aqueles maléficos tinham levado – e também lhe comprou uma muleta nova, bem feita. Severina não contou nada para ninguém. Ninguém soube de nada. Aos perguntadores respondeu que não havia solução para sua perna. Só que sua primeira confissão foi mais longa que nenhuma outra, e no sermão do seguinte domingo o padre trovejou contra o sexto pecado como nunca. Severina voltou a seu trabalho atrás da janela. E não expressou mais seu desejo de ser filha de Maria. Quando alguém achando estranho perguntava se ela não pensava mais nisso, Severina abaixava a cabeça e respondia com voz monótona:

— Isso já passou. Uma aleijada como eu não serve para ser filha de Maria.

Mas na próxima festa da Virgem a toalha do altar maior apareceu diferente. Uma toalha com trabalhos de *ñanduti* como nunca se viu antes. Era o presente de Severina para Nossa Senhora de Caacupe.

1954

4.15 SISÉ

O homem – de perfil reto, quase bêbado na luz dura do amanhecer – firmou a perna embarrada no matagal. Uma mancha amarelenta de esclerose se fechou na máscara pétrea de seu rosto. Colocou a cara no fuzil para mirar. O volume desforme dobrado sobre a planta de milho não chegou a escutar o tiro, mas se mexeu para trás em um movimento surpresa, quase engraçado, e ficou meio escondido entre as folhas secas, enquanto a espiga livre se balançava como se estivesse brincando.

O homem se aproximou devagar, acompanhado do rumor de suas bombachas, fuzil na mão, os olhos agora eram fendas na sombra do chapéu Steson. Tocou a pilha imóvel com o pé. Sobre a madeira lustrada atrás dele, alguma coisa envolta em uma rede escura se mexeu:

uma aranhinha lerda e boba que se espreguiçou, parecia que ia escapar, que voltou de um desmaio, se abriu toda. E então um gemido se dissolveu no ar espesso da madrugada. O homem se inclinou, pegou a trouxinha, e levantou até seu rosto o pacote que se contorcia vagamente e piava como um pássaro. Examinou com uma rápida olhada, o deixou no chão, tateou de novo com a ponta do sapato, sentindo através do rígido couro o peso irremediável de seu abandono. Olhou um instante a mancha espessa que envolvia o corpo acrescentando a seu contorno uma curiosa sombra a favor da luz nascente – levantou o pacotinho escuro colocando-o no ombro, e se afastou na mesma direção em que chegou, entre neblina e orvalho, nesta manhã.

Do fundo de uma ilha próxima, uma mosca verde voava veloz em direção ao pacotinho, como se fosse em direção a uma terra que foi prometida à sua raça desde o começo dos tempos.

Quando chegou na casa, a sombra ainda longa e fria na manhã lilás, o papagaio mimado e faminto falava no ombro do grisalho peão Luzarte – o único ali que cuidava dos animais – a corrente do poço fundo rangia como se fosse a sombra do próprio dia recém-nascido. A mãe do homem tomava seu chimarrão no quintal, ali onde a velha palma de espinhos se enchia de orquídeas. O homem deixou cair o saquinho escuro nos pés da senhora, e tirou a rede suspeitosamente marrom. A senhora olhou, cuspiu no chão:

— Uma *kuñatai*, uma menina. Você podia ter tido melhor faro. E logo depois:

— Troca de roupa. Você tem sangue nas costas.

A cozinheira chegava com o chimarrão em uma pesada cuia de prata. Entregou para a patroa e depois pegou a criança, lhe revisou a boca como a um animalzinho: – Um ano, no máximo.

A deixou no chão e foi buscar outra ronda de chimarrão. Quando voltou:

— Ela tem que tomar leite, senhora. Eles mamam até tarde. A velha fez um gesto desdenhoso entre duas tragadas:

— E quem vai perder tempo com isso?

— Eu dou. Eu cuidei do porquinho, lembra?

E a cozinheira levou a menina para a cozinha. Lhe deu leite com a mesma mamadeira do porquinho, lavando bem primeiro, claro. A manteve longe dos quartos, para que seu choro – mesmo chorando pouco e baixinho – não incomodasse. E lhe colocou entre as mãozinhas escuras uma velha lata de café na qual tinha colocado alguns feijões que, ao agitar a lata,

chacoalhavam suavemente. A criança, sentada no chão da cozinha, chupava um osso que a cozinheira dava do prato dela, de vez em quando levava a lata ao ouvido.

A patroa, lá na capital, sempre ia à missa. Aqui na estância nem sempre podia, lhe doíam muito as pernas. Mas seja lá na cidade ou aqui no interior era igualmente católica. Foi ela quem disse:

— Tem que batizar a *mita kuña*, a menininha.

Demoraram para achar um nome, porque ninguém pensou que esse nome podia ser um nome corriqueiro, como Clara, ou Tereza ou Joana. Nem ao menos Romilda ou Sebastiana. Finalmente o velho Luzarte teve a ideia de olhar um calendário caindo aos pedaços, de vinte anos atrás, e procurou entre os santos.

E encontrou Sisenando.

— Sisenanda... Sisé... Era isso!

Um nome cristão, mas não muito parecido com outros cristãos. O velho peão de bigode branco e modos bondosos foi o encarregado de levar a menina à igreja na sela de seu cavalo. Na igreja entrou em apuros. O padre era grosseiro, de poucas palavras e impaciente.

— Pegue ela no colo.

— No colo?

— Sim, enquanto ela recebe o sacramento. Você não é o padrinho?

— Padrinho?

Luzarte não esperava por isso. Mas o que ia fazer? Foi padrinho. O padre colocou sal nos lábios da menina, como se a castigasse. Com a mesma expressão brava lhe untou a face. Recitou seu latim brevemente e franziu a testa, enquanto a menina degustava concentrada e curiosa o sal, lhe fixando seus olhinhos pretos.

— Não esqueçam de lhe ensinar a doutrina.

Luzarte se sentia um pouco ridículo. Seus colegas iam tirar sarro dele. Depois se tranquilizou. Se ele não contasse nada, ninguém ia ficar sabendo.

— Sim, padre.

E depois, desnecessariamente:

— A patroa não gosta de hereges em sua casa.

Os dias passavam, metálicos e ardentes, deixando sua marca abrasadora sobre as ilhas, apagando as poças espessas, ou aumentando o verdor dos matagais, alongando as lagoinhas até pintá-las de um azul profundo por onde passava o tempo embarcado nas nuvens e no esquecimento de todos os relógios. Os dias passavam ardentes ou geados, e as marcas

do gado mudavam seus mapas em atropeladas idas e vindas sobre os caminhos. Os troncos que sinalizavam o saqueamento gradual do bosque iam perdendo sua nudez de juventude polida, escureciam, se aposentavam do carnaval sob a lua, mastigadas pela podridão. Na cozinha defumada, temerosa, onde o fogo nunca dormia, a pequena sombra, só um pouco mais clara que sua própria sombra, ia e vinha, de um lado a outro, crescia como se pedisse perdão ao tempo, coletando, dos dias desvanecidos como os sonhos, um pouco menos de sua nudez de madeira polida, um pouco de cabelo sobre os olhos, um pouco mais de forma em suas bochechas de mogno lustrado. Três brilhos brancos – dois os olhos e um a boca – a acompanhavam em sua humildade e se abriam temerosamente sobre sua escura ânsia de sobreviver. A velha cozinheira era a única que falava com ela, mas falava muito pouco. Entre ela e a criança, que somente aprendia a se deslizar, como se estivesse emprestada àquele mundo incompreensível, só existia a ponte de algumas palavras, sempre as mesmas, sempre repetidas. Os peões às vezes diziam alguma coisa, que Sisé não terminava de entender se eram para ela ou se era entre eles sobre ela, e eles acabavam rindo. Seus risos a assustavam.

Certo dia, a cozinheira lhe colocou na mão a cuia de prata maciça. Com uma mão em suas costas e a outra na chaleira fervente, a empurrou em direção ao corredor, onde a senhora na cadeira de balanço movia seu chinelo de couro encardido de um lado a outro, próximo do chão. A cozinheira lhe colocou um banquinho, um pouco mais alto que o missal da senhora, e lhe disse:

— Agora serve o chimarrão pra patroa.

Foi o começo de um aprendizado no qual o líquido da prateada cuia se juntou com as lágrimas de seu rosto muitas vezes, mas muito mais quente, ah, muito mais quente.

Sisé foi crescendo. O semblante cor de mel de abelha escura, a pele polida como os móveis de jacarandá da sala, as pupilas grandes como duas luas, os lábios roxos como a flor um pouco obscena de bananeira. Já chegava na cintura da cozinheira quando esta se deitou e não se levantou mais, deitada como estava a colocaram em uma longa caixa preta que alguém trouxe de carreta de algum lugar – que ideia, enfiar as pessoas em caixas – a colocaram na mesma carreta e a levaram. Para onde ninguém disse, ou se disseram Sisé não entendeu. Abandonada por horas na cozinha, ela de repente rompeu em um longo alarido, de fera selvagem. E logo outro, e outro. Um cachorro, lá no quintal, se sentiu sozinho e uivou. O patrão gritou algo lá de dentro, com seu vozerão de vento no monte. Um peão tirou o cinto e deu duas cintadas em Sisé e outras duas no cachorro.

A cozinheira nova chegou, uma mulher magra, bigoduda, impaciente, que chacoalhava Sisé toda hora como se chacoalhasse um trapo da cozinha. Foi então que Sisé deu por fugir. Fugiu três vezes. As três vezes a encontraram sem ter que procurar muito, porque o término de sua fuga era sempre o mesmo: os galhos de alguma árvore na ilha ali perto. Os cachorros, latindo com raivoso desejo, a encontraram ao pé da árvore, porque os peões não sabiam vê-la entre os ramos, era tão escura quando eles. Os cachorros a conheciam, a deixavam circular pela estância, lhe seguindo só com um leve movimento de seus olhos preguiçosos, mas assim que escapara teria bastado só uma palavra de qualquer um dos peões para que a destroçassem sem demora. Cada vez que fugiu, Sisé levou uma tremenda surra que deixou sua pele de mogno marcada de manchas rosáceas. Por fim parou. Não fugiu mais. Mas continuou se escondendo pelos cantos, era impossível de encontrá-la por mais que a chamassem. E continuava crescendo e apanhando. Certo dia a cozinheira a olhou de soslaio, fez uma careta, e disse:

— É uma indecência que ela ande assim. Já se nota muito que está crescendo.

E lhe jogou entre os braços um vestido velho seu, que Sisé amarrou na cintura com uma cordinha que encontrou no meio do lixo do quintal. Já os seios apontavam no tecido, e a cozinheira lhe cortava a franja sobre a testa. Os peões a observavam de uma forma cada vez mais incompreensível e temerosa. Naquele ano, depois de muita chuva e frio, o velho Luzarte desapareceu: tossiu muito no seu quarto por alguns dias, e logo o levaram em uma carreta, envolto em um cobertor. Para Sisé foi como se tivessem apagado o fogo da cozinha em uma tarde de inverno.

Poucos meses depois, em uma noite de lua cheia em que os cachorros latiam muito, a patroa teve um ataque e ficou de cama, mas ninguém colocou ela em uma caixa, nem levaram ela de carreta. Ficou na cama, entre colchas coloridas, e da cama gritava com voz de papagaio, e dava ordens, e mandava as pessoas embora. O tempo todo Sisé estava pondo e tirando do quarto jarras de água, canecas de chá de ervas, e bacias. Mas a senhora já não tomou seu chimarrão nem balançou seu chinelo, pendurado pelo dedão do pé, no corredor. Também não voltou a bater na Sisé. Outros lhe batiam por ordem sua. Com o chicote. Menos a cozinheira, que lhe batia com um galhinho de vassourinha, para que ela se lembrasse.

Foi ao terminar essa mesma primavera, em um dia chuvoso, mas não de noite e sim de sesta, quando o patrão chamou Sisé a seu quarto, fechou a porta, e a pegou bruscamente pelo braço, a jogou na cama e largou sobre ela seus oitenta quilos de musculatura dura e de osso pesado. Sisé pensou que o patrão ia matá-la: arregalou os olhos e sem dúvida quis gritar,

mas o homem lhe apertou a boca com sua mão enorme como um martelo de amaciar bife – índia de bosta, cala a boca – e a manteve muda à força durante muito tempo. Quando a expulsou do quarto, ficando ele de barriga para cima, com uma expressão de quem comeu demais. Sisé se limpou com a barra do vestido. Nenhum músculo de seu rosto se movia, mas uma água lustrosa lhe corria pelas bochechas. A cozinheira viu antes que ninguém mais o vestido manchado, resmungou alguma coisa asperamente, mas não lhe bateu dessa vez. Lhe passou pelas bochechas seu avental de limpeza duvidosa, lhe deu outro vestido e queimou aquele no fogão da cozinha.

Virou um costume do patrão, costume espaçado porque seus sessenta e poucos anos não lhe permitiam ser muito frequente em seus entusiasmos. Os peões certamente estavam sabendo o que ocorria. Era o que tinha que acontecer, e só esperavam que chegasse o momento inevitável em que o velho se cansasse de Sisé e a deixasse tacitamente a disposição deles.

Mas antes que isso acontecesse, nesse verão os filhos mais novos do patrão, Nando e Toncho, e seu neto Rucho, chegaram na estância. Vinte quatro, vinte dois e dez anos. A estância se encheu de galopes, de poeira gratuita, de gritos que desarmonizavam com a paisagem. A casa estremeceu de gargalhadas fora de hora, de barulhos incongruentes. A acamada patroa pareceu recobrar os ânimos, Sisé nunca terminava de servir chimarrões, e na cozinha flutuava perenemente um cheiro de churrasco.

Os ruivos Nando e Toncho, espalhando por aí seus olhares de falcões jovens, ao instante perceberam que Sisé era coisa do velho. Durante quinze dias se contiveram. Só durante quinze dias. Em uma tarde entediante de fevereiro, Nando seguiu Sisé até o bananal onde ela jogava o lixo, e se jogou sobre ela. Continuava fazendo isso sempre que tinha uma oportunidade. Toncho no começo se remoía sem se atrever, mas terminou seguindo os passos do irmão, aproveitando-se de Sisé quando aquele levantava acampamento. Não souberam como, mas o velho ficou sabendo. Ele pegou um cinto, tão largo quanto a palma da mão, e Nando e Toncho, com todos seus estudos universitários, exibiram vergões nas costas por uma semana. Mas aqueles golpes foram em forma de castigo e resgate. Porque o velho não voltou a tocar na Sisé. Nando e Toncho ficaram como donos absolutos dela. Os peões assistiam as peripécias com sorriso amarelo. Muitas vezes Sisé apanhou porque a chamavam e ela não acudia, estava debaixo de um dos rapazes, lá no bananal.

Rucho, moreninho e pálido, só um pouco mais alto que Sisé, vagava inquieto evitando seus tios. Observava Sisé dissimuladamente, virando a cabeça quando ela por

casualidade olhava para ele. Uma vez se aproximou dela e lhe mostrou uma coleção de tampinhas e caixas de fósforo, com rostos de atrizes. Sisé lhe mostrou sua caixinha de café, cujos feijões fez ressoar. Rucho abriu a lata e substituiu os feijões por algumas munições, com as quais a lata soou muito, sim, muito melhor. Quando Rucho e Sisé se separaram, um peão sorrindo sujo disse alguma coisa a Rucho. Este se ruborizou até as sobrancelhas, não respondeu. Continuou sorrindo a Sisé quando lhe encontrava. E, ao fazê-lo, ele sentia que sorria com todos os dentes dela.

Passou o verão. Em maio Nando e Toncho foram embora, e também Rucho. Mas foi com a chegada dos frios de agosto que a cozinheira resmungou, observando Sisé:

— Jesus, meu Deus! Essa casa nem parece casa de cristão.

Mas resmungou bem baixo, pelas dúvidas. Jogou alguns trapos aos pés de Sisé:

— Coloca essa saia, você não pode andar assim.

Sisé pegou a saia, grande e largona, e dissimulou seu ventre engrossado. Não soube por que, mas lhe agradou ver-se assim, flutuando dentro da roupa. Também não soube por que, mas os peões lhe diziam coisas e riam, ela não entendia, mas se assustava. Tinha frio, mas ninguém parecia se preocupar com isso. Continuava trabalhando como sempre, mesmo que aquele inchaço incompreensível a sua frente incomodasse cada vez mais. Parecia que o patrão não a via. Tinha parado de servir o chimarrão à senhora, e tinham lhe proibido de entrar no quarto dela depois que a patroa, observando-a, tinha entrado em terrível cólera, tinha chamado o senhor, e os dois tinham gritado por muito tempo, espantosamente. Os peões olhavam para Sisé e falavam entre eles. Certa sesta:

— Você tem coragem?

— Você não tem coragem?

Sisé voltou a apanhar por não acudir a tempo os chamados. Sisé desapareceu aquela manhã. Mas mesmo percebendo logo, em um primeiro momento ninguém se preocupou em segui-la com os cachorros. De todos os modos, pensavam, não podia ir muito longe. Todo mundo estava ocupado na estância. A senhora Fausta, mãe de Rucho, tinha chegado no dia anterior. Ao dia seguinte chegaria o marido, o doutor. Tinham mandado uma árvore de natal e todos estavam encantados arrumando as coisas para a festa. Tinham matado porcos, ovelhas, galinhas, patos. Era natal e, como a patroa estava de cama, a família queria fazer que a festa fosse o mais alegre possível. A senhora Fausta tinha trazido um presépio com um menino Jesus nunca visto antes, com um vestido todo bordado e dourado.

Mas na manhã seguinte sim saíram perseguindo Sisé.

No começo os peões quiseram seguir o caminho do monte. Mas os cachorros se resistiam. Finalmente resolveram segui-los. A matilha não teve que ir longe. Se embrenharam no milharal perto da casa. E a três escassas quadras, no meio da plantação, em um buraco coberto de folhas de milho, estava Sisé de costas, imóvel e nua. Entre suas pernas tinha alguma coisa envolvida no vestido que tinha tirado, cheio de escuras manchas. Os cachorros latiam presos em uma angústia diferente das outras vezes, uma angústia quase queixosa. Não atacavam, gemiam. Os peões olhavam uns aos outros. Um deles se inclinou, levantou a trouxinha e a descobriu. Estava frio, tão frio quanto a mãe. Era um menininho de pele muito mais clara que Sisé e cabelo ruivinho.

Os peões colocaram outra vez a trouxinha no colo da morta. Um deles por sua vez se inclinou para recolher alguma coisa quase oculta sob o pescoço de Sisé. Era uma latinha de café enferrujada que ao removê-la deixou ressoar dentro dela algo metálico. A fez soar um pouco, logo a colocou sobre o ombro, entre os milhos.

... Os peões caminhavam em fila indiana, precedidos pelos cachorros. Lá longe no ar da manhã se ouviu um som fraco e alegre. Era dia de Natal. O sino da capela longínqua anunciava a vinda do menino Deus.

4.16 A VITROLA

Delpilar tinha dez anos – dois esqueléticos lustros enegrecidos – quando sua mãe – a quem não voltou a ver – confiou seus cuidados a Dona Fausta, a esposa do Doutor.

Sempre foi lerda e não aprendeu a ler, mesmo quando Dona Fausta a enviou para a escola por algumas temporadas. Mas ela dava um jeito para andar mais ou menos ligada até que o senhor Pedro, vizinho do Doutor, comprou o fonógrafo. A partir daquele instante, Delpilar entrou em transe, e já não puderam contar com ela. Soava o fonógrafo – que soar, soava com frequência, nas horas mais impossíveis e a todo pulmão – e Delpilar desaparecia. Logo souberam onde encontrá-la: aconchegada no ângulo do muro, no fundo do quintal, ali, onde estava o trânsito contínuo dos cães e gatos apaixonados, havia aberto um postigo que de vez em quando um peão de uma ou outra casa também utilizava para suas andanças escondidas. Ali, brilhantes olhos de roedor, o cabelo desganhado sobre a testa, colocando com fúria o dedo no nariz, estava fementida menininha, presa na música como mosca no melaço, insensível a tudo que não fosse o estridente vozeirão do artefato. Broncas, tapas, puxões de orelha e até pontapés – administrados por Dona Romilda, a mãe de Dona Fausta,

velha camponesa que enchia até o consultório do Doutor com o tufo frio de seu cigarro. Delpilar fez de tudo um pouco para deixar seus arroubos melódicos. Mas foi inútil. Não puderam tirar seu vício. Só quando, depois de falecido o velho senhor Pedro, o fonógrafo emudeceu para sempre, engolido pelo redemoinho do testamento.

Do episódio, ficou para Delpilar um segredo, persistente desejo no fundo de sua alma. Só uma vez esse desejo saiu pela sua boca. Foi ao fazer quinze anos. Estreava um vestido: talvez o único novo que teve em toda sua vida, e que por certo não remediava em nada seu nariz achatado, enegrecida feiura. Dona Romilda, com voz rouca, brincou:

— Para quando o casório? Logo você vai namorar! Não é mesmo Fausta?

Mas Delpilar protestou:

— Eu não quero namorado.

— Não? E o que você quer então? – perguntou Dona Fausta.

— Eu quero um fonógrafo! – respondeu Delpilar.

Quando começou a Guerra do Chaco¹³², Delpilar, com trinta e sete anos, fazia tempo que tinha se emancipado da tutela de Dona Fausta. Ganhava a vida por conta própria, atuando como cozinheira em toda festa de santo, vendendo verduras ou lavando. Não que tivesse muita habilidade para alguma dessas coisas. Seus pasteizinhos ficavam sem graça, amassados como chinelo velho, a roupa que ela lavava tinha uma suspeitosa cor de batata-doce, suas verduras eram invariavelmente murchas e os ovos que oferecia, pequenos e sujos como se fossem sobras de uma galinha choca. Continuava sendo magra e enegrecida, alguns cabelos brancos, e em sua face seca já apontavam as próximas incontáveis rugas.

Dona Fausta, que há muito tempo havia perdido o marido, o Doutor, havia loteado e vendido suas propriedades ao lado de Campo Grande¹³³. Alguns lotes ficaram sem vender. Instituiu que Delpilar seria quem cuidaria deles e permitiu que ela ocupasse precariamente um dos lotes, onde alguém tinha construído um rancho com tanques não maiores que uma caixa dessas de máquina de costura. Ali ficou Delpilar, sozinha e taciturna, sem dar confiança para nenhum macho, ainda que não fosse raro ver um ou outro peão suado derrengando contra um poste da cerca e cortejando os magros encantos da solitária senhora da forma como era de costume: olhando paciente ir e vir, a mão na cintura, mastigando uma palha e sussurrando a cada tanto uma turva insinuação. Delpilar respondia a mesma coisa para todos:

¹³² Guerra do Chaco, conflito com a Bolívia por parte do território ocorrido entre 1932 e 1935.

¹³³ Bairro de Assunção.

— Não quero saber de nada.

Isso durou bastante tempo. Mas um dia – justamente uma semana depois do desfile da Vitória¹³⁴ – apareceu Cipriano, conhecido como Cepí.

Ninguém nunca soube o que ele fez para conseguir ultrapassar o portão, mas todos tiveram que saber quando viram, sob as ramas da entrada, a cadeira de balanço de Delpilar ocupada por um homem ao qual ela, de cócoras, servia solicitamente o tererê, enquanto no varal, estendido entre as árvores de jasmim, dançavam no ar, recém lavadas, uma camiseta e uma camisa.

— Olha só, Delpilar *oñemoyru*, Delpilar está acompanhada!

Delpilar tinha agarrado um homem.

E que homem! A estatura somente próxima de mediana, mas pesado, enormemente pesado. Talvez fosse melhor dizer: inchado. As feições imóveis, redondos os olhos abertos em constante aflição, exibia na testa as sobrancelhas grandes como lagartas. Parecia feito de gesso – mal feito – e pintado com tintas de muro. Tinha pouco mais de vinte anos. Pouco a pouco as pessoas foram investigando alguma coisa sobre ele. Não através de Delpilar, que se opunha a toda curiosidade:

— Pra que você quer saber tanto?

Mas através dele que, conversando com um ou outro vizinho que se aproximava à cerca, dizia uma coisa ou outra. Sua família era de Santa Rosa¹³⁵, acabava de voltar do Chaco¹³⁶, só tinha uma irmã, mais velha, que vivia em Loma Clavel¹³⁷, e com a qual tinha crescido e vivido sempre, mas da qual teve que escapar, porque todos: a irmã, o concubino da irmã, os dois irmãos do concubino, e até as sobrinhas desse concubino, queriam viver as custas dele.

— Eu sou ágil, sei trabalhar, e quando trabalho, ganho bem. Mas eles gastavam tudo o que eu ganhava e nem prestavam pra servir o chimarrão quando eu chegava cansado de trabalhar.

A união de Delpilar e Cepí não dava sinais de que ia se romper: sua adesão mútua fazia deles um exemplo escandaloso para a vizinhança. Cepí, se não fosse para trabalhar,

¹³⁴ Paraguai foi vitorioso na Guerra do Chaco, por isso o desfile da vitória.

¹³⁵ Santa Rosa de Lima, cidade localizada em Misiones, interior do Paraguai, a 245 km de Assunção.

¹³⁶ Provavelmente voltava da Guerra do Chaco, região norte do Paraguai pela qual haviam entrado em conflito com a Bolívia.

¹³⁷ Bairro de Capiatá, cidade a aproximadamente 24km de Assunção.

não saía do rancho. A cadeira de balanço de Delpilar se quebrou. Cepí comprou não uma, mas duas, novas e sólidas.

— Mas o que será que essa velha Delpilar tem? – se perguntavam os homens.

— O que esse estúpido vê nessa velha? – se perguntavam as mulheres.

Uma caipira cujas pernas acumulavam toda a morbidez ausente nas pernas de Delpilar ironizava:

— Parece que tem que ter perna fina para que os homens gostem.

Outra, alta e sardenta, não desperdiçava nenhuma oportunidade de mostrar ao Cepí seu desdém, provando sem motivos nem pretexto sempre que o via:

— Aí vai o pau mandado! *Caballu calesita!*

As raras vezes que Cepí se aproximava do bailão, os conhecidos deixavam ressoar em forma de piadas e indiretas sua maliciosa curiosidade. Alguns até arriscavam com insinuações obscenas. Cepí se contorcia todo respondendo:

— Nada a ver, não sejam assim!

Cepí tinha dito a verdade. Apesar de seu peso, era trabalhador e poucos pedreiros eram melhores que ele. Trabalhava sozinho em reformas, que pagam melhor.

E não desperdiçava. Não tinha passado muito tempo quando Delpilar deu a entender que o terreno já era dela. Cepí tinha comprado e colocado a nome dela.

— Minha nossa! Disseram as vizinhas.

Mas maior foi a sensação quando Cepí, sem dizer nada, começou a traçar nesse terreno umas linhas que adotaram uma sugestiva forma geométrica, depois disso chegaram fileiras de tijolos.

— Cepí vai construir um rancho de material.

— Uma peça de material com teto de palha.

— Duas peças com teto de palha e corredor.

Foi uma peça pequena com teto de telha, chão de cimento, uma cozinhezinha na qual Delpilar teria que entrar já se arrastando, e lá, a dez metros, sobre o limite do terreno, uma caixa de cimento também, posta de pé: um “banheiro”. O primeiro desse tipo na vizinhança. Porque para isso que Cepí era pedreiro.

A mulata e a loira tinham igualmente deixado de cumprimentar o Cepí, ainda mais depois que as duas foram levadas: quem levou a mulata foi um soldadinho qualquer que gastava em cigarro tudo que ela ganhava vendendo verduras; e a loira foi um cara magro, de cara chupada, que a mantinha pouco menos que nua trabalhando de sol a sol, com olheiras,

e correndo atrás de uma vaca que a cada instante ficava presa pelo arame de alguma cerca alheia.

A felicidade deixou Delpilar mais bonita, mas a fez engordar. Unilateralmente. E conforme ela engordava, Cepí ficava mais ruborizado. E finalmente correu a voz atônita: Delpilar estava grávida. E logo outra notícia: Cepí trouxe ao rancho cama, guarda-roupa, cadeiras, tudo novinho em folha.

O que mais podia fazer Cepí para lhes impressionar?

A resposta, tiveram em pouco tempo, em uma novidade que já foi o cúmulo. Foi a descrença, logo a inveja, de todo o rancho.

Cepí comprou um fonógrafo para Delpilar.

— Agora não é mais fonógrafo, é vitrola.

— Bom, pois uma vitrola.

— E onde ela fica?

— Por que não liga?

— Vão trazer no dia do batizado da criança.

Uma vitrola! A grande ilusão, o maior sonho dessa gente taciturna que ama a música estrepitosa. A possibilidade ilimitada de baile ao alcance da mão. E acima de tudo, a capacidade feliz de ensurdecer o vizinho com o barulho: de fazê-lo literalmente morrer de inveja.

Nasceu a criança: um menino. Decididamente o mundo andava ao contrário. Velhas feias como Delpilar tinham filhos enquanto outras jovens boas moças esperavam em vão.

Mas ainda faltava uma coisa. O melhor.

O bebê tinha quinze dias quando Cepí arrumou de algum lado um terno preto e, para Delpilar, um corte de seda branca. “Que charme” sussurravam invejosamente as mulheres. Uma senhora de Dos Bocas¹³⁸, antiga vendedora, presenteou a Delpilar uns sapatos também brancos. Outra ia dar as luvas...

Delpilar e Cepí, em poucas palavras, iam se casar.

Aquilo era a gota d’água. Era muito mais do que todos podiam suportar. Todo mundo começou a dar conselhos a Cepí. Sua irmã, que nos últimos tempos tinha aparecido por ali, não se sabia como, ao perceber a prosperidade que disfrutava Cepí na companhia daquela sem graça. O concubino da irmã. As duas irmãs do concubino. A tia do concubino. E até as

¹³⁸ Bairro de Assunção.

sobrinhas do concubino, já maiorzinhas, que não perdiam a oportunidade de colocar seus olhos doces sobre Cepí.

— Se casar com essa velha feia que pode ser tua mãe?!

— Morar junto até vai, mas casar?

— Você está louco, Cepí?

— O que você tem?

— Isso só pode ser macumba.

Cepí se opôs a todos os conselhos e reclamações. Não estremeceu nem quando mandaram chamar a Dona Fausta, que parecia ter se afeiçoado a ele e de repente manifestou mais preocupação pelo futuro de Cepí que de sua antiga criada.

— Delpilar é uma velha.

— Sim, senhora.

— Você pode se casar com uma mulher jovem, linda.

— Sim, senhora.

— Se você quiser eu te ajudo a abrir um negócio, mas você tem que deixar a Delpilar.

— Sim, senhora.

Cepí e Delpilar marcaram o casamento para um mês depois, assim que Delpilar tivesse o vestido pronto e a casinha estivesse bem pintadinha de novo. A criança seria batizada no mesmo dia, e dariam uma festa nunca vista por ali, com a vitrola...

Mas alguém em algum lugar deve ter pensado desta vez que já era muita sorte. Quinze dias antes do casamento Cepí ficou doente. Ao parecer uma gripezinha sem importância. Era um julho difícil, nublado, com bruscos quedas e aumentos de temperatura. Cepí não quis repousar. Disse que tinha que pintar a casa. Piorou. Antes de que Delpilar pudesse perceber, a pneumonia tinha vindo, tinha trabalhado rápido e bem naquele corpanzão, e ali estava Cepí com seu terno preto, esticado sobre o cobertor no chão. Tiveram que amarrar suas mãos para mantê-las cruzadas, por causa de seus braços tão curtos. Finalmente estavam fechados os olhos sob níqueis reluzentes e tinha perdido as cores.

Tudo ficava para Delpilar, inclusive a vitrola que trouxeram uns dias depois. Apesar de que a irmã tinha incomodado muito o moribundo pedindo a vitrola para si. Indignada com a negativa, não acompanhou o caixão ao cemitério.

Delpilar, a qual todos começaram a chamar de Dona Delpilar, escapou do xale preto e voltou à sua vida de vendedora, ainda mais precariamente por causa do menino. Voltou a vender alface murcha, tomates azedos, algum ovo mirrado.

O menino já ia mostrando uma cabeçona grande, o corpo curto, igualzinho o Cepí. Ao longo das semanas, a semelhança continuava, mas se limitava à cabeça, cada vez maior em um corpo que não crescia. Ao cumprir sete meses o menino ainda não firmava o pescoço. Resignada Delpilar foi ao doutor. Este só apalpou a cabeçona inchada, as pálpebras endêmicas, a cara que parecia diminuta sob o crâneo crescido.

— Teu filho tem hidrocefalia.

— O que que é isso, Doutor?

— Água na cabeça.

O menino continuou assim ainda alguns meses, com a cabeça cada vez mais inchada, cada vez mais submergido ao sopor do qual não saía nem para se alimentar. Delpilar, que já era pequena, se encolheu ainda mais, a cara, como uma vasilha de barro velho, rachou em linhas finíssimas, cheias de pó. Finalmente o menino morreu. Enquanto alguns vizinhos levavam no pulso o pequeno caixão branco em direção ao cemitério distante, seguidos por algumas mulheres descalças com pobres raminhos de flores nas mãos, Delpilar ficava, se queixando em tom baixo e monótono como uma melopeia, balançando para frente e para trás em sua cadeira.

Ficou ainda mais tímida e calada. Só quando a necessidade apertava muito era possível vê-la por aí com sua cesta de verdura flácida e pequenos ovos sujos. A maior parte do tempo ficava em casa. Se nunca foi muito vaidosa, agora era uma imundice irreconhecível. Era friorenta até não poder mais e fazia tempo que não podia prescindir das meias no inverno, mas agora, mesmo chegando o verão, não as tirou mais. Umas meias pretas, malcheirosas, que escorregavam pelas canelas cada vez mais esqueléticas. Desgrenhada, o cabelo cheio de cinzas, permanecia o tempo todo ao lado do fogo, sorvendo intermináveis chimarrões deslavados, acompanhada por um cachorro peludo, desgrehado e sujo como ela, um gato de pescoço inchado, preguiçoso, que deixava com olímpica indiferença os ratos se multiplicarem na casa de sua dona. Algumas vezes tomava o chimarrão com Dona Cristina, uma vizinha viúva sem filhos, que vinha vê-la trazendo uma latinha de leite com erva-mate, um pouco de açúcar envolvido em folha de jornal ou uma chipa.

Pouco a pouco foi vendendo tudo o que tinha, menos a cadeira de balanço de Cepí, o corte de seda, os sapatos – não chegou a ter as luvas – e a vitrola, claro. Passado o luto, os vizinhos esperavam que fosse ligá-la. Não quis nem ouvir falar disso.

— É a vitrola de Cepí.

Um dia um vizinho foi pedir a vitrola para tocar em uma festa, ofereceu pagar. Foi a única vez que os vizinhos escutaram a Delpilar gritando, efusiva. Foi também a última vez que pensaram em lhe pedir a vitrola.

Veio a batalha de Conceção¹³⁹.

Durante alguns meses, Delpilar esteve escutando falar do conflito como quem escuta chover, concentrada em seus chimarrões ou preocupada em vender suas alfaces murchas e seus ovos pequenos e manchados de terra. Mas um dia, de repente, começou a escutar-se as metralhadoras, e também de repente, os soldados chegaram por ali. Muito mais soldados do que Delpilar já tinha visto juntos, a não ser no desfile da Vitória, quando conheceu o Cepí. Uns começaram a abrir fossos, outros a desalojar os vizinhos, e a espantada Delpilar também teve que ir, sem levar nada além de uma cesta na cabeça e a cuia na mão. Foi embora, com o cachorro em seus calcanhares, pedir hospitalidade a sua protetora Dona Fausta. A casa ficou bem fechada. Ninguém tocava em nada.

Quando os vizinhos voltaram, três meses depois, era uma bagunça.

As casas, abertas, com janelas e portas quebradas, tinham sido saqueadas, afinal os homens tinham também que tomar seu chimarrão. *Nandi! Nandi! Vazio! Vazio!* A casa de Delpilar estava limpa, como nunca. Desapareceram a vitrola, a cadeira de balanço, o corte de tecido, os sapatos brancos, a panela de ferro, e até uma frigideira em que Delpilar de vez em quando fazia seu beiju.

Agora, ao retomar suas eventuais vendas de verduras, Delpilar relatava seu despojo, lacrimejando, com insistência monótona, matraca. As crianças de suas escassas compradoras quando viam ela aparecer avisavam:

— Mamãe, aí já vem a Dona Vitrola.

Teria passado seis meses, mais ou menos, quando sua vizinha Dona Cristina, que se mudou para a cidade por causa do saqueio, a encontrou na rua e lhe deu a notícia:

— Já sei quem está com sua vitrola. Está com Satú, o carreteiro do doutor, esse *mondajha*, ladrão. Por isso ninguém mais vê ele por aqui, ainda mais que também levou minha máquina de costuma. Vive ao lado de Dos Bocas. Eu vi tua vitrola. Conheço bem ela. E ele está com teus sapatos brancos também. Está querendo vender.

¹³⁹ Conceção é a capital do estado homônimo, a 400km ao norte de Assunção. Em 1947 as forças militares dessa localidade se voltaram contra o governo no início da Guerra Civil, que durou de março a agosto daquele ano. O acontecimento é conhecido como Revolução de 1947.

Delpilar saiu de seu marasmo. Foi ver a Dona Fausta, e ela lhe recomendou um doutor que logo resolveu tudo. Delpilar não só recuperou sua vitrola e os sapatos, mas também recebeu em conceito de indenização, por outras coisas roubadas, cento e cinquenta guaranis. Quinze mil pesos! Uma fortuna!

Mas em que estado estava a vitrola! Uma calamidade. Dos discos ficaram apenas seis e ainda estavam com as capas todas lascadas.

— Certeza que estão todos riscados — Disse Dona Cristina que entendia alguma coisa do assunto. Coloca um pouco pra ver.

Mas Delpilar nem assim quis tocar a vitrola.

— É a vitrola de Cepí.

Agora Delpilar não saía mais da casa: vivia do dinheiro recebido, que ela achava que era inesgotável. Ficou viciada no chimarrão doce, que antes tomava só quando Dona Cristina lhe obsequiava açúcar, e tomava toda hora. Começou a ser assiduamente visitada pelos sobrinhos de Cepí, e especialmente pelas filhas de Vicente Carandaó, um dos irmãos do suposto cunhado. Eram quatro meninas vivazes, cheias de blusinhas e sandálias coloridas (de onde tiravam se nenhuma delas trabalhava?). Chamavam ela de “tia Delpilar” e uma vez até levaram um pedaço de bolo embatumado enrolado em saco de papel: lembrança do dia santo.

Ela lhes recebia seca. Sabia o que queriam. Deixavam escapar aos poucos, aqui e ali. Ela não era tão sonsa. Procuravam a vitrola. “Ela não tem parente, né?”, “Cepí tinha dado muitas coisas para ela”, “Você não toca a vitrola...”.

Delpilar nem se incomodava em responder.

Mas um dia, enquanto trocava a vitrola de lugar, ela caiu no chão e a manivela quebrou. Delpilar sentiu como se tivessem lhe batido nos finos seios. Lacrimou a noite toda e ao dia seguinte, Severina foi chegando, a filha mais velha do Vivente. Viu o defeito da vitrola. Se mostrou serviçalíssima.

— Papai arruma pra você. Vai ficar como nova.

— Mas você vai me trazer logo.

— Domingo sem falta vai estar aqui.

Severina levou a vitrola, e também os discos “pra testar se funcionava bem depois do conserto”. Passou esse domingo e o próximo e a vitrola não apareceu.

— Essa aí me enganou. Vou ter que ir buscar minha vitrola. Mas se sentia lânguida, cansada, e não teve coragem de ir nesse domingo, nem no próximo. Pediu sua vitrola por alguém. A resposta foi imediata:

— Domingo que vem levamos sem falta.

Mas nesse domingo a vitrola também não chegou.

Alguém veio contar para Delpilar como lá em Loma Clavel, no rancho de Vicente Carandaó, se celebravam grandes bailes aos sábados e domingos, cujo foco glorioso era a vitrola.

— O rancho está caindo aos pedaços porque Vicente é um faz nada. Mas agora dizem que vai construir um novo. As pessoas pagam a entrada pro baile. Como não tem vitrola por aí...

Delpilar chorou amargamente, iria amanhã mesmo reclamar sua vitrola.

— Eu teria certo cuidado. A filha mais velha do Vicente tem alguma coisa com o delegado.

No outro dia, Delpilar teve que desistir de sua viagem. Estava enormemente fatigada: tinha os pés inchados, se afogava deitada. Algumas vizinhas solícitas revezaram para cuidá-la, sentadas ou de cócoras com o cachorro deitado ao lado. Em um intervalo da doença Delpilar chamou:

— Dona Cristina... Te deixo minha vitrola... A vitrola de Cepí. Cuida dela.

— Tá bom, querida.

Quando já estava agonizando, foram chegando Vicente, sua mulher e as quatro filhas, todas de blusinhas e sandálias coloridas. Em pouco tempo se apoderaram da casa.

— É pra isso que somos parentes, não é?

Delpilar morreu no domingo anterior ao Carnaval. Quando foi para enterrá-la não encontraram nenhum centavo. Vicente Carandaó, enfático, tirou para fora os forros dos bolsos. Uma velha jogou um guarani na cabeceira, e sobre a cédula logo caíram outras. Dona Cristina deu cinco guaranis bem dobradinhos e seu único lençol para a mortalha, porque Delpilar não tinha nem um único vestido para ir no caixão.

A levaram para o cemitério da Recoleta em uma manhã de sol forte, enquanto Vicente Carandaó, ajudado pelo filho mais novo, enforcava na mangueira o cachorro, velho e cheio de sarna, e o gato (que já era um outro dado por Dona Cristina). O cachorro morreu docilmente, não foi assim com o gato, um macho jovem e obstinado que, antes de entregar seu pescoço, marcou Vicente com uma longa rubrica vermelha e ardida na bochecha.

Três dias depois Dona Cristina foi pedir a vitrola.

— Que vitrola?

— Dona Pilar deixou pra mim.

— Quem disse isso? ... A vitrola é minha ... Eu comprei da velha faz tempo.

Dona Cristina se retirou sem reclamar. Como logo explicou: com Vicente talvez tivesse discutido, mas aí saíram as quatro filhas. Quatro mulheres de Loma Clavel e ainda por cima uma era “alguma coisa” do delegado...

A família de Vicente completa olhava complacente para a casinha, um palácio, comparada com o rancho em Loma Clavel – o quintal bem plano e varrido diante da construção, as ramagens das árvores fazendo sombra.

— Aqui todos os casais que queiram podem dançar. A mesa com o bufê vai ficar muito bem sob a ramagem. Trazemos a vitrola e...

— A oito dias da morte da velha?

— E por acaso era nossa parente?

Nesse domingo se realizou o baile. Até os que mais criticaram decidiram ir. Os rapazes pagavam dois guaranis, as moças: nada. Tinha pasteizinhos, croquetes, sopa paraguaia e clericó. Foi uma grande farra, a primeira que se fazia por ali. O filho mais novo de Vicente se fantasiou de mulher grávida, calçou os sapatos brancos de Delpilar. As pessoas nunca na vida tinham dado tanta risada.

A vitrola, a todo vapor, passava uma e outra vez os mesmos discos, terrivelmente riscados, disseminando pela noite verde seu pó metálico.

4.17 BOLINHO DE TRIGO¹⁴⁰

O sol caía. Rápido, como sempre, ainda não tinha sumido totalmente, mas já estava escuro para seus pobres olhos que não viam bem, nem durante o dia. Certeza que sua família já se preparava para voltar, chegariam logo. Se levantou devagar e com dificuldade da cadeira baixa em que tinha permanecido sentada, vulto tão sem forma quanto a sacola de mandioca que ocupava a outra cadeira no corredor da casa *culata yovai*¹⁴¹. Na gaveta da

¹⁴⁰ *Tortilla de harina* é uma comida popular e pobre que costuma ser usada para enganar o estômago, há versões mais elaboradas, com mais ingredientes, adaptadas de acordo com a condição econômica, mas a versão popular é uma massa frita composta somente por trigo e água.

¹⁴¹ Estilo arquitetônico inspirado nas construções indígenas. Consiste em um espaço livre amplo e central com duas peças construídas nas laterais.

mesa, na metade do corredor, havia velas, mas não quis acender nenhuma. Com sua baixa visão tinha medo de colocar fogo em alguma coisa sem querer, e preferia andar Tateando quase o tempo todo. E mesmo abrindo a gaveta Tateando só pegou a caixa de fósforo. Tateando cruzou o desnível entre o corredor e a parte de traz da casa para chegar até a cozinha que ficava na parede de um dos cômodos. Sim era uma cozinha, aquela pecinha menor que um baú, na qual tinha que entrar curvada e tinha que continuar curvada uma vez lá dentro, e onde os únicos móveis eram: o fogão no chão, o banquinho onde se sentava para soprar o fogo, e uma espécie de caixote, pendurado com arames pelo cansado teto, onde se guardavam um par de pratos, as colheres e os mantimentos. Esses sempre os mesmos: o duro pão camponês, a erva-mate, o açúcar, o azeite – escasso –, algum macarrão, a preciosa farinha, o arroz. Tinham que pendurar assim “porque vêm os ratos”. Não sobrava nada que esses bichos não comessem. Ainda que nos últimos tempos, Romualdo, seu genro, tinha trazido do povoado uma boa quantidade de veneno, e tinha misturado nele os ocasionais restos de comida, desde então viam poucos ratos. Pelo chão, a chaleira, a panela, a frigideira pendurada por um prego em uma ponta, abaixo de uma cesta de ervas medicinais.

Em um buraco no barro da parede, alguns ovos. Carne não havia, por vários dias, ainda que houvesse um gancho para pendurar os ossos quando tinham. Graças a Deus que tinham umas galinhas que, mesmo nunca dando muito o que comer, continuavam tentando, e todo dia deixavam alguns ovos em algum canto.

Aos oitenta e poucos anos ela já perdeu a maior parte das razões para viver. Dona Diltrudi tinha perdido tantas coisas na vida. Os pais, claro. Na sua idade poucos têm os pais vivos, mas a gente se conforma. O marido: dez anos mais jovem que ela, só fazia oito que tinha morrido. Por que essa sacanagem de deixá-la sozinha? Ela tinha que ter ido primeiro. Dois filhos, mortos na Guerra de 1947, jovens. Sobravam dois, já velhos, mas ela não podia imaginá-los assim (fazia tempo que não os via) e sim como eram quando foram para a Argentina, há vinte anos. Sobrava, é verdade, essa filha, que veio já bem tarde quando já não esperava ter filhos, e dela dois netos que não lhe davam bola. Um genro, claro, não pode esquecer de mencionar, porque ainda que quase sempre se tenha netos de uma filha, nem sempre se tem um genro. E um cachorro. Ela amava muito os cachorros. E eles parecem que sabiam, porque cachorro que se perdia era cachorro que se encontrava por ali, onde todos os recebiam mal menos ela. O penúltimo a chegar, pequenino, magrinho, tão carinhoso, tadinho, foi morto pelo Romualdo, o genro, porque latia muito a noite. Agora começava a

resmungar por outro cachorro que apareceu por esses dias, também pequeno, peludo e carinhoso, que se deitava aos pés do colchão de palha.

Enquanto isso, Dona Diltrudi – que nas andanças de todos os dias até tinha perdido a metade de seu nome real, Ediltrudis – acendia o fogo. Pérfido fogo. Nunca conseguia acendê-lo sem terminar tossindo e com os velhos olhos chorando. A única luz na cozinha, agora com tudo escuro tanto fora quanto dentro, era essa chaminha do fogão. Tateou a parede procurando apoio, e com a outra mão procurou a frigideira.

Tirou da gaveta, sempre apalpando, uma garrafa de óleo, chacoalhou. Sobrava um pouco no fundo, mas onde ia encontrar mais? Verteu o óleo na frigideira, colocou a frigideira no fogo, fazendo milagre para ajeitar de maneira que ficasse equilibrada pelo menos pelo tempo necessário. Pegou três ovos, os quebrou sobre um prato, colocou sal e um pouco de água – leite não tinham. Bateu. E voltou a tatear no meio da gaveta pendurada a procura de farinha para engrossar os bolinhos. Esses bolinhos da cozinha folclórica que parecem que saíram de uma fábrica de plástico e que, se fossem um pouco maiores, poderiam servir de sola de sapato. Bolinhos elásticos e impermeáveis. E tão saborosos quanto um pedaço de borracha.

Finalmente encontrou a farinha. Em uma sacolinha de plástico. Quem será que trouxe o trigo nessa embalagem tão em desuso? Mima, com certeza, a neta que às vezes trazia coisas estranhas do armazém. Como aquela vez que trouxe uma garrafinha vazia de perfume em forma de pato (era um cisne, mas Dona Diltrudi não distinguia muito em matéria de palmípedes) e que guardava como se fosse um tesouro.

Dona Diltrudi desfez sem muito esforço o nó da sacola – tinha unhas duras –, verteu no prato seis colheres de trigo, uma para cada um: ela, a filha, os netos; e duas colheres para o genro. Misturou tudo. E começou a verter na frigideira, a colheradas: oito colheradas por vez, três vezes. O óleo na sombra ria em bolhas em volta dos bolinhos. Dona Diltrudi tinha que se inclinar bastante para saber se já estavam no ponto. Enxergava cada vez menos. Por fim virou os últimos bolinhos, os perfurou e logo os colocou no prato. E colocou para esquentar o *soyo*, uma sopa, que sobrou do almoço.

Fez tudo muito oportunamente, porque já começavam a chegar seus familiares. Devia ter escutado antes a chegada deles, mas sua audição também não era muito boa fazia tempo. Chegavam trazendo o olhar sem horizontes de todos os dias, a roupa suja e a frase sacramental:

– *Che ñembuajui*, estou com fome.

– O jantar, vó.

Se endireitou, estralando as costas dolorosas, enquanto o fogo se apagava como se estivesse se despedindo depois de cumprir seu dever. Colocou a frigideira em seu lugar. E com a panela de ferro pendurada em uma mão e o prato na outra, tentando não tropeçar e cair – que catástrofe, meu Deus, se os bolinhos caem no chão e se perdem, trigo ainda tinha, mas ovo só sobrou um – alcançou o corredor onde sempre estava a mesa. Todos tinham se jogado em algum lugar: sobre uma caixa, sobre um banquinho. Somente o genro ocupava a cadeira em frente à mesa coberta com a velha renda florida marcada por remendos e cortes em todas as direções. A filha se prontificou a buscar os talheres.

Nada de luxos, de pratos ou garfos. O *soyo* foi servido em um pote, consumido a pobres colheradas. Os bolinhos: pedra livre. Só o pai foi servido por separado pela esposa. A avó tinha procurado onde se sentar. Não encontrava seu banquinho, Romildo tinha levado ao quintal para colocar sua bacia e se lavar. O prato de bolinhos se esvaziava rapidamente. De repente a neta disse:

— Eita!... comemos tudo! Ficou só um bolinho pra vovó.

— Não importa, deve ter um pedaço de mandioca do almoço por aí – disse Dona Diltrudi. No entanto, se aproximou da mesa para pegar seu bolinho. Mas o cachorro desde seu canto olhava com olhos de fome, a velha não pode resistir. Deu o bolinho ao cachorro. A filha resmungou:

— Para dar pra esse cachorro sujo não valia a pena.

A mesa ficou desamparada. Dona Diltrudi estava com fome, não muito, porque estava acostumada a comer muito pouco a noite. Procurou a mandioca do almoço. Dois pequenos cilindros compactos, frios, duros. Qual o problema? Comeu devagar, confiando em seus poucos dentes, dando de vez em quando um pouquinho ao cachorro.

E todos foram dormir, porque ainda não eram tempos de rádio nem de televisão e, mesmo que fosse, eles não iam ter, e também porque tinham que levantar cedo. A avó também. O que fariam as avós vagando por aí como fantasmas enquanto todo mundo está deitado?

.....

Dona Diltrudi está deitada de lado sobre a palha no chão. O cachorro não veio deitar a seus pés. A noite é mansa e quente. Quase a seu lado se mexe a neta: quatorze anos. Sempre se agita dormindo, mas esta noite parece que se agita mais. Não é que parece, realmente se agita bastante. E depois um gemido.

— Está sonhando, *che memby*, minha filha?

Lhe responde um gemido, e logo outro. Finalmente a neta se levanta, sai do quarto, tropeçando. No quarto do outro lado do corredor também se agitam. O neto menino, à esquerda da avó, também se levanta e sai. Dona Diltrudi, que já tinha se levantado antes atrás da neta, a vê confusamente, um vulto pendurado na saída dos fundos, gemendo.

Assustada pergunta:

— O que foi, *che memby*, minha filha?

Uma luz andante se aproxima da porta do outro cômodo. Sua filha está de pé, uma mão segurando a vela, a outra colada na garganta. Com voz angustiada:

— Romildo se sente mal. E eu também.

A avó desatenta procura o cabo de vela que à noite sempre tem no bolso e dorme com ele, o acende na vela da filha, ao tempo que ela se solta e se deixa cair em uma cadeira. Todos se sentem mal, menos a avó. O pior de todos é Romildo, que nem pode se levantar. Violentas dores de cabeça, náuseas frustradas, afogamento. A avó, cada vez mais desatinada, ganha como pode a cozinha, acende o fogo, coloca para ferver água na chaleira de ferro, amassa ervas, passa a um de cada vez a jarrinha de lata com a efusão. Mas não surte efeito. Todo mundo geme, seguram por vezes a cabeça ou o estômago. Em um dado momento parece que escutam lá fora o uivo lúgubre de um cachorro. Mas quem se importa com um cachorro? Até então a filha, o neto, a neta, se moviam do corredor ao quarto, do quarto ao corredor, de fora para dentro e de dentro para fora. Agora um por um vão caindo na cama ou na palha, incapazes de se levantar. A avó desesperada, descabelada, não sabe a quem atender nem como atender. Chama e nenhum deles responde: não sabem fazer nada além de gemer cada vez mais pelas entranhas. Chamar um médico? Somente se vai até o povoado. Vinte quadras no escuro, pelo caminho de carretas no meio do mato. E não há lua. Mas mesmo assim a avó começa a andar, tropeçando desatenta, pelo caminho cujas margens de vagalumes crepitam como uma fogueira de papel. Nunca vai chegar, meu Deus. Tem a impressão de que caminha, caminha e se surpreende a si mesma parada como um poste no caminho. Estão chamando de longe? Deve ser ilusão. É pouco o que escuta. É pouco o que vê. Até o olfato perdeu. Não pode mais. Ao cabo de um momento percebe que está sentada no chão. Como sentou ela mesma não sabe. Talvez tenha caído. Quando quer levantar percebe que não consegue. Precisa de um apoio, algo em que segurar. Onde? Ali perto, a meio metro, a um metro, há dois arbustos. Se arrasta como pode sobre as mãos pela terra até ficar próxima a eles, se agarra de um galho e consegue se levantar. Precisa continuar. Não consegue, mas

tem que conseguir. Tem que trazer o médico, mas ao se colocar em caminho vai devagar, de novo, em direção à casa. Depois de ter andado um trecho, se detém. Não é para casa que devia ir. Devia ir procurar o médico. Mas não consegue se afastar da casa. Tem a sensação de que demora muito a chegar. Nunca tinha caminhado tanto. Agora também tem a sensação de que está vendo no escuro. Seria possível? Acontece que já está clareando. A noite passou sem ela saber como. Talvez dormiu no caminho. Ou não saiu nunca de casa e tudo aquilo foi um sonho. Entra em um corredor. Todo mundo dorme. Se aproxima à porta de seu quarto. No chão fora da esteira de palha tem um vulto que se move com dificuldade. É sua neta. Chama. Ela não responde. Vá até outro quarto, chama:

— Joanita, Romildo, Lorenzo.

Ninguém responde. Se aproxima das camas, toca os corpos. Estão todos frios. Será que é por causa do frio da madrugada? Procura as colchas, cobre a todos. Conforme vai amanhecendo, e mesmo com sua baixa visão, pode ver as caras azuis e as bocas abertas em uma respiração angustiante.

Lá fora se escuta a voz do peão que ajuda nos trabalhos da chácara, e que dorme no povoado:

— Senhor Romildo!

Como ninguém responde, o peão entra no corredor, se aproxima, dubitativo, de um quarto. A velha avó está ajoelha aos pés da palha onde jaz sua neta agonizante, o contempla com os velhos olhos imensuravelmente ausentes.

O peão apavorado corre ao povoado para chamar o médico. Este chega a cavalo.

— Envenenamento com inseticida. Já não há nada a ser feito.

Só a neta se salva. Ainda está praticamente inconsciente quando uns agentes da polícia vêm prender a Dona Ediltrudis para levá-la a prisão em Assunção. Ela também não é consciente do que está acontecendo. Aonde a levam. Nem por que a levam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa tentei uma aproximação à produção de Josefina Plá focada na temática de gênero, pensando tanto na representação da mulher paraguaia em sua narrativa, quanto em seus textos de crítica com foco na figura feminina. Essa abordagem foi feita não a partir da teorização de gênero e do estudo dos movimentos feministas, o que era também um caminho possível, mas a partir dos Estudos Feministas de Tradução. Isso se deu principalmente porque a tradução feminista assume abertamente a ideologia por traz de suas escolhas, o que para mim é fundamental não só no processo de tradução, mas na construção do conhecimento acadêmico. Escolher dar ouvidos e dar voz (porque a tradução não só escuta, mas também permite falar em outros contextos), fazer que se conheça uma mulher latino-americana é uma escolha também política, reivindicar essa mulher como feminista é também uma questão ideológica. Por isso, optei por uma linha teórica que sustente a subjetividade e a parcialidade da tradução, possibilitando a liberdade de criação. Conforme verificamos, principalmente no capítulo dois, há muitas possibilidades para estudos que se propõem dentro do âmbito da tradução feminista, desde fazer a leitura crítica, a tradução comentada ou o resgate de mulheres historicamente esquecidas até mesmo a tomada de posição no contexto comunicacional digital e transcultural de hoje, no qual constantemente são necessárias traduções para proporcionar o diálogo entre as múltiplas vozes femininas. Essa perspectiva de resgate, do plano historiográfico, foi a que prevaleceu nesta pesquisa.

A partir dessa perspectiva, portanto, foram traduzidos dezessete textos de Josefina Plá que evidenciam, tanto no plano da crítica quanto na ficção, sua preocupação com o universo feminino e questões de gênero.

Antes de comentar os textos, é importante lembrar a trajetória de Josefina Plá, a qual foi abordada no primeiro capítulo. Josefina Plá nasceu em 1903 na Espanha e faleceu em 1999 no Paraguai, foi uma das personalidades mais importantes (talvez a mais importante) do país latino-americano no século XX, foi uma das mais reconhecidas e premiadas em vida, mas na atualidade sua obra é pouco conhecida para além das fronteiras nacionais. O destino paraguaio de Josefina se deu pela união com o artista paraguaio Andrés Campos Cervera, que usava o pseudônimo de Julián de la Herrería. Desde sua chegada ao Paraguai na década de 20, Josefina publicou em diversos jornais, trabalhou no rádio, produziu cerâmica e se dedicou a vários estudos sobre a história e a cultura do país. No entanto, antes dessa viagem que com certeza mudou seu destino, como foi possível verificar, ela já se desenvolvia

literária e artisticamente na Espanha, onde, além de ler precocemente vários livros de literatura universal, ela também estudou idiomas e aprendeu cerâmica. No Paraguai, esteve vinculada aos principais movimentos de renovação e modernidade, e viajou bastante promovendo principalmente sua obra plástica, além de dar conferências em diversos países. Plá foi muito reconhecida em vida, tanto pela sua produção artística, quando pela colaboração com o teatro, a narrativa, e o pensamento social paraguaio. Foi a primeira intelectual a receber na velhice uma pensão vitalícia outorgada pelo governo, como reconhecimento a sua trajetória. Devido a toda sua grande produção, que também se preocupou em arquivar as manifestações culturais paraguaias, considero importante que se conheça sua vida e obra em um contexto transnacional. O cânone literário latino-americano merece ter Josefina Plá incluída, e um dos objetivos dos estudos de tradução feminista contribui para que isso seja possível. Resgatar a produção de mulheres esquecidas, reescrever o cânone, “tirar do confinamento” obras desconhecidas, é um dos objetivos dessa perspectiva de estudos e o principal objetivo desta pesquisa que se encerra, ao menos momentaneamente, hoje. Momentaneamente porque, ao longo do texto, vários caminhos para novas pesquisas foram abertas, sendo destacáveis alguns: a investigação do trabalho de tradução de Josefina Plá e a possível existência de paratextos que possam traçar uma história da tradução no Paraguai e colaborar com a história da tradução latino-americana; a recuperação e análise de mais ensaios seus que estão esquecidos nas páginas de jornais, os quais podem esclarecer mais aspectos de sua trajetória; a pesquisa de seu trabalho como arquivadora e mediadora de culturas; a produtividade de suas viagens e publicações em outros países, o que pode ter sido feito dentro de uma ou várias redes de intelectuais... Enfim, um leque de possibilidades que certamente não se fecha com a finalização desta pesquisa.

Aqui, concentrei-me em demonstrar – a partir de uma breve análise e a traduções dos textos da autora – o quanto Josefina Plá se preocupou com a temática de gênero e o quanto também se pode afirmar que ela foi uma tradutora feminista, porque se preocupou em divulgar a produção, analisar e mediar textos produzidos por mulheres, além de manifestar publicamente, em textos, suas opiniões como mulher feminista. Isso foi verificado nos dezessete textos traduzidos, mas também pelo fato de haver vários estudos realizados por Plá com enfoque na mulher: *Voces femininas en la poesía paraguaya* (1982), primeira antologia de textos escritos por mulheres publicada no Paraguai, Josefina também publicou trabalhos como *¿Una literatura femenina?* (1975), *Mujeres en la cultura nacional* (1980), *La mujer en la conquista* (ambos de 1980), entre outras manifestações e publicações

mencionadas ao longo da pesquisa. Também foram mencionados depoimentos da própria Josefina que evidenciam sua preocupação com a mulher paraguaia e a análise feita por outros especialistas sobre a figura feminina em sua obra, como são os casos de Benatti, Mendonça, Mateo del Pino, entre outros, os quais foram apresentados no terceiro capítulo.

Dos textos selecionados para tradução, dois são inéditos na atualidade, pois foram resgatados dos jornais dos anos 1979 e 1980: “Feministas, mas femininas” e “Direitos que não caducam”. Nesses textos ela afirma a necessidade de leis que reconheçam a mulher como igual, e critica a postura negativa dos homens em relação aos avanços dos direitos femininos. Também é possível encontrar algumas contradições que podem nos parecer conservadoras, mas isso não anula as reivindicações feministas de Plá. Sua perspectiva sobre literatura feminina está presente no texto que foi introdução do livro *Voces femeninas en la literatura paraguaya*, de 1982. Este texto, adaptado de outras publicações anteriores, considero um dos mais importantes, porque é a opinião de uma escritora mulher sobre a produção literária de mulheres, além de trazer vários questionamentos sobre o conceito de literatura feminina e os processos históricos que impediram a mulher de se manifestar através da literatura, além dos preconceitos exercidos pela crítica (sempre masculina) em relação à obra de mulheres. Outra das colaborações que considero muito importantes e que selecionei foram os trechos do livro *En la piel de la mujer, experiencias*, de 1987. Gostaria de ter podido traduzir o livro todo, porque traz no relato das próprias mulheres diversas vivências que evidenciam o machismo e patriarcado da sociedade paraguaia, muitos deles ainda constatados, infelizmente, décadas depois, durante meu período de intercambio e vida no Paraguai. Nesses três textos selecionados (a introdução, a entrevista à professora, e a entrevista à prostituta) Josefina evidencia sua preocupação em demonstrar como a sociedade considera que a mulher “deve ser” de acordo às exigências do sexo masculino, e quais são as consequências reais de viver nessa sociedade “machista”. Neste sentido, os contos de Plá são exemplares, embora sejam ficção é evidente que houve uma preocupação de realismo e verossimilhança, a qual plasma os abusos, a miséria, a solidão, a violência, sofridas pela mulher paraguaia através de suas personagens. E, por incrível que pareça, ainda no século XXI, tenho a impressão de, mais de uma vez, ter visto Manuelas, Sisés, Cayetanas, Serafinas, Remigias, não só no Paraguai. É que em termos de gênero avançamos devagar.

E esse avanço lento, lembra-me que, em relação às traduções, considero necessário reiterar algumas palavras que usei na introdução do capítulo quatro: tenho a convicção de que sem minhas vivências no Paraguai essas traduções seriam outras, ou simplesmente não

seriam, por isso destaque, novamente, o quanto devemos valorizar e defender a importância de bolsas de intercâmbio entre as universidades latino-americanas. Termino esta tese em um momento em que os processos democráticos mundiais se sentem ameaçados, e prevalece a sensação incômoda, amedrontadora, de que a história começa a se repetir. São tempos sombrios em que a educação pública e a ciência são desvalorizadas pelo senso comum e pelas instituições detentoras do poder político e econômico, e também nas redes de comunicação massiva. Tempos em que o neofascismo se fortalece e não tem vergonha de se mostrar abertamente, para o mundo inteiro ver, em que se negam os direitos, e até mesmo a existência de pessoas trans, em que se expulsam imigrantes sem nenhuma dignidade. A imprensa e as autoridades internacionais insistem em minimizar o holocausto palestino e o mundo inteiro assiste de camarote um bloqueio desumano que nega água e comida para uma população que vem sendo exterminada há décadas e hoje está quase desaparecendo do mapa enquanto o mundo se cala. Por tudo isso é momento, mais do que nunca, de olharmos para as mulheres, pessoas negras, LGBTQIAPN+, imigrantes, refugiados, e todo grupo ou indivíduo que sofre preconceitos e cerceamentos de direitos. Como tradutoras temos o compromisso de dar visibilidade a discursos que propaguem o respeito aos direitos e à dignidade humanos, que denunciem situações de abuso e violência. Para Josefina Plá a literatura só alcança *status* de arte se serve para a libertação do ser humano, a escritora, para ser boa escritora, deve liberar a si mesma e aos outros através de suas obras. E assim também é vista a tradução do ponto de vista feminista, como uma ferramenta de luta, uma possibilidade de romper barreiras, discursos, confinamentos. Continuamos resistindo, traduzindo, reescrevendo o cânone, apesar dos avanços do mal:

De Pessoas

Ó mar salgado, quanto do teu sal
são lágrimas de negros sequestrados,
de desaparecidos nos tempos de
tirania e escuridão
de mulheres que disseram não
de refugiados que nunca chegarão.

Quantos cruzamentos forçados,
quantos sonhos despedaçados
quanta vida naufragada em

tuas profundezas
O céu espelhado em águas diaspóricas
para que alguém terminasse dizendo
que valeu a pena.

Despeço-me com esse poema, do meu último livro, o primeiro de poesia (Eu passarinha, 2024), com a convicção de que somos uma rede cada vez maior de mulheres engajadas e com consciência de classe, gênero, raça, e que vamos, juntas, resistir não só no âmbito crítico e literário, não só através de traduções, mas nas escolas, congressos e praças, porque é cada vez maior a certeza de que a pesquisa não pode, não deve, ser alheia à realidade, principalmente num âmbito tão humano e criativo quanto é a literatura.

!Que el dolor no nos sea indiferente!

Ainda estamos aqui! A vida presta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, L. M. Tradução como diáspora: as vozes da poesia afro-americana no Brasil. In: ESTEVES, L.; VERAS, V. **Vozes da tradução: éticas do traduzir**. São Paulo: Humanitas, 2014. p. 149-176.

ARANTES, Tais Turaça; ANDRADE, Constancio Felipe de; PEREIRA, Carlos Gustavo Camilo. A figura feminina no conto "La vitrola" da escritora Josefina Plá. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 27, n. 79, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/31/34>. Acesso em: 29 jan. 2025.

ARROJO, Rossemmary. Feminist, "orgasmic" theories of translation and their contradictions. **TradTerm**, v. 2, p. 67-75, 1995.

BASILE, Elena. Cicatrices lingüísticas que pican: pensamientos sobre traducción como una poética de curación cultural. **deSignis**, v. 12, p. 19-28, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6060/606066731003.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2025.

BASSNET, Susan. Escrevendo em terra de homem nenhum: questões de gênero e tradução. Tradução de Naylane Matos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 456-471, jan./abr. 2020.

BENATTI, André Rezende. **As tramas da cultura na obra de Josefina Plá: arte, palavra e imaginação**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BENATTI, André Rezende. **Violência e tragicidade no silêncio feminino das personagens em La pierna de Severina de Josefina Plá**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/2015/1/Andre%20Rezende%20Benatti.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2025.

BERMAN, Antoine. **Le temps de la reflexion**. Paris: Gallimard, 1983. v. 4.

BORDOLI DOLCI, Ramón Atilio. **La problemática del tiempo y la soledad en la obra de Josefina Plá**. 1981. 588 f. Tese (Doutorado em Literatura Hispano-americana) – Facultad de Filología, Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 1981.

CASTRO, Olga. (Re)Examinando horizontes en los estudios feministas de traducción: ¿hacia una tercera ola? **MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación**, n. 1, p. 59-86, 2009. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/MonTI/article/view/292140/380656>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CASTRO, Olga; SPOTURNO, Maria Laura. Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais de tradução. Tradução de Beatriz Barboza e María Valdez. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, p. 1-59, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/81122/51492>. Acesso em: [data não informada].

CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. In: VENUTI, Lawrence (ed.). **Rethinking Translation**: discourse, subjectivity, ideology. Londres; Nova York: Routledge, 1992. p. 57-74.

COELHO, Maria Josele Bucco. **Mobilidades culturais na contística rio-platense de autoria feminina**: tracejando as poéticas da distância em Josefina Plá e Maria Rosa Lojo. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. Tradução de Bianca Santana. **Revista Recicofi**, v. 5, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559/506>.

COSTA, Pâmela Berton; AMORIM, Lauro Maia. Além das tradutoras canadenses: práticas de tradução feminista ontem e hoje. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 1227-1247, dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2331/1851>. Acesso em: 18 out. 2024.

COTA, Débora. Josefina Plá e o barro como lugar de arquivo. **Revista Travessias**, Cascavel, n. 1, p. 21-36, jan./abr. 2018.

COTA, Débora; RODRIGUES, Daiane Pereira (org.). **Josefina Plá**: uma produção múltipla e moderna desde a cultura paraguaia. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/editora/livros/e-books/josefina_pla.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

DE LOS RÍOS, Mar. Pez de barro. Cartas de Josefina a Julita. **La voz de Almería**, Almería, 4 ago. 2018. Disponível em: <https://www.lavozdealmeria.com/noticia/5/vivir/156644/pez-de-barro>. Acesso em: 25 jan. 2024.

DEPECHE, Marie-France. A tradução feminista: teorias e práticas subversivas Nisia Floresta e a escola de tradução canadense. **Textos de história**, v. 8, n. 1-2, 2000.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DULCI, Laura Silva. **A tradução feminista na formação da tradutora**: uma proposta de disciplina optativa para os cursos de graduação em Tradução. 2022. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/34537>. Acesso em: 12 ago. 2022.

EGER, Caroline Touro Beluque. **Vozes na fronteira**: transculturalidade nos contos de Josefina Plá. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Dourados, Dourados, 2010.

FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. **Josefina Plá: la producción cultural en la encrucijada**. Assunção: Servilibro, 2015.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo; GOROVITZ, Sabine. Tradução-Tizar: a tradução enquanto resistência e subversão. **Revista Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n4.2021.36521>.

FONSECA, Luciana Carvalho; SILVA, Lilian Ramos da; SILVA-REIS, Dennys. Apontamentos basilares para os estudos da tradução feminista na América Latina. **Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción**, v. 13, n. 2, p. 210-227, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223821/001127500-03.pdf?sequence=3>. Acesso em: 20 set. 2024.

FRAGA, Betania Vasconcelos da Cruz; BETOSO, Altamir. As representações do feminino nos contos de Josefina Plá. **Web Revista Linguagem, Educação e Memória**, dez. 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/WRLEM/article/view/2125/pdf>. Acesso em: 29 jan. 2025.

GODAYOL, Pilar. Interviewing Carol Maier: a woman in translation. **Quaderns**, p. 155-162, 1998.

GODOY, Marylin. **Josefina Plá**. Asunción: Editorial Don Bosco, 1999.

LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.

MARCOS, Juan Manuel. **O inverno de Gunter**. Tradução de Daiane Pereira Rodrigues. Curitiba: InVerso, 2021.

MARCOS, Juan Manuel. **O inverno de Gunter**. Tradução de Daiane Pereira Rodrigues. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

MATEO DEL PINO, Ángeles. **El componente mítico y su función simbólica en la poesía erótica de Josefina Plá**. 1994. Tese (Doutorado em Filologia Hispânica) – Universidad de Las Palmas, Gran Canaria, 1994.

MATEO DEL PINO, Ángeles. El ovario de los sueños: la mujer y posguerra en la narrativa de Josefina Plá. **Revista Historia Autónoma**, n. 25, p. 280-299, 2024. Disponível em: <https://revistas.uam.es/historiaautonoma/article/view/19014/17779>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. **A representação da mulher paraguaia em contos de Josefina Plá**. 2011. 191 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-graduação em Letras, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103646>. Acesso em: 2 fev. 2025.

OLIVEIRA, Anna O. P.; MARTINS, Marcia A. P. Nísia Floresta e o Direito das mulheres e injustiça dos homens: uma tradução em busca do original. **Scripta**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2012.

PEIRÓ, Claudia. Marie Curie: quando a ideologia de gênero estraga a história e deforma um filme. **Nova Resistência**, 22 maio 2021. Disponível em: <https://novaresistencia.org/2021/05/22/marie-curie-quando-a-ideologia-de-genero-deforma-a-historia-e-estraga-um-filme/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

PENHA, Elizabeth Sousa. **La mano en la tierra**: los cuentos interculturales de Josefina Plá. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

PIZARRO, Ana. A América Latina como arquivo literário: Gabriela Mistral no Brasil. Tradução de Cristiano Silva de Barros. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (org.). **Modernidades Alternativas na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. [páginas não informadas].

PLÁ, Josefina. **Apuntes para una historia de la cultura paraguaya**. Asunción: Talleres gráficos Zamphirolos, 1967.

PLÁ, Josefina. **Cuatro siglos de teatro en el Paraguay**. Asunción: Universidad Católica, 1990-1991.

PLÁ, Josefina. **Cuentos completos I**. Asunción: Servilibro, 2015.

PLÁ, Josefina. **Cuentos completos II**. Asunción: Servilibro, 2015.

PLÁ, Josefina. Derechos que no caducan. **ABC Color**, Asunción, Suplemento La mujer y el hogar, 13 ago. 1980.

PLÁ, Josefina. **El barroco hispano-guaraní**. Asunción: Editorial del Centenario, 1975.

PLÁ, Josefina. **El espíritu de fuego**. Asunción: Imprenta Alborada, 1977.

PLÁ, Josefina. **El grabado en el Paraguay**. Asunción: Alcor, 1962.

PLÁ, Josefina. **En la piel de la mujer: experiencias**. Asunción: Grupo de estudios de la mujer paraguaya, 1987.

PLÁ, Josefina. Feministas, pero femeninas. **ABC Color**, Asunción, Suplemento La mujer y el hogar, 26 ago. 1979.

PLÁ, Josefina. Grupo Arte Nuevo. In: PLÁ, Josefina; BLINDER, Olga; ESCOBAR, Ticio. **Arte actual en el Paraguay: 1900-1980**. Asunción: Ediciones Idap, 1983.

PLÁ, Josefina. **Hermano negro**: la esclavitud en el Paraguay. Madrid: Paraninfo, 1972. (Colección Puma).

PLÁ, Josefina. **Literatura paraguaya del siglo XX**. Asunción: Comuneros, 1972.

PLÁ, Josefina. La mujer en la plástica paraguaya. *In*: PLÁ, Josefina. **Obras completas IV**. Edição de Miguel Ángel Fernández. Asunción: RP Ediciones.

PLÁ, Josefina. **Ñanduti**: encrucijada de dos mundos. [Catálogo da exposição da coleção do Museo del Barro na exposição do Museo Fernández Blanco]. Buenos Aires, 1993. Disponível em: <https://goo.gl/Ii5k63>. Acesso em: 12 jan. 2016.

PLÁ, Josefina. **Poesías completas**. Edição de Miguel Ángel Fernández. Asunción: El Lector, 1999.

PLÁ, Josefina; BLINDER, Olga; ESCOBAR, Ticio. **Arte actual en el Paraguay**. Asunción: [editora não informada], 1983.

PLÁ, Josefina; MELIÁ, Bartolomeu. **Bilingüismo y tercera lengua en el Paraguay**. Asunción: Universidad Católica, 1975.

RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. **Revista Iberoamericana**, Buenos Aires, v. 62, p. 733-744, 7 dez. 1996.

ROA BASTOS, Augusto. Sobre el sentido ascético de la poesía nueva (1943). *In*: ROA BASTOS, Augusto. **Poesías reunidas**. Edição de Miguel Ángel Fernández Argüello. Asunción: El Lector, 1998.

RODRIGUES, Daiane Pereira. **Eu passarinha**. Balneário Gaivota: Escritoras Brasileiras, 2024.

RODRIGUES, Daiane Pereira. Josefina Plá, a impossível ausente, lê os brasileiros: ensaio, crítica e tradução. **Cadernos da Cátedra Unesco Memorial**, São Paulo, v. 1, p. 88-110, 2021. Disponível em: <https://memorial.org.br/wp-content/uploads/2021/08/Cadernos-da-C%C3%A1tedra-Vol-I-Movimentos-da-Am%C3%A9rica-Latina.pdf>. Acesso em: 17 out. 2024.

RODRIGUES, Daiane Pereira. **La imposible ausente**: biografía de Josefina Plá. Buenos Aires: Prosa y poesía American Editores, 2020.

RODRIGUES, Daiane Pereira. **La imposible ausente**: biografía de Josefina Plá. Resistencia: Librería de la Paz, 2024.

RODRIGUES, Daiane Pereira. **Modernidade e arquivo em Josefina Plá**: recuperação e análise de ensaios sobre literatura brasileira. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/57942>. Acesso em: 5 dez. 2024.

RODRIGUES, Dora Angélica Segovia. **Mba'apó: Josefina Plá e a poesia do ñanduti**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

RODRÍGUEZ-ALCALA, Hugo. **Historia de la literatura paraguaya**. Asunción: Editorial El Lector, 1999.

SILVA, Facunda Concepción Mongelos. **A construção da figura feminina nos contos de La Pierna de Severina, de Josefina Plá**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013. Disponível em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/1964>. Acesso em: 29 jan. 2025.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation**. Londres; Nova York: Routledge, 1996.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. London: Routledge, 1995.

VON FLOTOW, Luise. **Translation and gender: translating in the 'era of feminism'**. London: Routledge, 1997.

WALTERS, Margaret. **Feminism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WAQUIL, Marina Leivas. Tradução feminista e o poder de tirar vozes do confinamento. **Revista Belas Infieis**, Brasília, v. 10, n. 3, p. 1-22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v10.n3.2021.33133>.

YOUSFI LÓPEZ, Yasmina. **La labor teatral de Josefina Plá: una escritora de la frontera**. 2019. Tese (Doutorado) – Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8119288>. Acesso em: 2 fev. 2025.